

LUCAS MONTALVÃO RABELO

**A REPRESENTAÇÃO DO RIO ‘DAS’
AMAZONAS NA CARTOGRAFIA
QUINHENTISTA: ENTRE A TRADIÇÃO E A
EXPERIÊNCIA**

Universidade Federal do Amazonas
Curso de Pós- Graduação em História
Manaus, 2015

LUCAS MONTALVÃO RABELO

**A REPRESENTAÇÃO DO RIO ‘DAS’
AMAZONAS NA CARTOGRAFIA
QUINHENTISTA: ENTRE A TRADIÇÃO E A
EXPERIÊNCIA**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
História Social, Curso de Mestrado, da
Universidade Federal do Amazonas, sob
Orientação do Prof. Dr Almir Diniz
de Carvalho Junior como requisito
parcial para a obtenção do título
de Mestre em História.

Universidade Federal do Amazonas
Curso de Pós- Graduação em História
Manaus, 2015

R114r Rabelo, Lucas Montalvão
A Representação do Rio 'das' Amazonas na Cartografia
Quinhentista : entre a tradição e a experiência / Lucas Montalvão
Rabelo. 2015
232 f.: il.; 31 cm.

Orientador: Almir Diniz de Carvalho Junior
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Rio Amazonas. 2. História dos Mapas. 3. Cartografia. 4. Século
XVI. 5. Renascimento. I. Carvalho Junior, Almir Diniz de II.
Universidade Federal do Amazonas III. Título

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Almir Diniz de C. Junior (UFAM)

Prof. Dra. Íris Kantor (USP)

Prof. Dr. Auxiliomar Silva Ugarte (UFAM)

A todos os envolvidos direta e indiretamente para a realização deste trabalho e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pelo financiamento desta pesquisa através de bolsa de estudo eu...

...AGRADEÇO



(http://commons.wikimedia.org/wiki/File:South_America_satellite_plane.jpg)

Este rio faz o seu curso de Oeste para Leste, como dizem os navegantes, isto é, de Poente para o Oriente, sempre vizinho da linha Equinocial da banda do Sul, por dois graus, tres, quatro, cinco e dois terços na maior altura. Tem de comprimento desde a sua nascente até que dasagua no mar, mil trezentos e cincoenta e seis léguas castelhanas, bem medidas, e segundo Orellana mil e oitocentas. Caminha sempre serpenteado em voltas mui dilatadas, e como senhor absoluto de todos os outros rios que nele desembocam, tem repartidos os seus braços, que são como fieis executores seus, por meio dos quais lhes vai encontro, e cobrando deles o devido tributo de suas aguas, os volve a incorporar no Canal principal. E é coisa digna de notar que tal seja o hóspede que recebe, tais os introdutores que lhe manda; de modo que com braços ordinários recebe aos rios mais comuns, acrescentando outros maiores, para os de mais conta; e alguns que são tais, que quasi se lhe podem pôr ombro com ombro, ele próprio, em pessoa, com toda a sua corrente lhes sai a oferecer a hospedagem. De amplitude e largura varia muito, porque por umas partes se espraia uma légua, por outras duas, e por outras muito mais, guardando tanta estreiteza em tantas léguas, para com maior liberdade, dilatado em oitenta de boca, pôr-se barba a barba com o Oceano.

Padre Cristobal de Acuña, S. J.

RESUMO

Este trabalho versa sobre a representação do Rio Amazonas ao longo do século XVI. Buscou-se realizar um panorama dos mapas-múndi e regionais em que o rio-mar aparecia figurado. Assim, os exemplares manuscritos e impressos por cartógrafos como Juan de La Cosa, Martin Waldseemuller, Lopo Homem, Diogo Ribeiro, Sebastião Caboto, Gerardus Mercator, Abraão Ortelius, Luís Teixeira, entre outros foram estudados. A linha de pesquisa baseou-se na Nova História Cultural e as suas problemáticas inerentes. Os mapas foram compreendidos dentro de uma representação que refletia o imaginário daquela época. Ou seja, o conjunto imagético que compunha o repertório cognitivo daqueles indivíduos e de sua sociedade da qual os mapas são testemunhas. Este conceito alia-se à metodologia empreendida por Brian Harley. Estudioso dos mapas, este propôs uma forma de abordar os mapas não como espelhos da natureza, mas como discursos humanos carregados de sentidos intrínsecos.

Assim, o objetivo, ao se estudar a representação cartográfica do Rio Amazonas, foi perceber de que maneira uma tradição cartográfica provinda do Medievo e da Antiguidade Clássica influenciaram os mapas do século XVI. Em paralelo, procurou-se verificar também a influência da experiência náutica e o conhecimento dos espaços do Novo Mundo, e, em especial, da região amazônica. Estes dois grandes aspectos são abordados nos dois primeiros capítulos desta dissertação. No terceiro realiza-se um balanço destas influências aliando-se a questão particular dos cartógrafos quinhentistas. Como o seu contexto gerava questões particulares e como teriam influído no produto final.

Desta forma, representar o Rio das Amazonas, como ficou conhecido no século XVI, seria estar diante de dados novos de uma parte do mundo recém conhecida e, como as novidades não davam conta de tudo, os espaços contavam com dados provindos de uma retórica cartográfica baseada em um simbolismo próprio. Além disso, havia as questões inerentes ao próprio interesse do autor, as chamadas intencionalidades do indivíduo. Desta forma, este estudo visa ser uma pequena contribuição aos novos rumos das pesquisas históricas envolvendo os mapas.

ABSTRACT

This work focuses on the representation of the Amazon River during the sixteenth century. We tried to make an overview of the regional and world maps in the river tide appeared figured. Thus, manuscripts and copies printed by cartographers as Juan de La Cosa, Martin Waldseemuller, Lopo Homem, Diogo Ribeiro, Sebastian Cabot, Gerardus Mercator, Abraham Ortelius, Luis Teixeira and others were studied. The line of research was based on the New Cultural History and its inherent problems. The maps were included in a representation reflecting the imagery of that time. That is, the imagery together composing the cognitive repertoire of those individuals and their society from which the maps are witnesses. This concept combines the methodology undertaken by Brian Harley. Scholar of the maps, the author proposed a way to address the maps do not like nature of mirrors, but as human speeches laden with intrinsic senses.

Thus, to study the cartographic representation of the Amazon River, the goal was to see how a cartographic tradition stemmed from the Middle Ages, on the one hand, and of antiquity, on the other influence. In parallel, also sought to determine the influence of boating experience and knowledge of the New World areas, and in particular the Amazon region. These two major aspects were seen in the first two chapters of this thesis. In the third there was a balance of these influences allying the particular issue of sixteenth-century cartographers. As its context generated particular issues and how could be a factor in the final work.

In this way, represent the Rio 'the' Amazon, as it became known, would be faced with new data from a part of the newly known world and completing the blanks with data coming from a cartographic rhetoric. In addition, there were the issues inherent in the author's interest, the intentions of the individual calls. Thus, this study aims to be a small contribution to new directions of research involving maps.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS:

Capítulo 1

Figura 1 - Rio Amazonas no mapa da América de Diogo Homem (1558).....	p. 27
Figura 2 - Mapa-múndi "T-O" segundo Zacarias Lífio, <i>Orbis Breviarum</i> , Florença, 1493.....	p.41
Figura 3. Mapa do Salmo (século XIII).....	p.44
Figura 4 Detalhe do Paraíso Terreno e dos quatro rios saindo dele mais um quinto no canto superior direito, no Mapa dos Salmos.....	p.46
Figura 5. Mapa de Hereford (c.1280).....	p.47
Figura 6. Concepção do mundo no Medievo através das cinco zonas e com o continente antípoda ao sul de acordo com o modelo de Macróbio (c.1485). <i>Frontispício</i>	p.49
Figura 7. Figuração de Navios no mapa de Juan de La Cosa (1500).....	p.52
Figura 8 Imagem de São Cristóvão (à direita) no mapa de Juan de La Cosa (1500).....	p.52
Figura 9 Detalhe da América do Sul em Cantino (1500).....	p.53
Figura 10 Detalhe da América do Sul em Caverio (c.1502-1504).....	p.53
Figura 11 Costa leste do Brasil (orientação original com o leste para cima) no mapa conhecido como Kunstman III (1503).....	p.56
Figura 12. Detalhe do mapa de Martin Waldseemuller (1517).....	p.56
Figura 13 Carta de Píri Reis (1513).....	p.57
Figura 14: Anônimo, espanhol (1523).....	p.58
Figura 15 Direita: Detalhe do rio Marañon em Diogo Ribeiro (1529).....	p.59
Figura 16. Detalhe de indígenas no mapa-múndi de Pierre Descelier (c.1542).....	p.60
Figura 17 Confronto entre as amazonas e os espanhóis próximo ao Rio das Amazonas no mapa de Sebastião Caboto (1544).....	p.61
Figura 18: Os canibales na proximidade do Rio das Amazonas em Diogo Homem (III) (1568).....	p.62
Figura 19 Detalhe de um animal, possivelmente cachorro e seus filhotes, e de povoações ao longo do rio de las Amazonas. Mapa de Arnold Florent van Langren (c.1595).....	p.62
Figura 20 Mapa da América em Ortelius (1595).....	p.62
Figura 21 Detalhe de floresta a esquerda de Paguana no mapa de Theodoro de Bry (1592).....	p.63
Figura 22 Detalhe da Amazônia no mapa de Levinus Helsingium (1599).....	p.64
Figura 23. Detalhe da representação de castelos e fortificações em estilo analógico na Europa no fac-símile do mapa-múndi de Juan de La Cosa(1500).....	p.65
Figura 24: Detalhe da representação de castelos e fortificações de estilo analógico no Sacro Império Romano Germano e em Jerusalém no mapa dito de Cantino (1502).....	p.65
Figura 25 Povoação no Peru e inscrição sobre a conquista do Peru no mapa da América do Sul de Pierre Descelier (1550).....	p.66
Figura 26: Representação de povoação ao longo do rio das Amazonas no mapa do norte da América do Sul de Lázaro Luís (1563).....	p.67
Figura 27 Detalhe da povoação Aiauirizama no mapa-múndi de Abraham Ortelius (1570).....	p.67
Figura 28. Castelo estilo analógico no Peru, próximo a nascente do Rio das Amazonas, no mapa da América de Vaz Dourado (1573).....	p.67
Figura 29 Detalhe de representação de povoações com estilo europeu no mapa de Joan Martines (1582).....	p.68
Figura 30 Mapa-múndi de Abraham Ortelius (1587).....	p.68
Figura 31 Detalhe da povoação de Chirmos em Theodoro de Bry (1592).....	p.69
Figura 32 Povoação de Humos no mapa-múndi de Abraham Ortelius (1595).....	p.69
Figura 33: Imagem de Barent Langenes (c.1596-1600).....	p.69
Figura 34 Mapa-múndi de Juan de La Cosa (1500).....	p.71
Figura 35 Detalhe da América no mapa anônimo dito de Cantino (1502).....	p.72
Figura 36 América do Sul esquemática lembrando uma grande ilha austral no mapa-múndi de Joannes Ruysch (1508).....	p.73
Figura 37 Mapa-múndi de Martin Waldseemuller (1513).....	p.74
Figura 38 Planisfério de Benedetto Bordone (1528). A América, à esquerda, de maneira esquemática. (Biblioteca Nacional).....	p.75

Figura 39 Mapa-múndi de Sebastian Munster (1552). América aparece com contornos longe do "real". (Biblioteca Nacional).....	p.75
Figura 40 Sebastião Caboto (1544).....	p.77
Figura 41 Sebastião Lopes (1558).....	p.78
Figura 42 Diego Gutiérrez (1562).....	p.78
Figura 43 Abraham Ortelius (1587).....	p.78
Figura 44 Luís Teixeira (c.1600).....	p.78
Figura 45 Samuel Fritz (1691).....	p.78
Figura 46 Detalhe do Rio Amazonas no Atlas Geográfico Saraiva (2013).....	p.79
Figura 47 Pierre Descelier (1550).....	p.81
Figura 48: Mapa mostrando o rio Marañon com percurso sul/norte. Produzido por Giacomo Gastaldi; Giovanni Battista (1556).....	p.81
Figura 49 Girolamo Ruscelli; Gastaldi Giacomo (c.1565).....	p.82
Figura 50 Paolo Forlani (1565).....	p.82
Figura 51 Sebastian Munster (1584).....	p.82
Figura 52 Planisfério de Lopo Homem (1519).....	p.83
Figura 53 Parte do Globo de Martin Behain (1492).....	p.94
Figura 54 Detalhe do rio Nilo nascendo próximo às montanhas da lua (sul) e prosseguindo paralelo ao Mar Vermelho até a foz no norte do Egito. Com base em Ptolomeu, reprodução do mapa adaptado de Martin Behain (1492).....	p.95

Capítulo 2

Figura 55. Detalhe da foz do Rio das Amazonas no Mapa de Sebastião Caboto (1544).....	p.100
Figura 56 Detalhe esquerdo da Carta Pisana (c. 1290).....	p.112
Figura 57 Detalhe da segunda folha do Atlas Catalão.....	p.114
Figura 58 Detalhe do norte da Alemanha no Atlas Catalão (1375).....	p.115
Figura 59 Detalhe do rio Amazonas no mapa-múndi de Domingos Teixeira (1573).....	p.115
Figura 60 Detalhe da África no mapa-múndi de Juan de La Cosa (1500).....	p.116
Figura 61 Rosa dos ventos complexa no mapa de Domingos Teixeira (1573).....	p.118
Figura 62 Detalhe no mapa de Diogo Ribeiro (1529) do quadrante.....	p.223
Figura 63 Detalhe no mapa de Diogo Ribeiro (1529) do astrolábio.....	p.123
Figura 64 Detalhe do mapa de Diogo Ribeiro (1529).....	p.124
Figura 65 Mapa-múndi de Sebastião Caboto (1544).....	p.127
Figura 66 Mapa de Henricus Martellus Germanus(1489).....	p.135
Figura 67 Detalhe de uma legenda sobre a representação baseada no conhecimento náutico português na costa ocidental da África, no mapa de Henricus Martellus (1489).....	p.137
Figura 68 Detalhe do norte da América do Sul no mapa de Juan de La Cosa (1500).....	p.139
Figura 69 Detalhe da costa brasileira no mapa anônimo chamado de Cantino (1500).....	p.141
Figura 70 Detalhe da América no mapa-múndi de Martin Waldseemuller (1507).....	p.142
Figura 71 Detalhe da América no mapa-múndi de Diogo Ribeiro (1529).....	p.144
Figura 72 Typus Orbis Terrarum confeccionado por Abraão Ortelius.....	p.151
Figura 73 Americae Sive Novi Orbis , Nova Descriptio. Confeccionado por Abraão Ortelius.....	p.153
Figura 74 Detalhe do norte da América do Sul e do Rio Amazonas e Maragnon. No mapa Typus Orbis Terrarum , Nova Descriptio presente no atlas Abraão Ortelius (1570).....	p.155
Figura 75 Detalhe do norte da América do Sul e do Rio Amazonas e Maragnon/Maragnone. No mapa Americae Sive Novi Orbis , Nova Descriptio presente no atlas de Abraão Ortelius (1570).....	p.155
Figura 76 Detalhe do Rio Marannon no mapa de André Thevet (1575). Não há menção a topônimos derivados de “amazonas”.....	p.158
Figura 77 Detalhe do rio Amazonas no mapa América Austral de Luís Teixeira (c.1600).....	p.162
Figura 78 Mapa da América do Sul de Joan Martines (1582).....	p.165

Capítulo 3

Figura 79 Detalhe do pequeno mapa superior no mapa-múndi de Martin Waldseemuller (1507).....	p.170
Figura 80 Detalhe do extremo leste no mapa de Diogo Ribeiro (1529).....	p.165
Figura 81 Detalhe inferior no mapa Typus Orbis Terrarum pertencente ao atlas de Abraão Ortelius (1570).....	p.205
Figura 82 Detalhe da massa de terras no extremo norte da Terra localizado no canto inferior esquerdo no mapa de Gerardus Mercator (1569).....	p.206

Anexos

Figura 83 Detalhe do rio Marañon em Diogo Ribeiro (1529).....	p.275
Figura 84 Recorte da região amazônica no mapa anônimo conhecido como Harleian (1547).....	p.275
Figura 85 Região amazônica no mapa de Pierre Descelier (1550).....	p.276
Figura 86 Mapa de Lázaro Luís (1563). (Mapas Históricos Brasileiros).....	p.277
Figura 87 Indígenas nas proximidades do Rio das Amazonas em Vaz Dourado (1573).....	p.277
Figura 88 Lopo Homem (1554).....	p.228
Figura 89 Bartolomeu Velho (1561).....	p.228
Figura 90 Lázaro Luís (1563).....	p.228
Figura 91 América do Sul "I" em Diogo Homem (1568).....	p.228
Figura 92 América do Sul "II" em Diogo Homem (1568).....	p.228
Figura 93 Gerardo Mercator (1569).....	p.228
Figura 94 Abraham Ortelius (1570).....	p.229
Figura 95 Vaz Dourado (1573).....	p.229
Figura 96 Domingo Teixeira (1573).....	p.229
Figura 97 Gerard de Jode (1578).....	p.229
Figura 98 Joan Martines (1582).....	p.229
Figura 99 Sebastian Munster (1588).....	p.230
Figura 100 Theodoro de Bry (1592).....	p.230
Figura 101 Abraham Ortelius (1595).....	p.230
Figura 102 Arnold Florent van Langren (1595).....	p.230
Figura 103 Girolamo Benzoni (1596).....	p.230
Figura 104 Barent Langenes (1596-1600).....	p.231
Figura 105 Giovanni Antonio Magini; Girolamo Porro (1597-1598).....	p.231
Figura 106 Johann Bussemacher (1598).....	p.231
Figura 107 Gastaldi (1548).....	p.232
Figura 108 Detalhe do pequeno rio Marañon no mapa de Girolamo Ruscelli (1561).....	p.232
Figura 109 Percurso do rio Amazonas no mapa de Paolo Forlani (1562).....	p.232
Figura 110 Ptolomeu (1574).....	p.232
Figura 111 Levinus Hulsius (1599).....	p.232

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Capítulo 1 - A Toponímia Usada Para o Rio Amazonas de 1544 até 1600.....	p.84
Quadro 2 – Capítulo 2 - Mapas do século XVI que possuem rede de linhas loxodrônicas como base da representação, elementos náuticos e rosas dos ventos.....	p.118
Quadro 3 – Capítulo 2 - Toponímia para o Rio das Amazonas com origem local.....	p.159

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1.0 - CAPÍTULO I - A TRADIÇÃO DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE NO SÉCULO XVI.....	27
1.1 – A História Cultural, Representação, Imaginário e os Mapas.....	28
1.2 – Os Mapas Medievais Esquemáticos e Simbólicos.....	36
1.3 – A Herança do Simbolismo Medieval na Cartografia Quinhentista.....	50
1.4– A Revalorização da Geographia de Ptolomeu.....	89
1.5 - Ideias Ptolomaicas na representação do rio Amazonas no Século XVI.....	92
1.6 – Conclusão.....	96
2.0 - CAPÍTULO II - A EXPERIÊNCIA ATRAVÉS DAS GRANDES NAVEGAÇÕES E DO DESCOBRIMENTO DO NOVO MUNDO E DO RIO AMAZONAS.....	100
2.1– A questão da experiência no Renascimento.....	101
2.2 – Cartas-portulano ou Cartas de Marear: uma cartografia de origem náutica.....	108
2.3 – Paralelos entre as Cartas-portulano e a cartografia no século XVI.....	115
2.4 – As Grandes Navegações e as Descobertas das Novas Terras.....	126
2.5 – Descobrimientos e a cartografia no século XV.....	134
2.6 - As Etapas de Representação do Rio Amazonas.....	137
2.7 – Conclusão.....	166
3.0 - CAPÍTULO III - O CARTÓGRAFO QUINHENTISTA: ENTRE A TRADIÇÃO E A EXPERIÊNCIA.....	170
3.1 – Uma Síntese Cartográfica.....	171
3.2 - As particularidades dos cartógrafos.....	182
3.3 - Juan de La Cosa e Cantino: as primeiras representações do Novo Mundo.....	185
3.4 - Diogo Ribeiro e o padrón real: conjecturas sobre a orientação.....	191
3.5 - Sebastião Caboto e a forma serpenteada.....	196
3.6 - Gerardus Mercator e Abraão Ortelius: os primeiros atlas modernos.....	199
3.7 – Conclusão.....	207
4.0 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	211
5.0 – REFERÊNCIAS.....	217
6.0 – ANEXOS.....	225

INTRODUÇÃO

Observar um espaço geográfico e representá-lo em uma superfície plana sempre esteve presente na história da humanidade. Desde a Pré-História existem vestígios da representação do espaço. Essas representações sempre variaram no curso do tempo e entre aqueles que as produziram. Um desses momentos de mudança de forma de percepção espacial ocorreu na cartografia renascentista. A descoberta de novos locais do orbe terrestre contribuiu para uma alteração de visão sobre o espaço. Isso gerou um choque entre o modelo antigo e as novas informações geográficas difíceis de serem absorvidas. A representação do Rio ‘das’ Amazonas, que muito superava aqueles rios que os europeus tinham por referência, foi um desses momentos. A grandiosidade da descoberta levou os homens a questioná-la, a não crer na possibilidade da existência de tamanho gigante caudaloso.

A descoberta e consequente apropriação desse ente geográfico não foi uma particularidade do período, mas um desdobramento de um movimento maior: as grandes descobertas empreendidas pelos europeus, principalmente portugueses e espanhóis, nos séculos XV e XVI. O ápice da ruptura se deu com a realização de duas façanhas consideradas inauguradoras do Mundo Moderno: a chegada de Cristóvão Colombo à América, nas Bahamas e depois na Hispaniola, em 1492; e de Vasco da Gama à Calicute, nas Índias, em 1498. Antes de parecerem contrários, ambos inserem-se em um movimento de busca por rotas marítimas viáveis para manter comércio com as ricas regiões das especiarias, as Índias. Espaço que, apesar da associação com o país atual, na época compreendia uma série de localidades no entorno do Oceano Índico.

O projeto espanhol, sob a liderança de Colombo que bebeu nos conhecimentos dos antigos através de Toscanelli influenciado por Ptolomeu, visava navegar rumo ao Poente, com a certeza da esfericidade da Terra, para atingir a rica região oriental. Com a descoberta da ilha Hispaniola teria vindo a certeza da chegada ao destino. O genovês acreditava ter alcançado o enfabulado continente que havia sido visitado por comerciantes europeus, notadamente pela família Polo. Continente que, não por coincidência, era conhecido por Colombo através do livro que carregava da viagem de Marco Polo.

A associação das novas terras com a Ásia ligava-se diretamente à época vivida por esses homens e, conseqüentemente, suas ideias sobre o espaço. A própria denominação

posterior dessas terras pela Coroa espanhola, Índias Ocidentais, é um indício dessa relação. Com base no grande sábio da Antiguidade, Ptolomeu, afirmava-se que a superfície terrestre possuiria uma maior quantidade de terra e não de água. Portanto, as primeiras sondagens infrutíferas de passagens pela América, na década de 1510, confirmariam a hipótese de que o Atlântico juntamente ao Índico seria um mar fechado. Somente com o prosseguimento do conhecimento do orbe é que se constatou efetivamente uma nova parte do mundo, a *Quarta Pars Orbe*, e o Atlântico sendo um mar aberto. Esses dados foram comprovados pela viagem de Fernão de Magalhães e Sebastião D'Elcano em 1519 ao encontrarem passagem para o então Mar do Sul (oceano Pacífico). Porém, essas certezas não estavam totalmente consolidadas. Em meados da década de 1540, o cartógrafo Gastaldi ainda cogitava uma ligação da América e Ásia a noroeste, no que seria atualmente o estreito de Bering, formando uma única massa continental.

Assim dentro dessas cogitações dos novos espaços, as Grandes Navegações e o sistemático conhecimento das novas terras contribuíram para uma série de questionamentos dos saberes dos pensadores medievais e antigos, como a impossibilidade de habitar a zona tórrida, a inexistência de outro continente e de povos vivendo neles. Isso ocorreu gradualmente ao longo do século XVI.

A cartografia também se inseriu nesse universo: um momento de embate entre a tradição e experiência inaugurado no século XV. Segundo Maria Fernanda Alegria, significou um “(...) complexo confronto entre o que os livros e a tradição oral registram, entre o que os mestres ensinam e o que se aprende com a própria experiência”¹. O conhecimento obtido através dos experimentos empíricos ganhava cada vez mais força diante das contradições das antigas teorias diante das provas empíricas. Ainda de acordo com a autora, o choque teria contribuído para uma fundamental alteração das mentalidades.

Essa alteração de pensamento gerada pelas Grandes Navegações foi defendida por João de Castro Osório. O contato e a vivência em outros espaços provaria a realidade diversa do mundo contradizendo as informações expostas pelos sábios. Muitas teorias até então vigentes foram postas em confronto com a realidade encontrada o que não

¹ALEGRIA, Maria Fernanda, et alli. “Cartografia e Viagens”. In: BETHENCOURT, F.&CLAUDHURI, K(dir.). *História da Expansão Portuguesa*. Vol I. Lisboa: Circulo de Leitores, 1998, p.26.

gerou um abandono imediato dos antigos saberes.² Gerou, sim, uma tentativa de comprová-los ou refutá-los com base na experiência. Esse momento singular pode ser interpretado nos mapas do período.

Eles abandonam uma forma simbólica medieval, pautada em uma analogia ou semelhança aos elementos visíveis, e começam a adotar uma representação geográfica com a preocupação da correspondência ao “real” tributário das viagens espanholas e portuguesas. Essa mudança ocorreu principalmente no final do século XV, em que os mapas ainda filiavam-se a um grande simbolismo de representação dos mapas T-O e zonais do Medievo. Somente no século XII informações mais confiáveis sobre as regiões asiáticas ocorreram através do relato de Marco Polo. Entretanto, fábulas, informações da Bíblia ou da Antiguidade Clássica ainda estavam presente nos mapas. Houve, ainda, o resgate das ideias de autores clássicos provindas de fontes árabes ou bizantinas. Como o caso de Ptolomeu, que foi amplamente utilizado como base para construção de inúmeros mapas-múndi no século XV e no século XVI. Sua autoridade muitas vezes entrou em conflito com as novidades trazidas pelos relatos das viagens portuguesas, e, em muitos casos, suas informações se sobrepujaram às provindas das viagens marítimas, levando ao descrédito do conhecimento dos portugueses.³

Mesmo com a descoberta de um novo continente, a América, as informações dos teóricos medievais, ao invés de serem deixadas de lado, foram readaptadas aos novos espaços. Eles entram para o mundo europeu como estranhos que buscam se tornarem conhecidos. Colombo, ao chegar a América, não desconfiou que estivesse em um espaço alheio à sua concepção global do planeta Terra. Ele mesmo, inconscientemente, o enquadrava no seu mundo conhecido como sendo a ilha Cipango, nome do Japão para os europeus.

É neste contexto que surgem as informações sobre o rio Amazonas. Sua descoberta deu-se com a nebulosa viagem de Vicente Yañes Pinzon atingindo sua foz em 1500⁴. Esse momento inicial de conhecimento foi cartografado por Juan de La Cosa em seu famoso mapa-múndi do mesmo ano. O continente americano e também o rio Amazonas nasciam nas projeções planas ocidentais do globo terrestre. Depois de Pinzón, várias foram as expedições que tentaram navegar o curso do rio, tanto com

²Ver OSÓRIO, João de Castro (org.). *Idearium Antologia do Pensamento Português: A Revolução da Experiência*. Lisboa: SNI, 1947, p.16.

³ALEGRIA, Maria Fernanda, et alli. *Op. Cit.*, p. 26 e 27.

⁴UGARTE, Auxiliomar Silva. “A Amazônia no imaginário europeu do século XVI” In: PRIORE, Mary del; e GOMES, Flávio. *Os Senhores dos Rios*. São Paulo: Campus, 2003, p.5

financiamento espanhol, quanto com algumas cogitadas pelos portugueses⁵, ao longo do século XVI. Porém, o feito foi realizado apenas por duas expedições espanholas que partiram do Vice-Reinado do Peru. A primeira foi realizada por Francisco de Orellana (1542), na qual teria ocorrido o encontro com índias guerreiras associadas às lendárias amazonas, vinculando a lenda da Antiguidade ao nome do rio. A segunda foi à trágica expedição espanhola de Pedro de Ursúa/Lopo de Aguirre (1560-1561). Essas viagens possibilitaram um conhecimento maior sobre o rio-mar. Elas construíram a base maior do conhecimento que se tinha. Porém, como elas não estavam preparadas para um mapeamento do caminho percorrido, as informações geográficas reais se misturavam com ideias pré-concebidas. Mesmo em um espaço geográfico novo, os europeus se apropriaram de pensamentos, crenças e mitos dentro da realidade local e os resignificaram utilizando suas próprias crenças. Essas associações contribuíram para a imagem particular da região amazônica tendo os mapas como os grandes divulgadores dessas ideias no século XVI.

Assim, dentro desse contexto, o tema desta pesquisa consistiu em uma interpretação das representações cartográficas⁶ do rio Amazonas no embate entre a tradição e a experiência no século XVI. O objetivo, portanto, foi percorrer a produção cartográfica quinhentista, percebendo as variações de representação relacionadas a uma retórica cartográfica medieval/clássica de semelhança/analogia de elementos figurativos, juntamente aos elementos cartográficos renascentistas, fruto de uma experiência prática na região⁷. Buscou-se estudar como os dados empíricos obtidos

⁵Aqui se inclui a jornada colonizadora preparada ao rio Amazonas pelo espanhol Diego Nunes de Quesada e pelo português João de Sande. Eles buscaram convencer D. João II a financiar o projeto. Porém, nunca chegou a ser realizada. Ver: AZEVEDO, J. Lúcio de. "O descobrimento" In: *Os Jesuítas no Grão-Pará: suas missões e a colonização*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1930, p. 17 e 18.

⁶Apesar da utilização do termo cartografia no título e no corpo do texto por esta pesquisa, é importante destacar que ele não existia no século XVI. O termo cartografia foi criado no século XIX pelo historiador português Visconde de Santarém ao comunicar-se, em 8 de dezembro de 1839, com o historiador brasileiro Adolfo Varnhagen. Antes da utilização deste termo, o mais usado era cosmografia. Ver: OLIVEIRA, Cêurio de. *Dicionário Cartográfico*. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1980, p. 62. Também há um esclarecimento do uso por Paulo Miceli, ver nota 20 da página 37 em: MICELI, Paulo. *O desenho do Brasil no teatro do Mundo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002, p. 37.

A utilização de cosmografia seria o mais correto a ser utilizado para a pesquisa. No entanto, a ideia que é passada por cosmografia vai além de um estudo de cartas. Ela indica uma preocupação não só com a ordem geográfica do planeta terra, mas também de todo o universo. Indicar que o estudo seria de cosmografia seria abarcar todo um conjunto de elementos que não é o objetivo desta pesquisa. Portanto, utiliza-se o termo criado pelo Visconde de Santarém.

⁷Faz-se importante esclarecer que, nesta pesquisa, os mapas simbólico-esquemáticos e as ideias ptolomaicas chegaram como uma tradição no contexto da descoberta e exploração da América, em fins do século XV e século XVI. De forma alguma, pode-se desconsiderar que estes dois modelos partiram de experiências práticas de entendimento do orbe terrestre no tempo em que foram formulados. Nos dois

sobre o grande rio, a partir das expedições espanholas (únicas formas de conhecimento direto da região) conviveram com o repertório da tradição no plano da cartografia europeia. Isso acontecia, pois, os locais do orbe terrestre sobre os quais não existiam informações *de vista*, a tradição retórica da cartografia completava com outras informações diversas: mitos, crenças, suposições, indígenas, animais exóticos, entre outros⁸. Mas longe de serem aleatórios, esses preenchimentos estavam ligados ao imaginário europeu sobre a Amazônia, e a América em geral⁹. Sendo assim, como as novidades dos exploradores não davam conta de um conhecimento exato, em termos de representação geográfica de toda a região, elas conviviam com modelos imagéticos medievais presentes nos mapas renascentistas. Portanto, buscou-se interpretar como essas duas correntes de influência (tradição e experiência) encontravam-se dispostas nos mapas onde o rio Amazonas era cartografado.

Para tanto, as fontes utilizadas compreenderam uma série de mapas-múndi e mapas da América, ou da América do Sul no século XVI. Como a proposta foi uma interpretação das variações de representação ao longo do Quinhentos, não houve espaço para um estudo detalhado da totalidade das fontes produzidas no período. Assim, optou-se por apresentar brevemente aquelas fontes emblemáticas. Desta forma, elas serão pensadas em conjunto dentro das particularidades do contexto em que foram produzidas. Assim, buscou-se contemplar uma diversidade de autores, europeus em sua absoluta maioria, para conseguir abranger o máximo possível de figurações que o rio Amazonas teve durante o período. Entretanto, por mais que existisse uma grande diversidade na produção desses cartógrafos europeus no século XVI, os desenhos

casos, a Terra foi percebida de maneira diferente. Desta forma, para o homem do século XVI, estas formas de cartografar figuravam como autoridade sobre o conhecimento geográfico. Por isso, a designação de tradição é aqui adotada.

⁸Sobre a questão do imaginário europeu diante do Novo Mundo ver capítulo 1 “Experiência e Fantasia”; e sobre a questão da Amazônia ver capítulo 2 “Terras Incógnitas” em HOLANDA, Sergio Buarque de. *Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

⁹O conceito de imaginário aqui utilizado filia-se às novas concepções da História Cultural. Segundo Gilbert Duran, o imaginário seria o “‘museu’ (...) de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas.” Elas sempre fizeram parte da sociedade ocidental. Porém, de maneira diferenciada ao longo do tempo. Ora negando, como no Iluminismo, ora utilizando-as, como o catolicismo. Ver: DURAN, Gilber. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004; Já na perspectiva de Cornelius Castoriadis, o imaginário humano é fundante dos elementos que comporiam a própria sociedade. Tudo aquilo que permearia os homens, dentro de um convívio social dando sentido a ele. Tudo que foi (e é) pensado pelo homem estava (está) diretamente ligado às imagens. Por isso, a importância de analisá-las em uma pesquisa histórica. Para maiores detalhes: CASTORIADIS, Cornelius. “Imaginário e imaginação na encruzilhada.” In: *Do mundo da imaginação à imaginação do mundo*. Lisboa: Fim dos séculos, 1999.

tinham certo padrão, ou seja, algumas matrizes gerais de representação que se filiavam à cartografia portuguesa e/ou espanhola.

Dentro dos critérios apontados, aproximadamente vinte e quatro mapas serão utilizados nos primeiros capítulos e seis serão mais detalhadamente trabalhados no último capítulo. Assim, foram selecionados aqueles exemplares¹⁰ mais sintomáticos para serem estudados ao longo da pesquisa. Isto não exclui outros mapas que foram utilizados em momentos específicos. Busca-se apontar os autores e o ano de confecção de alguns deles e na sequência mostrar, de forma breve, porque são considerados grandes marcos e também relevantes para essa pesquisa:

- Juan de La Cosa – Mapa-múndi (1500): Primeiro registro cartográfico conhecido do Novo Mundo sendo resultado direto da descoberta empreendida por Cristóvão Colombo. Como mencionado anteriormente, as descobertas da viagem de Vicente Yañes Pinzón estão inclusas;

- Cantino – Mapa-múndi (1502): Primeiro exemplar português conhecido a retratar o Novo Mundo. Apresenta o resultado da viagem de Pedro Alvarez Cabral à costa sul-americana.

- Martin Waldseemüller – Mapa-múndi (1507): Realizado na Alemanha, ficou famoso pelo seu autor ter associado à imagem de Américo Vespúcio a de Ptolomeu, atribuindo o nome (no feminino) do primeiro às novas terras descobertas.

- Lopo Homem - Planisfério (1519): Realizado ainda sob forte influência de Ptolomeu. O Atlântico juntamente ao Índico é visto como um mar fechado.

- Diogo Ribeiro – Mapa-múndi (1529): É considerado uma das melhores produções cartográficas do período. Ele inovou por colocar os resultados das expedições de Colombo, Caboto, dos irmãos Corte Real, Fernão de Magalhães, entre outros. A América do Sul é apresentada sem os contornos do oeste.

- Pierre Descelier – Mapa da América do Sul (c.1542): Mapa com forte caráter artístico. Apresenta todos os contornos da América do Sul.

- Sebastião Caboto – Mapa-múndi (1544): Mapa do navegador e cartógrafo que expõe novos contornos da América e onde figuraria o rio Amazonas, pelo que se sabe, pela primeira vez serpenteado.

¹⁰ Dentre os autores desta série, encontram-se cartógrafos de gabinete e os cartógrafos de proa. Enquanto os primeiros trabalhavam em cima de relatos e mapas pré-produzidos como o caso Mercator e Ortelius, os últimos faziam seu espécime em alto-mar ou por experiência própria como Juan de La Cosa.

- Pierre Descelier – Mapa da América do Sul (1550): Exemplar do cartógrafo francês onde também existe uma primazia artística. O rio Amazonas em uma configuração diferente do modelo instituído por Caboto.

-Diogo Homem – Mapa da América do Sul (1558): A produção destaca-se por inserir o rio Amazonas serpenteado em uma posição central e com grande proporção na obra.

- Gerardus Mercator – Mapa-múndi (1569): Em seu *Mapa Múndi*, Mercator estabeleceu um novo padrão para a representação gráfica do globo terrestre muito mais próxima da representação proporcional dos continentes dentro da ideia de cartografia contemporânea;

- Abraham Ortelius – Mapa-múndi (1570): Cartógrafo holandês que teria criado o primeiro atlas moderno. Seus mapas impressos foram bastante divulgados no período.

- Joan Martine – Mapa da América (1582): Apresenta o rio Amazonas e, paralelo a ele, o chamado rio Marañon.

- Cornelis Claesz (1594): Mostra um panorama do interior do continente americano com seus principais rios. Os contornos geográficos estão muito próximos ao padrão utilizado atualmente. Só a proporção continental fica a desejar;

- Luís Teixeira (c.1600): Na cartografia específica da América do Sul e Atlântico elaborada e assinada por Luís Teixeira, os domínios lusos no Novo Mundo são representados enquanto uma ilha por terem de um lado o oceano Atlântico e do outro a bacia Amazônica e do rio da Prata. O litoral é bem conhecido e documentado enquanto o interior carece de informações;

Esses exemplares encontram-se custodiados por instituições europeias. O mapa de Juan de La Cosa pertence à coleção do Real Museu Naval, em Madri. O atlas de Diogo Homem, o *Quarta Orbis Pars. Mundus Novus*, que traz informações visuais sobre a natureza e os habitantes do continente, e outros mapas estão em posse da British Library. O famoso mapa de Martin Waldseemüller(1507) encontra-se na Coleção Conde Franz Von Waldburg, em Wolfegg; e o *Tabula Terre Nove*, na Bibliothèque Nationale, em Paris.¹¹

O acesso a essas fontes, pilar básico da prática historiográfica, foi através dos fac-símiles ou de reproduções disponibilizadas na internet. Importantes pesquisadores da

¹¹Outra obra importante produzida por Pedro Reinel, Jorge Reinel, e Lopo Homem é o *Atlas Miller*, o mais importante atlas português produzido no século XVI, hoje conservado na Bibliothèque Nationale, em Paris. Para mais detalhes sobre cartógrafos e a localização de suas obras ver: COUTO, Ronaldo Graça (org.). *O Brasil dos Viajantes*. Fundação Odebrecht, 2000.

História da Cartografia tiveram essa dificuldade e utilizaram essa solução¹². A Mapoteca Nacional, situada na cidade do Rio de Janeiro, conserva um importante acervo cartográfico com reproduções fidedignas dos mapas de Juan de La Cosa, Cantino, Lopo Homem, Piri Réis, Jorge Reinel, Sebastião Lopes, Luís Teixeira, entre outros.¹³ Outros locais de destaque são a Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores e o Museu Imperial, em Petrópolis.

Além disso, existem obras que reproduzem esses exemplares, como a compilação clássica indispensável de mapas portugueses, *Portugalle Monumenta Cartographica*, organizada por Jaime Cortesão, contando com duas edições, 1960 e 1987. Além disso, existem também biografias dos principais cartógrafos lusitanos e de suas escolas cartográficas. A Biblioteca Nacional possui as duas edições e é possível consultá-las com agendamento prévio. Em relação às reproduções na internet, a própria Biblioteca Nacional possui vasto acervo numa seção específica voltada à área de Cartografia. A Biblioteca Nacional da Colômbia também conta com exemplares. Existe, ainda, um importante acervo digitalizado pela Biblioteca Digital de Cartografia Histórica da Universidade de São Paulo¹⁴.

Portanto, essas fontes foram essenciais para tentar responder à grande questão desse estudo: a interpretação da maneira como o rio Amazonas foi representado temporalmente nos mapas do período quinhentista diante das influências medievais e da Antiguidade Clássica, de um lado e, de outro, com a experiência nos novos espaços. Como os dois conjuntos de referências estavam inseridos nos mapas ao longo do século XVI. O momento estaria num estágio da transição de uma forma simbólica e esquemática para uma exposição mais fiel do espaço geográfico. Porém, essa transição atingiria todos os aspectos das cartas? Como a figuração do rio Amazonas, ao longo do Quinhentos, representou o encontro entre esses dois universos de representação espacial: formas tributárias de uma tradição de confeccionar cartas e as novas informações provindas da experiência náutica ibérica nos novos espaços conhecidos.

Pensando de outra forma: como diversas produções cartográficas na Europa foram criando imagens do grande rio e como elas se modificaram com o tempo contando com as relações entre o peso dado à tradição retórica, de um lado, e, de outro, às novas

¹²Uma das autoridades em cartografia portuguesa, Jaime Cortesão, esteve diante do mesmo problema e ele teve de fazer uso dos fac-símiles para desenvolver sua pesquisa. Ver: CORTESÃO, Jaime. *Os Descobrimentos Portugueses vol. IV*. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.

¹³Grande parte do acervo da Mapoteca Nacional foi editado na obra: CIVITA, Victor (ed.) *Mapas Históricos Brasileiros*. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

¹⁴ O acervo pode ser acessado através do seguinte link: <http://www.mapashistoricos.usp.br/>

descobertas. De início, poderia se pensar que, com o descobrimento do rio Amazonas, um local somente conhecido na época das Grandes Navegações, não houvesse espaço para uma influência da tradição anterior. Seria possível abandoná-las? Será que não conviviam de outra maneira com as novas informações baseadas unicamente no empirismo?

Para buscar uma compreensão dessa indagação maior, foi necessário questionar especificamente essas representações em quatro pontos. Primeiro: como eram as representações do espaço ao longo do Medievo? Quais eram as características dessa geografia? Feito isso, questionou-se se os mapas renascentistas ainda incorporariam essas influências: o rio Amazonas contaria, nos diversos momentos do século XVI, com informações que pudessem estar ligadas a essa retórica medieval?

O segundo ponto foi observar como as Grandes Navegações instituíram uma nova forma de representação do espaço mundial. Como o conhecimento dos novos espaços trouxe outra forma de representação da Terra, uma “geografia do real”¹⁵? Como as expedições que se aventuraram pelo grande rio trouxeram informações novas sobre ele? E, como essas informações foram sendo incorporadas ao longo do século XVI? De que maneira a experiência prática realmente foi fonte dessa figuração?

Através desses dois pontos iniciais chegou-se a um terceiro ponto: a representação do rio Amazonas teria sido realizada, unificando essas duas formas de representação? Mas de que maneira elas teriam convivido? E, será que não seria um exemplo para pensar que não havia como esse Homem Renascentista se desligar completamente do legado anterior? A mistura de elementos diminuiria com o avançar de fins do século, pendendo mais para as informações de experiência prática? Talvez, a própria experiência fosse utilizada para afirmar algum dado provindo da própria tradição? Isso não seria um questionamento inerente à própria ideia do Renascimento: momento em que o novo estava acontecendo, mas ainda fortemente ligado ao peso da tradição? Mas, a partir deste questionamento, como teria ficado a questão do indivíduo? Ou seja, como cada cartógrafo realizaria sua representação, em cada momento, diante desses modelos? Como o seu contexto específico influiria na forma de representar o rio Amazonas? Como seria a forma particular e/ou nacional de incluir essas informações? O contexto

¹⁵A expressão geografia do “real” corresponderia à representação do espaço realizada através de instrumentos científicos de precisão. Ou seja, estaria ligada a codificação do espaço observado através de instrumentos náuticos. Seria diferente de uma geografia baseada em elementos provindos de uma tradição de um simbolismo figurativo. Elaborado não com método científico, mas percepções e imagens provindas de outras formas como: mitos, contos, lendas entre outros. Entretanto, estes elementos que trariam um “real”, muitas vezes, contribuíram para a criação de mitos, lendas e crenças.

político influiria? A resposta pensada a estes pontos e a questão central foram percorridas através de uma metodologia de estudo fundamentada nas propostas de interpretação da Nova História Cultural, por meio da nova História da Cartografia empreendida por J. Brian Harley.

A Nova História Cultural foi produto da “virada” da disciplina histórica na década de 1970 diante da crise dos paradigmas que explicavam a realidade: o desgaste dessa forma de cientificismo que adotava regimes de verdades com aspectos globalizantes e que pretendiam ser totais; o fim da utilização das certezas normativas que pautavam o estudo histórico, entre outros. Diante de um mundo em constante mudança, o movimento feminista, a descolonização da África e Ásia, maio de 1968, novos personagens entravam em cena com novos interesses. Os homens estariam no plural, à cultura existiria também no plural, portanto ter-se-ia não uma civilização universal, mas várias civilizações humanas. O enfoque estaria sempre na multiplicidade. Diante dessa nova perspectiva de compreensão da realidade do mundo é que se inseriram as novas perspectivas e abordagens dos estudos dos mapas.¹⁶

J. Brian Harley¹⁷ foi um autor que criticou as formas que a História da Cartografia entendia esse estudo nos anos 80. Segundo ele, ao fazê-lo o contexto político próprio deveria ser compreendido para verificar a ação do poder no discurso cartográfico, e suas consequências na sociedade. Para isso, sua ideia fundamenta-se na perspectiva de perceber os mapas mais como textos, carregados de intencionalidades, do que como exposição fidedigna do real. Isso está ligado diretamente à capacidade desses exemplares apresentarem uma linguagem gráfica específica a partir da realidade que cria uma forma específica de discurso social. Da mesma forma que os livros, os mapas também seriam uma criação própria de seus autores que também partilhariam valores culturais mais amplos de sua sociedade.¹⁸

Para estabelecer os métodos de estudo dos mapas, Harley baseou-se em autores como Erwin Panofsky e sua metodologia de questionamento das obras de arte. Partindo dos três níveis de significado instituídos pelo autor, Harley os transplantou para a

¹⁶ Para compreensão desse fenômeno ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.14.

¹⁷ HARLEY, J. B. *La Nueva Naturaleza de los mapas*. México: Fondo de Cultura Económica, 2005, p. 60 e 61.

¹⁸ JACOB, Christian *Apud* GOMES, Maria do Carmo Andrade. *Velhos mapas, novas leituras: revisitando a história da cartografia*. São Paulo: GEOSP, 2004. p. 68.

Cartografia, dentro de suas particularidades.¹⁹ E, apesar de não haver menção direta no trabalho de Harley, incluem-se aqui os estudos do pesquisador da História da arte, Ernest H. Gombrich. Ao realizar estudo sobre o porquê do estilo na arte, ele invoca questões psicológicas e históricas para buscar a compreensão. Isso o levou a um questionamento dessas produções que podem ser aplicados aos mapas enquanto produções visuais.²⁰

Com isso, essa dissertação de mestrado visou um enfoque voltado não somente às questões técnicas, mas também aos elementos que revelam o contexto social e cultural próprio da época em que este mapa encontrava-se inserido, observando-o como um espelho da sociedade que o produziu. Dentro do esforço europeu de conhecer, e representar a América e o seu interior, como no caso particular do rio Amazonas. É, portanto, dentro dessa nova ótica acerca da História da Cartografia que essa pesquisa se insere.

Estabelecida dentro do movimento de renovação dos estudos cartográficos iniciados no século XIX, a História da Cartografia significava a história dos descobrimentos e exploração da Terra subsidiando outras áreas do saber. Entretanto, a partir da década de 1930, o início das publicações das histórias gerais da Cartografia, aliado a criação de uma revista voltada para a divulgação de estudos feitos sobre os mapas, a *Imago Múndi*, e o início da Cartografia como disciplina independente da Geografia levou a disciplina a outro patamar. Inicialmente efêmera, significou uma série de questionamentos nos estudos cartográficos e, conseqüentemente, a aplicação de novas bases filosóficas e teóricas, além da utilização de novas técnicas para compreender os mapas antigos. A independência trouxe o início de interpretações dos mapas enquanto meios de comunicação.²¹

Assim, passaram a ocorrer debates conceituais sobre mapas como artefatos e meios de comunicação, além da ênfase aos processos técnicos de sua produção. A natureza de artefato se sobressaía diante de seu conteúdo informativo. Uma iniciativa de particulares, e suas sociedades nacionais e internacionais, além do estabelecimento da *Internacional Cartographic Association Comission for the History of Cartography*.

¹⁹ Isso deu origem ao método de análise de Harley dos mapas. Os três níveis de significação que influem nos mapas: o contexto do autor, o contexto de outros mapas e o contexto da sociedade. Para maiores informações ver: HARLEY, J. B. Op. Cit., p. 28 e 29.

²⁰ Ver: GOMBRICH, Ernest H. *Arte e Ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

²¹ GOMES, Maria do Carmo Andrade. *Velhos mapas, novas leituras: revisitando a historia da cartografia*. São Paulo: GEOSP, 2004.

Somaram-se os novos artigos que discutiam questões metodológicas e promoviam uma avaliação e crítica dos objetivos da História da Cartografia.²² Desta forma, a Cartografia não ficou alheia ao movimento pós-moderno. Como mostra as novas interpretações sobre os mapas exposta por Christian Jacob:

(...) o mapa tornou-se um objeto opaco, que retém o olhar sobre ele mesmo. O mapa entrou na era da suspeita. Ele perdeu sua inocência. Não se pode mais, atualmente, considerar a história da cartografia sem uma dimensão antropológica atenta às especificidades dos contextos culturais, e teórica, que reflita sobre a sua natureza de objeto e os seus poderes intelectuais e imaginários.²³

Portanto, os mapas devem, também, serem vistos e interpretados como produtos culturais produzidos em um determinado período e dentro de uma codificação específica. Ao se representar o rio Amazonas, e os outros dados geográficos, os cartógrafos não estavam trazendo a “verdade” espacial do mundo. Mas, diferentemente, realizavam um padrão de representação da Terra aceita para os europeus no período. Um código compartilhado que passava por mudanças no período renascentista.

Atualmente, os estudos focados nessas novas abordagens da História da Cartografia estão em pleno vapor. O país despertou para essa área de estudos. O professor/doutor Paulo Miceli, especialista em história moderna pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), possui grandes estudos na área²⁴. Ele orienta pesquisas sobre História da Cartografia, História Cultural e literatura de viagens. Criou e coordena o grupo de estudos *Mare Liberum* (Centro de Estudos e Referências em História Moderna e Cartografia Histórica). Outro destaque são os estudos relacionados à toponímia pela historiadora docente na Universidade de São Paulo (USP), Íris Kantor²⁵. Ela coordena um grupo de estudos de mapas que pertencentes à Biblioteca Digital de Cartografia Histórica da USP²⁶. No acervo, existem valiosos exemplares que agora foram disponibilizados na internet.

Acrescentam-se as pesquisas de Maria de Fátima Costa da Universidade Federal do Mato Grosso, principalmente sua tese que resultou na obra *História de um País*

²² Ibid, p. 71.

²³ Ibid, p. 75.

²⁴ Destaca-se a obra: MICELI, Paulo. *O desenho do Brasil no Teatro do Mundo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

²⁵ Um dos estudos sobre toponímia abordando a sua utilização ao longo da Idade Moderna pode ser conferido em: KANTOR, Íris. “Cartografia e Diplomacia: usos geopolíticos da informação toponímica (1750-1850)” In: *Anais do Museu Paulista*, vol. 17, num. 2. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

²⁶ Acesso pelo site: WWW.mapashistoricos.usp.br.

Inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII. Nesse estudo buscou compreender como os espanhóis criaram uma visão mítica da região alagadiça no rio Paraguai, na forma da Lagoa dos Xarayes, e como foi difundida quase exclusivamente na Cartografia. Posteriormente, com o avanço dos luso-brasileiros bandeirantes que atravessaram a região para chegar às minas do Cuiabá criou-se outra imagem da região. Assim, houve um choque de representações.²⁷ Há ainda o pesquisador Arthur Barcelos que se dedicou ao estudo da organização espacial dos jesuítas e sua produção cartográfica ao longo do século XVI a XVII. Sua tese *O Mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial* foi defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. O autor trabalhou com os mitos cartográficos presentes na obra dos jesuítas²⁸.

Também merece atenção a historiadora e arquiteta Daniela Marzola Fialho. Sua tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul intitula-se *Cidades Visíveis: para uma cartografia como documento de identidade humana*. Consiste em uma problematização entre a história urbana e a cartografia através do estudo dos mapas da cidade de Porto Alegre utilizando as novas perspectivas da História Cultural²⁹. Inclui-se ainda, os estudos recentes na área da historiadora Andréa Doré, da Universidade Federal do Paraná. Em artigo recente na revista Tempo, “*América Peruana e Oceanus Peruvianus: uma outra cartografia para o Novo Mundo*”³⁰, dedicou-se a perceber outras formas de enquadramento do espaço americano, diverso das modelos consagrados. O foco foi a relação do Peru e a montanha de Potosí e os destaques que ganharam nos mapas. Além desses pesquisadores, um número grande de outros historiadores se interessa cada vez mais por essa nova metodologia de estudar os mapas. Importante destacar também o espaço concedido pelos Simpósios de Cartografia Histórica (*Simpósio Luso-Brasileiro* e *Simpósio Brasileiro*). Mesmo que o tema não seja específico em História Cultural, muitos historiadores culturais aproveitam o espaço para divulgarem seus trabalhos e se

²⁷ Conferir o trabalho da pesquisadora derivado de sua tese de doutoramento: COSTA, Maria de Fátima. *História de um País Inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo: Estação Liberdade/Kosmos, 1999.

²⁸ Ver: BARCELOS, Arthur. *O Mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial*. 2006. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

²⁹ FIALHO, Daniela Marzola. *Cidades Visíveis: para uma história da cartografia como documento de identidade urbana*. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

³⁰ Disponível no link: http://www.historia.uff.br/tempo/site/wp-content/uploads/2014/10/rolling-pass_tem_3611_pt.pdf

interarem de outros. Consistem em espaços importantes de circularidade de ideias entre os pesquisadores.

Desta forma, esta pesquisa, dentro das novas perspectivas da História da Cartografia, colabora para esse movimento maior de renovação dos estudos dos mapas. Até o momento, uma pesquisa voltada para a representação do rio Amazonas dentro das perspectivas da História Cultural, utilizando como fonte principal a cartografia quinhentista e voltada para o embate renascentista (tradição e experiência), é desconhecido. Existem trabalhos, como de Paulo Miceli, que analisam a configuração do território brasileiro a partir do Quinhentos. Mas, voltado exclusivamente ao Amazonas, não. Portanto, iniciou-se aqui uma discussão já abordada em outros âmbitos da História da Cartografia que não tiveram um olhar cultural. Estudos clássicos, como de Jaime Cortesão, Max Justo Guedes e outros, não destacam esta linha de interpretação. Pois, os questionamentos culturais relacionados a particularidade da representação do rio no período (convivência de especulações) não foi o foco de seus trabalhos. Com isso, amplia-se aqui o debate trazendo a questão da existência de um rio para além de sua existência física, mas sua presença no imaginário ocidental do século XVI.

Outra importância desta pesquisa foi mostrar essa forma alternativa de se estudar os mapas. Eles podem ser trabalhados como fontes principais, não necessariamente precisam estar relegados a um papel secundário, meramente de apoio. Isso busca contrariar as abordagens tradicionais ligadas a cartografia “positivista” preocupada unicamente com os aspectos técnicos. Esse tratamento destinado aos mapas vem da tendência dos historiadores tradicionais da cartografia considerar a história dos mapas numa forma progressiva. Consequentemente, passam a delegar aos mapas antigos, ou “não exatos”, um papel descartável ou de menor valor. Entretanto, através da experiência mostrada por essa pesquisa, aplicando-se um método diferente, buscou-se suscitar inúmeras pesquisas atentando-se a estudos alternativos aos tradicionais.

Isso remete a outro ponto: essa pesquisa foi uma forma de desmistificação do tema. A História da Cartografia é comumente interpretada com certos preconceitos. O principal, como mencionado, remete ao entendimento evolucionista das representações cartográficas. Os mapas teriam uma evolução progressiva, saindo da total falta de precisão dos mapas medievais e encontrando a representação racional e ideal da Terra a partir do Iluminismo. Esta pesquisa buscou questionar essa visão apresentando uma interpretação atenta às especificidades históricas, desmistificando algumas ideias,

tratando os mapas antigos dentro de sua importância enquanto parte de seu contexto temporal específico.

Ao se trabalhar com mapas, inevitavelmente ocorrerem relações entre diversas disciplinas como a História, a Cartografia e a Geografia. Portanto, este estudo tornou-se um diálogo entre campos de saberes diferentes, contribuindo para a importante prática da interdisciplinaridade. Atualmente, existe um consenso de que esta relação é algo importante e fundamental para o intercâmbio sadio de experiências, quebrando os muros invisíveis criados pelos homens ao separarem as disciplinas. É importante lembrar que este diálogo deve ocorrer sem a perda no foco da pesquisa. Sendo esta uma pesquisa histórica, ela não pode perder o seu referencial para que não comprometa a experiência interdisciplinar.

E finalmente, ao se estudar os mapas pertencentes ao século XVI fez-se uma contribuição à elucidação de um período importante da história da Amazônia. Os mapas são um dos caminhos mais significativos percebidos ao se trabalhar o descobrimento e consequente incorporação de uma região ao “mundo ocidental”. Eles são uma representação gráfica de todo um conjunto de pensamentos e crenças de uma determinada época por meio de um autor específico. Analisar essa série cartográfica do século XVI foi uma forma de acompanhar essas mudanças ou permanência no pensamento através de uma imagem criada a partir do “real”; compreendendo, também, que dentro de um mesmo período podem existir olhares diversos. Desta maneira, ao se estudar esses mapas do início da Modernidade fez-se a importante contribuição de mostrar como os elementos ligados ao encontro de duas concepções de mundo - o conhecimento através de tradição cartográfica, lendas e mitos, e as informações provindas da experiência exploratória - estão presentes nos mapas. Além de se estar atento à especificidade do olhar do indivíduo. Assim, com esse estudo mostrou-se como o peso dos autores clássicos, o saber medieval, as histórias fabulosas, os contos indígenas relacionavam-se com as fontes de informações das explorações geográficas no rio Amazonas.

CAPÍTULO I

A TRADIÇÃO DO MEDIEVO E DA ANTIGUIDADE NO SÉCULO XVI



Figura 1. Rio Amazonas no mapa da América de Diogo Homem (1558). (*Mapas Históricos Brasileiros*, p.17)³¹

(...) o Fison, que antigamente se confundia com o Ganges, e que o clérigo Fernando Montesinos insinuou ser o Madalena, (...) era simplesmente o Prata. Quanto ao Madalena era sem dúvida um rio paradisíaco, mas deveria ser identificado com o Heidequel, ou Tigre. Da mesma forma o Gion das Escrituras não seria o Nilo, mas o Amazonas, ao passo que o Eufrates correspondia ao Orenoco.

(Antonio de L. Pinelo por meio de Sérgio B. de Holanda)³²

O detalhe do mapa de Diogo Homem (Figura 1), destacado acima, mostra a convenção mais usada na cartografia quinhentista para a representação do rio Amazonas. Mas, além de trazer a figuração específica do rio, essa imagem também se torna importante pelos elementos do entorno como de índios canibais expondo as partes de suas vítimas em espetos. É um exemplo de como a cartografia do século XVI possuiu ligações com a forma da cartografia simbólico-esquemática do período medieval. Entretanto, esta relação não se restringe à elaboração de cartas sobre o mundo, mas tinha uma grande abrangência no imaginário desses homens.³³ Mas, antes de buscar as influências da tradição medieval e clássica nos mapas do século XVI, faz-se necessário utilizar alguns conceitos que possibilitam uma interpretação destes

³¹*Mapas Históricos Brasileiros (Col. Grandes Personagens da Nossa História)*. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

³²Texto retirado da citação indireta realizada por Sergio Buarque de Holanda da associação dos rios americanos com os rios do Paraíso Terrenal feita, originalmente, por Antonio de León Pinelo. BUARQUE, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.214.

³³ A permanência desta tradição estava presente na associação seiscentista, estabelecida por Antonio de León Pinelo, de que os rios americanos provinham do Paraíso Terreno, de acordo com as Sagradas Escrituras. O Amazonas, segundo ele, corresponderia ao rio paradisíaco Gion.

objetos. Para realizar essa tarefa, recorre-se aos conceitos da Nova História Cultural, em específico ao conceito de imaginário.³⁴

Este capítulo tem, portanto, por objetivo primeiro apresentar conceitos importantes da História Cultural que estão relacionados diretamente com a Nova História da Cartografia³⁵. Na sequência, faz-se um resgate das principais formas vigentes e os elementos característicos de cartografar na Idade Média nos mapas T-O e zonais. Depois, busca-se identificar, nos mapas do século XVI, estas influências e como se configuram ao longo deste período. Em seguida, remete-se a Ptolomeu e à redescoberta e influência da sua *Geografia* no contexto dos séculos XV e XVI. Por fim, faz-se um balanço de como a tradição medieval e clássica estaria presente na figuração do rio-mar americano nos mapas renascentistas.

1.1 – A História Cultural, Representação, Imaginário e os Mapas

O exemplo inicial do rio Amazonas, no detalhe do mapa de Diogo Homem (Figura 1), apresenta uma forma específica de representar o espaço geográfico, mas a imagem apresentaria outros elementos. Estaria refletindo, de certa forma, o imaginário do autor e da sociedade no qual estava inserido. Mas o que seria esse imaginário?

1.1.1 – Uma interpretação cultural

O imaginário está estritamente ligado à cultura³⁶ de um povo. Ou seja, uma teia de significados que os homens constroem em sociedade. Este entendimento do termo

³⁴ É importante destacar que a cartografia medieval exposta neste capítulo esteve presente ao longo de todo o período medieval. Entretanto, a partir do século XIII surgiram registros de outra forma de cartografar, as cartas-portulano. Elas eram fruto da experiência náutica e eram usadas nas navegações mediterrâneas e posteriormente no Atlântico. Esta forma específica será abordada no segundo capítulo.

³⁵Diferente da interpretação da disciplina Geografia para “História da Cartografia”, ou seja, uma História do Pensamento Cartográfico, nesta pesquisa utiliza-se a interpretação que a disciplina História tem acerca de “História da Cartografia”. Assim, uma “Nova História da Cartografia” diz respeito a uma historicização dos mapas. Um estudo dos mapas feitos em um tempo passado por homens e como eles se relacionam diante do seu tempo. Diverge, portanto, da restrição às formas de desenho do mundo tornando-se algo muito mais abrangente. O termo equivalente para os geógrafos seria “Cartografia Histórica”.

³⁶Segundo Roy Wagner o entendimento do que seria cultura é amplo e ambíguo usado com receio, principalmente pelos antropólogos a partir da década de 1960. Isso ocorreu devido à vigência do estruturalismo, como do antropólogo Levi-Strauss. Nesse momento, o conceito de cultura encontrava-se dentro de um sistema que visava à compreensão de leis gerais que comandariam as ações humanas. O papel individual era mínimo diante das grandes estruturas movedoras do mundo. O econômico era visto como padrão das relações que diluía as especificidades únicas dos indivíduos nas relações com outros e com o meio. Entretanto, hoje ela adquiriu uma nova significação com o advento do movimento Pós-

ocorreu no final da década de 1980, com o início do paradigma da Pós-Modernidade, através dos estudos do antropólogo Clifford Geertz. Ele descartou o pensamento anterior ligado à ideia de leis gerais para explicar a cultura, preferindo utilizar a interpretação, na busca de significados. Pois, através da análise das diversas formas de comunicação humana seria possível perceber as significações que os homens dão às suas relações. Cada grupo social cria redes de significados em seu contexto específico.³⁷ Assim, cultura não seria algo fechado e pronto; pelo contrário, seria construída cotidianamente pelos partícipes de determinada sociedade. Portanto, não existiria uma chamada cultura popular divergindo de uma cultura de elite. É uma concepção muito mais complexa e, desta forma, a padronização em um grupo pré-definido e homogêneo retirava toda a diversidade e especificidade do conceito.

Esse último ponto faz-se importante para uma reflexão das fontes aqui estudadas. Os mapas-múndi ou regionais manuscritos que sobreviveram foram feitos em materiais que pudessem sobreviver ao tempo. Eram destinados a reis, duques, ou a alguém que os pudesse custear. Mas, antes de serem apenas representantes de uma “cultura da elite”, eles mostram como um exemplar contém formas de pensar não dos que teriam encomendado a obra, mas também daqueles que estavam nas embarcações transatlânticas, que criavam visões sobre as novas terras a partir do contato com a natureza ou com as populações nativas e que repassaram esse saber aos cartógrafos. Os próprios auxiliares da composição desses mapas não seriam incluídos nessa elite. Assim, afirmar um elitismo cultural cartográfico³⁸ elimina a multiplicidade de partícipes indiretos que “compuseram” um determinado exemplar.

Com base nesta pluralidade ligada ao próprio homem é que Geertz estabeleceu os objetivos de sua Antropologia Interpretativa: “não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que outros deram (...) e assim incluí-las no registro de consultas sobre o que o homem falou.”³⁹ Portanto, essa Antropologia buscava entender a relação de outros homens não as explicando de acordo com o seu saber, mas diferentemente, compreendendo pelos seus termos e por suas próprias significações os significados que outros povos deram. Para isso ocorrer, faz-se

Moderno. Para uma arqueologia dos significados do termo cultura ao longo do tempo ver: WAGNER, Roy. *A Invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac Naify.

³⁷GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. São Paulo: LTC, 1989.

³⁸Até mesmo essa classificação padronizada limita a interpretação. Pois, ela entende os homens como semelhantes com base no nível econômico. O que acaba por amputar uma interpretação mais atenta à diversidade do ser humano. Mas, é claro, que poderia ser pensado como uma forma de facilitar um estudo como no *tipo ideal* de Max Weber. Porém, sempre lembrando as suas limitações estruturais.

³⁹*Ibid.*, p. 41.

necessária uma interpretação das culturas, uma vez que, o que se entende por explicação sob o termo do outro é, na realidade, uma interpretação particular deste outro. Assim, compreender o outro, em seus termos, significaria interpretá-lo dentro dos significados daquele que é o observador, e não do observado.

Essa questão está diretamente ligada aos mapas antigos, pois eles foram muito estudados com base no padrão estabelecido pela Cartografia positivista, no século XIX⁴⁰. A análise era feita para saber o quanto cada exemplar estaria próximo de uma “verdade espacial”. Ou seja, buscavam-se formas padronizadas para se obter uma equivalência rígida com a forma “verdadeira” da Terra nas cartas. Esta análise era estendida aos mapas de períodos anteriores, como os mapas do século XVI. Era constatado que o rigor científico não era adotado, e, portanto, não eram bons exemplares. Assim, ao examinar esses exemplares, não era observado o momento temporal em que foram produzidos, e o que dava sentido a essas cartas não era levado em conta. Atropelava-se toda a retórica utilizada como as iluminuras, que eram consideradas formas ultrapassadas e não eram consideradas no estudo dos mapas.

Entretanto, divergindo desse modelo que não valorizava a cultura do produtor em seu contexto temporal específico, essa pesquisa busca, nas bases de Geertz, estabelecer um estudo dos mapas Quinhentistas. Para tal, as considerações de Roy Wagner também são importantes. Segundo ele, a cultura de uma determinada sociedade estaria em paralelo com outra. Quando um homem entra em contato com outra sociedade, ele traduz aquilo que percebe para os termos de sua cultura. A figuração do rio Amazonas serpenteado com todos os seus elementos ao redor, no século XVI, significaria uma tradução cultural de um fenômeno que se percebia em um local pertencente ao outro. Para representar esse ente geográfico desconhecido recorria-se à experiência dos marinheiros e sua relação com os nativos. Pensar desta forma significaria adotar um relativismo cultural, não mais com a cultura ocidental no topo da hierarquia, mas, em paralelo com outras, pois, os indígenas perceberam a chegada dos europeus em seus próprios termos culturais⁴¹. A falta de mapas indígenas⁴², nos moldes ocidentais, não

⁴⁰Sobre o positivismo cartográfico para Harley ver: HARLEY, Brian. *La Nueva Naturaleza de los Mapas: ensaios sobre la historia de la cartografía*. México: Fondo de Cultura Económica, 2005, p. 25-31.

⁴¹ Nesse sentido, a experiência da chegada de Fernão Cortez ao Império Asteca foi sintomática. Segundo Tzvetan Todorov, devido a uma dificuldade em associar os espanhóis nos referenciais conhecidos dos indígenas, eles passam a identificá-los como deuses. No entanto, a eficácia disso só ocorre com a compreensão de Cortez do outro e sua manipulação de eventos. Para mais detalhes ver: TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: WMF Martin Fontes, 2011, p.141-149.

significa que eles desconheciam as noções de espaço, mas, apenas percebiam e representavam o mundo que os cercava de outras formas.⁴³

Enfim, a partir da noção de cultura dada pela Antropologia Cultural é importante questionar as chamadas verdades científicas tidas como universais, nas quais a própria Cartografia estava inserida como anteriormente mencionado. Essas “verdades” foram produzidas pela cultura europeia a partir do conceito de ciência, parte intrínseca da chamada Era Moderna. Esta cientificidade desqualificava as produções anteriores através do positivismo. O movimento iluminista contribuiu para esse pensamento, e definiu as ciências concretas, como a cartografia. Dentro dessa abordagem, esta última deveria oferecer uma visão transparente do mundo em suas cartas. O bom mapa deveria ser preciso. Quando a representação não estava enquadrada em uma escala correta, ele recebia uma qualificação negativa.⁴⁴ A própria construção dessas verdades sobre os mapas revelam como eles estavam mergulhados nas perspectivas do conhecimento racional, uma das características da Modernidade⁴⁵. Portanto, essa pesquisa não busca

⁴²Uma prova disso é o mapa que os astecas mostraram a Hernan Cortez quando conquistou as terras indígenas no México. De acordo com a Segunda Carta de Cortez: “Depois pedi a Montezuma detalhes sobre a costa daquela região, se havia algum rio ou ponto de atração. Ele disse que não sabia, mas que me daria todas as informações. No outro dia me trouxeram um mapa pintado em um pano, com todos os contornos da costa e a indicação de um rio, o qual parecia estar entre as serras, que chamam Sanmim, na província de Mazalmaco.” CORTEZ, Hernan. *A Conquista do México*. Porto Alegre: L&PM, 2007, p. 58. Outro exemplo da representação espacial dos indígenas para com seu meio pode ser visto no exemplo do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira ao relatar suas experiências com os índios Macuxi em fins do século XVIII. Segundo Almir Diniz de Carvalho Junior: “Um dos exemplos que [Alexandre Rodrigues Ferreira] cita é de um índio que encontrara no rio Branco, na povoação do Carmo, da “nação” Macuxi. Perguntado sobre um rio, sua direção, seus afluentes e o número de povoações ali existentes, o índio tomou uma corda e a estendeu na terra na forma que representava as voltas do rio principal. Lateralmente, na direita e esquerda da corda, atou tantos cordões quanto eram os afluentes a representar ajustando de acordo com a distância entre eles. Depois, em cada um dos cordões laterais deu nós distanciados entre si fazendo representar as aldeias dos índios. Rodrigues Ferreira, diante disto, se questiona sobre o que faria um europeu criado como um destes Tapuias, ignorante da existência da geometria, geografia, hidrologia etc. para dar conta do problema apresentado àquele índio.” CARVALHO JUNIOR, Almir Diniz de; NORONHA, Nelson Matos de. Org. *A Amazônia dos Viajantes: história e ciência*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2011, p. 76.

⁴³ Ainda dentro dessa compreensão, afirma Wagner: “um antropólogo 'inventa' a cultura que ele acredita estar estudando, que a relação – por consistir em seus próprios atos e experiências – é mais 'real' do que ela relaciona.” Desta maneira, entre duas culturas diferentes estão a se perceber em termos de suas próprias percepções do mundo. WAGNER, Roy, op. Cit., p. 30.

⁴⁴HARLEY, Brian. Op. Cit., p.61.

⁴⁵Segundo José Carlos Reis, o conceito de Modernidade surgiu como uma nova consciência do tempo histórico no Ocidente. Ela significou uma revolução cultural, ocorrida no Ocidente, que acompanhou e tornou possível sua expansão para o restante do mundo trazendo uma nova ordem política (Estado burocrático), uma nova ordem econômica (capitalismo), e uma nova ordem social (não fraternidade religiosa). Ocorreu um processo de racionalização. A cultura se laicizou, as sociedades se moviam de acordo com o Estado burocrático e pela empresa capitalista. Com essa supremacia do Ocidente sobre o restante do mundo sobreveio, no século XIX, a nova orientação do pensamento ocidental, a razão. Dela emergiu o pensamento positivista, de Augusto Comte, em que a civilização teria o seu fim com o alcance total da cientificização, a grande etapa superior. Entretanto, esses valores tiveram, no século XX, sua ruptura com o pensamento pós-moderno. Nietzsche foi o primeiro a recusar a explicação do sentido

saber se, por exemplo, a forma como Diogo Homem (figura 1) representou o rio Amazonas está correta de acordo com a perspectiva da Geografia euclidiana consagrada com o Iluminismo. Pelo contrário, ela insere-se nos questionamentos inaugurados com as concepções da Pós-Modernidade.

Este movimento influenciou a Nova História Cultural, uma nova forma de conhecimento que, segundo Sandra Pesavento, representou a “virada” da História nos anos 1970 influenciada por maio de 1968, pelas críticas à Guerra do Vietnã, a ascensão do feminismo e o surgimento da *New Left*. Era a crise dos paradigmas explicativos da realidade. Um esgotamento de modelos, de regimes de verdades, de explicações globalizantes com aspirações à totalidade, ou mesmo, um fim para as certezas normativas de análise da História, até então assentes. Isso se complexava com a entrada de novos personagens com novas questões e interesses. Os homens estariam no plural, a cultura existindo no plural, portanto existiria não uma única civilização humana, mas sim um conjunto de civilizações. O enfoque seria sempre voltado ao múltiplo.⁴⁶

1.1.2 – A renovação da História da Cartografia

A História da Cartografia também se inseriu nesse novo movimento. Segundo Christian Jacob, “Não se pode mais, atualmente, considerar a história da cartografia sem uma dimensão antropológica, atenta à especificidade dos contextos culturais, e teórica, que reflita sobre a natureza de objeto e os seus poderes intelectuais e imaginários.”⁴⁷ Essa nova ótica expandiu os rumos da história dos mapas e abriu novas perspectivas para novas leituras de antigos mapas. Nesse contexto, destacou-se o autor Brian Harley, que comandou o projeto *The History of Cartography*, que se consolidou como o mais importante intelectual na área da História da Cartografia. Com discussões

histórico dominado pela razão. Outros críticos do projeto racional foram Marx e Engels, mesmo que seus estudos ainda guardavam certo sentido positivo para a História. Com as Guerras Mundiais, e a derrocada da Europa o movimento ganhou força. Ele visava combater o modelo de pensamento que levava o mundo ao caos. Somou-se a isso, a multiplicidade dos discursos levando em conta as diversas vozes na sociedade constituindo uma pluralidade cultural. Esse novo paradigma denunciava a relação perigosa entre o totalitarismo e a razão absoluta. O problema da razão e sua identidade verdadeira: vontade de controle, instrumentalização, subjetividade dominadora de si e do outro. A Pós-Modernidade revelava todos os problemas inerentes ao mal da razão. Ver: REIS, J. C. *História e Teoria*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 24-53.

⁴⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.14.

⁴⁷ JACOB, Christian. *Apud* GOMES, Maria do Carmo A. “Velhos mapas, novas leituras: revisitando a história da cartografia.” In: *Espaço e Tempo*, nº16. São Paulo: GEOUSP, 2004, p.67.

epistemológicas e metodológicas surgidas no contexto pós-moderno, Harley formulou um novo programa. Segundo a historiadora Maria C. A. Gomes:

[Ele] convidou os pesquisadores a adotarem posturas analíticas dos filósofos franceses na análise dos mapas (como o desconstrucionismo), a ver os mapas como imagens carregadas de juízo de valor, como um modo de imaginar, articular e estruturar o mundo dos homens.⁴⁸

Assim, eles ganhavam novas formas de serem questionados, e não se reduziam mais a uma orientação espacial, mas revelariam uma série de questões referentes àquele que produziu, bem como à sua sociedade. Entendem-se, assim, os mapas como algo complexo, produzido dentro de seu contexto específico.

Esta renovação da disciplina histórica partilhada pela Nova História da Cartografia contribuiu para a percepção da complexidade do real⁴⁹. Ela está ligada fundamentalmente ao conceito de *representação*. Referência para qualquer coisa que possa ser alvo de estudo dos historiadores, inclusive a figuração do rio Amazonas nos mapas quinhentistas, o conceito foi incorporado a partir das formulações de Marcel Mauss e Émile Durkheim no início do século XX. *Representação* seria uma leitura que os homens fazem do mundo expressas por normas, instituições, discursos, ritos formando uma realidade paralela à existência dos indivíduos. Porém, faz com que os homens vivam dentro dela e por ela. Segundo Sandra Pesavento: “São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.”⁵⁰Essa noção permite eliminar do campo de análise a tradicional separação entre o real e o não real. Pois, tudo que é percebido pelo homem, e que ele dá sentido é construído socialmente e internamente em seu intelecto. De acordo com esta perspectiva, não existe realidade por si, ela está diretamente ligada à lógica interna que os homens atribuem a qualquer coisa.

O historiador Roger Chartier, em seu artigo *O mundo como representação*, propõe pensá-la partindo de uma história das apropriações. Segundo ele: “A apropriação tal como entendemos visa uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os

⁴⁸GOMES, Maria do Carmo A. Op. Cit., p.70.

⁴⁹Essa nova forma negava os processos antigos de construção do conhecimento. Eles estavam ligados ao marxismo e a escola dos Annales. Em ambas o sujeito histórico estava à margem do conhecimento. PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit., p.14.

⁵⁰Ibid., p.39.

produzem”⁵¹. A partir do conceito de representação é que esta pesquisa se desenvolve. Com isso, ela não se limita a pensar como o rio Amazonas aparece nos mapas apenas como consequência exclusiva do conhecimento geográfico do rio, no espaço americano, mas, de forma mais ampla, seja nas figurações, numa orientação fora da “realidade” ou em uma distorção desproporcional. Tudo isso interpretado não como devaneios daqueles que produziram, mas como partes inseridas em um conjunto de pensamento geográfico que dava sentido àquela figuração, ou seja: a representação do mundo daquele período histórico.

Isso está diretamente relacionado com o pensamento do já mencionado historiador da cartografia, Brian Harley. Para ele, os mapas seriam uma construção social do mundo expressa por meio da Cartografia. Longe de ser uma mera representação da natureza, verdadeira ou falsa, os mapas redescreveriam o mundo como qualquer outro documento, tanto em termos de relações e práticas de poder, quanto de preferências e prioridades culturais: “Lo que leemos en un mapa está tan relacionado con un mundo social invisible y com la ideologia como con los fenómenos vistos y medidos en el paisaje.”⁵² Portanto, seriam uma representação do mundo real dentro de uma série de codificações que buscam torná-los inteligíveis para uma sociedade específica.⁵³ Além disso, os cartógrafos, para realizarem sua representação de mundo, se basearam nas histórias contadas sobre as viagens à América. Suas obras refletem uma mediação interpretativa. Compreendida de outra forma, eles praticavam uma espécie de interpretação gráfica da interpretação oral ou escrita dos viajantes referentes aos novos espaços. Algo próximo de uma “hermenêutica espacial”⁵⁴. Dentro desta interpretação, estaria um conjunto de imagens sobre algo, ou seja, um imaginário.

⁵¹Um exemplo da apropriação feita pelo autor refere-se a prática da leitura. Ao ler um texto, o leitor criaria um mundo próprio não correspondente necessariamente a aquele proposto pelo autor. Existiria, assim, uma distância entre o autor e o leitor. Ela referir-se-ia a questão material, o autor escreve texto, o livro é feito pelo editor, impressor e outros. Cada leitor atribuiria um significado específico a cada uma das formas materiais inseridas na obra lida. Além disso, a construção textual e o próprio sentido das palavras, de acordo com as próprias experiências do leitor, traria uma interpretação diversa. Segundo Chartier, a leitura é “vagabunda”, ela se acomoda e dá sentidos não pensados pelo autor. Desta forma, a distância entre o autor e o leitor final é que construiria o sentido. Pois, nesse meio termo há uma série de intermediações que aumentariam a distância entre o que gostaria de passar o autor e o que é lido pelo leitor. Ver: CHARTIER, Roger. *O Mundo como Representação*. São Paulo: Estudos Avançados, 1991, p.68.

⁵²HARLEY, J. B. Op. Cit, p.61.

⁵³Além disso, segundo Harley, os mapas também devem ser compreendidos nas suas formas de apropriação pelos indivíduos. Eles foram muito estudados ao longo da História da Cartografia, mas a questão da materialidade e da sua apropriação, nos moldes da proposta de Chartier, foi pouco pensada.

⁵⁴Essa ideia de hermenêutica, amplamente utilizada pelos historiadores hoje, foi resgatada do filósofo francês Paul Ricoeur. Ele propôs que existiria uma mediação tripla entre signos, símbolos e o texto. Sua visão conciliava o ideal explicativo das ciências da natureza e a interpretação das ciências humanas. Sua

Segundo Gilbert Duran, o imaginário seria o “‘museu’ (...) de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas.”⁵⁵ O autor propõe que as imagens sempre fizeram parte da sociedade ocidental, porém, a relação com elas ocorreu, ao longo do tempo, de maneira diferenciada, ora negadas, como no Iluminismo, ora reafirmadas, como no catolicismo. As imagens jamais desapareceram do pensamento ocidental, mas elas ganharam, ao longo do tempo, um status inferior em relação a outros tipos de conhecimento. Esta depreciação imagética estava intimamente ligada à sua subjetividade, pois, com o cientificismo do século XIX, passou-se a negá-las como forma de conhecimento. Entretanto, com o desenvolvimento da Psicologia, e da Psicanálise, elas foram de fundamental importância porque possuíam uma ligação muito mais próxima com o inconsciente. Percebê-las significaria estar mais próximo da psique humana. Este entendimento do termo diverge um pouco de outros autores, como Cornelius Castoriade⁵⁶ e Jacques Le Goff⁵⁷.

Portanto, o imaginário estaria ligado, por exemplo, à forma como um local geográfico figurava em um mapa e, ao mesmo tempo, como sua sociedade achava natural sua feitura. Isso compreende todos os elementos que fazem parte de determinada

ideia hermenêutica colocaria fim ao ideal cartesiano de transparência do sujeito para ele mesmo. Não haveria imparcialidade em uma análise de algo. Não existiria como apagar os vestígios do autor. Pois, sempre haverá marcas da intervenção do homem. Com relação aos textos, Ricoeur afirma que sua compreensão resultaria da relação com um leitor, que sobrevém através de um confronto: o conjunto de signos textuais e a interpretação particular daquele que observa. Esse paradigma da leitura surgiu como uma solução ao paradigma metodológico das ciências humanas, e tornar-se-ia uma resposta para a divisão entre explicar ou compreender, cuja relação constituiria o “círculo hermenêutico”. Os historiadores lidam com essa hermenêutica quando eles interpretam uma fonte histórica. Pois, para chegar ao “passado”, existe a necessidade de uma mediação pelos vestígios deixados pelo tempo. Portanto, conhecer o outro, em uma época passada, significaria se apoiar em uma leitura de outro indivíduo. Aí que a hermenêutica estaria constituída: relacionar-se com a alteridade em um mundo passado. Para mais detalhes ver: DOSSE, François. “Uma filosofia do agir: Paul Ricoeur” In: *O Império do sentido. A humanização das ciências humanas*. Bauru, SP: Edusc, 2003.

⁵⁵ DURAN, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

⁵⁶ Segundo Cornelius Castoriade, a história humana seria uma história do imaginário humano e de suas obras surgidas diante da coletividade humana. Sendo, portanto, “um imaginário social instituinte que cria a instituição em geral (a *forma* instituição) e as instituições particulares da sociedade considerada, imaginação radical do ser humano singular.” Assim, seria o imaginário humano fundante dos elementos que comporiam a própria sociedade. Tudo aquilo que permearia os homens dentro de um convívio social dando sentido a ele. Com isso, poder-se-ia pensar em uma ideia de imaginário como “um saber-fazer que organiza o mundo produzindo coesão ou o conflito.” Tudo que é pensado pelo homem estava diretamente ligada as imagens. Aí é que reside a importância de interpretá-las em uma pesquisa histórica. Ver: CASTORIADIS, Cornelius. “Imaginário e imaginação na encruzilhada.” In: *Do mundo da imaginação à imaginação do mundo*. Lisboa: Fim dos séculos, 1999.

⁵⁷ Jacques Le Goff contribui para uma especificação maior do conceito quando afirma: “O termo ‘imaginário’ sem dúvida remete-nos à imaginação, mas a história do imaginário não é uma história da imaginação no sentido tradicional, trata-se de uma história da criação e do uso das imagens que fazem uma sociedade agir e pensar, visto que resultam da mentalidade, da sensibilidade e da cultura que os impregnam e animam.” LE GOFF, Jaques. *Heróis e Maravilhas da Idade Média*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 12.

representação. Pois, eles estão presentes porque encontram uma “validação” no próprio imaginário. Assim, para iniciar esta pesquisa busca-se apresentar na sequência como seriam as formas consagradas de representação cartográfica no período medieval.

1.2 – Os Mapas Medievais Esquemáticos e Simbólicos

Antes de adentrar especificamente no campo da Cartografia medieval, é necessário compreender que a disposição do mundo estava intimamente relacionada à concepção do homem medieval. Os mapas eram frutos de uma produção humana imersa num pensamento voltado à religiosidade cristã.

1.2.1 – A religião na Idade Média

A religião exercia importante influência na própria imagem do mundo. Estava presente nos variados aspectos da vida humana. O historiador Johan Huizinga forneceu alguns exemplos da grande influência do Cristianismo nos homens da época:

Desde a tenra idade a imagem da cruz implantava-se no sensível coração infantil tão grande e tão exclusiva que deixava na sombra todas as outras afeições. Quando Jean Gerson era ainda criança viu o pai encostar-se a uma parede, abrir os braços em cruz e dizer: ‘Foi assim, rapaz, que crucificaram o teu Deus. Aquele que te criou e te salvou’. Diz-nos ele que esta imagem do pai lhe ficou gravada no espírito, tornando-se maior à medida que ele crescia, até a velhice. Por esse facto ele abençoava o pai, que morreu no dia da Exaltação da Cruz. Santa Collete, aos quatro anos, já ouvia a mãe rezar diariamente uma lamentação sobre a Paixão, sentindo na sua carne os açoites e os tormentos. Esta recordação fixou-se no coração hipersensível de Colette com tal intensidade que durante toda a vida, à hora da crucificação, sentia o coração violentamente oprimido; e durante a leitura da Paixão sofria mais do que uma mulher com dores do parto.⁵⁸

Neste trecho, John Huizinga expôs exemplos da imagem da cruz que foi consolidada fortemente após o misticismo de São Bernardo, no século XII. A Paixão de Cristo estava presente no imaginário das pessoas, e, portanto, daria lógica para as ações dos homens. As explicações específicas ou universais passavam por um cunho teológico. Neste sentido, a arte não escapava deste funcionamento da sociedade⁵⁹. De

⁵⁸HUIZINGA, Johan. *O Declínio da Idade Média*. Lisboa: Editora Ulisseia, 1985, p. 199.

⁵⁹ A arte medieval era voltada para o Criador e o temor a ele. Assim, a arte medieval teria a função de “(...) oferecer a Deus as riquezas do mundo visível, (...) permitir apaziguar a cólera do Todo Poderoso e conciliar os seus favores. Toda a grande arte era então sacrifício.” DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993, p. 19.

acordo com Arnold Hausser, a arte românica partilhava muito da ideia eclesiástica resultando em um grande poder da Igreja:

A Igreja, que em todas as questões espirituais tinha plenos poderes de senhor feudal e que agia como seu advogado, reprimia toda e qualquer dúvida sobre a vontade divina ou imutabilidade da ordem existente. Colocou cada área da vida numa relação directa com a fé e fazia derivar do primado da doutrina religiosa o seu direito de impor as linhas mestras e fronteiras do esforço artístico. Só no contexto de uma ‘cultura autoritária obrigatória’ deste tipo é que se poderia ter desenvolvido uma linguagem formal tão homogênea e unívoca como a da arte do início da Idade Média.⁶⁰

O trecho é importante por destacar a força da Igreja, que, segundo Hausser, seria grande através do controle exercido sobre a sociedade. Porém, tributar exclusivamente essa função a Igreja seria retirar as particularidades e singularidades da Idade Média. Esta instituição teve, em diversos momentos, que enfrentar crises com os poderes temporais. O Imperador do Sacro Império Romano Germano era ora aliado e ora inimigo. Toda uma dinâmica estava por detrás das relações com o que o autor define genericamente como “poder feudal”.⁶¹ Mas, mesmo que seu poder não fosse absoluto, ele foi uma prova da grande força dos eclesiásticos e da própria fé no período medieval. É dentro deste contexto que os mapas medievais devem ser interpretados.

1.2.2 – Os mapas medievais e a religiosidade cristã

Eles reproduziram esquematicamente o pensamento do período, o que representou uma forma de cartografar que contrasta enormemente com a atual. Na obra *A Geografia na Idade Média*, editada pela primeira vez em 1938⁶², George H. T. Kimble lembrou as distâncias entre esses mapas e os atuais. Uma vez que na Idade Média eles não representavam a totalidade do conhecimento:

⁶⁰HAUSER, Arnould. *A Arte e a Sociedade*. Lisboa: Editorial Presença, 1985, p.147.

⁶¹Jacques Le Goff dá uma ideia da maior complexidade presente no período da Igreja Católica e as outras instituições religiosas: “[...] el rechazo de un poder teocrático, a diferencia del Occidente bizantino. En Occidente, el poder religioso corresponde a la Iglesia y al Papa, el político al rey. El precepto evangélico regula la dualidad de poderes ‘Dad al César lo que es del César’. Europa va a escapar al monolitismo teocrático que paralizó a Bizancio y sobre todo al Islam después de haber favorecido su expansión.” LE GOFF, Jacques. *La vieja Europa y el mundo moderno*. Madrid: Alianza Editorial, 1995, p.17.

⁶²Apesar de ter sido produzido há quase 80 anos, a obra de Kimble oferece uma importante interpretação da geografia medieval. De acordo com Márcia Siqueira de Carvalho da Universidade Federal de Londrina em sua apresentação da segunda edição da obra de George Kimble no Brasil: “ A história da Geografia ainda recebe um tratamento secundário entre os próprios geógrafos e historiadores da ciência e são raros os livros que tratam deste assunto. Os que existem foram escritos há bastante tempo e, com edições esgotadas, tornaram-se livros de referência. Ver KIMBLE, G. H.T. *A Geografia na Idade Media*. . 2. ed.Londrina: Eduel, São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2005, p. xi até xiii.

[Os mapas] refletiam ideias comuns da época, inclusive as teorias quase científicas dos gregos, as mitologias pagãs e os sistemas da cosmologia cristã. Pouquíssimos deles – quase nenhum antes do ano 1400 – refletiam a extensão real do conhecimento da época.”⁶³

Neles, os sábios formularam padrões de representações do mundo conhecido que serviam como ilustrações para livros de teologia e filosofia. Os autores faziam uso de ornamentações que trariam ideias defendidas, personagens míticos, fábulas, crenças. Ou seja, “um mappamundi medieval, para ser devidamente apreciado, deveria, num grau considerável, ser visto como um romance ilustrado.”⁶⁴ Acrescenta-se, neste sentido, a observação de Maria Eurydice com relação a esta ideia da imagem enquanto narrativa. Pois, segundo ela:

No caso dos mapas-múndi, assim como nos demais manuscritos iluminados medievais, a imagem não possuía autonomia em relação ao texto, o que, porém, não significa que ela ilustre o texto. Mais do que isto, é parte do próprio texto, donde a necessidade de não só conhecer o texto no qual foi inserida, mas, se possível, as intenções do autor.⁶⁵

Portanto, como apontado, o mapa-múndi medieval expunha não só uma imagem do que seria o mundo, mas também uma narrativa de tudo o que ocorreu com ele e o que estaria por vir, além das concepções daqueles que o produziram. Conhecer aquele que o criou e sua intencionalidade ajuda na compreensão da forma como fez e de que maneira está em correlação com a parte escrita do documento onde está inserido.

O componente religioso estava quase sempre presente e muitos exemplares serviam para mostrar a extensão da fé cristã sobre a Terra, além de localizarem onde acreditavam estar os temas que faziam parte de suas crenças. Dos fatos presentes na Bíblia, os mais lembrados eram o Paraíso Terreno, localizado nos confins da Ásia, além das histórias presentes no Velho Testamento, como da Arca de Noé, a punição da esposa de Lot, a destruição de Sodoma e Gomorra, a passagem pelo Egito e o Êxodo, e as terras de Gog e Magog. Nestes mapas, a posição de Jerusalém era central, pois, como afirmou Kimble, ela se baseava na descrição do livro de *Ezequiel*: “Eu a coloquei no meio das nações e dos países que estão em torno dela.”⁶⁶ Enfim, pensando na concepção

⁶³ KIMBLE, G. H.T. *A Geografia na Idade Média*. . 2. ed.Londrina: Eduel, São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2005, p. 219.

⁶⁴ W. L. Bevan e H. W. Phillot *Apud* KIMBLE, G. H.T, op. cit., p.222.

⁶⁵ RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. “O sentido da história: tempo e espaço na cartografia medieval (século XII-XIII)”. In: *Tempo*, Rio de Janeiro, n°14, pp. 11-26, 2002, p. 12 e 13.RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros, Op. Cit., p. 14.

⁶⁶ Kimble, G. H, T. Op. Cit, p. 227.

geral dos mapas-múndi no Medievo e a relação dos elementos que eles expõem, a historiadora Maria Eurydice de Barros Ribeiro afirma em seu estudo sobre o mapa-múndi de Henrique de Mogúncia (século XII):

Com efeito, no interior da *orbis terrae*, o desenho é fiel ao texto que o acompanha, dando conta de uma vasta representação geográfica. Além dos oceanos, dos mares, dos rios e das ilhas, aparecem montanhas, vales e cidades. Confundindo-se com a geografia física, a geografia bíblica espalha-se naturalmente pela carta, compondo um espaço homogêneo que revela a inexistência, para os medievais, de fronteiras entre o mundo terreno e o sobrenatural.⁶⁷

O exemplo da carta estudada pela autora estende-se a outros exemplares. Os homens representavam o mundo da forma como foi convencionada no período, através do uso de formas esquemáticas e simbólicas, misturando as coisas terrenas com as sobrenaturais. Também é importante ressaltar que nestes mapas havia outra ideia do tempo. Nestes mapas, várias temporalidades se misturam junto ao sagrado e ao profano. A vida e a morte sem a existência de uma fronteira.⁶⁸

Notam-se, ainda, neste sentido as distorções presentes dos territórios, o que mostrava o peso de locais importantes para a história da humanidade, uma dimensão simbólica. Isso não pode ser qualificado como um “erro” cartográfico, uma vez que, a própria função do mapa era diversa da atual. No caso da Palestina, além de ser o centro do mundo, seu tamanho exagerado em relação ao restante das terras também se devia às inúmeras informações e fatos bíblicos localizados nela. Ou seja, tinha importância crucial no sistema imagético do mundo cristão, ganhando destaque diante das outras terras. Desta forma, o simbolismo nas representações prevalecia em relação ao “real geográfico” com base nos moldes da cartografia contemporânea.

Feita esta consideração, é importante ressaltar a visão padronizada do mundo no período. Ela não se limitava apenas a este aspecto, mas a diversos âmbitos, como exemplificado por Le Goff: “O pensamento do Ocidente medieval realizava-se através de um sistema simbólico, a começar pelas constantes correspondências entre o Novo Testamento e o Antigo Testamento, pois o primeiro é a tradução simbólica do segundo.”⁶⁹ O símbolo era utilizado como esquema para a representação das crenças. Assim, havia a constante utilização de padrões para a compreensão do mundo e para a explicação do surgimento da Terra e do universo.

⁶⁷RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros, Op. Cit., p. 14.

⁶⁸ Idem, p. 20.

⁶⁹ LE GOFF, op. cit., p. 12.

1.2.3 – A ideia da Terra e do universo na Idade Média

A ideia da Terra e do universo onde estes homens se imaginavam inseridos realizava-se através de uma série de conhecimentos da Antiguidade Clássica aliados ao pensamento cristão. O autor W. G. L. Randles apresentou as justificativas da forma universal da Terra, vigentes entre os séculos XII ao XV, surgidas a partir de duas sínteses baseadas na cultura antiga e na Bíblia. Elas buscavam “(...) conciliar o mito bíblico da Terra plana com a ideia grega de uma Terra redonda: plana ao nível da ecúmena habitável, esfericamente unicamente ao nível da astronomia.”⁷⁰ Esta concepção provinha dos modelos propostos por Crates de Malo (c. 160 a. C.) e Aristóteles (384-322 a. C.).⁷¹ A partir da ideia de Crates de Malo, autores como Marciano Capela (século V) e Macróbio (século V) e, posteriormente, Guilherme de Conches falavam sobre uma esfera preenchida na sua maior parte por água onde haveria quatro ilhas separadas por corredores de água. Uma dessas ilhas estaria povoada pelos cristãos e as outras não seriam habitadas devido à incomunicabilidade de ambas⁷². Assim, o único *habitat* dos humanos era plano se considerada a imensidão esférica do globo.

Por outro lado, o modelo aristotélico, que não se liga diretamente ao Aristóteles clássico, foi defendido por João de Sacrobosco em sua obra *Tratado da Esfera* (princípios do século XIII). O mundo estaria dividido em duas partes: do éter e dos elementos. Esta última estaria composta por quatro partes: no centro a terra; na sequência a água; depois o ar; e por fim o fogo puro. Cada um desses elementos estaria em uma proporção de 1 para 10. Para garantir a sobrevivência da espécie humana, com base no Gênesis ou no Salmo 103⁷³, Deus teria feito no terceiro dia a concentração das águas:

⁷⁰RANDLESS, W.G.L. *Da Terra Plana ao Globo Terrestre: uma rápida mutação epistemológica*. Lisboa: Gradiva, 1990, p. 11.

⁷¹Idem., p. 13.

⁷²Essa questão da povoação por humanos de outras terras, os chamados antípodas era muito complexo no período. Afirmar que existiriam esses locais seria retirar a autoridade da Igreja Cristã. Pois a palavra de Cristo teria sido pregada a toda a humanidade. Sobre essa questão ver RANGLES, W. G. L., Op. Cit., p. 16-19.

⁷³Randles não menciona em sua obra um trecho específico dessa relação no Salmo 103. É um Salmo onde compara as grandiosidades das criações geográficas da Terra com a relação de Deus com os homens. Segue-se o trecho a partir do versículo 8: “O SENHOR é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades. Pois quando o céu se alteia acima da

E disse Deus: Haja firmamento no meio das águas e separação entre águas e águas. Fez, pois, Deus o firmamento e separação entre as águas debaixo do firmamento e as águas sobre o firmamento. E assim se fez. E chamou Deus ao firmamento Céus. Houve tarde e manhã no segundo dia. Disse também Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num só lugar, e apareça a porção seca. E assim se fez. À porção seca chamou Deus Terra e ao ajuntamento das Águas, Mares. E viu Deus que isso era bom. (Gêneses 1: 6-10)⁷⁴

Assim, segundo a crença religiosa cristã, devido ao poder de Deus, uma pequena parte de terra ficou emersa diante da grande imensidão das águas. Com isso, a Terra habitável estaria plana na pequena parte descoberta, e, esférica se considerada seu todo, com uma maior parte de água.⁷⁵ Era, portanto, a junção de dois modelos explicativos: o aristotélico e o bíblico (Bíblico-aristotélico). Desse modo, apresentava-se a estrutura do cosmos provindo da explicação Clássica, ligada ao milagre da presença de Deus, possibilitando a vida na ecúmene cristã. A partir dessa configuração terrena e universal, a cartografia medieval foi produzida.

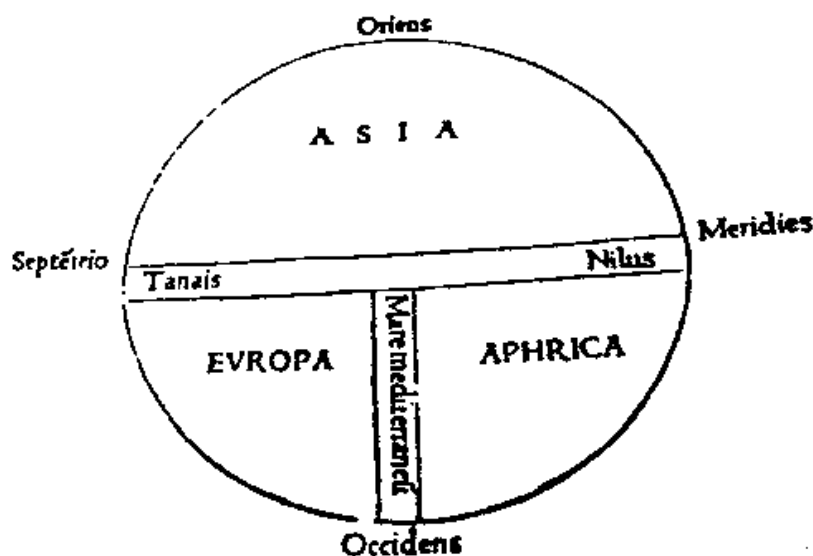


Figura 2. Mapa-múndi "T-O" segundo Zacarias Líffio, *Orbis Breviarum*, Florença, 1493. (RANGLES, W.G.L., *Da Terra Plana ao Globo Terrestre*, 1990, p. 20)

1.2.4 – Os Mapas T-O

terra, assim é grande a sua misericórdia para com os que o temem. Quando dista Oriente do Ocidente, assim afasta de nós nossas transgressões. Como um pai se compadece de seus filhos, dos que o temem. Pois ele conhece a nossa estrutura e sabe que somos pó. Quanto ao homem, os seus dias são como a relva; como a flor do campo, assim ele floresce; pois, soprando nela o vento, desaparece; e não conhecerá, daí em diante, o seu lugar.” (Salmos 103: 8). *A Bíblia Sagrada*. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993, p.420.

⁷⁴ *A Bíblia Sagrada*, Op. Cit., p. 4.

⁷⁵ RANGLES, W. G. L., Op. Cit., p. 14.

Um dos modelos de mapas mais divulgados no Medievo baseava-se nas ideias de Santo Isidoro de Sevilha (c.560-636)⁷⁶ acerca da configuração do planeta e dos seus habitantes. O orbe terrestre estaria disposto em uma forma que lembraria as letras “T” e “O”, sendo, portanto, conhecidos como mapas T-O⁷⁷ (figura 2). Nessa configuração, o “T” seria formado pelos corredores de águas internas: à esquerda o rio Don, à direita o rio Nilo e na vertical o mar Mediterrâneo; circundadas pelo grande “O” representando o grande Mar Oceano. O papel das águas enquanto divisora do mundo era crucial. Separavam as três grandes partes de terra da época: África, Ásia e Europa. Assim, neste esquema, a função dos rios Nilo e Don é fundamental como uma espécie de “esqueleto” sustentando o orbe terrestre. A forma esquemática encontra-se no modelo todo, pois os rios estão retilíneos e, juntamente às porções de terras, são semelhantes e simétricos. A disposição continental encontra-se da seguinte maneira: na parte superior a Ásia, à esquerda a Europa e à direita a África. Os vestígios desta divisão continental remontam aos fins da Antiguidade.

A autora Gioia Conta realizou estudo sobre a carta mais antiga e completa sobre a cartografia romana, a *Tabula Peutingeriana*. Nela, teria sido exposto todo o conhecimento sobre o *Orbis terrarum*, o mundo conhecido à época, com a divisão continental seguindo as mesmas referências geográficas (rios Nilo e Don e o Mar Mediterrâneo) reproduzidas posteriormente⁷⁸. As águas destinavam-se a circundarem o orbe e dividi-lo semelhante ao esquema medieval exposto, mas sem o rigor esquemático. Rios menores também tinham importante função e ganhavam esquemas de representação. Sobre esta função, aponta Gioia Conta:

Junto a los cursos fluviales más relevantes, con frecuencia son indicados cursos menores. Ello se explica teniendo presente el significado de los rios, creando siempre delicados problemas de tránsito y viabilidad. Los puntos de tránsito, que un mapa de carreteras debía poner en evidencia sobre todo donde mayores eran las dificultades, pues imponían un momento de detención antes de enfrentar el obstáculo del rio. Ello favorece, en estos

⁷⁶Conferir ALEGRIA, Maria Fernanda, et alli. “Cartografia e Viagens”. In: BETHENCOURT, F. & CLAUDHURI, K(dir.). *História da Expansão Portuguesa*. Vol I. Lisboa: Circulo de Leitores, 1998, p. 29.

⁷⁷Magali Gomes Nogueira refere-se a esses mapas como “OT” porque seriam a sigla de Orbis Terrarum. No entanto, a maior parte dos materiais consultados refere-se à forma como foi exposta no texto. Para mais detalhes ver: NOGUEIRA, Magali Gomes. “Portulanos, Presente de Reis” in: *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico volume XX. Cartografia Histórica*. Tomo II. Belo Horizonte: UFMG, Museu de História Natural, 2011, p. 187-202.

⁷⁸Vale ressaltar que apenas os pontos geográficos para a divisão dos continentes é semelhante. Nesta carta romana e até no conhecimento dos Antigos sobre a configuração do orbe, caso do mapa realizado a partir das informações de Heródoto, o formato não lembra o modelo esquemático dos exemplares medievais T-O.

*particulares lugares, el surgimento de “hosterías” preparadas, donde hombres y animales podían encontrar descanso, ayuda y medios necesarios. Asimismo recordemos que el origen de los ríos es ubicado en una colina o cadena montañosa, sin existir alguna relación con la realidad física del curso fluvial. Ellos son pintados con un único color.*⁷⁹

Assim, havia a estratégia de recorrer a cadeias de montanhas fictícias para estabelecer a nascente de algum rio. A não figuração de toda a extensão “real” de determinado rio, mas, pelo contrário, com suas origens surgindo em montanhas, sem corresponder necessariamente à realidade, foi uma estratégia de cartografar de fins do Império Romano e, como se verá adiante, no Medieval e até no Renascimento quando referido ao continente americano. De volta ao período medieval, os mapas “T-O” eram interpretados dentro da simbologia cristã. Os três continentes teriam sido herdados, após o dilúvio universal, pelos filhos de Noé com o “T” representando a cruz do Cristo crucificado, além de estar associado com os quatro pontos cardeais. Acima do entroncamento dos três cursos de água, na parte central, destaca-se a cidade de Jerusalém: centro do mundo e do universo.

Dentro deste modelo bíblico de entendimento da Terra, importava muito mais uma analogia com as Sagradas Escrituras, do que uma equivalência geográfica.⁸⁰ O mapa dos Salmos (figura 3), encontrado no *Livro dos Salmos*, é um exemplo desta forma de cartografar. Produzido no século XIII (c.1250), de autoria desconhecida, desfrutou de um revigoramento da representação cristã. A forma visual do Cristo no alto do mapa representa bem isso. Não mais o sofredor do Românico, mas sim sereno e com o mundo em suas mãos⁸¹. O modelo T-O tem algumas modificações: a parte superior do “T”, ao invés dos rios Don e o Nilo (como bem exemplifica a Figura 2), os “braços” do Mar Mediterrâneo ocupam a função; o corredor de água interno (Mar Mediterrâneo)

⁷⁹CONTA, Gioia. “La Cartografía Romana” in: *Semanas de Estudios Romanos – Vol. XII*. Valparaíso, Chile: Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, 2004, p. 43.

⁸⁰Para mais detalhes sobre os mapas em estilo T-O conferir: THROWER, Norman J.W. *Maps&Civilization: cartography in culture and society*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996, p.42; RANGLES, W. G. L. *Da Terra Plana ao Globo Terrestre: Uma rápida mutação epistemológica 1480-1520*. Lisboa: Gradiva, 1980, p. 15 e 16; MARQUES, Alfredo Pinheiro. *A Cartografia dos Descobrimientos Portugueses*. Lisboa: ELO, s/d; CRONE, G. R. *Historia de los mapas*. México – Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1956; KIMBLE, G. H.T. *A Geografia na Idade Media*. . 2. ed. Londrina: Eduel, São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2005.

⁸¹ A aproximação do Mapa do Salmo com a ideologia surgida com o gótico é sintomática. Pois, como mostra George Duby em sua obra *O Tempo das Catedrais*, o pensamento do Abade Suger (século XII) para a concepção do estilo foi influenciado pelos textos do Pseudo-Dionísio que remetiam a hierarquia celeste. O trecho que se segue deveria ser pensado aliando-se ao mapa exposto: “Deus é luz. Dessa luz inicial, criada e criadora, participa cada criatura. Cada criatura recebe e transmite a iluminação divina segundo sua capacidade, isto é, segundo o lugar que ocupa na escala dos seres, segundo o nível em que o pensamento de Deus hierarquicamente a situou. Proveniente duma irradiação, o universo é um fluxo luminoso que desce em cascatas, e a luz que emana do Ser primeiro instala no seu lugar imutável cada um dos seres criados.” DUBY, Georges. Op. Cit., p. 105-106.

encontra o “O” o Mar Oceano apenas na parte inferior. O exemplar foi, portanto, uma leitura mais livre da forma estabelecida com inúmeros referenciais de figuras importantes para a Cristandade do período, como mencionado anteriormente.



Figura 3. Mapa do Salmo (século XIII). (National Library of Australia).

O Paraíso Terrestre localiza-se no alto da Ásia⁸², vê-se, em seu interior, que há duas figuras humanas se entreolhando, possivelmente Adão e Eva, e no meio estaria uma árvore com o fruto proibido⁸³. Logo ao sul do Paraíso, correm os principais rios da Terra: o Ganges, o Finson, o Gion, o Tigre e o Eufrates. No entanto, esta não era a forma estabelecida no Gêneses. Pois, a representação destes elementos hídricos no mapa deveria ser uma interpretação visual direta das palavras do Livro Sagrado:

E saía um rio do jardim do Éden para regar o jardim e dali se dividia, repartindo-se em quatro braços. O primeiro chama-se Pison; é o que rodeia a terra de Havilá, onde há ouro. O ouro dessa terra é bom; também se encontra lá o bdélio e a pedra ônix. O segundo rio chama-se Gion; é o que circunda a terra de Cuxe. O nome do terceiro rio é Tigre; é o que corre pelo oriente da Assíria. E o quarto é o Eufrates.⁸⁴

Como a passagem demonstra, os rios derivavam diretamente do Paraíso e correriam para lados divergentes. No exemplo citado, o autor rompe com o estabelecido e acrescenta o rio Ganges. Ainda segundo a Bíblia, junto aos rios haveria riquezas, como o cobiçado ouro. A localização na Ásia estaria ligada também a um imaginário fabuloso do continente. Nesta associação, os escritos de Marco Polo, no século XIII, viriam a acrescentar a cobiça por esses tesouros.⁸⁵ Há ainda a presença de monstros⁸⁶ na região da África (Bestiários)⁸⁷.

⁸² A inexistência de uma referência escrita na obra não impossibilita que essa região seja identificada com o Paraíso Terreno. Pois, como os autores do período pensavam o mundo, o paraíso era a fonte dos quatro principais rios do mundo. E suas nascentes encontram-se centralizadas nessa região.

⁸³ Apesar da grande resolução do mapa dos Salmos disponibilizada pela Biblioteca da Austrália, a imagem não permite ter uma ideia conclusiva sobre o que estaria representado dentro do Paraíso Terreno.

⁸⁴ *A Bíblia Sagrada*, Op. Cit., p. 4.

⁸⁵ Em uma das descrições que o navegador veneziano faz das riquezas do continente e que se tornou uma grande fonte para os homens renascentistas, notadamente Colombo, foi à descrição que realizou da ilha de Cipango, que seria o Japão, localizado no Extremo Oriente: “[A ilha] tem ouro em abundância, mas o rei não deixa levar, e por essa razão há lá poucos mercadores e por vezes ali vão as naus. Nenhum negociante ou estrangeiro chegou ao interior da ilha. Falarei a respeito dum palácio maravilhoso que um grande senhor da ilha possui. É um palácio grande, todo coberto de ouro fino, tal como são cobertas de chumbo as nossas igrejas. É dum valor incalculável.” POLO, Marco. *O Livro das Maravilhas: a descrição do mundo*. Porto Alegre: L&PM, 1985, p. 188.

⁸⁶ Eles remetem diretamente a uma discussão que o autor Guillermo Giucci realizou em sua obra intitulada *Viajantes do Maravilhoso*. Segundo ele, a presença de monstros está ligado a própria concepção que se desenvolverá posteriormente entre barbárie e civilização. Assim, os monstros guardariam o oposto das qualidades dos civilizados, e seriam caracterizados por viverem à margem dos locais centrais da época (Europa). Para mais detalhes ver: GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do Maravilhoso: Novo Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.26.

⁸⁷ Bestiário estaria ligado às formas maravilhosas de monstros que povoavam o imaginário do homem medieval. Para mais detalhes ver: CARVALHO, Márcia Siqueira de. *O pensamento geográfico medieval e renascentista no Ciberespaço* em: <<http://www.geocities.ws/pensamentobr/medievalciber.pdf>>. Acesso em: 07 setembro 2013. Também conferir: MICELI, Paulo. *O desenho do Brasil no Teatro do mundo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002, p. 70-74.

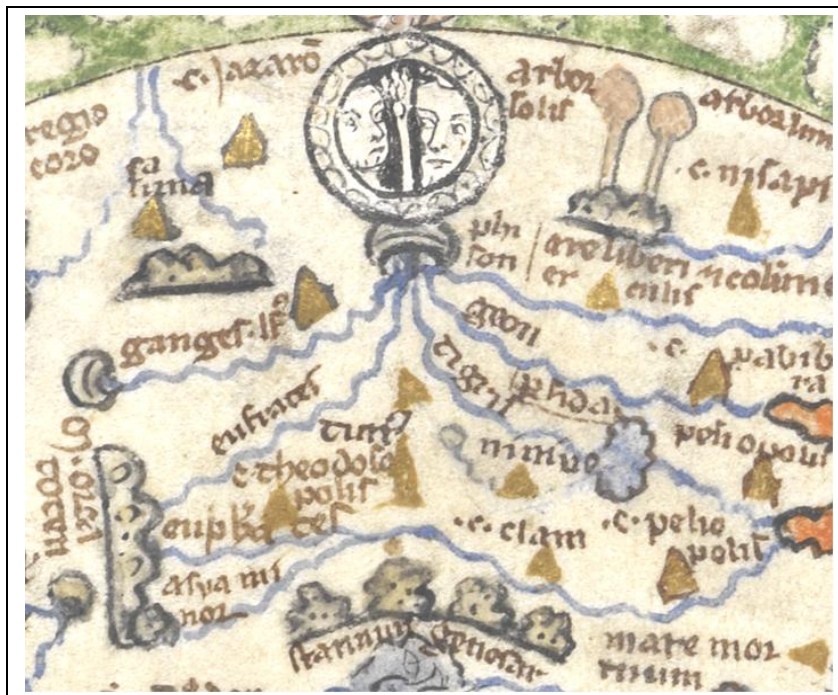


Figura 4 Detalhe do Paraíso Terreno e dos quatro rios saindo dele mais um quinto no canto superior direito, no Mapa dos Salmos. (National Library of Australia)

Outro exemplo de um mapa estilo T.O, um pouco mais complexo⁸⁸ que outros exemplares, é mapa de Hereford (c.1300) (figura 5). O autor G. R. Crone aponta este exemplar como o maior mapa circular do mundo que sobreviveu e atualmente encontra-se na catedral de Hereford. Seria uma mescla das influências medievais:

El esquema general se parece al de los mapas T dentro de O, aunque algo deformado porque se trata de destacar la Palestina, Asia Menor, etc. Roma, Antioquia y París están claramente dibujadas, lo que da pábulo a la sugestión reciente de que uno de los “eslabones” es obra de un escribano francés. Otras ciudades y pueblos se representan con dibujos convencionales de torres y puertas; hay gran cantidad de montañas y rios, las primeiras con un perfil convencional. Casi todo el espacio, que de otro modo quedaría vacío, está lleno de dibujos primorosamente ejecutados que describen asuntos tomados de las narraciones y bestiarios populares en la época. A decir verdad, el mapa es como una enciclopedia de la ciencia medieval y abunda en interesantísimos materiales de estudio.⁸⁹

Assim, neste trecho Crone aponta que, ao invés de deixar os espaços desconhecidos incompletos⁹⁰, eles eram preenchidos com elementos presentes no imaginário medieval, filiados em sua maior parte a temas voltados à religiosidade. Um

⁸⁸ Segundo Maria Fernanda Alegria e outros, baseado na tipologia de D. Woodward, esse mapa e outros entraria em nos mapas tripartidos não esquemáticos. Os três continentes esquemáticos são mantidos, mas o desenho ganhou menor rigidez. Alguns se filiam a Paulo Orosius e outros de Santo Isidoro de Sevilha. Ver: ALEGRIA, Maria Fernanda et alli, op, Cit., p. 29.

⁸⁹ CRONE, G. R. *Historia de los Mapas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1956, p. 26 e 27.

⁹⁰ Como seria de se esperar da Cartografia contemporânea, baseada nas concepções do cientificismo do século XIX.

exemplo é o Paraíso Terreno presente em uma ilha fortificada, seu acesso se dá somente por uma porta. Adão e Eva, que na carta ainda provam do fruto proibido, já se encontram fora do paraíso graças à ação de um anjo.⁹¹



Figura 5. Mapa de Hereford (c.1280). (KIMBLE, G. H. *A Geografia na Idade Média*, p.118)⁹²

⁹¹ RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros, *Op. Cit.*, p. 24.

⁹² No exemplar desse mapa que se encontra citado nessa pesquisa foi extraído da obra de G. H. Kimble, *Op. Cit.*. Na legenda desse mapa o autor afirma que a África é chamada de Europa. Porém, como aqui

1.2.5 – Os mapas zonais

Além desses dois esquemas, ainda existia outro também muito divulgado na Idade Média, a teoria das zonas. As partes da esfera seriam delimitadas de maneira diferente dos anteriores. Atribuído a Parménides (século V a. C.), o modelo propunha a divisão da esfera horizontalmente em cinco zonas: uma ao redor de cada polo (inabitáveis); uma ao redor do Equador, a zona tórrida (inabitável); e as duas zonas temperadas (habitáveis). No período medieval, esse modelo junto aos outros foi partilhado graças ao mencionado tratado de João de Sacrobosco. Também em vigência, foram os chamados mapas zonais de Macróbio⁹³. A Terra encontrar-se-ia dividida em zonas marcadas pelo clima. Sendo comumente aceito que só a parte superior, abaixo do polo Ártico, seria habitada. Pois, a zona tórrida, na região equatorial, impossibilitaria o estabelecimento humano devido à intensidade dos raios solares e ao calor insuportável. Além de impedir a habitabilidade de quaisquer terras mais ao sul, mesmo que propícias à vida, pois, a zona tórrida impossibilitaria o acesso às regiões ao sul.⁹⁴

O mapa da figura 6 apresenta uma confecção do mapa imaginado através da exposição das ideias de Macróbio. É possível perceber a presença das cinco zonas: *Frigida* no extremo norte e no extremo sul; logo depois o que seria a zona temperada que envolvia o mundo conhecido, porém não nomeada; na outra região temperada, ao sul, a *Teperata Antipodum nobis incognita*; e, ao centro, no que seria a região equatorial, o *Alueus Oceani*. Essa concepção das zonas, filiada a Macróbio, remete às teorias de simetria dos gregos. Segundo eles, a geografia terrena seria sempre simétrica: “El pensamiento griego se regía por un principio general que afectaba la delineación de los mapas, a saber: la simetría de la naturaleza”.⁹⁵ Assim, a existência de uma porção de terras ao norte do globo (que alguns já calculavam) indicaria a presença de uma porção ao sul. Esta parte da Terra seria, para os homens medievais, o continente antípoda.⁹⁶

observado o que ocorreu foi uma troca de nomes entre a *Affrica* e a *Europa*. Pois, no que seria o continente europeu (a direita do mapa) está o nome *Affrica*.

⁹³ A concepção de Macróbio parte de um mapa criado por ele para expor suas ideias em um comentário a um trabalho de Cícero (51 a. C.) feito provavelmente no ano de 430 d.C.. Nesse mapa ele retoma Crates de Mallos (c.168 a.C.) com o orbe circundado pelo mar Oceano e ao meio um rio principal, *Alueus Oceani*. Ver: ALEGRIA, Maria Fernanda et alli, Op. Cit., p. 30.

⁹⁴Ver: RANGLES, Op. Cit., 1980.

⁹⁵ CRONE, G. R., Op. Cit., p. 15.

⁹⁶Sobre as concepções dos gregos sobre a Terra e seus mapas ver “La Herencia Clásica y de la Alta Edad Media” in: CRONE, G. R., op. Cit., p. 13-29.



Figura 6. Conceção do mundo no Medievo através das cinco zonas e com o continente antípoda ao sul de acordo com o modelo de Macróbio (c.1485). *Frontispício* (KIMBLE, G. H. *A Geografia na Idade Média*, p. ix)

Essas duas formas de representação exemplificam como a cartografia medieval era fortemente marcada por modelos esquematizados de representação da Terra⁹⁷. Havia uma preponderância esquemático-simbólica do orbe terrestre ao contrário de uma correspondência espacial “fidedigna”, a exemplo da cartografia contemporânea surgida a partir do século XVIII. Figuravam em mapas os personagens bíblicos (Cristo crucificado, os reis magos, o Paraíso Terreno e outros), passagens históricas (triumfo de Alexandre, o Grande...), lendas da Antiguidade (as amazonas, colunas de Hércules...). Enfim, uma forma de cartografia que contrasta drasticamente com a atual. Segundo Kimble, “(...) [os autores] poderiam rotular qualquer homem como tolo, caso ele pensasse que poderia determinar a distância de Londres até Jerusalém ao se colocar uma régua no mapa.”⁹⁸ A própria ideia de mapa estava ligada a uma interpretação espacial

⁹⁷Essas não eram as únicas formas de cartografar da época. Ainda descendente dessa cartografia terrestre de pensar e conceber o mundo pode-se acrescentar o chamado *mapa-mundo quadripartido do Beato de Libana* (730-798). Seu exemplar encontra-se na obra *Comentaria in Apocalipsin*, de 776. Com base em Macróbio, ele figura além dos três continentes, um quarto que estaria desabitado pelo excessivo calor. Ver: ALEGRIA, Maria Fernanda et alli, *Op. Cit.*, p. 30.

⁹⁸KIMBLE, *Op. Cit.*, p.222.

diferente, não sendo regida pelos princípios contemporâneos da Cartografia.⁹⁹ Ou seja, como apontou Maria Eurydice, a preocupação destes homens não seria o conhecimento da Geografia, e/ou da História, mas, salvarem suas almas.¹⁰⁰

1.3 – A Herança do Simbolismo Medieval na Cartografia Quinhentista

A partir do exposto anteriormente sobre a cartografia esquemática e simbólica medieval, busca-se verificar nas representações que contemplam o rio Amazonas se esse modelo de representação ainda estaria presente. Para tanto, se faz necessário recorrer ao método de interpretação de mapas estabelecido por Brian Harley. Segundo este autor, ao se estudar um mapa deve-se estar atento a três pontos: o contexto do cartógrafo, o contexto de outros mapas e o contexto da sociedade. Cada um destes representa uma maneira particular de interpretação de determinado exemplar e juntos dariam uma forma mais completa de estudo do objeto.

O contexto do cartógrafo relaciona-se ao conjunto de influência que o indivíduo insere em sua produção. Ou seja, as formas individuais diretamente relacionadas à sua produção como as técnicas empregadas, as rotas de navegações e topografia, as compilações, desenhos, gravações, impressões e coloração dos mapas. Ou seja, tudo aquilo ligado a determinado homem diante de seu objeto. Também se deve estar atento a toda a rede de pessoas envolvidas neste processo cartográfico.¹⁰¹ Isto será buscado no último capítulo.

Já o contexto de outros mapas relaciona-se com os exemplares que foram produzidos em um mesmo período. Assim, ele propõe um exercício de cartografia comparativa:

Ningún mapa está herméticamente cerrado en sí mismo, ni puede responder a todas las preguntas que dispierta. Tarde o temprano la interpretación de los mapas anteriores se convierte en un ejercicio de cartografía comparativa. Las características cartográficas de

⁹⁹Sobre este assunto, as palavras de Maria Eurydice são esclarecedoras: “Com frequência, a historiografia reproduz um discurso anacrônico com relação aos mapas medievais, afirmando que os mesmos atestam a ignorância dos homens da época e o atraso científico. Ora, os mapas não revelam o conhecimento que a Idade Média possuía da Geografia positiva. Ao contrário, as cartas permitem visualizar a concepção que os medievais possuíam do espaço e o sistema de crenças a que recorriam para representá-lo. A função pedagógica dos mapas-múndi na Idade Média difere da moderna, sem que isto implique, necessariamente, em inferioridade de conhecimento; isto porque a forma de percepção espacial não é a mesma. Diferentes sociedades, em diferentes épocas, não percebem o mundo que as cerca da mesma forma.” RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros, Op. Cit., p. 25.

¹⁰⁰ Idem, p. 26.

¹⁰¹ HARLEY, Brian, Op. Cit., p. 65.

*toda la familia pueden permitir que se identifiquen mapas anónimos, se interpreten signos o convenciones poco comunes, o se hagan deducciones acerca de parámetros de precisión. Nuestra confianza en un mapa como documento puede aumentar (o disminuir) cuando muestra las características conocidas de un grupo más grande.*¹⁰²

Destarte, ao se estudar os mapas deve-se buscar compreendê-lo dentro da serie em que está inserido para verificar como cada cartógrafo produziu sua obra em relação ao conjunto e quais os desvios de determinado padrão. Feito isso, descobrem-se possíveis influências recebida pelos cartógrafos, sejam elas omissões, leituras de outros, os equívocos, entre outras.

O terceiro nível de interpretação se liga ao contexto da sociedade. Esta etapa definiria as ligações dos exemplares com uma estrutura social mais ampla. “El marco de las circunstancias y las condiciones históricas definidas produce un mapa que es, indiscutiblemente, un documento social y cultural.”¹⁰³ Assim, os mapas são partes da sociedade, elementos construtivos dela. A interpretação da relação entre o contexto histórico e social seria, portanto, uma das três chaves para realizar uma interpretação dos mapas.

Desta forma, com base nessa proposta de Harley, será realizada, neste capítulo, uma comparação entre os modelos pertencentes à cartografia medieval com a série de mapas-múndi e mapas regionais de toda a América ou apenas da América do Sul em que o rio Amazonas esteve cartografado. Tendo por questão central desta pesquisa a representação específica do rio Amazonas dentro dos mapas, ao longo do século XVI, as etapas propostas por Brian Harley relacionadas ao contexto da sociedade e o contexto de outros mapas estarão correlacionados na pesquisa.

Intenta-se, agora, uma busca das influências que a cartografia medieval, através das ideias de analogia e semelhança, ainda exerceria no século XVI. Comparar produções cartográficas não significa que os autores teriam necessariamente observado diretamente modelos medievais. A aproximação será realizada tão somente para verificar similaridade de aspectos presentes, o que evidenciaria heranças recebidas. Outra consideração é sobre a restrição espacial neste estudo. Como esta pesquisa destina-se ao estudo da representação do Rio ‘das’ Amazonas, o restante das regiões do orbe presente nas cartas será observado apenas pontualmente. No entanto, como se descreverá a seguir, em princípios do século XVI não havia como separar a região amazônica da própria América do Sul.

¹⁰² Idem, p. 69.

¹⁰³ Idem, p. 72.

A análise das cartas do século XVI será dividida pelos seguintes eixos¹⁰⁴: primeiramente, a figuração de homens, animais, árvores, navios... Ou seja, cenas que envolviam elementos não diretamente ligados à representação do espaço geográfico. Sua função era mais estética para a compreensão de particularidades referentes às localidades retratadas: uma retórica ligada às formas singulares da cartografia medieval citadas anteriormente. Num segundo momento, busca-se perceber uma utilização de formas esquemáticas na representação do grande rio-mar sul-americano e como se insere nas formas do próprio continente americano. Numa terceira etapa, será analisada a presença das legendas para as povoações ao longo do rio e como se assemelhariam à prática medieval. Por fim, será verificada como a toponímia identificada ao rio estaria filiada aos próprios termos do Medievo e da Antiguidade. Os detalhes específicos da biografia de alguns destes cartógrafos serão explorados no terceiro capítulo.

1.3.1. Elementos figurativos: animais, indígenas, árvores...

A primeira linha de influência a ser percebida na comparação entre as cartas será a figuração de animais, indígenas, árvores, ou outros. Estes elementos não são encontrados na cartografia positivista, pois, não estão na mesma proporção do território referenciado. Encontrar-se-iam em uma mesma série de influência de um padrão medieval onde, por exemplo, não existia problema em colocar o Cristo no alto do mapa dos Salmos, ou o bestiário no extremo leste. Ou seja, ao longo do século XVI da mesma forma que os mapas esquemáticos e simbólicos, não havia também à inclusão destes desenhos?

¹⁰⁴ Esta proposta de divisão surgiu a partir do trato com as fontes. O modelo proposto não foi diretamente sugerido por Harley, mas foi pensado a partir de suas novas perspectivas.



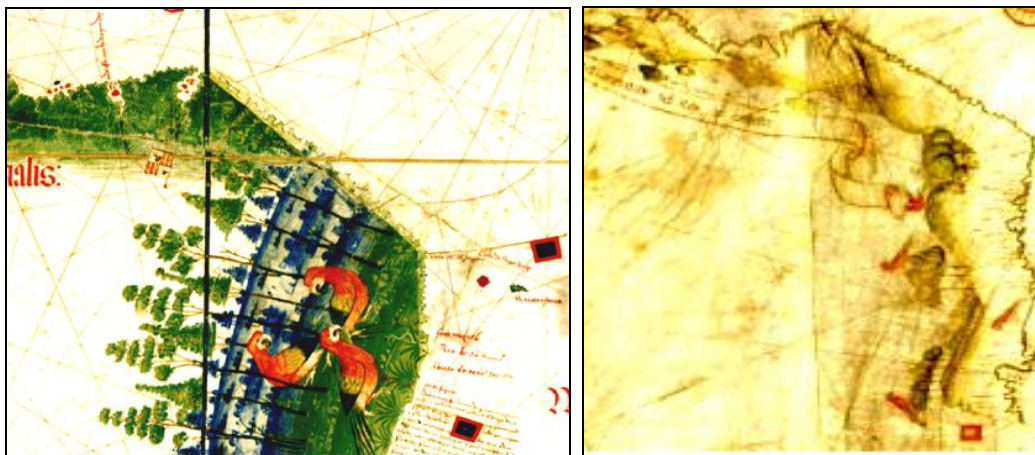
Figura 7 e 8. Figuração de Navios (à esquerda) e de São Cristóvão (à direita) no mapa de Juan de La Cosa (1500). (Fac-símile da *Biblioteca Nacional*)

Hoje, em um mapa científico, uma grande escala de um mapa-múndi não permitiria essas representações. Como aponta Brian Harley, estes dados seriam considerados retóricos, em sentido depreciativo.¹⁰⁵ Portanto, poder-se-ia pensar na herança medieval para este tipo de representação.

Ao pensar nesta linha de influência, uma das primeiras perguntas seria: existiria a presença de personagens bíblicos ou da Antiguidade Clássica, uma tradição medieval na cartografia renascentista? E os elementos presentes, quais poderiam ser suas funções imagéticas? De que maneira se relacionariam com a forma convencionalizada anteriormente?

Para a verificação destas questões, inclui-se a série de mapas do século XVI. Com destaque as fontes principais desta pesquisa: os mapas de Juan de la Cosa (1500); mapa dito de Cantino (1500); Diogo Ribeiro (1529); Sebastião Caboto (1544); Gerardus Mercator (1569); Abraão Ortelius (1570). Esta seleção não significa a exclusão de outros exemplares do século XVI, mas indica um enfoque maior para a interpretação.

¹⁰⁵Como o importante para a cartografia positivista é a precisão, qualquer coisa que fuja deste padrão é depreciado. Inclui-se a presença de elementos figurativos como homens, árvores, navios e outros. Segundo Harley: “Em nuestra cultura occidental, por lo menos desde la Ilustración, se ha definido a la cartografía como una ciencia concreta. La premisa es que un mapa debe ofrecer una ventana transparente al mundo. Un buen mapa debe ser preciso. Cuando un mapa no representa la realidad de una manera adecuada sobre una escala concreta, se hace acreedor a una calificación negativa. Los mapas se clasifican según su correspondencia con la verdad topográfica. Se nos ha dicho que la imprecisión es un delito cartográfico.” HARLEY, B. Op. Cit., p. 60 e 61.



Figuras 9 e 10 Detalhe da América do Sul em Cantino (1500) (esquerda) e em Caverio (c.1502-1504) (direita).
(Biblioteca Estense Universitaria)

No primeiro mapa, do navegador que acompanhou Colombo, Juan de La Cosa (1500), existe a figuração de bandeiras espanholas no que seria a foz do Amazonas e também, no alto, os barcos da possível expedição de Vicente Pinzón (Figura 7). A presença destes barcos é um indicativo da não separação entre o passado e presente. Pois, ele se remete a um feito ocorrido em determinado ponto do passado. Assim, o mapa comporta elementos de vários períodos, ele não seria atemporal como os atuais. Esta, como se verificará adiante, era uma das características das formas da cartografia do período.

Para além desta região, preenchendo quase todo o Novo Mundo, na região atual da América Central (embora no mapa ainda não exista a configuração costeira bem definida), encontra-se a presença de São Cristóvão segurando, em seus braços, o menino Jesus (Figura 8). Esta associação do santo com as novas terras remete diretamente a Cristóvão Colombo e a missão de propagação da fé cristã para os povos recém-descobertos. Uma vez que o próprio nome Cristóvão vem do latim *Christoforem*, ou seja, o “portador ou condutos de Cristo”. De forma parecida com a cartografia medieval, aqui o componente religioso se faz presente no imaginário dos navegadores e nos habitantes súditos da Coroa Espanhola. Este foi o único exemplar entre os pesquisados que apresentou, no continente americano, uma figuração relacionada diretamente a uma simbologia cristã. É um indício para ser mais estudado nesta rica fonte da época.

Outro exemplar, o mapa português dito de Cantino (1502), o primeiro exemplar português conhecido sobre as novas terras, conta apenas com a figuração específica de duas bandeiras do reino de Castela no que seria a foz do rio Amazonas (Figura 9). Uma próxima ao marco do Tratado de Tordesilhas e a outra mais a oeste. O domínio

português sugerido pelo exemplar encontra-se sobre a região da costa leste do continente sul-americano. No local encontram-se três araras e várias árvores. Elas estão em uma grande dimensão e parecem refletir o exotismo das novas terras na percepção do seu autor. As árvores encontram-se aos montes, inclusive em vários planos. Aqui o autor realiza uma síntese entre seu repertório e aqueles provindos do contato com as novas terras. As árvores desenhadas são coníferas, típicas da região subtropical/boreal europeia e asiática. Elas aparecem aliadas com a representação de araras. Isso remeter a compreensão das novas terras e os impactos causados pelo conhecimento da América, provinda especialmente pela viagem de Pedro Alvares Cabral, e a sobrevivência de elementos externos ao ambiente, da tradição do autor.

Uma configuração parecida é partilhada no mapa (figura 10) do genovês Nicolo Caverio (c.1502-1504), embora filiado amplamente na cartografia portuguesa. Há a presença de bandeiras portuguesas e, inclusive, a representação de árvores na costa leste americana. Grande é a semelhança ao mapa de Cantino, pois a própria direção das árvores é a mesma, de leste a oeste. Existem quatro pássaros vermelhos dispostos na imagem, além das bandeiras lusas.

Já no mapa (figura 12) do alemão Martin Waldseemüller (1507), conhecido por ser o primeiro exemplar a mostrar o novo continente como América, a configuração dos elementos no território pouco se altera. Ao sudeste de onde estaria localizada a foz do rio-mar americano, encontra-se uma ave e uma inscrição abaixo dela dizendo algo como “Rubei psitaá (?)”. Ela é bem diferente das aves conhecidas na região, como figurado em Cantino, talvez o fato do autor não possuir experiência nas navegações ao continente austral não permitiu a ele maior propriedade sobre a forma específica da fauna aérea local.

No mapa português conhecido como Kunstman III (1503) (Figura 11) também não há destaque de elementos na região amazônica. Há, nas proximidades, um grande vazio, costa norte da América do Sul, que parte desde a provável ilha de Marajó até, o que seria hoje, a costa do Ceará. Destaca-se neste exemplar a figuração, em grandes proporções no interior da América do Sul, o que seria um estágio do ritual de canibalismo¹⁰⁶. Nela, percebe-se um homem com traços indígenas, provavelmente um

¹⁰⁶O Medievo europeu guardava importantes referências sobre a prática do canibalismo em outras regiões, como no caso dos mongóis. Marco Polo foi um dos autores que registrou isso. E, de certa forma, ele influenciou os homens renascentistas. Em seu livro sobre a Índia ele menciona o povo do reino de Dragoiam que gostava de comer carne humana em tom depreciativo: “ Estes homens vêm e tapam a boca do doente, de tal maneira que o afogam. E quando está morto, fazem-no cozer e toda a família o vem

nativo do Novo Mundo, queimando em brasa outro homem, um branco associado aos europeus. É possível estabelecer esta relação graças às cores dos personagens e pela sua localização no interior da América do Sul, próxima à costa leste do Nordeste brasileiro. Esta figuração de rituais antropofágicos dos índios, muitas vezes vistos como canibalismo¹⁰⁷, são indícios de que este ato estaria presente no imaginário que os europeus faziam da região.¹⁰⁸ Outras cartas também fazem menções a esta prática, inclusive na toponímia, como será observado.

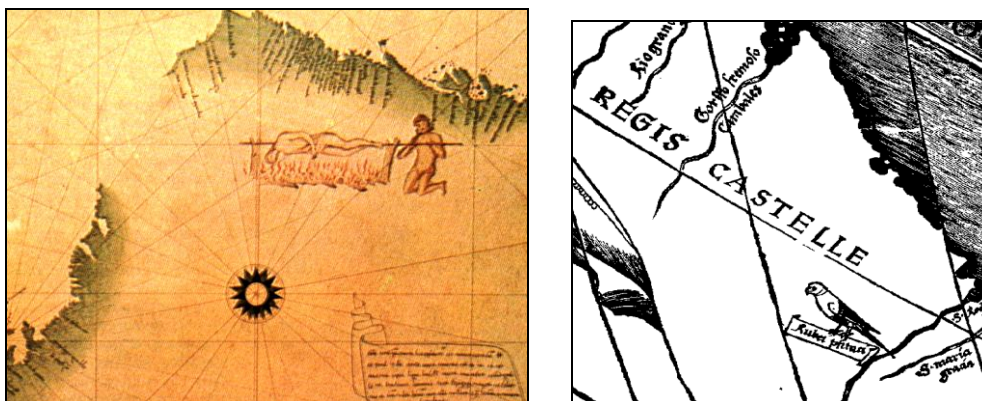


Figura 11 e 12. Esquerda: Costa leste do Brasil (orientação original com o leste para cima) no mapa conhecido como Kunstman III (1503). (*Mapas Históricos Brasileiros*, p.7) Direita: Detalhe do mapa de Martin Waldseemüller (1517). (*A Cartografia Impressa no Brasil*, p.29).

A ideia das navegações realizadas à América também estava presente nos elementos figurativos. Um exemplo disso, além da caravela no mapa de La Cosa, são as

comer. E comem a carne e todos os miolos, pois dizem que, se as carnes deles apodrescessem e se formassem bichos e estes morressem depois de fome, a alma do finado padeceria com isso grandes penas. Recolhem depois os ossos, guardam-nos numa arca muito enfeitada e levam-nos para umas caravelas, na montanha, tão escondidas que nenhum corvo ou animal as pode descobrir. E, se podem, apanhar um homem que não seja da região e matam-no para em seguida o comer, o que é um horrendo costume. Deixemos este triste reino e internemo-nos no de Lambrini.” POLO, Marco, *Op. Cit.*, p. 197.

¹⁰⁷Gillermo Giucci mostra que o canibalismo teve suas origens nos relatos medievais de terras distantes na Ásia (como exemplificado na nota anterior) e apresenta a maneira como os europeus, no século XVI, se valeram disso para desqualificarem os povos nativos inserindo-os na ideia de barbarismo. Assim, se justificava a exploração dessa mão de obra para a empresa colonial europeia na América. GIUCCI, Guillermo, *Op. Cit.*, p. 96.

¹⁰⁸ Sobre a presença do canibalismo e o imaginário europeu, Yobenj Aucardo Chicagana-Bayona possui um interessante estudo. Nele, o autor estabeleceu um paralelo entre as representações de canibalismo nos mapas e livros sobre a América e sua origem baseada em uma longa tradição que remontava aos mongóis. Também existiam casos em que as representações destes atos em nada tinha relação com o ritual dos nativos americanos. Como pode ser observado no exemplo das árvores com partes humanas: “La representación de árboles con miembros humanos colgados de brochetas de carne humana presentes en los mapas de Martin Waldseemüller y Lorenz Friez va a invadir e influir las imágenes de la cartografía del siglo XVI. La costumbre de colgar partes humanas en los árboles no tendría un sustento etnográfico. Los relatos hablan siempre de carnes colgadas en las casas y no en los árboles. Creo que la respuesta a este dilema puede ser hallada en el proceso de transformación operado en la imagen a partir de copias sucesivas.” CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo. “Los *inclusi* del Nuevo Mundo: cartografía y canibalismo en el siglo XVI” In: BECERRA, Virgilio; VIGNOLO, Paolo (edts). *Tierra Firme: El Darién en el imaginario de los conquistadores*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias Humanas, ICANH, 2011, p. 114.

quatro caravelas presentes no mapa de Píri-Reis (1513) (Figura 13) e em outros mapas.¹⁰⁹ Mas, diferindo dos outros exemplares, o cartógrafo turco inseriu, na costa amazônica, uma série de elementos figurativos. Existe um ser sem cabeça e com a face no tronco, e animais diversos que remetem ao imaginário medieval sobre o continente antípoda. Estes homens com olhos e bocas na região do peito estavam presentes no Medievo e habitariam regiões marginais. No mapa dos Salmos (Figura 3), citado anteriormente, existe, no canto esquerdo, o mesmo padrão de representação. Isto é um indício de uma herança figurativa. Estes mesmos modelos seriam resgatados, ainda no final do século XVI, nos mapas baseados nos relatos de sir Walter Railegh.

Portanto, num primeiro momento de construção imagética do Novo Mundo, em que o rio Amazonas apenas aparece conjecturalmente, os elementos figurativos de animais, indígenas¹¹⁰, florestas e outros, alcançam grandes espaços no interior do, ainda em levantamento, continente sul-americano. As terras ainda eram, na sua grande maioria, desconhecidas. Assim, não constam destaques regionais específicos nestas representações, como da floresta amazônica.

Em um segundo momento de representações passa a ocorrer formas singulares nos vários cantos destes mapas. No caso da cartografia da região amazônica haveria um prenúncio de especificidades figurativas.



Figura 13 Carta de Píri Reis (1513). (*Mapas Históricos Brasileiros*)

¹⁰⁹ Um registro da atividade europeia nas costas do Novo Mundo. E, como o imaginário europeu associava sua relação com o novo espaço pelo meio marítimo.

¹¹⁰ Em relação aos indígenas e a sua representação específica, o estudo do pesquisador Ronald Raminelli é uma grande contribuição. Sua pesquisa versa sobre a forma como os indígenas foram vistos pelos colonizadores europeus. Inclusive sobre a pluralidade da sociedade indígena. Ele também propicia um cruzamento entre a forma textual e iconográfica de descrição dos indígenas. Ver: RAMINELLI, Ronald. *Imagens da Colonização: a representação do indígena de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

Uma representação que se destaca é o mapa anônimo espanhol, produzido no ano de 1523, onde se retrata no interior do continente americano uma floresta e, no canto direito desta, duas aves (Figura 14). Poder-se-ia pensar em uma pré-figuração da floresta amazônica; no entanto, além da área abrangente superar e muito a região, no momento não havia conhecimento suficiente para uma compreensão das diferenças entre os diversos ecossistemas da América do Sul, o que impossibilitaria tal associação.

Na mesma década, o exemplar espanhol produzido por Diogo Ribeiro (1529), considerado uma cópia do *padron real*¹¹¹ espanhol, também conta com árvores próximas ao norte da América do Sul, mas de forma isolada (figura 15). Existe, ainda, a presença de animais exóticos no noroeste, além da figuração de grandes caravelas na costa brasileira.

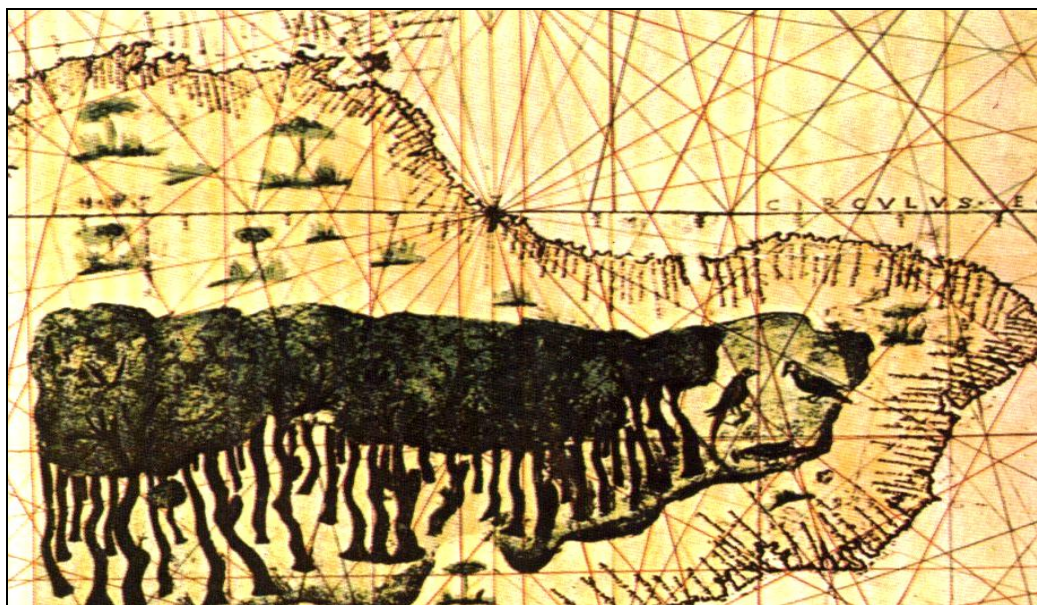


Figura 14: Anônimo, espanhol (1523). (*Mapas Históricos Brasileiros*, p.12).

A presença de figurações que remetem a sociedades indígenas aparece na carta atribuída ao francês Pierre Descelier (c.1542) e em Harleian (1547), mapa anônimo, talvez português. Elas demonstram um conhecimento muito maior, em relação aos exemplares anteriores, das sociedades indígenas americanas. O primeiro exemplar (Figura 16) coloca os indígenas com seus arcos em posições mais ligadas ao que seria a guerra, além de habitações características de madeira e palha. O segundo exemplar supera o primeiro na figuração dos índios. Pois, aparecem em cor parda, ao invés de

¹¹¹ Mapa espanhol que deveria abarcar todo o conhecimento do mundo até o momento de sua confecção. Para mais detalhes conferir terceiro capítulo.

branca, como no anterior. Nestes dois exemplares, aparece pela primeira vez, nesta série de mapas pesquisados, a inscrição “Canibales¹¹²” próxima à costa norte, a oeste do rio Marañon. A posição indicada, próxima ao rio, com sua repetição em exemplares posteriores estaria ganhando uma característica de toponímia. Ou seja, uma adjetivação dos índios estaria ganhando um status de localidade.

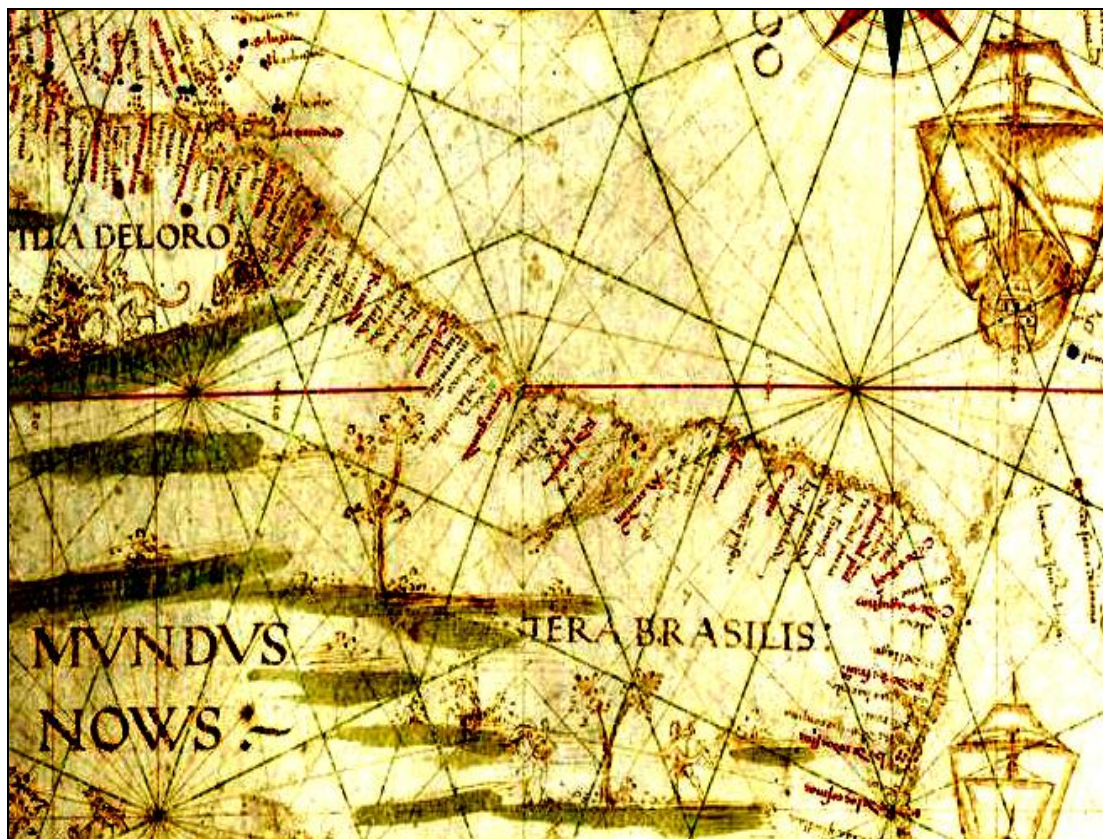


Figura 15 Direita: Detalhe do rio Marañon em Diogo Ribeiro (1529). (Biblioteca Apostolica Vaticana)

¹¹²A sobrevivência desse topônimo não deve fazer crer que existia apenas uma visão sobre os indígenas acerca do consumo de carne humana. No relato de Antônio Pigafetta sobre a primeira viagem de circum-navegação do mundo comandada por Fernão de Magalhães e, posteriormente, Sebastião D’Elcano há a descrição dessa prática mais próxima ao sentido dado pelos indígenas. Ou seja, compreendendo-a enquanto antropofagia, como demonstra este trecho do relato: “Os homens e as mulheres são fortes e bem conformados como nós. Comem algumas vezes carne humana, porém, somente a de seus inimigos. Mas não é por gosto ou apetite que a comem, mas por um costume (...)”. PIGAFFETA, Antonio. *A Primeira Viagem ao Redor do Mundo: o diário da expedição de Fernão de Magalhães*. Porto Alegre: L&PM, 1997, p. 54. Outro exemplo foi de Montaigne que mostrou como a crueldade feita pelos europeus poderia ser também qualificada de barbaridade: “(...) Não me parece excessivo julgar tais atos de crueldade [o canibalismo], mas que o fato de condenar tais defeitos não nos leve a cegueira acerca dos nossos. Estimo que é mais bárbaro comer um homem vivo do que o comer depois de morto; e é pior esquartejar um homem entre suplícios e tormentos e o queimar aos poucos, ou entregá-lo a cães e porcos, a pretexto de devoção e fé, como não somente o lemos mas vimos ocorrer entre vizinhos nossos contemporâneos; e isso em verdade é bem mais grave do que assar e comer um homem previamente executado.(...)”. MONTAIGNE, Michel Eyquem de. *Ensaio*. São Paulo: Nova Cultural, 1984.

O francês Pierre Descelier confeccionou outro exemplar em 1550 onde expôs novamente os indígenas próximos ao grande rio. As cenas de conflito ganham maior destaque no mapa vide as expressões. Isso poderia acontecer em razão das notícias de resistência de indígenas ao longo do rio Amazonas ou dos próprios nativos da costa do Brasil ou da América espanhola. Utiliza novamente o topônimo “Canibales” à esquerda da foz do rio. Seis anos depois, no exemplar do italiano Givanni Battista Ramusio (1550) existe a figuração de indígenas nas redondezas do rio Marañon. Mas nesse caso, o autor insere, junto aos indígenas, uma lhama. Animal comum nos Andes. A inserção deste animal andino em uma região da costa norte do Brasil demonstra que o autor desconhecia as particularidades da região americana, e, conseqüentemente, confundia seus elementos.

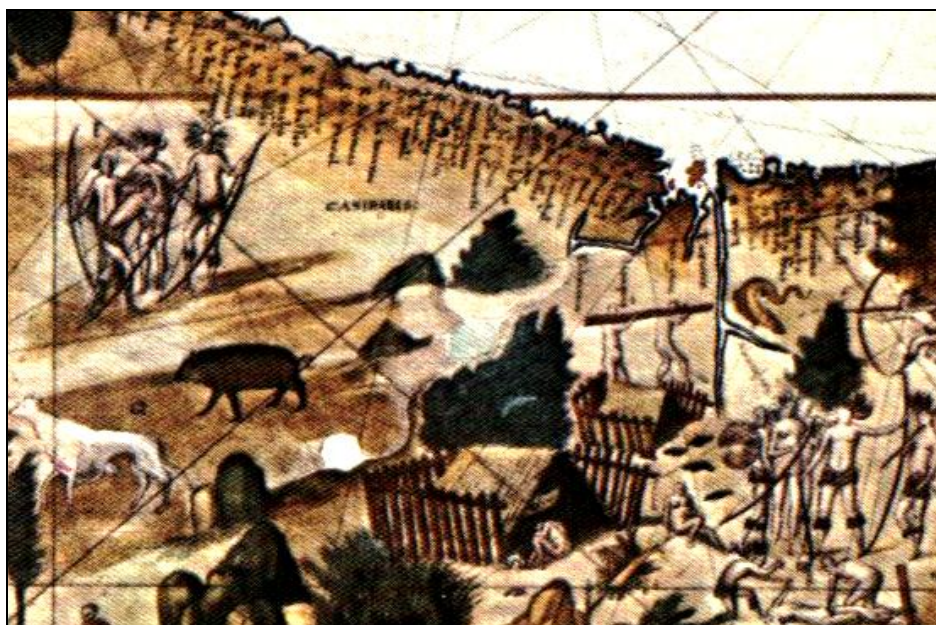


Figura 16. Indígenas no mapa-múndi de Pierre Descelier (c.1542). (*Mapas Históricos Brasileiros*, p.1542)

Uma figuração de destaque nessa série de mapas, que inauguraria uma terceira etapa, é de índias combatendo espanhóis no mapa de Sebastião Caboto (Figura 17). Esta cena de batalha é realmente diferente de outras. Justamente porque seu autor (como se verá no capítulo 3) foi explorador das novas terras e conheceu a realidade das Índias Ocidentais (América) quando realizou viagens ao longo do rio da Prata e rio Paraguai em busca de riquezas. Dessa forma, ele teve uma percepção diferente da alteridade americana. As duas nativas presentes na batalha têm cor parda (da mesma forma como no mapa já verificado, de data posterior, o mapa de Harleim) e enfrentam dois espanhóis com armaduras. Muito mais do que uma simples figuração, a cena remete diretamente a

influência do Medievo em outro aspecto, além da figuração de personagens. Ela é um registro, através da imagem, do encontro dos espanhóis com índias guerreiras. O combate e a própria associação destas nativas com as lendárias amazonas dos gregos marcou profundamente o imaginário europeu sobre o grande rio e a região. No entanto, Caboto teria sido o primeiro, e talvez o único, que registrou historicamente este confronto entre espanhóis e as “amazonas”.

Esta forma de utilização do mapa, como um registro de memória de um fato acontecido, era comumente realizada no período medieval, como visto anteriormente. A novidade é que essa função foi usada pela primeira vez em um episódio que se tornaria uma lenda americana. Talvez seja a figuração mais importante para a história da Amazônia, no século XVI, na cartografia. Somente em fins do século, outro mapa apresentaria as guerreiras índias com base no resgate feito pelo relato de sir Walter Raleigh. Porém, não com elementos de primeira mão do embate com os espanhóis.

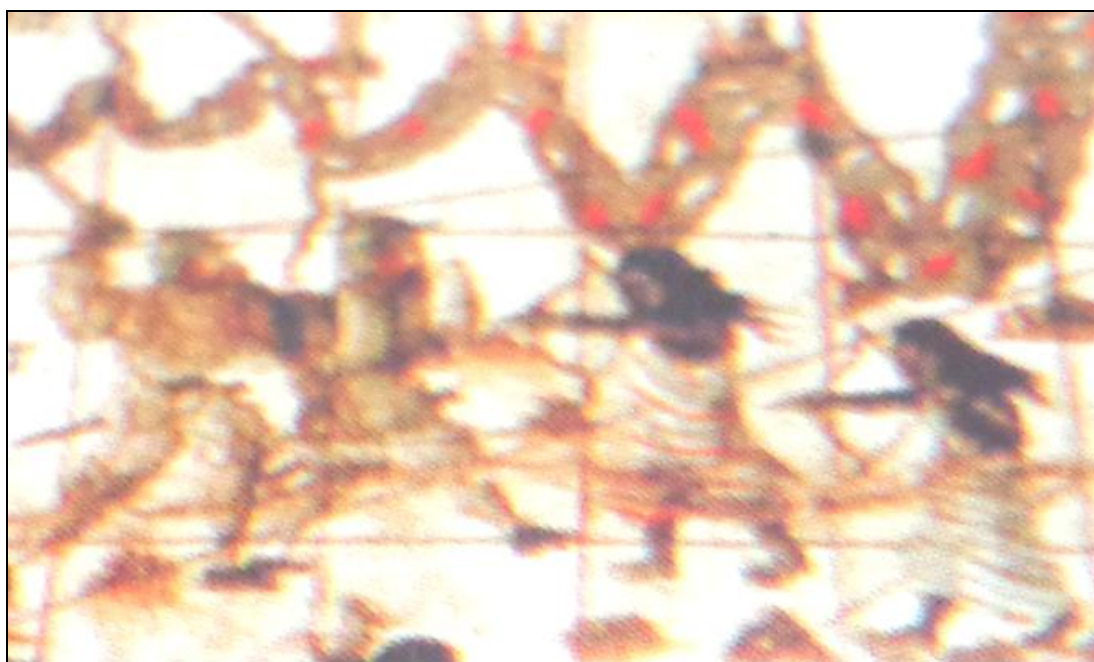


Figura 17 Confronto das amazonas e espanhóis próximo ao Rio das Amazonas no mapa de Sebastião Caboto (1544). (*História de um País Inexistente*, p.161)

A flora teve espaço nos mapas de Lazaro Luís (1563) e Diogo Homem (1568). No primeiro encontram-se três árvores ao sul do conhecido, à época, Rio das Amazonas. Na parte leste (ao sul na orientação contemporânea), uma grande árvore e duas menores, ocupam boa parte do mapa. No segundo (Figura 18) estão, à direita da foz do rio, quatro árvores e próximo a elas um nativo sentado. Também se destaca a toponímia “Canibales” e a representação de outro nativo (num tamanho maior que o já

mencionado) praticando o ritual do canibalismo, com uma perna humana em um espeto e outras partes penduradas em uma madeira.

O exemplar de Vaz Dourado (1573) apresenta, ao fundo, cenas de indígenas com arcos e flechas, ou outros instrumentos, e também há um animal, provavelmente um cachorro. Estes desenhos não são exclusividade da região próxima ao *Rio Amazonas*, mas estão presente em todo o mapa ao fundo. Já em André Thevet (1575) encontram-se retratadas uma série de pequenas árvores ao longo do rio Amazonas. Elas estão dispostas uma atrás da outra, como se estivessem em fila.



Figura 18: Os canibales na proximidade do Rio das Amazonas em Diogo Homem (III) (1568). (*Mapas Históricos Brasileiros*, p. 24)

No mapa de Arnold Florent van Langren (c.1595) existe a figuração de um animal, próximo ao que seria uma cadela, na margem esquerda do Rio das Amazonas (Figura 19). Em Ortelius (1595)¹¹³, a única menção figurativa dentre as percebidas anteriormente é a caravela presente próximo à foz do rio-mar (Figura 20). No mapa de Theodoro de Bry (1592) existe uma figuração de árvores próximas à margem direita do grande rio (Figura 21).

¹¹³ Uma importante presença da figuração que liga Ortelius à tradição clássica liga-se a personificação dos três continentes em mulheres no frontispício deste atlas reeditado em 1595, o *Theatrum Orbis Terrarum*. No caso específico da figuração da América, ela aparece como uma "(...) mulher impudicamente nua que jaz em baixo, com uma cabeça de homem cortada na mão e brandindo uma clava, a indicar que se alimenta de carne humana e que vive no estado de 'natura', isto é, na ignorância de qualquer forma de organização civil e política." TUCCI, Ugo. "Atlas". In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Casa da Moeda/Imprensa Nacional, 1997, p. 130.



Figura 19 e 20. Esquerda: Detalhe de um animal, possivelmente uma cadela e seus filhotes, e de povoações ao longo do rio de las Amazonas. Mapa de Arnold Florent van Langren (c.1595) Obs.: Orientação estapacial invertida do original. (Biblioteca Nacional). Direita: Mapa da América em Ortelius (1595). (Biblioteca Nacional)

Em fins do século, no mapa de Levinus Hesium (1599), aparecem índias guerreiras com seus arcos e flechas (associadas provavelmente às amazonas). Além delas, há índios guerreando com seus instrumentos, animais como o tatu-bola e monstros com a cabeça no peito ligados ao imaginário medieval revigorado pelas crônicas de sir. Walter Rilegh (Figura 22).



Figura 21 Detalhe de floresta a esquerda de Paguana no mapa de Theodoro de Bry (1592). (Biblioteca Nacional de Colombia)

Assim, quanto mais próximo a fins do século XVI, mais as figurações de animais, árvores, e navios vão diminuindo nos mapas. Além disso, a proporção delas também diminui. Ao passar do tempo, os mapas apresentam cada vez mais figurações menores e mais específicas. A região amazônica ganhou contornos mais particulares após a associação da região às amazonas gregas, a identidade mais forte presente nestas figurações¹¹⁴. Mas também se deve considerar as representações de indígenas e suas armas, outra consequência de experiências diretas que influem nas figurações. Portanto,

¹¹⁴ Apesar de a região ter ganhado importante identidade com o mito da batalha entre espanhóis e as amazonas, nos mapas verificados ao longo desta pesquisa, a influência decisiva permaneceu ligada à toponímia. Uma vez que apenas em dois exemplares aparece a figuração das índias.

em relação à figuração de personagens ou fauna, sua herança medieval estava presente ao longo de todo o século XVI.¹¹⁵ Poder-se-ia pensar numa maior renúncia das tradições do Medievo com o passar dos anos, mas o exemplo do mapa de Levinus Hesium demonstra que estes elementos ainda estavam presentes, em fins do século XVI, na descrição imagética do entorno do rio ‘das’ amazonas¹¹⁶.



Figura 22 Detalhe da Amazônia no mapa de Levinus Hesium (1599). (*O Brasil no Teatro do Mund*, p.158)

1.3.2. Símbolos referentes à povoação

Outra influência da cartografia medieval na cartografia renascentista seriam símbolos criados para indicar uma determinada povoação. Nos mapas do Medievo, esta identificação não era através de um ponto ou outro caractere, como utilizada atualmente. A representação era feita através de elementos característico da civilização ocidental em miniatura, como castelos, igrejas ou outros. Não necessariamente correspondiam à realidade exata das cidades ou vilas, mas em uma forma de representar as localidades.

¹¹⁵ Uma outra interpretação que poderia se retirar destas figurações assemelha-se a uma ideia de iconologia instituída por Erwin Panofsky. Para o caso dos mapas, o autor Paul Zumthor propõe esta interpretação. Segundo ele: “*Figuras humanas, animales, vegetales, edificios más o menos emblemáticos, perfiles aproximados de montañas, a modo de narradores se ocupan de la mediación entre el cartógrafo y su lector, en general para hablar de lo que el trazado no puede expresar: un barco relata el mar; animales y vegetales suelen hablar de zonas y de climas; los humanos (o un estandarte, escudo de armas) de naciones; y los edificios (en ausencia del punto, demasiado abstracto e inusitado en la cartografía premoderna), de los lugares que salpican y estructuran la geografía. Donde nosotros colocamos un punto, más o menos grueso, para representar París o Beaulieu-sur-Dordogne, el pictor coloca una iglesia, un castillo, o incluso un conjunto de edificios, no necesariamente copiados de la realidad: práctica que sigue siendo habitual en el siglo XVII y que encontramos en nuestros días con una función decorativa*”, ZUMTHOR, Paul. *La Medida del Mundo: representación del espacio em la Edad Media*. Madrid: Cátedra, 1994, p. 326.

¹¹⁶Essa reavaliação do mito das amazonas próximo ao final do século se deve em grande parte ao relato do inglês Walter Raleigh, *The Discoverie of Guiana*. Será abordado melhor no segundo capítulo.

Portanto, diferente do ponto anterior, que considerava figurações cobrindo parte considerável do mapa, este tem outro caráter, figurações com função de localização, destacar uma presença concentrada de nativos em determinado local.

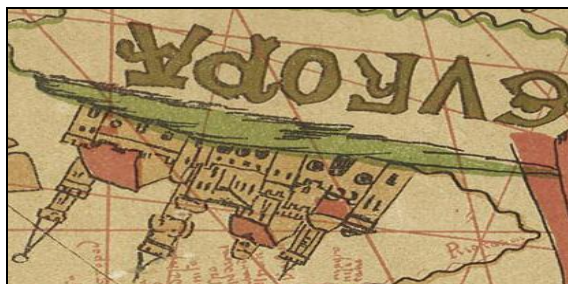


Figura 23. Detalhe da representação de castelos e fortificações em estilo de analogia (forma herdada do período medieval) na Europa no fac-símile do mapa-múndi de Juan de La Cosa(1500). Imagem invertida horizontal e verticalmente para facilitar visualização. (*Biblioteca Nacional*).

Nas cartas quinhentistas realizadas antes da década de 1540, abordadas nesta pesquisa, não existe nenhuma representação neste estilo nas proximidades do que seria o rio Amazonas e nem no próprio continente sul-americano. Talvez os cartógrafos ainda não associassem as populações indígenas americanas a estas formas de figuração¹¹⁷. No entanto, isso não significa que não fossem usadas em outros locais. Na maior parte dos mapas, ocorria a inserção de castelos, igrejas e outras construções para indicar as povoações cristãs ou mouras presentes nos continentes anteriormente conhecidos, Europa, África e Ásia, como demonstram os exemplares de La Cosa (1500) (figura 23) e do mapa anônimo dito de Cantino(1502) (figura 24).



Figura 24: Detalhe da representação de castelos e fortificações de estilo analógico no Sacro Império Romano Germano e em Jerusalém no mapa dito de Cantino (1502). (*Biblioteca Estense Universitaria*)

¹¹⁷Uma perspectiva adotada para a interpretação dessas formas de figuração é exposta por Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno. Ela menciona a linguagem dos mapas no século XVI referindo-se a eles como ligados a particularidade de cada autor. No entanto, como percebido nessa pesquisa, mesmo que a liberdade individual estivesse em voga, existem padrões que se repetem. Nas palavras de Bueno: “ Até então, ainda pouco padronizadas, as *cartas* manifestavam o estilo pessoal de cada cosmógrafo, já que se caracterizavam pelo predomínio das figurações livres e dos topônimos (...), visando preencher lacunas que atestassem o desconhecimento efetivo da região ou suprir a carência de códigos capazes de substituir palavras e imagens. BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Desenho e Designio: O Brasil dos engenheiros militares (XVI-XVIII)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Fapesp, 2011, p.307.

Para o caso da América em geral e para o caso do grande rio ‘das’ Amazonas, este tipo de representação surgiria na década de 1540. Talvez com influência direta da exploração de quase todo o rio realizada por Francisco de Orellana e seus companheiros que será tratada no capítulo 2. No exemplar de Sebastião Caboto (1544) existe a representação de construções com estilo europeu no que seria uma povoação indígena. É o mapa mais antigo da série investigada nesta pesquisa que apresenta uma referência deste estilo. No mapa de Pierre Descelier (1550) não existe nenhuma menção a povoação na região amazônica: a mais próxima encontra-se na cordilheira dos Andes, onde há a seguinte legenda acima da figuração: “La conquiste del Perou faicte par les spaignos” (Figura 25).



Figura 25 Povoação no Peru e inscrição sobre a conquista do Peru no mapa da América do Sul de Pierre Descelier (1550). (*Mapas Históricos Brasileiros*, p.15)

A acentuação desta influência pode ser percebida no mapa de Diogo Homem (1558): altas torres e grandes castelos encontrando-se ao longo do rio Amazonas. Nenhuma delas remete ao que seria uma habitação dos indígenas na época. Somente com o mapa de Lázaro Luís (1563) surge uma indicação de povoação, ao longo do rio, semelhante à moradia dos indígenas. As ocas desenhadas seriam um marco neste tipo de representação no século XVI (Figura 26).

O exemplar de Gerardo Mercator (1569) não partilha da inovação do último, e apresenta a povoação, ao longo do rio das Amazonas, com construções em estilo europeu em seu mapa-múndi. Abaixo da toponímia “Paguana” existe até uma construção alta com uma cruz associada a uma igreja. Esta forma de registrar populações nativas ao longo do rio e no próprio mapa iria ganhar outra forma de representação, com contornos modernos. Seguindo uma linha diversa da tradição

medieval, onde a analogia ao objeto estava presente na representação de algo, passaram a serem adotados pontos. No entanto, como se verá adiante, esta nova forma não substituiu a anterior, mas convivia com ela na maior parte dos exemplares.



Figura 26: Representação de povoação ao longo do rio das Amazonas no mapa do norte da América do Sul de Lázaro Luís (1563). (*Mapas Históricos Brasileiros*)

No mapa-múndi de Abraham Ortelius existem edifícios ao longo do grande rio, mas junto há uma marca circular vermelha. Este elemento está presente em todas as figurações (Figura 27) ao longo do rio. No exemplar do português Vaz Dourado não há menção a nenhuma povoação nas margens, apenas próxima à nascente, em uma lagoa, no Peru (Figura 28). Nesta representação e nas demais se encontra um grande ponto cinza que também seria usado como indicador de uma localidade. Porém, esta nova forma de referenciar por meio de ponto não foi seguido em todos os exemplares. No mapa de André Thevet (1575) os agrupamentos humanos foram marcados com formas europeias, sem a existência de nenhum ponto ou distinção diversa.



Figura 27 e 28. Esquerda: Detalhe da povoação Aiauirizama no mapa-múndi de Abraham Ortelius (1570). (*Biblioteca Digital de Cartografia Histórica da USP*). Direita: Castelo estilo analógico no Peru, próximo a nascente do Rio das Amazonas, no mapa da América de Vaz Dourado (1573). (*Mapas Históricos Brasileiros*, p.25).

Também não há representação de agrupamentos humanos nos mapas de Joan Martines (1582) e de Abraham Ortelius (1587). O primeiro apresentou inclusive uma figuração mais característica da Europa (Figura 29) com suntuosos castelos e a bandeira da Coroa espanhola. Esta estratégia de identificação de populações ao longo do rio remeteria à ideia de um domínio castelhano, pelo menos, ao nível cartográfico¹¹⁸. O segundo exemplar segue a direção do mapa do mesmo autor, de 1570, um desenho esquemático de construções europeias com um ponto vermelho (Figura 30).



Figura 29 e 30. Esquerda: Detalhe de representação de povoações com estilo europeu no mapa de Joan Martines (1582). (*Mapas Históricos Brasileiros*, p. 28). Direita: mapa-múndi de Abraham Ortelius (1587). (*Biblioteca Nacional*).

No mapa de Theodor de Bry (1592) novamente o rio-mar é marcado por indicações em estilo europeu e com um círculo branco (figura 31). Forma semelhante realizada no terceiro mapa de Ortelius (1595) (Figura 32). Os dois exemplares parecem seguir a mesma linha de representação. Porém, de Bry dá um contorno circular mais nítido à sua representação.

O mesmo estilo aparece nos mapas de Arnold Florent van Langren (c.1595), Joahann Bussemacher (1598) e Antonio Magini/Girolamo Porro (1597-1598). Com a diferença que no primeiro há a existência dos pontos de indicação da localidade juntamente com uma figuração. No segundo, apenas a figuração (Figura 44). E somente um ponto sem nenhuma figuração (Figura 45) aparece no mapa-múndi de Giovanni

¹¹⁸ Apesar da menção a bandeira da Coroa espanhola, não houve no período nenhuma dominação de terras amazônicas. A associação é muito mais no plano cartográfico do que um acontecimento efetivo na região. Uma estratégia política presente na cartografia. Inclusive as povoações portuguesas na costa do Brasil também aparecem com a bandeira. Pois, os portugueses estavam submetidos ao mesmo rei que os espanhóis durante a União Ibérica. Esta identificação poderia levar a estudos importantes sobre usos da política para marcar território na cartografia quinhentista.

Antonio Magini e Girolamo Porro. Não existem menções a povoação ao longo do rio Amazonas, somente em uma nascente de um dos seus formadores com um ponto vermelho. A mesma forma aparece no mapa de Barent Langenes (c.1596-1600), mas desta vez é utilizada ao longo do rio Amazonas (figura 33). Enfim, a utilização somente de um ponto, presente nos dois exemplares, poderia ser interpretado como uma forma moderna de identificação de uma localidade. Seria uma superação da forma simbólica medieval.

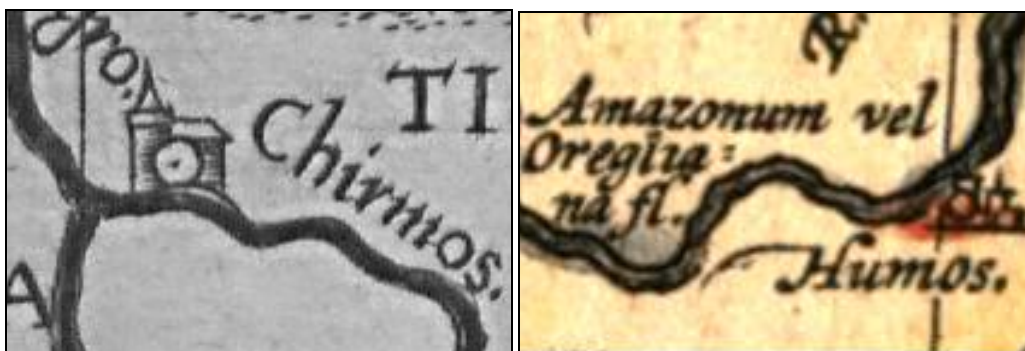


Figura 31 e 32. Esquerda: Detalhe da povoação de Chirmos em Theodoro de Bry (1592). (*Biblioteca Nacional de Colombia*). Direita: Povoação de Humos no mapa-múndi de Abraham Ortelius (1595). (*Biblioteca Nacional*)

Entretanto, é importante salientar que outros mapas não apresentaram nenhuma espécie de marcação para povoados ao longo do rio Amazonas ou nas proximidades. Isso ocorre no mapa da América de Pierre Descelier (1550), na carta de Sebastião Lopes (1558), em outro mapa de Diogo Homem (c.1558 e 1568), no mapa da América de Bartolomeu o Velho (1561), no mapa da América de Luís Teixeira (c. 1600); ou seja, a prática não foi unanimidade nos exemplares aqui verificados.



Figura 33: Figura de Barent Langenes (c.1596-1600). (*O Tesouro dos Mapas*)

Nos mapas que retratavam à América quinhentista, particularmente o rio das Amazonas, as localidades que se presumiam habitadas foram figuradas inicialmente através de castelos e igrejas, mas depois com formas mais próximas à realidade das

habitações dos nativos. Sua adoção e reprodução sistemática permite aproximá-las das padronizações do Medievo, que eram uma maneira de apresentar uma localidade sem sua especificidade, através de um modelo pré-estabelecido utilizado para todas as regiões do orbe. E, mesmo com o reconhecimento das características de habitação nativas, as figurações de populações se reconfiguraram atingindo novo padrão, que então lentamente foi sendo adotado na América. Esta estratégia poderia estar relacionada à impossibilidade por parte daqueles que desenhavam o mapa de verificação de todas as características de uma localidade. Isso não explica todo o problema, pois, uma forma neutra de identificação¹¹⁹ que também segue este objetivo, seria utilizada em fins do século, como mencionado anteriormente. Porém, chama a atenção para as referências à caracterização das habitações, tanto no momento de reconhecimento da América e ainda desconhecimento da maior parte do curso do rio Amazonas, pré-1540, como posteriormente, com ocas referindo-se as populações indígenas. Assim, poderia se afirmar que os cartógrafos utilizavam um referencial figurativo ligado a construções que representavam o poder político dentro de sua sociedade para designar os habitantes de um lugar. Nelas estaria uma parte das questões que a sociedade europeia valorizava. Certamente, um ponto importante que abre novas possibilidades de estudo.

1.3.3. Formas esquemáticas

O terceiro conjunto de influências do Medievo refere-se às formas esquemáticas gerais do Novo Mundo e do próprio rio ‘das’ Amazonas. Como visto anteriormente, na cartografia medieval houve uma esquematização das terras do orbe terrestre. Os três continentes foram simetricamente representados para estarem dentro da simbologia do pensamento daquela sociedade. No caso do rio das Amazonas e da própria América esta característica estava presente.

Como será visto no capítulo 2, de 1500 até meados de 1520, não existe consenso sobre a presença da representação do grande rio americano nos mapas. Aponta-se que estaria imerso no norte da América do Sul sem grande destaque devido ao seu conhecimento ser restrito. Assim, estaria na região costeira, ao norte da América do Sul, na forma esquemática inicial do continente.

¹¹⁹“Forma neutra de figuração” remete a uma representação nos mapas que não utiliza nenhum modelo de construção humana, como castelos medievais representando as vilas, ou igrejas, as cidades. Assim, um caractere como um “ponto” estaria neutro no sentido de não tender para nenhuma característica específica de um povo. Aqui residiria um aspecto moderno.



Figura 34 Mapa-múndi de Juan de La Cosa (1500). O continente americano aparece de uma forma cogitada.
(*Mapas Históricos Brasileiros*, p.6)

O mapa-múndi de Juan de La Cosa (1500) apresenta o Novo Mundo com uma forma esquemática (Figura 34). Nele encontram-se as terras descobertas pelos europeus até a data de sua feitura. As descobertas não cobriam toda a região gerando um desconhecimento grande em relação à configuração total. Mesmo assim, o cartógrafo espanhol conjecturou uma grande quantidade de terras para além daquelas descobertas. O continente ganhou grandes contornos e tamanho, superando até, proporcionalmente, os antigos. Esta forma de especular com as poucas “pistas” de exploração assemelha-se ao Medieval. Como exposto anteriormente e observado nos mapas esquemáticos e suas variantes, o sul do continente africano, o norte do europeu e quase a totalidade do asiático eram representados em uma base de suposições ligadas às terras e à própria população. Especulações de como seriam seus interiores e costas marítimas, e sobre monstros e animais exóticos.

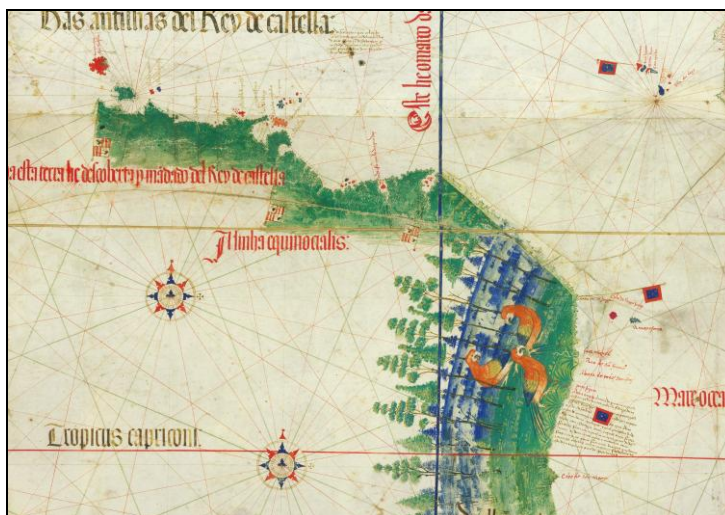


Figura 35 Detalhe da América no mapa anônimo dito de Cantino (1502). O continente apresenta apenas terras próximas à faixa litorânea. (*Biblioteca Estense Universitária*)

Entretanto, a forma esquemática não foi adotada universalmente pelos cartógrafos no primeiro quartel do século XVI. Os exemplares portugueses apresentaram a América de maneira diferente, como observado no mapa português anônimo conhecido como de Cantino (1502) (Figura 35), no mapa de Caverio (c.1502-1504) (Figura 10) e em Kunstman III (1503) (Figura 11). Nestes exemplares, o Novo Mundo foi retratado apenas na costa conhecida e uma pequena parte de terras para dentro. As partes desconhecidas, ao invés de serem preenchidas através de conjecturas, ficam sem nenhum preenchimento.¹²⁰ Era uma forma que se aproximava daquela adotada, séculos depois, pela cartografia positivista.¹²¹

A forma esquemática se generalizou no início do século XVI em outros centros. Como pode ser percebido no mapa do holandês Joannes Ruysch (1508): a América do Sul é apresentada como uma grande ilha, sem as conexões com a América Central e a América do Norte (Figura 36). Informações de expedições estão apenas na costa leste enquanto a parte oeste talvez fosse alvo de uma estratégia de inserir um texto para ocultar o desconhecimento do seu contorno. Outra retórica com mesmo objetivo foi utilizada nas bordas do mapa (ao sul) para não haver a necessidade de figuração de todo

¹²⁰ Talvez como mostrou Sérgio Buarque de Holanda, poderia se pensar nas diferenças de imaginário sobre a América e a própria conquista de territórios também nos contornos da cartografia. Pois, enquanto a portuguesa é muito mais “cética”, a cartografia de origem espanhola “conjectura” muito mais. Ver: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹²¹ Forma de cartografar onde não há espaço para figurações e especulações de qualquer ordem. Apenas o que seria derivado do “real topográfico” poderia pertencer a um exemplar cartográfico. Os mapas que usassem outros elementos, não derivados dessa matriz, eram considerados “retóricos” perdendo valor de cientificidade. Um exemplo são os elementos figurativos que estavam presentes na cartografia medieval como anteriormente exposto. Para mais informações ver nota 69 e também: HARLEY, Brian. Op. Cit., p. 61.

o continente. Ou seja, o Novo Mundo é representado apenas em três lados porque em um deles, cortado na extremidade inferior, retira a responsabilidade do cartógrafo de apresentar os contornos das terras desconhecidas nesta parte. Seria uma estratégia para não apresentar o contorno exato das terras sem suscitar uma sensação de falta dele. Muitos mapas medievais utilizavam esta estratégia, principalmente aqueles que apresentavam continentes desconhecidos (dos antípodas). E, como será apresentada no tópico seguinte deste capítulo, essa mesma estratégia poderia ser observada em alguns mapas baseados em Ptolomeu.

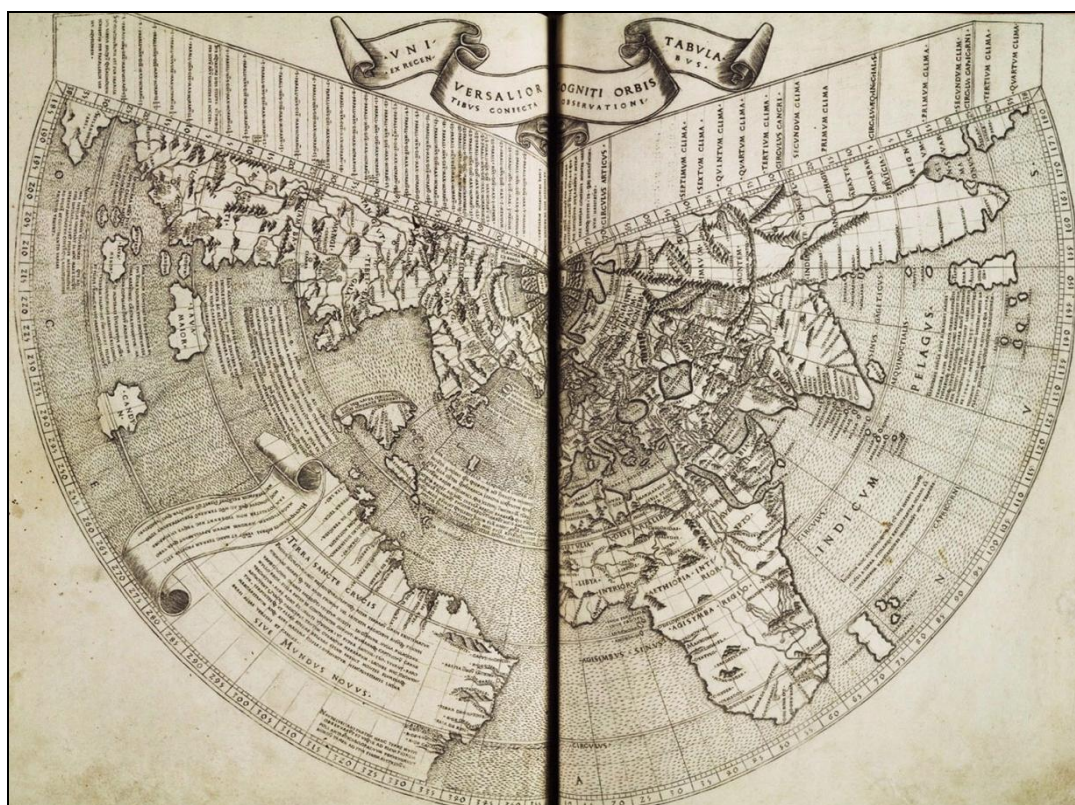


Figura 36 América do Sul esquemática lembrando uma grande ilha austral no mapa-múndi de Joannes Ruysch (1508). (*A Cartografia Impressa do Brasil*, p.32)

No exemplar do alemão Martin Waldesemüller (1513) existe uma espécie de combinação entre as duas estratégias citadas (Figura 37). Nele, o continente americano aparece com a costa leste e um pouco do norte representado com base nas expedições ibéricas. O interior é esquemático e preenchido com terras sem nenhuma toponímia, mas a especulação acaba junto com a parte da costa conhecida. Neste exemplo e nos anteriores poder-se-ia pensar principalmente na influência de dois modelos para a figuração da América: os mapas produzidos pelos portugueses e pelos espanhóis.



Figura 37 Mapa-múndi de Martin Waldseemüller (1513). O continente americano em forma esquemática. (Biblioteca Nacional)

No entanto, eles não foram uma unanimidade, como o exemplo de cartógrafos que ignoravam novas informações dos ibéricos. Mesmo com o prosseguimento das navegações, como a circum-navegação do globo realizada em 1521 por Fernão de Magalhães e Sebastião D'elcano, esquemas gerais para o continente americano ainda eram utilizados. No planisfério do italiano Benedetto Bordone (Figura 38), de 1528, o Novo Mundo é representado com poucos resquícios dos contornos providos dos conhecimentos da época.

Em 1531, no mapa de Orance Fine há especulação sobre o curso de um grande rio na América do Sul, sua nascente seria no centro-sul, interior do continente, e correria em direção ao norte. O nome dado é "Rio Grande", o mesmo utilizado pelos cartógrafos no início do Quinhentos para um rio na costa do Maranhão. Mas, por sua grande dimensão poderia estar associado ao Rio Amazonas, uma vez que, em mapas posteriores na mesma década, inúmeros cartógrafos cogitaram a grande extensão que o rio-mar possuiria por ter uma foz tão grande. Na maior parte das suposições, sua orientação seria sul/norte, com nascente em uma cadeia de montanhas no interior. Elas lembram as formas inauguradas em fins da Antiguidade e Medievo que, devido ao desconhecimento do sua extensão, inseriam montanhas próximas à costa como locais da nascente de rios.

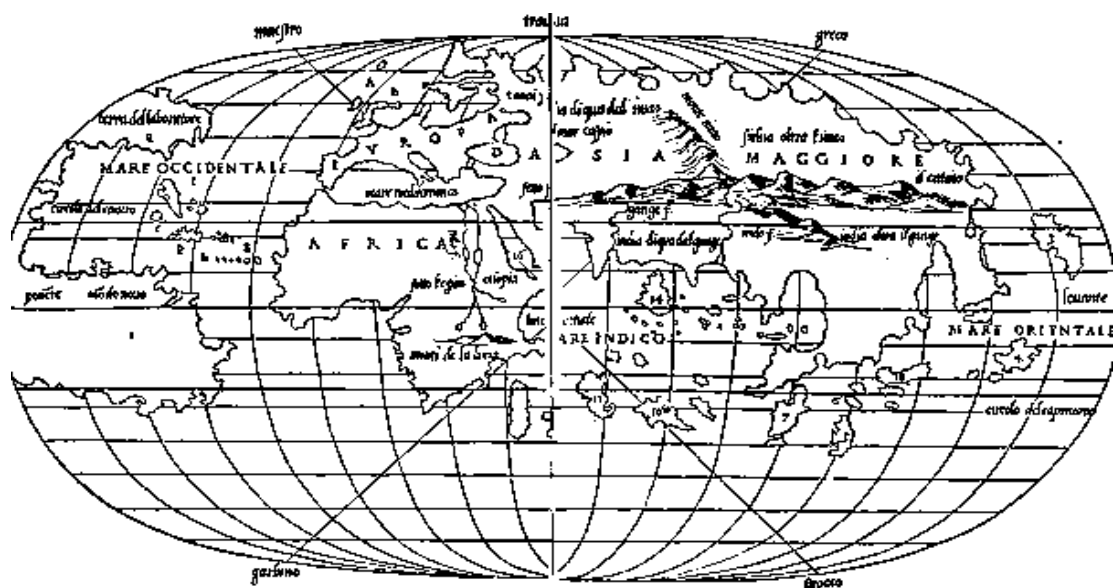


Figura 38 Planisfério de Benedetto Bordone (1528). A América, à esquerda, de maneira esquemática. (Biblioteca Nacional)

Quanto maior a aproximação de meados do século, mais os contornos do continente sul-americano ganhavam dados geográficos mais precisos obtidos através das navegações europeias. Alguns poucos exemplares ainda mantinham representações com grandes traços esquemáticos. Como o caso do continente americano no mapa de Sebastian Munster (1552) (figura 39) que ignorou o conhecimento divulgado nos principais centros cartográficos do “Imperador dos Rios”¹²² em sua representação.

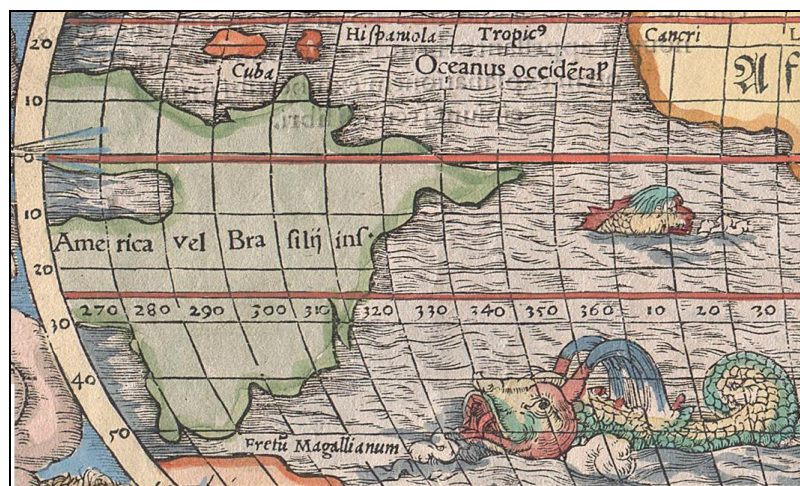


Figura 39 Mapa-múndi de Sebastian Munster (1552). América aparece com contornos longe do "real". (Biblioteca Nacional)

¹²² Segundo o historiador Auxiliomar Ugarte, esta designação do rio seria atribuída ao padre Joseph de Acosta, autor da *História Natural y Moral de las Indias*. Ver: UGARTE, Auxiliomar Silva. *Sertões de Bárbaros. O mundo natural das sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos – séculos XVI-XVII*. Manaus: Editora Valer, 2009, p.184.

Assim, apesar dos efeitos das novas explorações realizadas no continente e absorvidas variavelmente pela cartografia, a forma esquemática não foi abandonada nos mapas. Mas teria saído dos locais mais frequentados e passado para os interiores desconhecidos. Na segunda metade do século, os padrões de representação utilizados para o Rio das Amazonas, mesmo com as expedições, não derivavam exclusivamente de informações com base no real topográfico, mas ainda permaneciam formas esquemáticas tributárias do Medieval. É o caso da figuração serpenteada do rio que se generalizou nos exemplares europeus após a primeira expedição que navegou quase completamente o rio¹²³.

O primeiro cartógrafo conhecido a estabelecer este esquema foi Sebastião Caboto em seu *Mapa-Múndi*.¹²⁴ As informações que poderia dispor não permitiriam realizar uma representação com base em um rígido levantamento topográfico (como o caso da costa americana), pois, possuiria dados seguros somente quanto à provável nascente, na região dos Andes, e a foz, a sudeste do golfo de Paria. O testemunho do cronista Frei Gaspar de Carvajal da expedição ao rio, em 1541, é sintomática da percepção que teriam os contemporâneos sobre a imensidão do gigante caudaloso sul-americano: “Desde o ponto em que deixamos Gonçalo Pizarro, já caminhámos mil e quatrocentas léguas, antes mais do que menos, e não sabemos ainda o que falta daqui até o mar.”¹²⁵ Um rio com este tamanho descomunal chegaria a ser, portanto, maior do que a distância de uma costa a outra da América do Sul. O motivo para não extravasar o continente seria devido às tantas voltas ao longo do seu curso. Seria de supor que a forma esquemática simples adotada por Caboto, o Amazonas como serpente, foi como o seu imaginário conciliou as poucas informações de que dispunha no período¹²⁶.

Esse padrão para o rio das guerreiras Amazonas se consolidou ao longo da segunda metade do século XVI através da reprodução por uma série de cartógrafos que

¹²³ Apesar da expedição de Francisco de Orellana ter percorrido grande parte do rio Amazonas das proximidades de Quito até a foz do Amazonas, o rio principal não chegou a ser navegado próximo as suas nascentes correspondendo hoje ao que seria o rio Ucaiali no Peru/Bolívia.

¹²⁴ Existem estudos sobre os cartógrafos da escola de Dieppe que mostram representações primordiais da orientação do rio Amazonas no sentido Oeste/Leste. O cartógrafo Pierre Descelier é um dos seus representantes. No entanto, o padrão encontrado em Sebastião Caboto diverge destes modelos encontrados.

¹²⁵ CARVAJAL; ROJAS; ACUÑA, *Descobrimientos do Rio das Amazonas*. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1941., p.61.

¹²⁶ Aqui se menciona Caboto como aquele que confeccionou a obra. No entanto, faz-se uma ressalva quanto à questão da autoria. Os exemplares cartográficos poderiam contar com auxiliares nas partes ditas “artísticas” ou talvez no próprio “corpo” do mapa. Assim, estabelecer fielmente quem teria realizado cada parte em uma obra torna-se um exercício difícil de ser solucionado. Diante disso, toma-se o nome unicamente de Caboto e, porventura em outros casos de cartógrafos, mas consciente de que poderia ser uma obra produzida em conjunto com uma ou mais mãos.

inseririam pequenas variações. As cartografias portuguesa, espanhola, holandesa, inglesa e outras, em maior ou menor grau, partilharam o modelo. Em muitos deles, além da forma esquemática de serpente, o rio ganhou destaque em relação ao restante do território cartografado. Ocupou uma grande parte da região norte da América do Sul. Hoje, mesmo estando entre os maiores rios do planeta, jamais ocuparia proporcionalmente este espaço numa representação cartográfica. Essa forma e tamanho do rio, em relação ao continente, se assemelhavam as convenções do Medieval, em que os rios e mares, nos modelos T-O, eram distorcidos a um tamanho que não correspondia ao real.

Para facilitar a visualização deste padrão serpenteado do rio, ao longo de inúmeros exemplares quinhentistas, elaborou-se um recorte nas fontes cartográficas trabalhadas na região específica. Buscou-se preservar um tamanho semelhante e adotar a coloração preto-e-branco para poder-se perceber mais claramente como os diversos autores receberam e reproduziram o modelo. Ao final da exposição dos exemplares do século XVI, encontram-se dois outros recortes de fontes que extrapolam o período aqui pesquisado para efeitos de comparações. O primeiro, de Samuel Fritz do final do século XVII, trata-se da forma que superaria o padrão serpenteado, mais próximo de um “real” geográfico; o segundo, uma representação baseada em fotos por satélite obtidas através de um atlas de Geografia contemporâneo. Entretanto, esta comparação dos exemplares quinhentistas com os posteriores é muito menos para saber os pontos que os modelos serpenteados “erraram”, e, mais, para compreender a forma específica que o imaginário dos cartógrafos e dos próprios europeus reproduziram e tornaram parte da sua realidade imaginária o rio das Amazonas. Qual a forma aceita na época e como ela foi sendo reproduzida? Seguem-se os recortes referentes ao Rio das Amazonas em algumas fontes¹²⁷ do período em uma ordem cronológica partindo do ano de sua primeira figuração serpenteada (1544):



Figura 40 Sebastião Caboto (1544). (Norman B. Leventhal Map Center at the Boston Public Library)

¹²⁷ Os outros recortes da representação serpenteada encontram-se em anexo, no final desta dissertação.



Figura 41 Sebastião Lopes (1558). (*Mapas Históricos Brasileiros*, p.18)



Figura 42 Diego Gutiérrez (1562). (*A Cartografia Impressa do Brasil*, p.61)



Figura 43 Abraham Ortelius (1587). (*Biblioteca Nacional*)



Figura 44 Luís Teixeira (c.1600). (*Mapas Históricos Brasileiros*, p.30)

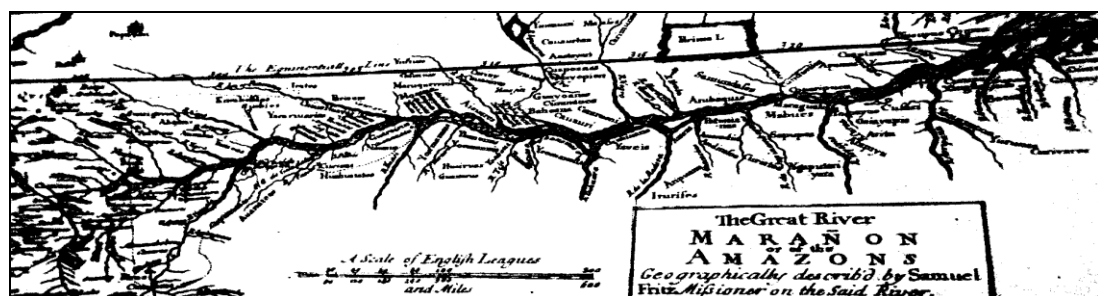


Figura 45 Samuel Fritz (1691). (*O Tesouro dos Mapas*)

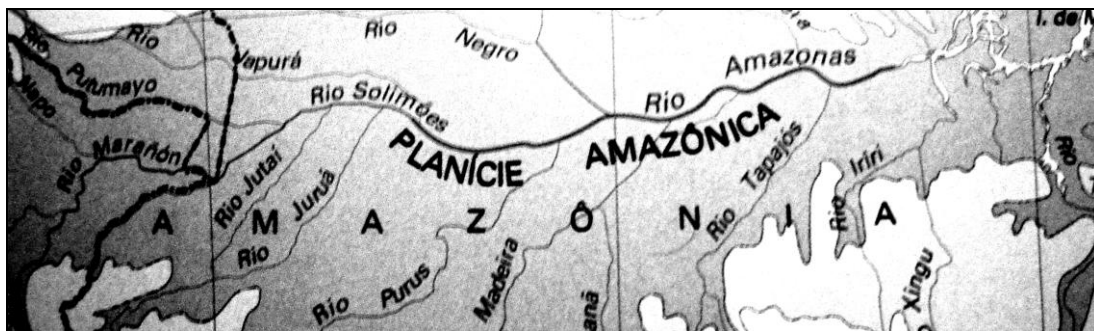


Figura 46 Detalhe do Rio Amazonas no Atlas Geográfico Saraiva (2013). (*Atlas Geográfico Saraiva*). A nascente do rio continua para além desse mapa no canto sudoeste. Porém, como o foco dos mapas anteriores foi essa área, optou-se por mostrar apenas o enfoque que eles mostram. Mas, lembrando, a nascente do rio provém dos Andes.

Dos trinta e sete mapas pesquisados após o ano de 1544, data da confecção do mapa-múndi de Caboto, até o ano de 1600, vinte e seis exemplares reproduziram com pequenas variações o modelo serpenteado, ou seja, 70% do total. Nenhum mapa do período (1544-1600) apresentou a região em branco, sem inserir o rio, como visto no início do século com os exemplares portugueses em relação ao continente americano¹²⁸. Isso poderia indicar que em relação à adoção de padrões esquemáticos, que no início do século os portugueses estariam mais avessos, na segunda metade, em relação ao rio ‘das’ Amazonas, isso não aconteceu. As explicações para tal fato poderiam remeter a diversos fatores: impossibilidade de verificação das informações que agora eram muito maiores e mais complexas; ou a tarefa árdua de navegar pelo rio-mar enfrentando os nativos; e ainda desbravar uma região fronteiriça entre os domínios portugueses e espanhóis como será verificado no capítulo seguinte. Outro ponto a considerar é que dentro das próprias intenções do cartógrafo, ou de quem o solicitou, a região do Amazonas não seria necessariamente o alvo específico de suas pretensões. Portanto, não haveria uma preocupação se o local estaria mais próximo de um real geográfico ou não. Apenas se repassou uma informação aceita no período. Esta particularidade do cartógrafo e sua sociedade para com a imagem cartográfica por ele realizada serão tratados mais detalhadamente no terceiro capítulo. Enfim, os motivos para reprodução do padrão seriam diversos e mais estudos poderiam ser realizados neste sentido.

Um dos possíveis caminhos seria investigar as raízes deste imaginário relacionado à serpente e sua analogia com o rio americano. O autor Luís Adão da Fonseca, em seu artigo intitulado “O imaginário dos navegantes portugueses dos séculos 15 e 16”,

¹²⁸Diogo Ribeiro possui um mapa da América de 1529 onde é representado apenas o contorno do continente. Ele é considerado o “primeiro mapa moderno” por não apresentar nenhum tipo de figuração retórica. Ou seja, elementos derivados de representações como homens, castelos, natureza ou elementos que a cartografia iluminista banuiu da cartografia.

trabalhou especificamente com o imaginário dos navegantes em relação ao oceano Atlântico. Em um dos momentos, o autor se refere ao maravilhoso monstruoso e cita, como destaque da época, as serpentes monstruosas que viveriam no oceano. Além delas, o próprio formato serpenteado estava presente na grande maioria dos monstros marinhos, e esta monstruosidade relacionava-se diretamente com sua dimensão. Um dos exemplos citados por Luís Adão foi o relato de Duarte Pacheco Pereira e sua experiência na costa da África e no Atlântico meridional:

E nesta terra há muito grandes cobras de 20 pés em longo e mais, e muito grossas; e além destas há outras cobras tão grandes que têm um quarto de légua de longo, e a grossura e olhos, boca e dentes respondem à sua grandeza; e destas há aí poucas, as quais têm tal natureza que, como são tamanhas como digo, logo se saem das lagoas onde se criam e vão buscar o mar; e por onde levam o seu caminho muito dano fazem; e as aves, como as vêm ir, são tantas sobre elas, que as picam, que é coisa que se não crerá, porque a carne destas cobras é tão mole que se não pode mais dizer, e tanto entram no mar todas se desfazem em água; e estas raramente aparecem, porque de dez em dez anos e mais se acontece ver uma destas; e isto é duro de crer a quem não tem a prática destas cousas a nos teme.¹²⁹

Neste relato fica evidente a presença das serpentes e sua forma no imaginário dos navegantes no oceano. Interessante é o momento em que uma determinada cobra adentra o mar e depois se transforma em água. Aqui, poder-se-ia estabelecer uma relação de imaginário com a própria representação do Rio das Amazonas. Nos mapas do século XVI, a representação serpenteada ocorria de uma maneira simbólica semelhante ao descrito por Duarte Pacheco. A serpente tem tamanho menor nas proximidades dos Andes e, à medida que segue no sentido leste, em direção ao mar, seu volume aumenta juntamente ao tamanho das ondulações. Em alguns exemplares, como de Diogo Homem (1558), ao encontrar o oceano, existe a forma de uma cabeça de cobra (figura 1). Desta forma, seria de conjecturar que as duas representações encontrariam semelhanças dentro do imaginário renascentista. A primeira influenciando indiretamente a segunda.

Mas nem todos os cartógrafos inseriram o rio com aspecto serpenteado em seus mapas, no século XVI. Em outras onze figurações este modelo não foi reproduzido. Em quatro delas houve a permanência de uma forma de figuração restringindo o rio apenas à borda na proximidade da costa norte, sem adentrar mais para o interior. São os mapas de: Gastaldi, 1548; Pierre Descelier, 1550; Girolamo Ruscelli, 1561 – mapa da América

¹²⁹PEREIRA, Duarte Pacheco. *Apud.* FONSECA, Luís Adão da. “O imaginário dos navegantes portugueses dos séculos 15 e 16” in: *Estudos Avançados*. São Paulo, n° 6 (16), 1992, p.46.

do Sul; e Ptolomeu¹³⁰, 1574. Em cinco exemplares também existiu a repetição de um padrão anterior à expedição de Francisco de Orellana, a ideia de que o conhecido rio Marañon tinha uma orientação sul/norte. Partilharam este modelo: Giocomo Gastaldi e Giovanni Battista, 1556; Girolamo Ruscelli, 1561 – mapa do Brasil; Paolo Forlani, 1562; Girolamo Ruscelli e Gastaldi Giacomo, c. 1565; e Paolo Forlani, 1565. No caso dos exemplares de Paolo Forlani (1562 e 1565), apesar de basear-se no esquema do rio sul/norte, ele acrescentou ligações fluviais com rios de grande orientação no sentido oeste/leste. O mais inusitado é a figuração serpenteada norte-sul adotada no mapa de 1565. Desta forma, ele rearranjou a sua maneira dois modelos de representação esquemática do gigante caudaloso, e criou uma nova forma. Seguem-se o recorte de alguns dos exemplares¹³¹ que não adotaram o modelo serpenteado após sua vigência:



Figura 47 Pierre Descelier (1550). (*Mapas Históricos Brasileiros*, p 16)



Figura 48: Mapa mostrando o rio Marañon com percurso sul/norte. Produzido por Giacomo Gastaldi; Giovanni Battista (1556). (*Brasil no Teatro do Mundo*, p.95).

¹³⁰ Apesar de estar assim nomeado no catálogo da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, seria uma edição moderna de Ptolomeu feita no século XVI. O mapa deve ter confeccionado para ser acrescentado às novas edições da *Geographia* publicadas na época. Ainda não se identificou o autor do mapa.

¹³¹ Os outros exemplares podem ser conferidos no Anexo.

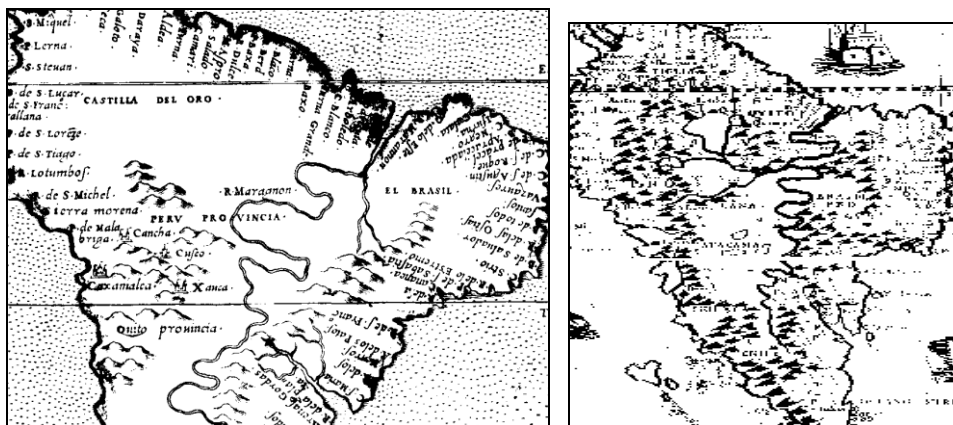


Figura 49 e 50. Esquerda: Girolamo Ruscelli; Gastaldi Giacomo (c.1565). (*Biblioteca Nacional da Colômbia*).
Direita: Paolo Forlani (1565). (*O Tesouro dos Mapas*)



Figura 51 Sebastian Munster (1584). (*Brasil no Teatro do Mundo, p.92 e 93*)

Portanto, o modelo inaugurado por Caboto em 1544 não foi universal. Ele influenciou grande parte dos cartógrafos no período, mas nem todos. Isso demonstra a existência de outros modelos que ainda se firmavam em suas posições. Poder-se-ia pensar em uma descrença no modelo do veneziano, ou talvez um desconhecimento, ou falta de atualização nesta região específica. De qualquer forma, isto ajuda a compreender que, no século XVI, a adoção de padrões de representação nos mapas não foi universal.

1.3.4. A toponímia

Por fim, o último exemplo de ligação com o Medievo das fontes aqui estudadas relaciona-se à toponímia da região do rio-mar sul-americano. Após o confronto com as índias guerreiras na expedição de Francisco de Orellana, próximo ao rio Tapajós, existiu uma associação hipotética delas com as lendárias amazonas da tradição grega. Para exemplificar esta percepção, recorre-se ao relato do cosmógrafo da época que visitou várias terras, inclusive o Brasil, Andre Thevet:

Foram tão proveitosas as jornadas dos espanhóis dos quais estávamos falando, que logo alcançaram a região habitada pelas amazonas. Ninguém contava com isso, pois os

historiadores jamais haviam mencionado tal coisa, já que não tiveram conhecimento dessas terras, só há pouco descobertas. Poder-se-ia argumentar que não seriam estas as verdadeiras amazonas, mas sou de opinião contrária, visto que o modo de vida dessas mulheres é absolutamente idêntico ao que conhecemos das amazonas asiáticas. E antes de seguir em frente, quero lembrar-lhes de que essas amazonas das quais ora tratamos vivem longe de todos, numas ilhotas que lhes servem de fortalezas, tendo como única atividade a guerra perpétua que movem contra certas tribos vizinhas, ou seja, procedendo de modo exatamente igual ao das amazonas que os historiadores descreveram. Essas belicosas amazonas americanas, isoladas e fortificadas em suas ilhas, sofrem constantes ataques por parte de seus inimigos, que alcançam suas ilhas em canoas ou outras embarcações, atacando-as sempre a flechadas. Elas, por sua vez, defendem-se corajosamente deste mesmo modo, enquanto vociferam ameaças, ululam e assumem as mais medonhas atitudes que se podem conceber. Seus escudos são feitos de cascos de tartaruga como se pode ver na ilustração.¹³²

O testemunho de André Thevet é um ponto chave para iniciar a discussão da própria questão suscitada nesse capítulo: a influência da tradição do Medievo e da Antiguidade nos mapas que representam o rio Amazonas. No início de seu texto, o autor testemunha a grande influência que a experiência possuía sobre os homens da época e como as novas verdades sobre o mundo superava a dos antigos. A frase em que afirma que os historiadores não sabiam de nada e não mencionavam tais terras que foram descobertas recentemente, é testemunha disso. Entretanto, a nova experiência não espantaria as influências que os tempos passados incidiam sobre o imaginário dos homens renascentistas. Pois, logo a seguir, Thevet afirma que as índias guerreiras que enfrentaram os espanhóis seriam, sim, as amazonas dos gregos. Este resgate de uma tradição de vários séculos do mundo Clássico também influenciou a forma como os europeus enxergavam o Novo Mundo que, em tese, não deveria estar relacionado a esse passado. No entanto, a associação aconteceu tanto no exemplo do relato de Thevet e outros cronistas quanto na cartografia, pois, ambos partilhariam de uma reestruturação de uma tradição anterior.

Após a expedição de Francisco de Orellhana, o rio que navegaram havia sido rebatizado com o nome do comandante da expedição que primeiro o desbravou¹³³, Francisco de Orelhana. No entanto, a força da tradição acabaria por suplantar essa nomenclatura e as anteriores (Marañon, Santa Maria de La Mar Dulce, Mar Dulce). Isto é exemplificado no quadro a seguir:

¹³² THEVET, André. *As singularidades da França Antártica*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978, p. 206.

¹³³ Isso seria o que gostariam que acreditassem. Pois, na década anterior houve um grupo de indígenas vindo da costa do Brasil que chegou ao Peru, por meio do Rio Amazonas. Depois disso, houve a expedição de Alonso de Mercadillo em busca das notícias de riquezas contadas pelos indígenas.

QUADRO 1: A TOPONÍMIA USADA PARA O RIO AMAZONAS DE 1544 ATÉ 1600.

DADOS CARTOGRÁFICOS (REFERÊNCIA)	TOPONÍMIA RELACIONADA ÀS AMAZONAS		Qt d	TOPONÍMIA RELACIONADA AO CONQUISTADOR	TOPONÍMIA ANTIGA		Qt d
	RIO DE LAS AMAZONAS (OU VARIANTES)	AMAZONES			MAR DULCE	MARAÑON	
1544 – CABOTO, Sebastião. (Norman B. Leventhal Map Center at the Boston Public Library)	Rio de las Amazonas	X	1	Orillana***	X	X	1
1547 – HARLEIAM (Biblioteca Nacional da Austrália)	X	X	0	X	X	Maranhan	1
1550 – DESCELIER, Pierre. (Mapas Históricos Brasileiros)	X	Amazou ou Amazon	1	X	X	Maragnon****	1
1556 - GASTALDI, Giacomo RAMUSIO, Giovanni Battista (USP)	X	X	0	X	Mar dulce	Marañon	3
1558 – HOMEM, Diogo. (Mapas Históricos Brasileiros)	BR	BR	0	BR	Mare aqui dulces	BR	1
1558 c. – HOMEM, Diogo. (Mapas Históricos Brasileiros)	X	X	0	X	Mare acue dulcis	X	1
1561 -VELHO, Bartolomeu (Mapas Históricos Brasileiros)	Rio de sã iohan de las amazonas	X	1	X	X	X	0
1561 - RUSCELLI, Girolamo. Costa do Brasil. (O Brasil no Teatro do Mundo)	X	X	0	X	X	Marannon f.	1
1562 – GUTIERREZ.	El grand rio de las amasones	Provincia de S. luan de las Amazonas	2	Oregliana	X	X	1

ANO/AUTOR	Referência a <i>RIO DE LAS AMAZONAS</i> (OU VARIANTES)	Referência a <i>AMAZONES</i>	Qtd	Referência a RIO DE ORELLANA	Referência a MAR DULCE	Referência a MARAÑON	Qtd
1562 – FORLANI, Paolo. (O Brasil no Teatro do Mundo)	X	Le amazone	1	R. de Oregliana ***** Oregliana*	X	Maragnon	3
1563 – LUÍS, Lázaro. (Mapas Históricos Brasileiros)	Rio das amazonas	X	1	X	X	X	0
1565 c. - RUSCELLI, Girolamo_ GASTALDI, Giacomo (Biblioteca Nacional da Colômbia)	X	X	0	X	X	R. Maragnon e R. Marannon	2
1568 – HOMEM, Diogo (II). (Mapas Históricos Brasileiros)	X	X	0	X	Mare a que ducis	X	1
1570 - ORTELIUS, Abraham (USP)	Rio de las amazonas	Amazones	2	Orellana*	X	Maragnon**	2
1571 – DOURADO, Vaz. (Mapas Históricos Brasileiros) ¹³⁴	Rio das Amazonas	X	1	X	X	O Maranh° *****	1
1573 – DOURADO, Vaz. (Mapas Históricos Brasileiros)	Rio Damazonas	X	1	X	X	X	0
1573 – TEIXEIRA, Luís. (Mapas Históricos Brasileiros). ¹³⁵	R. das Amazonas e R. das Amazonas	X	2	X	X	X	0
1575 - THEVET, André (USP)	X	X	0	Orelana*	X	Marannon	2
1578 – JODE, Gerard de. (O Brasil no Teatro do Mundo)	Rio Amasones	X	1	Oregliana*	X	Maragnon#	2

¹³⁴Esse mapa de Vaz Dourado não faz parte da seleção da pesquisa, pois, ele retrata o rio Amazonas apenas como fronteira. No entanto, a toponímia que ele utiliza é contemporânea aos exemplares aqui retratados e em relação a tradição do nome “Rio das Amazonas” ele é bem significativo. Por isso faz-se necessário sua presença neste quadro.

¹³⁵Esse mapa das Capitâneas Hereditárias insere-se na mesma questão do mapa de Vaz Dourado de 1571. Ver nota anterior.

ANO/AUTOR	Referência a <i>RIO DE LAS AMAZONAS</i> (OU VARIANTES)	Referência a <i>AMAZONES</i>	Qt d	Referência a RIO DE ORELLANA	Referência a MAR DULCE	Referência a MARAÑON	Qt d
1582 – MARTINES, Johan. (Mapas Históricos Brasileiros)	X	Amazones	1	Oregliana rio	X	Maragnon rio	2
1587 – MERCATOR, Rumold. (Tesouro dos Mapas).	Rio de las amazones	Amazones	2	Orellana (?)	X	Maragnon fl.	2
1587 - ORTELIUS, Abraham (Biblioteca Nacional)	Rio de las Amazonas	Amazones	2	Orellana*	X	Maragnon fl.**	2
1588 – MUNSTER, Sebastian. (Tesouro dos Mapas)	X	X	0	Oregliana e Oreg/am*	X	Maragnon fl.#	2
1592 - BRY, Theodoro de (Biblioteca Nacional da Colômbia)	Rio de las Amazonas	Amazones	2	Orellana*	X	Marannon Maragnon fl.** Maragnõ flu.**	3
1595 – ORTELIUS, Abraham (Biblioteca Nacional)	Amazon(a?)s flu.	Amazones Amazonum	3	Oregliana* Oregliana fl.	x	Rio Maragnone Maragnon flu. Maragnon fl.	5
1595 c. - LANGREN, Arnold Florent van (Biblioteca Nacional)	Rio de las Amazonas	X	1	Oregliana ***	X	Maragnon fluvius **	2
1596 - BENZONI, Girolamo. (O Tesouro dos Mapas)	Rio de las Amazonas	Amazones	2	Orellana*	X	Maragnon** Maragnon	3
1596 - 1600 c. – LANGENES. (O Tesouro dos Mapas)	X	X	0	Orellana*	X	X	1
1597-98 MAGINI, Giovanni Antonio; PORRO, Girolamo (USP)	Rio de las Amazonas	Amazones	2	X	X	X	0
1598- BUSSEMACHE R, J. (Bib. Naci.)	X	Amasones Amazonis	2	Oregliana flu.	X	Maragnone** Maragnon flu.**	3

ANO/AUTOR	Referência a RIO DE LAS AMAZONAS (OU VARIANTES)	Referência a AMAZONES	Qt d	Referência a RIO DE ORELLANA	Referência a MAR DULCE	Referência a MARAÑON	Qt d
1599 – HULSIUS, Levinus. (O Brasil no Teatro do Mundo)	Rio de las AMAZONES Rio de las Amazonas	Las Amazonum	3	Orellana Orellana fluvel	X	Maragnon	3
1600 c. – TEIXEIRA, Luís. (Mapas Históricos Brasileiros)	Rio das Amazonas	X	1	X	X	X	0
TOTAL	-----	-----	35	-----	-----	-----	50

*Neste caso Orellana refere-se a toponímia de uma localidade próxima a foz do rio e não propriamente ao curso do rio Amazonas; ** O Marañon (e variantes de nomenclatura) refere-se a um afluente do Rio Amazonas e não ao curso principal; *** Orellana mencionado como descobridor e não como nome do curso do rio; **** Corresponde ao Maranhão, rio dos portugueses com foz próxima a ilha da atual cidade de São Luís, e não possui conexão com o rio Amazonas; ***** Orellana como rio diverso da hidrografia do rio Amazonas ou Marañon; # Marañon como rio independente do rio Amazonas com foz no que seria o Maranhão dos portugueses; X = exemplar não apresenta nenhuma toponímia dessa raiz; BR= Baixa Resolução, não permite análise.

No quadro 1, pode-se perceber como os topônimos derivado de “amazonas” atingem cerca de quase metade de todas as designações do rio-mar ou de sua região disputando com outras. Estas derivavam: ou do nome dado na primeira expedição descobridora (Mar Dulce); ou do nome consolidado nas primeiras décadas pelos espanhóis (Marañon); ou ainda provindo do capitão da primeira expedição que adentrou o rio Amazonas, na altura de Quito, e atingiu o Oceano Atlântico (Orellana). Somadas, estas três nomenclaturas, representam pouco mais da metade dos termos utilizados. O que comprova que somente em conjunto rivalizavam com as de origem em “amazonas”.

Destacam-se também, em relação à grafia, dois pontos: o primeiro refere-se ao mapa de Gerard de Jode (1578). Nele há a presença da única designação do rio como *Rio Amasones*, ou seja, sem a presença da conjunção mais artigo “das” da forma como atualmente é feito. Mas estava longe de ser uma influência na época, como demonstra a continuidade do uso de *Rio das Amazonas* nos séculos seguintes; o segundo ponto, em relação à grafia, é a falta de um padrão para a escrita dos topônimos. Como podem ser observados no quadro, muitos mapas apresentam variações para o mesmo referente. A única ressalva da grafia diferente é do rio Marañon dos espanhóis e Maranhão dos portugueses, que será abordado com detalhes no segundo capítulo.

Outro ponto relevante relaciona-se à própria dimensão que o topônimo *Amazonas* ganhou em relação aos demais. Em muitas cartas passou a ter uma fonte de escrita maior em relação a outras que o destacavam chegando, muitas vezes, à mesma forma de escrita do topônimo *Brasil*. Isso é interessante para se perceber o sucesso desta nomeação da região, ainda no século XVI, e como ela se tornava, no plano da cartografia, uma região autônoma na América do Sul.

Portanto, a designação iniciada na década de 1540, com as índias guerreiras americanas associadas às amazonas gregas, em fins do século teria atingido uma série de mapas-múndi consagrando a lenda grega nas recém-descobertas terras. A herança da Antiguidade, passada através do Medievo, ganhava uma localidade concreta nos mapas do século XVI. A tradição estaria preservada sobre uma nova roupagem. Este aspecto, refletido juntamente ao estudo de Alfredo Cordiviola, poderia ser uma fonte importante de reflexão. Ao trabalhar com os *espectros da geografia colonial*, o autor analisou os mitos e lendas presentes no continente americano ao longo de sua colonização. Apesar de não constar diretamente as amazonas ou a região do rio das amazonas, uma de suas conclusões seria de grande importância:

Todos esses lugares, que compõem o catálogo do real maravilhoso [Manoa, El Dorado, Paititi, Cidade dos Césares, Cibola, Sete Cidades, Quivira], não deveriam ser pensados apenas como desvios ou anomalias da percepção, nem como iluminações e prodígios exemplares que ilustram uma hipotética essência do continente e definem sua ontologia. Não são apenas utopias que idealizam o vazio, as carências e as ausências com suas figurações compensatórias. Também não se limitam a ser meras armadilhas da ilusão favorecidas pela cobiça e o ócio dos conquistadores ou pelas fabulações ameríndias que expressavam, ou pareciam expressar, aquilo que os conquistadores queriam ouvir. Mesmo que possam ser vistos dessa forma, é importante destacar que estes lugares podiam existir, ou existiram, e conseguiram perdurar durante tanto tempo, não foi por serem sintomas da credulidade que imperava nos tempos coloniais, nem porque revelam as falsidades de um conhecimento precário ou os estereótipos de um imaginário desvairado. Foi porque se deu uma singular junção de saberes geográficos, revisões históricas, discussões filosóficas e teológicas que, enquanto permitiam postularam a existência desses espaços conjecturais, ajudavam a redefinir os limites do orbe e o lugar da espécie humana em um mundo que deixava de ser sustentado por certezas imutáveis e por verdades incontrovertíveis.¹³⁶

Assim, as amazonas, o seu rio e a sua região guardaram no século XVI toda esta aura de um conhecimento antigo revisado e transferido para a América. Mesmo que tenha sido fruto da imaginação de expedicionários, o importante é que o confronto hipotético gerou um novo ente geográfico na América e terminou por consagrar a lenda. A eficácia foi tamanha que dura até hoje mesmo que o seu sentido original tenha se perdido. O espaço americano se mostrava profícuo para despertar estes mitos.

¹³⁶CORDIVIOLA, Alfredo. *Espectros da Geografia Colonial: uma topologia da ocidentalização da América*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013, p. 25.

Portanto, as quatro linhas de influências do Medievo nas cartas renascentistas com a representação da América nas primeiras décadas do século XVI, bem como com o rio ‘das’ Amazonas, na segunda metade do século, evidencia como as relações com os modelos cartográficos ligados à tradição ainda estavam presentes. Além disso, as alegorias figurativas, inclusive a referente às amazonas, nas proximidades, também seriam indícios de uma ligação com o esquemático/simbólico medieval. Entretanto, não foi apenas a tradição das formas simbólicas medievais que influenciaram a cartografia renascentista, mas também os conhecimentos geográficos de autores clássicos¹³⁷, sintetizados por Claudius Ptolomeu, nos séculos I e II, revalorizados a partir do século XV.

1.4– A Revalorização da Geografia de Ptolomeu

Ptolomeu foi um sábio astrônomo, matemático e geógrafo que nasceu em Ptolemaida Herminou entre os anos de 85 a 100 d.C e viveu em Alexandria durante o governo de Marco Aurélio (161-180). Na grande Biblioteca desta cidade egípcia, realizou estudos nas melhores obras do período. Como resultados de práticas em Astronomia, ele escreveu um tratado chamado *Sintaxis Matemático* ou *Sistema Matemático* que, posteriormente, ficou conhecido como *Al-Magesti* (Almagesto). Uma grande fonte para a explicação dos movimentos dos planetas, da lua e do sol ao redor da Terra em forma de círculos conhecido como sistema ptolomaico. Esteve vigente quando, no século XVI, Copérnico, Kepler e Galileu desenvolveram a teoria heliocêntrica.¹³⁸

Após essas verificações da Astronomia, Ptolomeu resolveu compor a *Geographia*. A obra é uma compilação do conhecimento da Antiguidade sobre o orbe terrestre, apresentando o conjunto de cidades e vilas conhecidas e sua localização no espaço através do cruzamento de retas abstratas. As coordenadas leste/oeste e norte/sul dividiam o globo de duas maneiras: paralelas à linha do Equador, as latitudes; e ao Meridiano principal, as longitudes. Esta forma de representação do espaço através de

¹³⁷ Para saber mais sobre os autores clássicos e suas ideias sobre a terra e a influência em Ptolomeu e no próprio Renascimento ver: MICELI, Paulo. “O Renascimento e a lição dos antigos”. In: _____. *O desenho do Brasil no teatro do Mundo*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2012, p.33-45.

¹³⁸ PORTO, Carmem Manso. “La influencia de Ptolomeu en la cartografía de los Descubrimientos” in: *Semanas de Estudios Romanos*. Volumen XII. Valparaíso, Chile: Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, 2004, p.31-39.

pontos num sistema de coordenadas estaria, hoje, mais ligada ao que se entende por Cartografia, ao invés da Geografia. O Renascimento absorveu este sistema ptolomaico através da progressiva utilização das latitudes e longitudes.¹³⁹ Segundo Carmem Manso Porto: “Ptolomeu fue el primero en emplear los términos de latitud y longitud para situar los lugares en un mapa. Formó un sistema reticular de paralelos y meridianos distribuidos a intervalos regulares y calibrados em grados y estos divididos en minutos.”¹⁴⁰ Um sistema de grande influência tanto na localização espacial ao longo do globo, quanto a sua representação em uma superfície plana. Ptolomeu também influenciou os homens da época das Grandes Navegações com seus cálculos da circunferência da Terra. Sobre a origem dessa medida e suas consequências, aponta Gioia Conta:

Sabemos que él [Ptolomeu] se orientó por la medida de Posidonio, de 180.000 estadios (33.723 Km.) em lugar de la más correcta, calculada por Eratóstenes, de 250.000 estadios. Para Ptolomeu um grado equivalia en 50 millas em lugar de 70. La extensión del mundo conocido, desde las islas Afortunadas (Canarias) a Sera (China) cubría 180° de longitud en lugar de los verdaderos 130°. Nótese que en la carta de Ptolomeu, China, ubicada en el 180° meridiano, cubría una enorme masa continental, desde el círculo polar Ártico hasta después de la línea del Ecuador. Recordemos que hasta la época de Cristóbal Colón, permaneció la idea de que el continente asiático, que dieron a Colón la seguridad de poder alcanzar la India navegando hacia occidente.¹⁴¹

Assim, a ideia de que o tamanho da circunferência do globo seria menor do que realmente é influenciou decisivamente o pensamento de Cristóvão Colombo. Com base nos cálculos apresentados pelo alexandrino, treze séculos depois, o genovês organizou sua empreitada através do Mar Oceano. A *Geographia* de Ptolomeu, além da descrição do espaço conhecido e das informações sobre o planeta, apresentava as formas de representação da Terra em uma superfície plana, como a projeção cônica, cônica modificada, e a projeção plana, ortográfica ou retangular. Esta última configuração, influenciada por Marino de Tiro, tornou-se a base das representações da obra

¹³⁹ A princípio as ideias de Ptolomeu deram uma dinâmica nova à cartografia da época. Principalmente em relação à representação do interior do continente africano. Mas, também significou, de certa forma, um entrave à introdução de novos conhecimentos obtidos, inicialmente, com as navegações portuguesas. A autoridade de sua *Geografia* entrou em conflito com os conhecimentos práticos. E muitas vezes, as concepções de Ptolomeu prevaleceram. Somente com a intensificação do conhecimento do planeta, no século XVI, é que o autor clássico foi sendo superado. Porém, havia locais que somente no século XIX abandonariam às suas referências. Sobre a influência de Ptolomeu, ver: PORTO, Carmen Manso. “La influencia de Ptolomeu en la cartografía de los descubrimientos” In: MARCOS, Jesús Valera. *Juan de La Cosa: La Cartografía Histórica de los Descubrimientos Españoles*. Sevilla: Universidad Internacional de Andalucía, 2011, 27.

¹⁴⁰ Idem, p. 27.

¹⁴¹ CONTA, Gioia, Op. Cit., p. 37.

ptolomaica. Assim, um dos grandes sistemas utilizados para a projeção de mapas no Ocidente havia sido criado pelo mestre alexandrino.

A nova atenção ao pensamento ptolomaico ocorreu devido à leitura que os homens em fins do Medievo, no século XV, fizeram das suas obras. Na Alta Idade Média, seu livro refletiu como um manual prático para fazer mapas através dos modelos que a Antiguidade havia estabelecido. A forma de concepção do mundo divergia dos modelos estabelecidos pelos sábios medievais expostos anteriormente. Porém, em alguns aspectos ocorreu uma influência ptolomaica, como na ideia geocêntrica da Terra.¹⁴²

A revalorização¹⁴³ da obra do sábio se deu através de traduções ao latim por meio dos manuscritos gregos e árabes. A partir disso se difundiu na Europa a concepção da esfericidade da Terra, diferente da síntese bíblico-aristotélica¹⁴⁴, além do interesse em mapas traçados com coordenadas geográficas. Os árabes, de acordo com seus conhecimentos e com os da Índia, China, África e Espanha, melhoraram os trabalhos astronômicos de Ptolomeu ao longo das cópias manuscritas. Já no outro centro que preservou a obra, Bizâncio, se reuniram ao longo dos séculos X e XI mapas que teriam sido desenhados por Maximo Planudes. Estes são associados aos exemplares do período, hoje conservados na British Library, que chegaram ao conhecimento do Ocidente através de Manuel Chrysoloras (retirando de Constantinopla antes da conquista da cidade). Juntando essas duas fontes de reprodução com base do original, também ocorreu um acréscimo a cada nova edição, a partir do século XV, com novos mapas dando um conhecimento mais atualizado do mundo, ou seja, incluindo espaços desconhecidos para o grande astrônomo, como o caso da América. A difusão da *Geographia* estaria associada ao desenvolvimento da imprensa e das técnicas de gravação gerando uma expansão dos exemplares.¹⁴⁵

Desta forma, Ptolomeu contribuiu aos conhecimentos dos homens no século XV e XVI com seu tratado de representação cartográfica e seus sistemas de projeção. A adoção destas ideias fez com que reforçasse seu *status* de autoridade no período. Assim, o conhecimento produzido através das Grandes Navegações, em diversos momentos,

¹⁴²PORTO, Carmem Manso, Op. Cit., p. 27.

¹⁴³Aqui lembrar de que Ptolomeu não foi redescoberto, pois a própria ideia geocêntrica está ligada a ele. Ocorreu sim, um acesso às traduções e edições da *Geografia* iniciadas no século XV. Poderia se pensar que, ao invés de uma redescoberta, teria ocorrido uma revalorização da obra.

¹⁴⁴Na proposta ptolomaica, os continentes estariam em uma superfície esférica. Na síntese bíblico-aristotélica, como mencionado anteriormente, a superfície terrestre era plana, pois o restante de sua massa esférica estaria submersa nas águas. Ver p. 72-73.

¹⁴⁵Idem, p. 34 e 35.

embora não com a mesma intensidade, foi contestado em favor do alexandrino. Muitas vezes, os portugueses eram desacreditados em prol do sábio Antigo. Ao longo do descobrimento dos contornos do planeta, Ptolomeu era resgatado e novamente revalorizado em alguns períodos. Isso não diminui sua importância para a representação de partes do mundo que não foram exploradas ao longo do século XVI, como o interior da África e regiões interioranas da Ásia.¹⁴⁶ Assim, o autor clássico foi grande fonte para os conhecimentos do mundo no século XVI. Mas, sem um conhecimento direto da Amazônia e da própria América, como teria sido sua influência no caso específico desta pesquisa, a representação do Rio das Amazonas?

1.5- Ideias Ptolomaicas na representação do rio Amazonas no Século XVI

Antes de mais nada, deve ser considerado que o autor não conhecia a existência do continente americano. Em suas representações do orbe, haveria uma quantidade maior de terras (três continentes ligados entre si) do que água na superfície do planeta. O Índico seria um mar fechado devido a uma estreita faixa de terras que conectavam o sul da África com, o que seria hoje, a península de Málaca no extremo sul da Ásia. O mapa de Henricus Martelius produzido no século XV para uma das edições da *Geografia* de Ptolomeu adota o padrão do sábio, mas não exclui informações atuais provindas dos portugueses. Se dentro da concepção do autor estavam os três continentes conhecidos ligados entre si, não havia uma suspeita de outro.

1.5.1. Proporção de águas e terras e as coordenadas geográficas

Após o descobrimento da América, a sua representação em mapas do período renascentistas estaria recebendo algumas influências ptolomaicas. No mapa de Juan de La Cosa (1500) a desproporcionalidade da América, cerca de duas vezes a projeção dos outros continentes, poderia estar se remetendo indiretamente ao padrão do sábio grego com a presença de mais terras que águas no orbe. Esta influência fica clara pela própria descoberta da existência de outro continente no Mar Tenebroso. O cartógrafo Lopo Homem (figura 52) inseriu o continente americano dentro de uma projeção ptolomaica:

¹⁴⁶ALEGRIA, Maria Fernanda *et alli*, *Op. Cit.*, p. 29

as novas terras juntamente à Europa e África transformam o Atlântico em um mar fechado.

Outra influência de Ptolomeu foi a adoção das coordenadas geográficas (latitudes e longitudes). No mapa anônimo dito de Cantino(1502) e em Caverio (c.1504) elas ainda não estão presentes. No exemplar de Martin Waldseemuller (1507), esse sistema aparece, e poder-se-ia pensar que, como foi impresso e muito divulgado no período, o mapa poderia ter influenciado na adoção desse padrão. Mas é certo que a maioria das cartas produzidas posteriormente adotou essa configuração espacial.



Figura 52 Planisfério de Lopo Homem (1519). (*Mapas Históricos Brasileiros*, p. 10)

1.5.2. Rio Nilo ptolomaico e as suas lendas

Talvez a influência que poderia ser cogitada em relação ao grande rio sul-americano relaciona-se a forma como aqueles que reproduziram as ideias de Ptolomeu mapas estabeleceram o grande rio conhecido no mundo Antigo, o Nilo¹⁴⁷. Pois, da

¹⁴⁷ Aqui foca-se o rio Nilo porque sua representação nos mapas ptolomaicos é evidente. Acrescenta-se que havia rios, como o Amarelo na China, que possuíam uma dimensão tão grande quanto seu semelhante africano. Entretanto, o desconhecimento por parte de Ptolomeu de outros rios dimensão fez com que não ganhassem destaque. Entretanto, no século XVI, os cartógrafos tentariam equilibrar o orbe distribuindo os

mesma forma como este, na primeira década de conjecturas sobre o rio Amazonas, ele aparece com orientação sul/norte. Aliás, talvez poderia se pensar que a própria semelhança no formato do continente americano com o africano induziria a essa interpretação¹⁴⁸. Ou seja, mesmo que os cartógrafos não usassem conscientemente o rio Nilo como um padrão para o Marañon, isso estaria presente indiretamente em seu imaginário. Os dois estariam em terras semelhantes e espelhadas e possuiriam um grande volume de água. Portanto, a orientação poderia ser a mesma.

Ao comparar as representações dos gigantes hídricos, o rio Nilo possui forma diferente do rio das Amazonas nas nascentes. Aquele tem vários cursos de rio saindo de nascentes próximas aos Montes da Lua, que se encontrariam dando origem ao gigante azul africano. Por seu lado, o Amazonas tem origens em montes também; no entanto, é associado a apenas uma corrente de água formadora do rio.

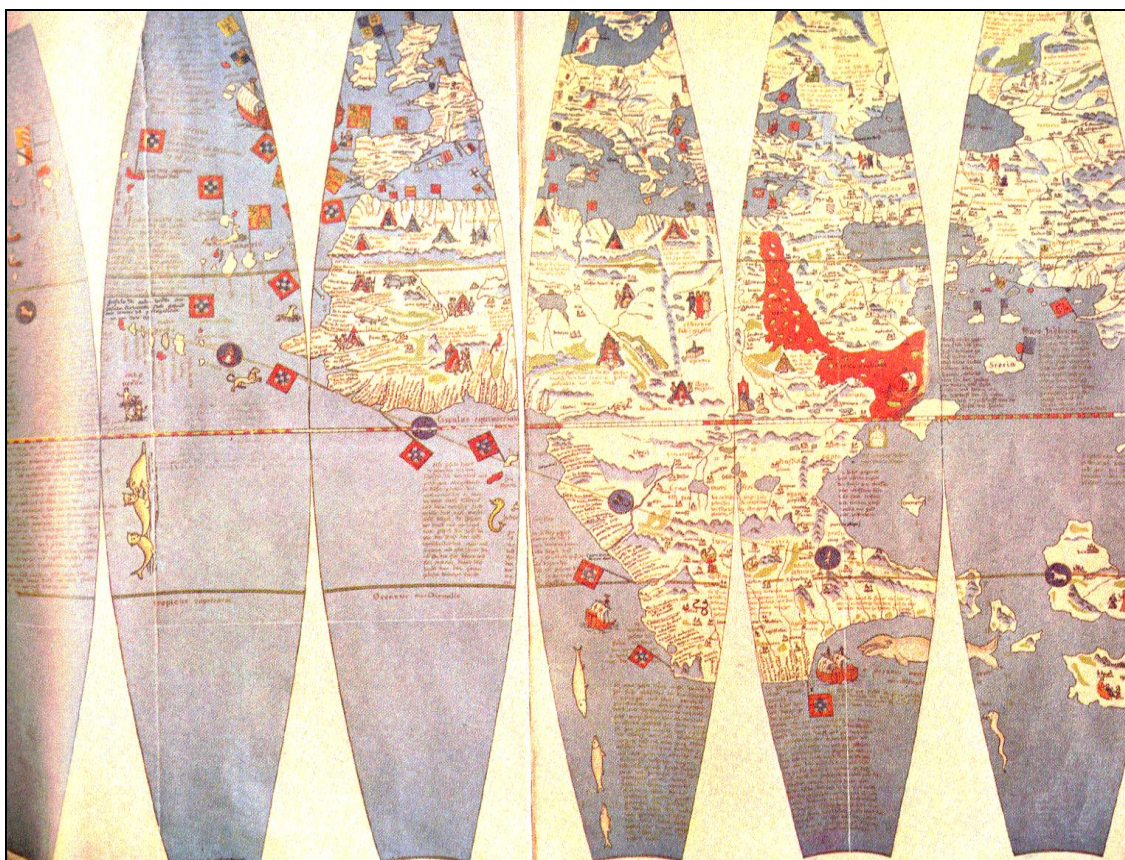


Figura 53 Parte do Globo de Martin Behaim (1492). (A Geografia na Idade Média, p. 247)

rios por todas as partes, criando certa harmonia global. Por isso, dever-se ia investir também em uma investigação deste ponto.

¹⁴⁸Ideia apontada pela professora doutora Maria de Fátima Costa da Universidade Federal do Mato Grosso em conversa.

Outra hipótese pensada para a influência dos mapas baseados em Ptolomeu relaciona-se ao padrão serpenteado que Sebastião Caboto inauguraria para o rio das Amazonas. O próprio rio Nilo foi representado serpenteado nos mapas ptolomaicos. Entretanto, as curvas do Nilo não atingiam tamanha intensidade e dimensão como do seu correlacionado americano. No mapa de Martin Behain (1492) (figura 53), o desenho da África filia-se ao sábio alexandrino, o rio Nilo apresenta algumas curvas ao longo de seu curso. De baixo para cima tem três nascentes nos Montes da Lua, no sudoeste, depois os cursos d'água se encontram. Após isso existem duas curvas maiores e depois apresenta pequenas oscilações até o encontro com o que seria o Nilo Azul (provindo da Etiópia). Depois, há cerca de quatro grandes curvaturas e prossegue quase retilíneo até seu delta no Mar Mediterrâneo (figura 54).

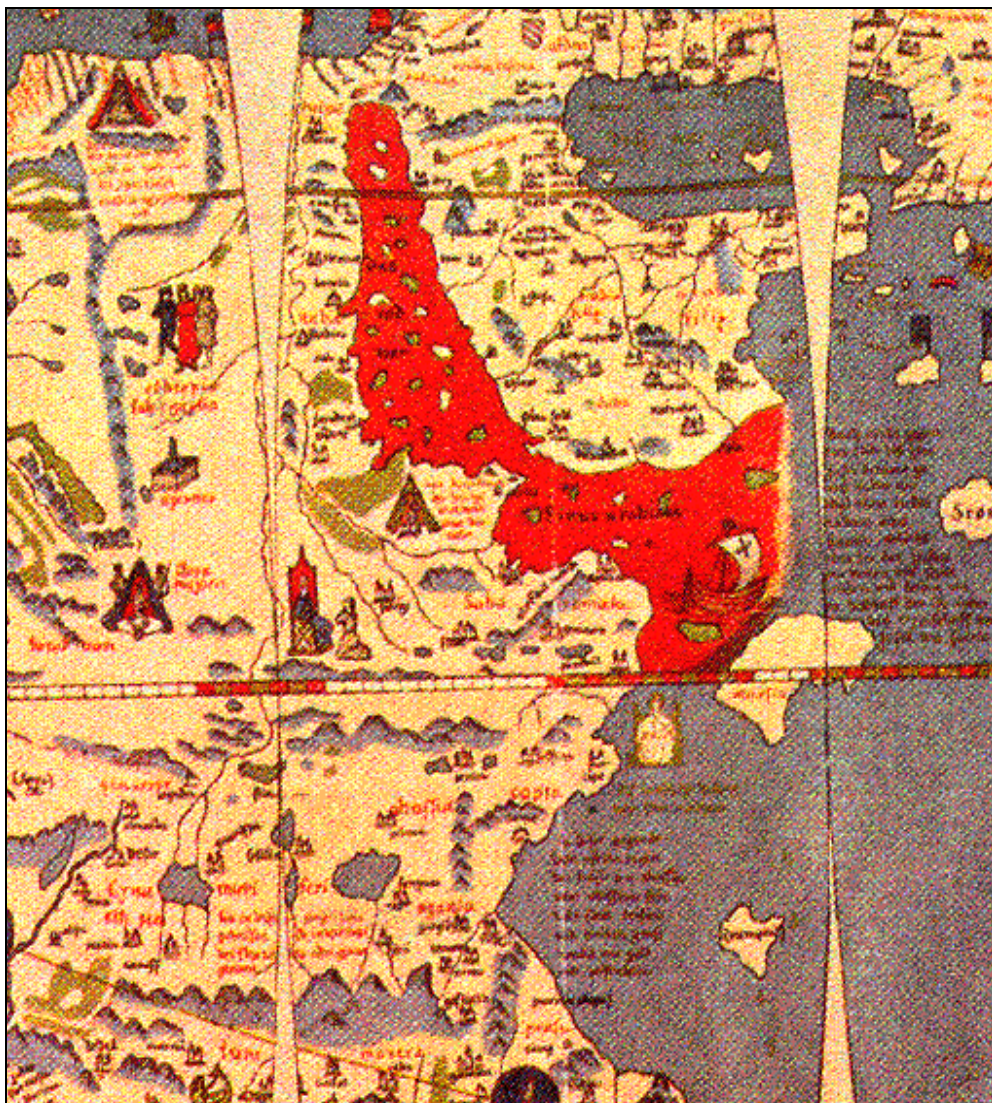


Figura 54 Detalhe do rio Nilo nascendo próximo as montanhas da lua (sul) e prosseguindo paralelo ao Mar Vermelho até a foz no norte do Egito. Com base em Ptolomeu, reprodução do mapa adaptado de Martin Behain (1492). (*A Geografia na Idade Média*, p.247)

Esta configuração do rio resgatada da descrição feita por Heródoto poderia levar a hipótese de que, de alguma forma, estaria presente dentro do imaginário de Caboto. Como, no caso do rio americano, as voltas seriam muito maiores, ele hipoteticamente pensaria em rio grande, “um Nilo”, com muito mais curvas. O mais interessante e sintomático é que o autor quinhentista faz o rio das Amazonas com uma espessura que nenhum outro rio alcança em seu mapa, nem o Nilo e nem o Amarelo, na China. Somente o Mar Vermelho lembra um pouco o formato e a grossura do rio, sendo aquele um pouco maior. Seria um reconhecimento feito a grandiosidade do “Imperador dos rios” descoberto na América.

Outro ponto ligado a interpretação e impressão baseadas em Ptolomeu e sua obra, no século XV, relaciona-se a questão da figuração de árvores e os padrões que ele estabeleceu para isso. Segundo Beatriz P. Siqueira Bueno: “A elaboração de convenções gráficas diferenciando espécies de árvores (...) foi introduzida pela edição ilustrada da *Cosmografia* de Ptolomeu, publicada em Roma em 1478.”¹⁴⁹ Desta forma, a interpretação do autor alexandrino também poderia ter influído, por meio de suas adaptações renascentistas, as representações da flora feita nos mapas quinhentistas, em destaque o continente americano e o rio Amazonas.

Assim, a influência recebida pelos cartógrafos e realizada em seus mapas quando representam o rio-mar estariam ligadas, primeiramente, a uma própria configuração das projeções ligada claramente ao modelo de orbe recortado em latitudes e longitudes. Segundo, os mapas das primeiras décadas se filiavam as suspeitas de Ptolomeu para a configuração do próprio volume de terras e águas na superfície terrestre. E, terceiro, a influência do Nilo ptolomaico, desenhado pelos cartógrafos renascentistas com base em Ptolomeu, poderia ser responsável pelas conjecturas acerca da orientação do rio americano. A curvatura que o gigante azul de África teve em representações baseadas no alexandrino especula-se que poderia, de certa maneira, ter contribuído para uma forma serpenteada do gigante caudaloso americano. E, por fim, as figurações de árvores e outros estariam diante da remodelação da própria herança do sábio de Alexandria.

1.6 – Conclusão

¹⁴⁹ BUENO, Beatriz Piccolotto, Op. Cit., p. 307.

A representação do rio Amazonas, ao longo do século XVI, não pode ser pensada sem a influência recebida do período Medieval e da Antiguidade Clássica interpretada pelos sábios renascentistas. Mesmo sem o conhecimento direto sobre a América ou o rio das Amazonas, uma série de símbolos e padrões herdados povoavam o imaginário dos homens renascentistas. As configurações esquemático-simbólicas do Medievo, marcadas pela grande força da Igreja, aliado ao conhecimento dos gregos esteve presente nos mapas. Como se buscou demonstrar, a figuração de indígenas e seus rituais antropofágicos, que tanto impressionou os europeus, além da fauna e flora exóticas, fizeram-se presente nas representações do rio Amazonas e, conseqüentemente, na própria América. Inicialmente, estas figurações alcançavam grandes dimensões e, aos poucos, com o conhecimento maior do Novo Mundo, tiveram seu tamanho reduzido, ao longo do tempo, e foram associados a partes mais localizadas. As amazonas nos mapas de Sebastião Caboto (1544) e Levinus Helsingium (1599) são exemplos. No primeiro caso, elas encontram-se próximas ao grande rio serpenteado americano em combate direto com os espanhóis, era a novidade da lenda grega relocada no Novo Mundo; já no segundo caso, as amazonas estão associadas às várias lendas americanas como do el Dorado. Tornam-se, assim, uma figuração que também origina o nome não só do rio, mas de um espaço fixo na cartografia do período.

Destacou-se também a relação padronizada herdada do Medievo para marcar os agrupamentos humanos nos mapas. Em princípio do século, eram utilizadas associações simbólicas relacionadas ao contexto europeu, como castelos, igrejas e outros, mesmo para locais de cultura diversa, como a África. A América inicialmente não partilhava dessa convenção, pois, era pouco conhecida. Porém, na última década antes da metade do século, o padrão europeu foi utilizado para marcar as povoações reais ou imaginadas ao longo do então denominado Rio das Amazonas. Entretanto, alguns exemplares inseriram símbolos mais próximos ao contexto dos indígenas, como as ocas, para referirem a suas povoações. Acrescenta-se também outra mudança no período referente a variação das legendas indicativas de redutos humanos, que passaram a serem indicadas também por pontos. Isso seria um indício de um padrão próximo a cartografia positivista, estabelecida séculos depois, indicando um caráter moderno.

Outro ponto importante suscitado foi o aspecto esquemático utilizado para representar a América nos mapas renascentistas até a década de 1550. Diversas foram as formas do continente em cada mapa. Contando, na maioria das vezes, com recursos esquemáticos e simbólicos para um preenchimento de espaços desconhecidos. O rio

Amazonas estava inserido nessas conjecturas e era alvo de especulações de todo o tipo. Após a primeira viagem que percorreu quase todo o seu curso, realizada por Francisco de Orellana em 1541-1542, o conhecimento sobre o rio aumentou consideravelmente. A orientação, dimensão e seus habitantes foram divulgados pelos exploradores. No entanto, estas informações, além de pouco precisas, não eram suficientes para uma representação do rio com sua topografia “real”. Sendo assim, Sebastião Caboto inaugurou com os dados que dispunha, em seu mapa de 1544, a forma serpenteada para o rio das Amazonas. Na sequência, a maioria dos cartógrafos reproduziram este modelo. Esta especulação sobre o formato do rio e sua conseqüente reprodução aproximam-se das convenções simbólico-esquemáticas medievais. Da mesma forma com que os mapas T-O reproduziam padrões esquemáticos, com o modelo estabelecido a partir de Caboto exercia influência também padronizada. Assim, no século XVI o simbólico-esquemático medieval pouco a pouco se afastava dos contornos do continente americano, mas passaria a estar presente no interior dos continentes, como no caso do gigante caudaloso.

Ainda em relação às heranças cartográfica do Quinhentos recebidas do Medievo, acrescenta-se a força da toponímia de origem grega *Amazonas*. Mesmo com a existência de nomenclaturas para o rio originárias das primeiras expedições ao rio (como de Vicente Pinzón) ou aquela estabelecida pelos expedicionários espanhóis, rio de Orellana, a versão *Rio das Amazonas* se consolidou. A exclusividade da denominação não foi restrita ao rio, mas ganhou status de local ao norte da América do Sul. Em alguns exemplares, a fonte das letras usadas era do mesmo padrão que aquelas para a região do *Peru e Brasil*. Isso permite concluir o poder que o nome de origem grega, reforçada na Idade Média, atingiu. Ao rivalizar com outros nomes de raízes recentes (Mar Dulce, rio de Orellana, Marañon), o poder do termo grego saiu vencedor. O que poderia remeter à intensidade como o homem renascentista ainda ligava-se, no seu imaginário, com as lendas clássicas.

A força da tradição não esteve apenas associada ao Medievo, mas também ao conhecimento grego sintetizado por Claudius Ptolomeu, outra grande força da tradição cartográfica no Quinhentos. Através dos seus sistemas de representação do orbe terrestre, o autor influenciou os sábios contemporâneos com seu padrão. Desta forma, o continente americano, mesmo sem seu conhecimento direto, estava inserido no esquema. Uma das ideias de Ptolomeu era sobre a maior proporção das terras do que os oceanos no globo terrestre. Com base nisso, as informações sobre o Novo Mundo no

além-mar seriam a prova de que o alexandrino estava certo, e, portanto, só existiriam mares fechados. Somente após a viagem de Fernão de Magalhães, em 1521, esta ideia seria derrubada. Incluem-se ainda, as projeções ptolomaicas que influenciaram as representações do mundo. As coordenadas geográficas organizadas em latitudes e longitudes contribuíram para o avanço das projeções terrestres e localização no globo.

A partir do resgate das ideias do sábio da Antiguidade, nesta pesquisa cogitou-se que a representação ptolomaica do rio Nilo, por meio dos modelos cartográficos reproduzidos por outros e acrescentados em sua *Geographia*, seria uma influência indireta para a representação do rio Amazonas. Pois, mais genericamente, o continente americano assemelha-se a uma forma espelhada da África. Isto remeteria ao imaginário de Sebastião Caboto, que poderia ter representado o seu Amazonas caudaloso tendo as curvas do Nilo como referência indireta. É claro que, no caso do primeiro, a intensidade das voltas é maior. O que poderia estar ligado à própria divulgação do rio a época. Ele foi conhecido pelos relatos daqueles que participaram da expedição descobridora e ficou amplamente conhecido como sendo o maior rio da Terra. Assim, poderia ter sido associado a um Nilo “superdimensionado”, tendo a influência ptolomaica em suas origens imaginárias.

Estas demonstrações de influências particulares do Medievo e da Antiguidade Clássica foram resultado de uma verificação direta na cartografia do século XVI contrastando, desta forma, com outros estudos. A maior parte deles percebe o Renascimento na cartografia enquanto um divisor de águas com o período anterior. O que significaria que houve um rompimento com as influências anteriores. No entanto, como observado nesta pesquisa, a tradição anterior não foi perdida, ela apenas foi reconfigurada para o interior dos mapas, como provado acima. O imaginário medieval e clássico sobrevivia no homem renascentista.

De qualquer forma, não se pode ignorar a influência decisiva de outra grande dimensão da cartografia, nos séculos XV e XVI, surgida com a experiência náutica. As bases da Cartografia, do próprio conhecimento do mundo, incluindo as novidades provindas do Novo Mundo e do grande rio das Amazonas, alcançariam outra maneira de expor as informações do orbe. A prática nos novos espaços revolucionaria a forma de representar o mundo.

CAPÍTULO II

A EXPERIÊNCIA ATRAVÉS DAS GRANDES NAVEGAÇÕES E DO DESCOBRIMENTO DO NOVO MUNDO E DO RIO AMAZONAS

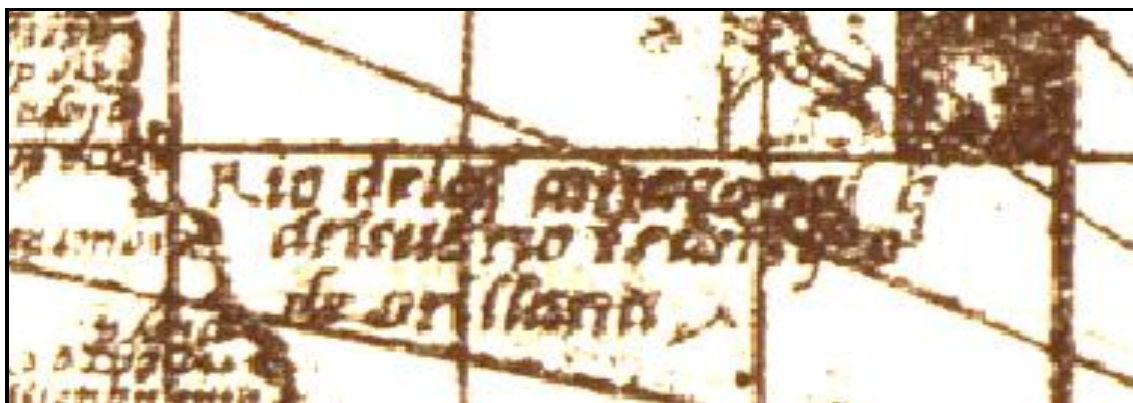


Figura 55. Detalhe da inscrição próxima a foz do Rio das Amazonas no Mapa de Sebastião Caboto (1544) (Norman B. Leventhal Map Center at the Boston Public Library)¹⁵⁰

Tudo que vou contar d'aqui por diante será como testemunha de vista e homem a quem Deus quiz dar parte de um tão novo e nunca visto descobrimento, como é este que adiante direi.

(Frei Gaspar de Carvajal)¹⁵¹

O detalhe específico da foz do rio das Amazonas no mapa de Sebastião Caboto é sintomático: “Rio de las amazonas descobrio Francisco de Orillana”. Este mapa, de 1544, incorporou as notícias sobre a primeira viagem dos europeus por quase toda a extensão do grande rio-mar¹⁵². Assim, as informações da experiência na região eram fonte para uma nova forma de representação do rio. Mas, além disso, o conhecimento prático também ganhou eco para além da cartografia. Ao iniciar o relato da aventura amazônica, frei Gaspar de Carvajal utilizou o argumento de que seu testemunho era verdadeiro por ter sido feito por uma testemunha de vista. Este tipo de argumentação foi

¹⁵⁰Detalhe do mapa de Sebastião Caboto onde se lê: “Rio delas amazonas/descobrio francisco/de orellana”.

¹⁵¹Citação retirada de CARVAJAL; ROJAS; ACUÑA, *Descobrimientos do Rio das Amazonas*. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1941, p. 13.

¹⁵² A primeira que percorreu grande parte da extensão do Rio Amazonas, do encontro deste com o Rio Napo até a foz no Oceano Atlântico. No entanto, deve-se considerar que houve outra expedição anterior feita por europeus que partiu dos Andes rumo ao Amazonas chegando até os rios Tefé e Coari. Segundo Antonio Porro, foi um desdobramento da expedição de Alonso Mercadillo ocorrida em 1538. A única fonte seria o apontamento de Diogo Nunes. PORRO, Antonio. *As Crônicas do Rio Amazonas: tradução, introdução e notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

importante para designar aqueles indivíduos que estavam a narrar feitos comprovados pela experiência, uma contraposição em relação a escritos que descreveriam fatos ou fenômenos não vistos. Ou seja, diferente de autores que formulavam teorizações, mas que não possuíam uma comprovação prática. É um exemplo de como, através da experiência, teria surgido outra forma de comprovar um conhecimento. Assim, faz-se importante averiguar de que maneira isto teria ocorrido e como a experiência se constituiria em uma matriz de representação cartográfica e, finalmente, como teria alcançado a própria representação do rio Amazonas ao longo do século XVI.

Para isso, este capítulo inicia-se com uma teorização de como as navegações europeias (principalmente portuguesas) teriam gerado um conhecimento novo, baseado na experiência, e, para isso, serão analisados autores que afirmam ter ocorrido uma revolução no saber e outros que afirmam ser simplesmente uma nova configuração de algo anterior. Depois desta exposição, tem-se uma análise dos primeiros exemplares que adotaram uma representação cartográfica baseada na prática da marinharia, as cartas-portulano. A partir disso, pensa-se na própria representação dos mapas quinhentistas. Na sequência, será abordado o contexto das Grandes Navegações iniciando com uma discussão da própria gênese deste movimento, e como as viagens portuguesas e depois espanholas trouxeram informações novas que divergiam das ideias sobre a Terra em voga no século XV e XVI. Em um terceiro momento, será apresentada de que maneira ocorreu a influência da experiência náutica através do descobrimento do Novo Mundo, incluindo o rio Amazonas. O foco será nos diversos momentos da representação do continente americano em paralelo ao rio-mar, mostrando as variações no desenho oriundas do conhecimento prático, fruto de uma relação com o meio e a alteridade americana.

2.1 – A questão da experiência no Renascimento

Ao longo do século XV e XVI, com as viagens portuguesas e espanholas, a experiência náutica possibilitou aos homens superarem as antigas crenças sobre a disposição do planeta Terra. Dois eventos marcaram o início da Era Moderna, entendida enquanto uma rede mundial¹⁵³: a descoberta da América por Cristóvão Colombo, em

¹⁵³Adota-se aqui a perspectiva de Vitorino Magalhães Godinho, pois, segundo ele: “As navegações de descobrimento teceram uma rede mundial de rotas, pondo em mútua relação todas as civilizações que se tinham desenvolvido ao longo da linha costeira dos oceanos. Nessa rede se integraram não apenas a

1492; e a chegada de Vasco da Gama às Índias, no ano de 1498. Eles consolidaram rotas, até então não utilizadas, e colaboraram para uma nova representação do mundo, e foram seguidos por inúmeras outras expedições marítimas, que findaram por ampliar o conhecimento do orbe. Assim, a experiência obtida através das Grandes Navegações contribuiu para rivalizar com o conhecimento do mundo oriundo das antigas crenças de autores do Medievo e Antiguidade, e, em muitos aspectos, superá-las.¹⁵⁴

As informações provindas das viagens marítimas ibéricas provavam que muitas informações que se tinha sobre o mundo não representavam a realidade obtida com o conhecimento náutico de observação direta. Isso teria gerado o despertar de um pensamento ligado ao empirismo. O conhecimento, para ser validado, necessitava de uma comprovação prática. Segundo João de Castro Osorium¹⁵⁵, as navegações portuguesas contribuíram decisivamente com o Renascimento. O questionamento das verdades estabelecidas pelos autores antigos, considerados autoridades, foi progressivamente feito pelos lusitanos. Dentre as ideias em voga amplamente combatidas, que não corresponderiam à verdade, estariam: a impossibilidade de se ultrapassar a zona tórrida (região equatorial), a inabitabilidade das regiões ao sul da linha do Equador, a maior quantidade de terras do que águas na superfície do planeta, entre muitas outras.

Portanto, os ibéricos provavam que o conhecimento somente poderia ser comprovado através do contato direto, contrapondo-se a formulações baseadas unicamente em teorias, isto é, o grande peso que os clássicos tinham até o momento. A validade das informações geográficas teria que ser verificada para sua eficácia. João de Castro utilizou-se de cronistas, como Gomes Eanes de Zurara, para mostrar como os feitos na costa da África iam contradizendo aquilo que os autores clássicos haviam formulado. Ao provar que a vida era possível no Equador, o autor da *Crônica dos feitos da Guiné* afirmou que os Clássicos haviam cometido equívocos. Assim, a experiência, *mãe das cousas*, provava justamente o contrário, que a terra ao sul do Equador poderia

geografia tradicional da Ásia das monções, mas também todos os espaços continentais que as caravanas haviam construído: pistas transaarianas, rotas ao longo das estepes euro-asiáticas, circulação interior do Próximo Oriente e da China (e entre mercados de escoamento chineses e mercados abastecedores indianos), da Indochina, das Américas astecas, maias e incas. Esta integração de conhecimentos acumulados por outras civilizações constitui factor capital do processo dos Descobrimentos.” GODINHO, Vitorino Magalhães. “O que significa Descobrir?” In: NOVAES, Adauto. *A Descoberta do Homem e do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹⁵⁴ALEGRIA, Maria Fernanda et alii. "Cartografia e Viagens" in: BETHENCOURT, F. & CLAUDHURI, K. (dir.) *História da Expansão Portuguesa*. vol I. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998.

¹⁵⁵OSÓRIO, João de Castro(org.). *Idearium Antologia do Pensamento Português: a Revolução da Experiência*. Lisboa: SNI, 1947.

ser visitada e que não haveria empecilho nenhum para o homem.

Assim, João de Castro Osório atribuiu esta nova etapa da história portuguesa como representando uma revolução, a chamada Revolução da Experiência. Ou seja, ele exaltou os feitos portugueses mostrando que a experiência prática lusa rompeu com o período anterior contribuindo decisivamente para o movimento renascentista. Poder-se-ia pensar, dentro do momento historiográfico vivido pelo autor na primeira metade do século XX, que esta glorificação lusa estivesse relacionada principalmente com a busca de uma valorização de sua nação. Este é um ponto importante para os pensadores contrários a esta visão da experiência como revolução.

O autor português Luís Filipe Barreto, em sua obra *Descobrimientos e Renascimento: formas de saber e pensar nos séculos XV e XVI* logo no prólogo, expõe os problemas de se fazer este tipo de História:

A forma como uma sociedade imagina o seu passado é um produto de complexas estruturas antropológicas de todo um imaginário sociocultural e um interessante objeto de falsa consciência, isto é, de projecção no Outro do Eu/Mesmo. O discurso historiográfico aparece frequentemente como caixa de ressonância dessa falsa consciência. O historiador senta-se, então, como o artista orgânico destinado a colorir esse eco com as cores da moda do poder dando-lhe, ao mesmo tempo, um estatuto de “verdade” e “realidade”. Quanto mais marcante é uma época no processo de vida duma comunidade, maiores são os desejos e complexos que sobre ela se abatem falsificando a sua essência em rituais de aparência consumíveis ao presente.¹⁵⁶

Poder-se-ia pensar que, diante de um contexto de saudosismo das épocas passadas, muitos autores portugueses poderiam estar utilizando um momento longínquo para reafirmar a importância de seu povo. Esta forma de história, que na maioria das vezes seus autores não se dão conta, está contaminada por uma forma ideológica. Mesmo sabendo que não há como se desfazer da ideologia, deve-se tentar controlá-la¹⁵⁷. Luís Filipe Barreto busca apresentar uma forma de estudo que não esteja tão imbricada naquilo que condenava¹⁵⁸.

¹⁵⁶ BARRETO, Luís Filipe. *Descobrimientos e Renascimento: formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983, p. 9-10.

¹⁵⁷ Para mais detalhes ver: HOBBSAWN, Eric. “Engajamento”. In: HOBBSAWN, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.138-154.

¹⁵⁸ Em relação a isso, afirma, citando no final do parágrafo o autor Eduardo Lourenço: “Em torno dum dos problemas mais complexos desta sabedoria do mar, a teoria do conhecimento e em especial a funcionalidade do conceito de experiência, criou-se na historiografia portuguesa uma mitológica ‘revolução da experiência’. Esta visão tradicional é, acima de tudo, uma construção ideológica. O problema do conhecimento científico-filosófico do Renascimento não é estudado por si na sua própria individualidade histórica, mas, sim, envolvido num problema nacional mais vasto como marco duma idade da luz e progresso ante da queda nas trevas. Os termos problemáticos na origem do tratamento tradicional da experiência nada têm a ver com uma rigorosa investigação das fontes por historiadores da

Desta forma, ao estudar o discurso de Zurara, as quatro crônicas do século XV, o autor faz uma interpretação dentro do contexto das navegações portuguesas e da nova forma de percepção do mundo. Segundo ele:

A relação HISTÓRIA-GEOGRAFIA é, também, na *Crónica*, um encontro e desencontro de Antigos-Modernos. Maioritariamente, o continente geográfico do discurso apresenta-se como repetidor dos quadros tradicionais da Geografia Medieval, mas uma pequena ilha polêmica desestabiliza já esses padrões informativos herdados afirmando a maravilha e novidade dum visto empírico que contraria a autoridade escrita. O território geográfico vê-se, assim, atravessado pelo jogo das contraditórias constantes epocais vivendo a dialética do herdado e novo, do lisível e visível, da perspectivação da Geografia como MUNDO DA PROSA e PROSA DO MUNDO.¹⁵⁹

Nesta passagem, o autor mencionou a continuidade do discurso medieval sobre a Geografia. Isto também estava presente em outras formas de representação, ao longo do século XV e XVI, como nos mapas, nas estratégias discursivas¹⁶⁰, nas formas de pensar o Novo Mundo e nomeá-lo¹⁶¹. Mas aponta para a “pequena ilha polêmica” que começa a desconstruir as bases formuladas pela autoridade. A herança de um passado remoto se chocava com as novas descobertas. Ou seja, o novo começaria a fazer tremer as bases do antigo.

A forma de pensamento medieval ainda estava presente neste início da Era Moderna e mesmo no século XVI, como visto no capítulo anterior e compreendido como uma longa Idade Média proposta por Jacques Le Goff.¹⁶² No entanto, a força do novo, da experiência prática foi paulatinamente minando estas bases. Barreto expôs as

ciência e filosofia, assentando, acima de tudo, numa falta de informação, tanto da massa documental renascentista e medieval como da própria história do pensamento filosófico e científico antigo e moderno. O mito da revolução da experiência não passa dum prolongamento da ideológica polêmica nascida no século XVIII entre ‘estrangeirados’ e ‘castiços’, sendo a experiência não o texto mas o pretexto para um julgamento valorativo (positivo ou negativo) dos destinos passados, presentes e futuros da comunidade nacional, uma boa desculpa para ‘sonhar simultaneamente o futuro e o passado’ (Eduardo Lourenço)”. BARRETO, Luís Filipe. *Op. Cit.*, p. 188.

¹⁵⁹ *Idem*, p. 83.

¹⁶⁰ Sobre esta questão, o autor Paulo Miceli estudou os discursos dos marinheiros ao longo das navegações marítimas dos séculos XV e XVI. Ele verificou que ali os seus autores também insistem em assegurar, através de estratégias linguísticas, a veracidade do seu relato. Segundo o autor: “Faz parte deste esforço a insistência em afirmar a qualidade de observador direto e imediato do acontecimento que ia sendo narrado. Era a autoridade do testemunho pessoal, paradigmática, afirmada e reafirmada, que procurava legitimar a história que se contava, a quem não vira a cena descrita.” MICELI, Paulo. *O ponto onde estamos: viagens e viajantes na história da expansão e da conquista (Portugal, século XV e XVI)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008, p.30.

¹⁶¹ Luís Filipe Barreto faz toda uma discussão questionando a chamada “Revolução da Experiência”. Pois, de acordo com ele, as ligações ao Medievo foram fundamentais. Não podendo ser compreendida uma mudança drástica: “O desconhecimento e a conseqüente desvalorização da Medievalidade, principalmente dos séculos XIII-XIV, impede a descoberta das redes de continuidade que a mesma estabelece com o Renascimento ao longo do século XV e inícios do século XVI.” *Op. Cit.*, p. 190.

¹⁶² LE GOFF, Jacques. *Uma longa Idade Média*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

consequências que os conhecimentos obtidos nos novos espaços trouxeram à ideia geográfica antiga. Produziu-se, com isso, uma contradição entre o herdado e o recém-observado trazendo uma nova problemática.

Este momento se caracteriza por questionar a autoridade (conhecimento teórico sem verificação) através da experiência de novos locais. No entanto, isto não se restringiu a este período temporal, mas foi nele que teriam germinado as primeiras constatações aprofundadas posteriormente pelo cientificismo de caráter empirista¹⁶³. Diferente de épocas posteriores, o empirismo suscitado por Zurara em sua crônica provém, segundo Luís Filipe Barreto, de uma lógica de *Imitatio* da prática aristotélica. Assim, suas palavras seriam imitações fidedignas daquilo que seria retratado. Esta forma nunca é completa, pois, “(...) a ordem das palavras não consegue dar totalmente a ordem das coisas.”¹⁶⁴ O discurso renascentista, desta forma, seria apenas uma reconfiguração em novos moldes da prática discursiva de origem grega.

No entanto, não se pode esquecer a grande novidade que significou o descobrimento da América pelos europeus: o descrédito das antigas concepções formuladas sobre a Terra e o próprio universo. Isso possibilitou uma ideia de superioridade do conhecimento dos modernos em relação aos antigos. A verdade só poderia ser dita se fosse comprovada por meio da experiência; no caso da Terra seria através das viagens marítimas que os espaços estariam sendo descobertos. Mas, esta nova verdade deveria de alguma forma estar inserida numa relação com a antiga tradição. Não se poderia correr o risco de comprometer pensamentos enraizados em quinze séculos, por isso, o esforço da manutenção de elementos tradicionais. Como a tentativa por parte da igreja católica de explicar através da própria Bíblia que o Novo Mundo já estaria previsto, inclusive com a passagem do apóstolo Tomé.¹⁶⁵

¹⁶³Um exemplo da importância que o empirismo ganharia séculos posteriores está, por exemplo, no viajante Alexandre Rodrigues Ferreira. Ao frequentar o espaço brasileiro, ele tirou conclusões que divergiam daquelas que havia aprendido na academia. Assim, o naturalista estava diante de um embate de duas dimensões: “A primeira delas é a do campo da formação intelectual do naturalista. (...) dos modelos e dos padrões que serviram de base para o seu olhar. A segunda dimensão diz respeito ao campo da experiência, da vivência e das vicissitudes do trabalho filosófico da natureza. Esta dimensão colocou em embate os modelos de compreensão apreendidos e a experiência do contato com a Amazônia e seus habitantes.” Esta forma de abordar a visão de Alexandre Rodrigues é semelhante a própria questão que move esta pesquisa. Ou seja, um choque entre um modelo teórico pré-estabelecido e a experiência da realidade do mundo. Para mais informações sobre o viajante do século XVIII ver: CARVALHO JUNIOR, “Tapuia: a invenção do índio da Amazônia nos relatos da Viagem Filosófica (1783-1792)”. In: CARVALHO JUNIOR, Almir Diniz; NORONHA, Nelson Matos de. (orgs). *A Amazônia dos Viajantes: história e ciência*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2011, p. 33.

¹⁶⁴ BARRETO, Luís Filipe. *Op. Cit.*, p. 76.

¹⁶⁵GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do Maravilhoso: o Novo Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.194.

Assim, mesmo não caracterizadas como revolução no pensamento, as novas informações do orbe tiveram importância decisiva na nova configuração planetária dos mapas-múndi renascentistas. O novo conhecimento, através da experiência náutica lusa e acrescentada posteriormente pela espanhola, criou uma nova configuração cartográfica do mundo. Os novos navios de viagens (as caravelas) e as novas formas de orientação (viagens guiadas pela astronomia) representaram novo enquadramento do que era entendido como mundo, algo totalmente diferente das formas anteriores. Mas, seria interessante pensar na questão da revolução. Será que este novo padrão cartográfico não significaria uma revolução da experiência apenas no âmbito cartográfico?

Uma tentativa de resposta a esta questão seria de que não se pode negar que os novos dados reunidos pelos portugueses, aos já conhecidos no mundo medieval, seriam totalmente novos. É claro que havia cogitações de um quarto continente (e outros locais) desde os tempos antigos, mas, a representação baseada em dados empíricos do Novo Mundo, não em suposições sem comprovação, foi realizada somente no século XV e no século XVI, a partir das navegações marítimas. Aqui, as referências são a viagens que acrescentaram novidades no orbe terrestre em relação ao seu aspecto estrutural¹⁶⁶. Ou seja, da mesma forma que a estrutura do discurso empírico renascentista, relacionado a um passado grego, o discurso cartográfico renascentista, em relação à nova forma do mundo, possuía relações com exemplares anteriores, como visto no capítulo anterior. Entretanto, a visão global e principalmente oceânica dos mapas-múndi se alterou quase por completo. As formas T-O ou zonais¹⁶⁷ não sobreviveram, salvo com adaptações. Foi algo totalmente novo. Inclusive os novos exemplares cartográficos encontravam-se dispostos como uma combinação entre a maneira mediterrânea de orientação (linhas de rumo) com a forma ptolomaica (coordenadas geográficas).

Ao se aceitar esta hipótese de que haveria, sim, uma revolução em âmbito cartográfico, ela estaria intimamente ligada à outra. Se a mudança na imagem feita do

¹⁶⁶ De certa forma, os três continentes antigos eram conhecidos desde os gregos. Poderia se afirmar que viajantes medievais também teriam descoberto o novo para os europeus, entretanto, o continente asiático em sua estrutura territorial maior já era conhecido. Mesmo que de uma forma não precisa em relação a uma Geografia “real”. Viajantes, como Marco Polo, trouxeram inúmeras informações antes desconhecidas, mas elas significaram detalhes que preenchiam aquele todo. No caso do veneziano, ele afirma, em um momento de sua obra, que a ilha de Java era a maior ilha do mundo e teria na costa mais de 3 mil ilhas. Um aspecto específico da Ásia que a Europa Medieval ainda não possuía, mesmo tendo conhecimento da existência desta parte do orbe. Ver: POLO, Marco. *O Livro das Maravilhas: a descrição do mundo*. Porto Alegre: L&PM, 1985, p.193.

¹⁶⁷ As formas T-O referem-se a construção dos mapas onde os três continentes estão dispostos simbolicamente dentro da cruz formada pelos rios Nilo e Don, além do mar Mediterrâneo. Os mapas zonais dividiam o orbe terrestre em cinco zonas de temperatura. A região equatorial era intransponível. Para mais detalhes, ver páginas 37 à 43, no capítulo 1.

mundo se alterou, isto leva a crer que os homens construíram novas percepções do mundo. Assim, uma grande alteração imagética cartográfica pressupõe uma alteração na percepção geográfica. A geografia medieval, entendida até meados do século XV restrita aos três continentes, passava a contar com novas terras descobertas. O orbe se dilatava. Era maior do que a projeção de Ptolomeu.

Com isso, se a representação do mundo medieval, restrito ao conhecimento espacial empírico no Velho Mundo, criou formas particulares de mapas, as viagens náuticas comprovaram que o espaço terreno era mais dilatado com a presença de outro continente e de outros povos. Ou seja, a representação nos mapas-múndi estaria diretamente ligada ao conhecimento e percepção sobre o espaço. Ao se ampliarem a circulação e o conhecimento do espaço, as imagens constituídas sobre ele se ampliam.

O mais interessante é que isto ocorreu com uma mudança importante. Para realizar a imagem deste orbe dilatado, houve a necessidade de adoção de todo um conjunto de saberes técnicos gerados através dos equipamentos de localização precisa em alto-mar. Não se podia mais ter informações de caráter especulativo para a navegação; a precisão tornou-se essencial no espaço atlântico¹⁶⁸. E com ela, se generalizou a nova forma do mundo: expandido e buscando a precisão.

Desta forma, a partir das viagens portuguesas teria ocorrido não apenas um acréscimo de dados, mas uma mudança substancial na forma dos mapas. Os exemplares T-O não foram dilatados, mas cederam lugar a uma estrutura diferente. O que sobreviveu de esquemático encontrou-se inicialmente no desenho geral do Novo Mundo, mas, com o passar do tempo, foi sendo relegado aos cantos e interiores desconhecidos. Não foi um abandono. O esquemático foi relocado para as áreas onde o conhecimento empírico ainda não era capaz de ser a fonte.

De qualquer maneira, grande parte do traçado cartográfico divergia dos modelos vistos no capítulo anterior. A concepção bíblico-aristotélica dos mapas medievais, e, de certa forma o modelo ptolomaico, não eram mais a base para as representações cartográficas. Para se compreender o percurso desta nova representação cartográfica, fruto da experiência náutica (outra matriz de representação da Terra) recorre-se agora às suas origens nas navegações no mar Mediterrâneo e nas chamadas cartas-portulano, durante os últimos séculos do período medieval.

¹⁶⁸ Especificamente esta ideia de precisão da representação cartográfica através dos instrumentos náuticos nas viagens atlânticas são tributárias de: MICELI, Paulo. *O desenho do Brasil no Teatro do Mundo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002, p. 34.

2.2 – Cartas-portulano ou Cartas de Marear: uma cartografia de origem náutica¹⁶⁹

Segundo Luís de Albuquerque, a expressão ‘cartas-portulano’ serve para referir-se à nova forma de cartas surgidas nos séculos XIV e XV. No entanto, em seu tempo, as referências a elas eram somente como “cartas” ou, mais vulgarmente, “cartas náuticas” ou “cartas de navegar”. Consequentemente, o termo justifica-se porque eram confeccionadas juntamente com os portulanos, relatórios com um roteiro náutico. Com isso, as cartas-portulano tornaram-se um elemento auxiliar desses textos e tornaram-se uma necessidade para os navegadores. Esta inovação propiciou uma forma de representação mais próxima do ‘real geográfico’ da bacia mediterrânica, das costas europeias do Atlântico chegando até o norte da França, às ilhas Britânicas e também ao Mar Negro. Foi um recurso surgido da prática em alto mar.¹⁷⁰

Assim, as cartas-portulano representavam uma forma de cartografar diversa do modelo simbólico-esquemático medieval. Ao invés de apresentar formatos distorcidos dos continentes, elas privilegiavam a busca de uma forma próxima à geografia “real”. Seus fins eram destinados a guiar os navegadores durante sua viagem pelo Mar Mediterrâneo e o Mar Negro.

De acordo com Kimble, dada a complexidade dos mapas encontrados no século XIV, seria bem provável que eles tivessem acompanhado há bastante tempo as navegações. Uma hipótese sugere sua presença desde as navegações medievais mais intensas, no século XII.¹⁷¹ A dificuldade de comprovação está justamente no problema da verificação dos exemplares. Os mapas eram confeccionados com materiais que serviam apenas para a prática em alto-mar, e, portanto, não havia preocupação quanto à sua durabilidade. Isso fez com que poucos sobrevivessem.¹⁷² Segundo Luís de

¹⁶⁹Neste tópico existem ideias expostas no artigo apresentado no V Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica através do trabalho intitulado “A Síntese Cartográfica Renascentista em Diogo Ribeiro (1529)”. Conferir em: <http://www.cartografia.org.br/vslbch/trabalhos-apresentados.html>

¹⁷⁰ALBUQUERQUE, Luís (dir.). *Dicionário de História dos Descobrimientos Portugueses* v. I. Lisboa: Caminho, 1994, p.210.

¹⁷¹KIMBLE, G. H. T. *A Geografia na Idade Média*. Londrina/São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005, p.232.

¹⁷²Sobre esta questão aponta Magali Gomes Nogueira, com base em Campbell, que foram apenas 180 cartas-portulano sobreviventes. Dentre os motivos sugere: “Os exemplares sobreviventes provavelmente não foram utilizados pelos marinheiros e sim os feitos, com primor, para oferendas a reis e nobres que muitas vezes o recebiam em troca de favores e ajudas militares. Os exemplares carregados nos navios não sobreviveram, talvez por terem sido confeccionados em um material mais frágil, como o papel de pano, por exemplo, que já se encontrava em uso extensivo pela Península Ibérica, desde sua implantação em

Albuquerque, existem pesquisadores, como Jaime Cortesão, que especulam sobre a ligação das cartas-portulano com autores da Antiguidade Tardia. Entretanto, seria complicado provar as teses de que as cartas teriam essa relação anterior.¹⁷³

O certo é que as características particulares das cartas-portulano seriam o conjunto de linhas de rumo emergidas de vários pontos do traçado. Seriam assim lançadas dezesseis linhas de rumo (norte, nor-nordeste, nordeste, etc.), número que algum tempo depois duplicou como pode ser observado na maioria das cartas existentes, e que iriam se generalizar como identificado no planisfério de André Homem (1559). Era uma rede de linhas loxodrônicas¹⁷⁴, ou linhas de rumo, originárias de um número de pontos de convergência dispostos no mapa de forma regular que eram copiadas de mapa para mapa.¹⁷⁵ Kimble descreve como seria o estabelecimento destas linhas:

A maneira de usar a carta portulano é demonstrada num livro do século XVI, intitulado *The Boke of Ydrography*. Parafrazeando a língua arcaica, chegamos a isto: selecione uma linha, próxima dos portos de saída e de chegada percorridos por um dia, de modo que esteja mais perto possível paralela à linha (imaginária) juntando-se os portos, comparando com as duas linhas divisoras: então veja que a linha que passa através do centro da rosa dos ventos está paralela à linha selecionada e então obtêm-se os pontos de apoio procurados.¹⁷⁶

Embora o livro citado pertença ao século XVI, as regras para orientação através das linhas de rumo nas cartas sobreviveram. Seu uso demonstra cálculos matemáticos e noções de espaço próximo ao que temos hoje. O método utilizado para a construção destes mapas com este sistema de linhas para localização muito se aproximaria de um método científico. Ele teria origem num conjunto de instrumentos que passaram a ser

torno do século XII.” NOGUEIRA, Magali Gomes. “Portulanos, Presente de Reis” in: *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico*. Vol. XX. Belo Horizonte: UFMG, 2011, p.190.

¹⁷³Segundo o autor: “(...) é de se assinalar de que não dispomos de documentos ou referências, mesmo indirectas, que apontam sequer a suspeita de que tal tipo de cartas tenha existido na Antiguidade. E se não perdemos de vista que a cartografia caiu em rápido e profundo declínio depois da morte de Ptolomeu (que, no século II, sobre ele ao menos teorizou), se nos lembrarmos que não se conhece qualquer informação a respeito de cartas náuticas antes da segunda metade do século XIII, então é certo que a origem da carta-portulano deverá ser encarada de outro modo. Não se nega que Marino de Tiro, hipoteticamente, e Ptolomeu, seguramente, basearam a sua cartografia em determinados sistemas de projecção, ou seja, tiveram o cuidado de basear as suas hipotéticas cartas com alicerces científicos. Os quatro sistemas de projecção de Ptolomeu estão descritos em sua *Geographia*, mas não é difícil verificar que nenhum deles tem qualquer relação com a carta-portulano, e a representação atribuída a Marino é puramente conjectural, visto que todas as produções deste famoso geógrafo se perderam. Em suma: parece não haver dúvida de que exista na carta-portulano qualquer ideia prévia de uma representação cartográfica de raiz teórica, a despeito dos argumentos que alguns adiantaram como prova.” ALBUQUERQUE, *Op. Cit.*, p. 210.

¹⁷⁴De acordo com Cêurio de Oliveira: “Diz-se da linha que apresenta sempre o mesmo rumo, ou a mesma direção da bússola.” OLIVEIRA, Cêuro de. *Dicionário Cartográfico*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1980.

¹⁷⁵ALBUQUERQUE, *Op. Cit.*, p.210.

¹⁷⁶KIMBLE, *Op. Cit.*, p. 235.

utilizados nas viagens mediterrâneas. Neste sentido, o autor Norman J. W. Thrower, em sua obra *Maps & Civilization: cartography in culture and society*, aponta para as possíveis origens das cartas-portulano:

Com a ajuda da bússola magnética, um grande progresso no mapeamento e na navegação foi possível, e nova forma cartográfica presumivelmente relacionadas com este desenvolvimento surgiu no final do século XIII: a carta portulano. Nós sabemos que antes desta data a agulha magnética era geralmente usada no Mediterrâneo.¹⁷⁷

Assim, a generalização do uso destas cartas se deu após a inserção no Ocidente da linha magnética através da utilização da bússola. Depois de sua invenção pelos chineses, ela teria alcançado a Europa através da via marítima pelos árabes, ou por meio da rota da Seda na Ásia Central. Isto teria gerado uma forma mais precisa de navegação o que contribuiu para uma representação mais fidedigna do espaço para fins práticos. A representação do Mediterrâneo e do Mar Negro nestas cartas possui uma grande precisão.¹⁷⁸

Estes exemplares guardavam formas específicas de representações pontuais, como determinada rota, além das características linhas de rumo, outros elementos passariam a ter destaque¹⁷⁹. Segundo Magali Nogueira, a linguagem cartográfica estaria inovada através da utilização de símbolos como “(...) linhas de rios esboçados suavemente; nome dos principais portos em vermelho, perpendicular à costa (...)”¹⁸⁰. Assim, os rios estariam diferentes das grandes marcações que tinham nos modelos simbólico-esquemáticos medievais, principalmente nos mapas T-O, ganhando uma forma sem tanto destaque. Mas, como o foco das cartas-portulano era a navegação em alto mar, poderia se supor que as representações das terras juntamente com seus rios não tinham a mesma relevância dos contornos litorâneos e do próprio mar, mesmo que também pudessem servir como via de transporte. Isto devia ocorrer uma vez que a representação,

¹⁷⁷Trecho traduzido pelo autor desta dissertação. Trecho original em inglês: “With the help of the magnetic compass, great progress in mapping and in navigation was possible, and new cartographic form presumably related to this development appeared in the later thirteenth century: the portulan chart. We know that before this date the magnetic needle was in general use in the Mediterranean.” THROWER, Norman J. W. *Maps & Civilization: cartography in culture and society*. Chicago/Londres: University of Chicago Press, 1996, p. 51.

¹⁷⁸Idem, p.51.

¹⁷⁹Norman Thrower também apresenta características da construção das cartas-portulano próximo ao descrito por Kimble: “We know of the method for constructing portolan charts from a diagram in the 1318 *Atlas* of Pietro Vesconti (who worked in both Venice and Genoa), which showed a circle with sixteen equally spaced compass roses. There is an almost convectional color scheme for the lines extending from these: black for the eight principal winds; green for eight half winds; and red for the sixteen quarter winds.” Idem, p. 51-52.

¹⁸⁰NOGUEIRA, *Op. Cit.*, p. 191.

baseada na prática, não contava com esquemas que traziam uma desproporção entre rios com dimensão de mares, como nas outras formas cartográficas do Medievo vistas anteriormente no capítulo 1.

O caráter quase científico das representações não significa que as cartas de marear não pudessem apresentar elementos dos mapas simbólicos contemporâneas. Talvez até tivessem, mas não teriam função prática. No entanto, destaca-se aqui que, devido ao caráter náutico, através de equipamentos mais precisos, gerou-se uma constante necessidade de orientação. A função cartográfica foi imprescindível para sanar isso. O enquadramento espacial específico destes mapas tinha como objetivo orientar os frequentadores dos mares.

Devido à inexistência de exemplares sobreviventes deste período, a maior parte dos estudiosos considera que alguns mapas-múndi se aproximam do formato das cartas-portulano, usadas nos navios. Dentre eles, estão a carta Pisana (c.1290) e o Atlas Catalão (1375). Uma breve exposição de ambos os mapas e uma relação com as fontes quinhentistas será realizada. Assim, a constatação da presença desses elementos refletiria a preocupação com a localização espacial por meio das rosas dos ventos, seus pontos cardeais e traços de orientação.

A Carta Pisana (figura 56) é considerada a mais antiga e famosa carta-portulano existente. Seu nome indica uma possível confecção na Itália, nas cidades de Pisa ou Gênova. O conteúdo apresentado refere-se às regiões do Mediterrâneo e do Mar Negro. É considerado o primeiro mapa a possuir uma escala gráfica. Ela encontra-se em um círculo na parte oeste. Devido ao conteúdo exposto (como a península ibérica, ilhas Baleares, costa norte da África, e norte da Europa), cogita-se a participação de cartógrafos catalães, incluindo judeus, principalmente de Maiorca ou de Barcelona.¹⁸¹

A precisão com que o contorno mediterrâneo foi traçado impressiona. Na obra de Norman Thrower, existe uma comparação entre a região de Nápoles e a ilha da Sicília no sul da Itália na Carta Pisana, e sua representação em um mapa moderno¹⁸². A semelhança é grande, o que contribui para provar a grande importância dos instrumentos náuticos para uma representação precisa do espaço. Através da observação da carta, percebe-se claramente o uso das linhas de rumo, além dos grandes círculos traçados por compassos. É importante destacar que a ligação deste exemplar com as formas esquemático-simbólicas presentes no Medievo seria quase nula. Salvo pela

¹⁸¹THROWER, *Op. Cit.*, p. 53.

¹⁸²Idem, p.53.

toponímia e pelo desenho esquemático da ilha da Grã-Bretanha, o restante parece não apresentar elementos relacionados à tradição cartográfica dos mapas T-O, zonais, ou outros simbólicos/esquemáticos. Isto comprova o caráter diverso desta representação em relação aquele tipo de obra cartográfica. Esta distinção faz-se importante para se observar como esta nova forma surgiu e como influenciou na construção dos mapas-múndi nos séculos XV e XVI, incluindo a América e o rio Amazonas.



Figura 56 Detalhe esquerdo da Carta Pisana em que se destaca o Mediterrâneo e suas regiões litorâneas como a península ibérica e itálica (c. 1290). (*Biblioteca Nacional da França*)

No outro exemplar filiado a tradição dos portulanos, a representação se diferencia um pouco. O Atlas Catalão (figura 57) conta com a influência importante dos navegadores árabes. Os contornos para além da Arábia estão mais corretamente representados, o que indica esta linha de influência.¹⁸³ No entanto, diferente da Carta Pisana, os elementos que remetem a cartografia esquemático-simbólica medieval aparecem. Com a gradual reconquista espanhola da península ibérica, formou-se uma

¹⁸³ Idem, p. 56.

comunidade mista nas cidades conquistadas. Elas incluíam a convivência entre cristãos, judeus e muçulmanos. Esta convivência proporcionou uma circularidade do conhecimento, inclusive cartográfico. Havia matemáticos, artesãos, criadores de instrumentos e cartógrafos. Entre estes, estavam Abraham Cresques (1325-87) e seu filho Jefuda que residiam em Maiorca. O Atlas criado por ele tem o estilo das cartas-portulano, mas adota a perspectiva dos mapas-múndi com a representação desde o Atlântico até a China. Na obra está inclusa uma série de informações recentes sobre a Ásia, incluindo aquelas provindas da viagem de Marco Polo. O mapa foi presente do rei Pedro IV de Aragão para Carlos VI da França em 1381, e até hoje permanece no país, na Biblioteca Nacional da França.¹⁸⁴

Ao se atentar especificamente para os elementos gráficos que compõem o mapa, as influências percebidas na carta anterior estão presentes. As linhas loxodrônicas preenchem como um todo o exemplar saindo de diversas regiões e se entrecruzando. O contorno mediterrânico é bem preciso, assim como do Mar Negro. Porém, como era presente de um monarca, os elementos decorativos e retóricos, que fogem a especificidade das cartas-portulano e aproxima da cartografia simbólico-esquemática praticada no Medievo, são inseridos no mapa.

Para atestar esta ligação com as referências medievais, recorre-se brevemente ao método analítico anteriormente utilizado. Quatro etapas de estudo das fontes desta pesquisa foram estabelecidas e observadas no capítulo anterior e seriam responsáveis por verificar a herança dos mapas T-O e zonais nos mapas quinhentistas: 1ª) elementos figurativos de pessoas, animais, árvores; 2ª) legenda de povoações; 3ª) forma esquemática; e 4ª) toponímia. Destas quatro, três estão presentes no Atlas Catalão. Os elementos figurativos espalham-se pela carta. Existe a representação de monarcas, guerreiros muçulmanos, barcos a vela no Atlântico. O caso mais interessante, que lembra Norman Thrower, é do Preste João. O famoso rei cristão, que povoou o imaginário medieval, que estaria localizado nas terras fronteiriças das povoações muçulmanas e seria o grande aliado da cristandade contra os infiéis. Sua localização, comumente apresentada na Ásia, estava agora presente no continente africano. Assim, observa-se que, na segunda folha do Atlas Catalão, o Preste João encontra-se representado segurando um globo amarelo com sua mão esquerda e um cedro com uma flor-de-lis na mão direita. Estes elementos lembrariam o grande poder do monarca

¹⁸⁴ Idem, p. 56.

diante do restante do globo. Na mesma direção do monarca, um guerreiro com trajes muçulmanos poderia indicar que eles desafiavam o poder do grande soberano.

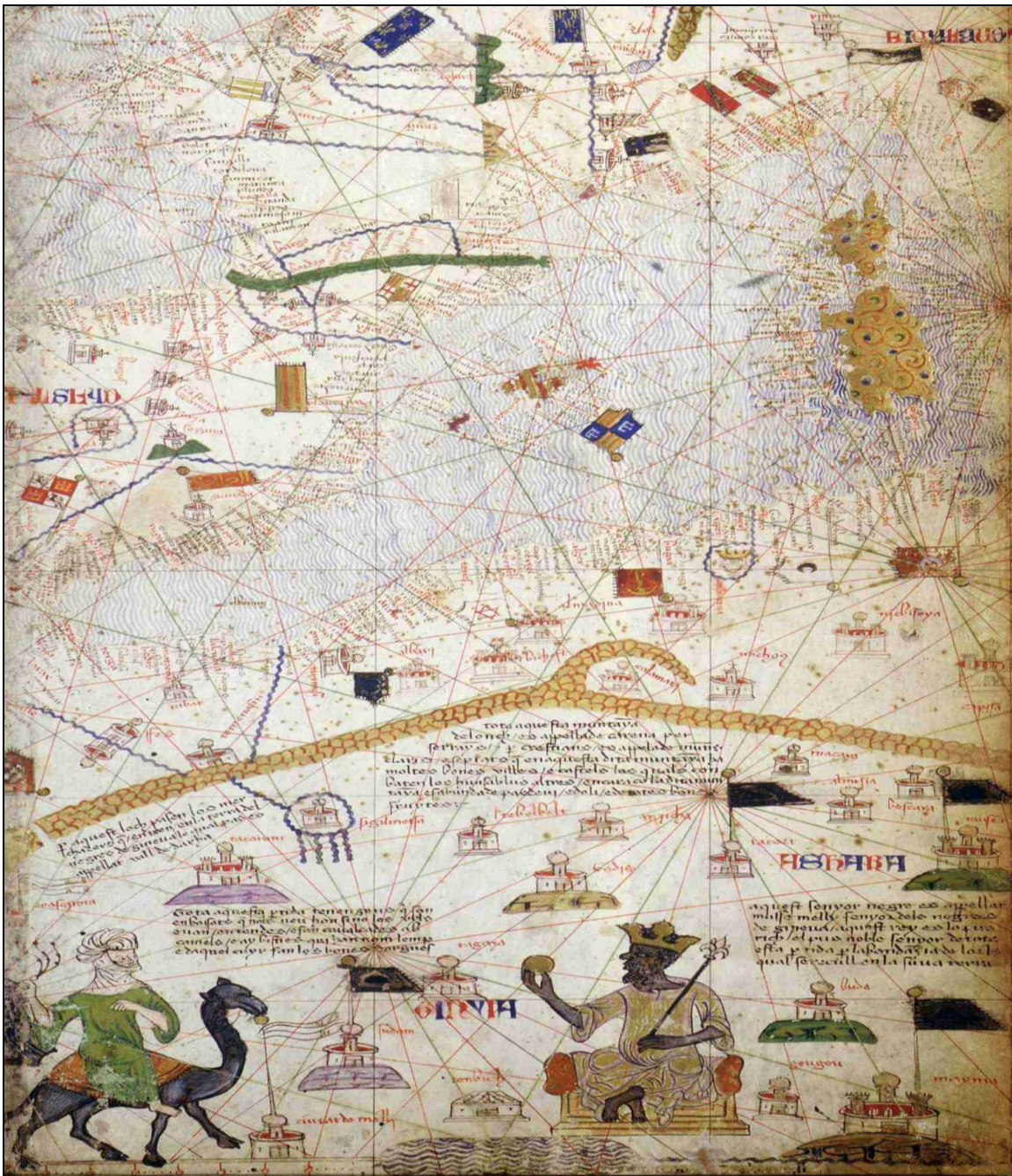


Figura 57 Detalhe da segunda folha do Atlas Catalão. Na parte inferior aparece identificado o Rei Preste João. (Bibliothèque Nationale de France)

Assim, as cartas-portulano teriam representado uma nova forma de cartografar que se iniciou nos centros mais dinâmicos de comércio marítimo como Gênova e Veneza. Ou em locais com propensão a vida marítima como as ilhas Baleares (Maiorca) ou a costa sul da Espanha (Barcelona). Seria uma forma que iria ganhar novos

contornos ao longo do século XV graças ao início das Grandes Navegações empreendidas pelos portugueses. Mas antes disso, faz-se necessário um paralelo com o século XVI.

2.3 – Paralelos entre as Cartas-portulano e a cartografia no século XVI

Os elementos que compõe estes exemplares influenciaram decisivamente a cartografia posterior. Mas, será que poderiam ser percebidos através de uma relação direta com os mapas quinhentistas? Será que estes guardaram elementos que se assemelham diretamente aquela prática?

Antes de realizar esta aproximação, deve-se ter em mente que, até onde se sabe, nenhum exemplar das cartas-portulano utilizadas em alto-mar sobreviveu. Isso faz com que o paralelo seja estabelecido entre os mapas que guardaram elementos significativos durante o auge de sua confecção. Para tanto, utiliza-se o Atlas Catalão e a Carta Pisana, anteriormente expostos.

O primeiro ponto de aproximação verificado foi em relação ao Atlas Catalão e os elementos herdados da cartografia simbólico-esquemática medieval. Portanto, neste primeiro momento não são exatamente elementos provindos das cartas-portulano a serem examinados. O que não significa uma falta de importância desta interpretação inicial. Pois isto foi algo percebido através desta pesquisa.

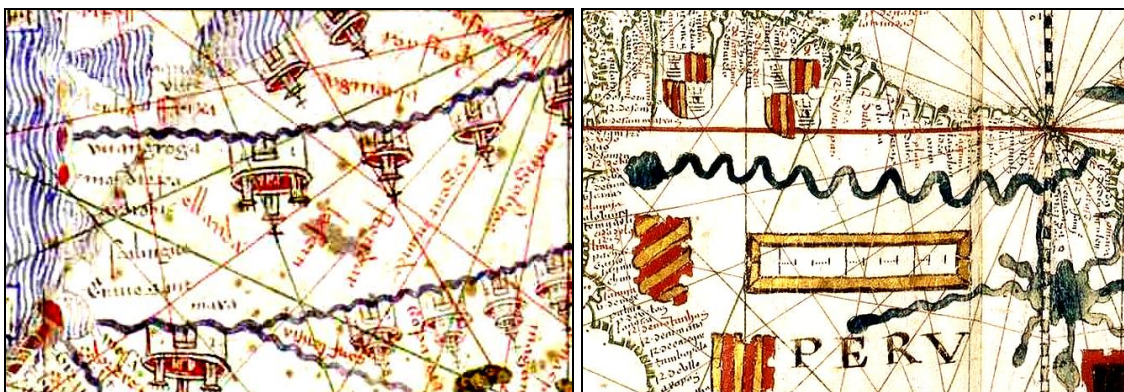


Figura 58 e 59. Esquerda: Detalhe do norte da Alemanha no Atlas Catalão (1375). (*Bibliothèque Nationale de France*). Direita: Detalhe do rio Amazonas no mapa-múndi de Domingos Teixeira (1573) (<http://bloctnovahistoria.blogspot.com.br/>)

Através da verificação dos elementos que compõe o Atlas Catalão, um elemento chamou a atenção: a forma com que os rios foram representados. A maneira serpenteada com que foram universalmente desenhados encontra-se em sintonia com a forma

representada de um tributário do Rio Nilo no mapa de La Cosa (1500) (figura 60), e com a forma que o rio Amazonas ganhou, a partir de meados de 1540, na cartografia quinhentista. Longe de buscar estabelecer uma influência direta, o que se propõe é perceber uma herança indireta que permeou o próprio imaginário dos cartógrafos europeus. Talvez uma linha herdada pela corrente cartográfica catalã. O mapa que contém a representação do rio Amazonas que mais se assemelha ao desenho dos rios nestas cartas-portulano, com ondulações e cores parecidas, foi realizado pelo português Domingos Teixeira, em 1573 (figura 58 e 59). Assim, poder-se-ia pensar que este modo de desenhar seria um padrão imagético mais geral e estaria relacionado com a própria ideia de concepção figurativa de um rio. No entanto, existe uma diferença importante nos dois desenhos de rios separados por dois séculos: enquanto no mapa medieval todos os rios são figurados com o padrão serpenteado em ondulações pequenas e contínuas, no caso de Domingos Teixeira apenas o rio Amazonas segue este modelo. Pois, outros rios como o Nilo, são, de forma geral, retilíneos. Não apresentam formato de serpente. Seria um ponto importante a se pensar.



Figura 60: Detalhe da África no mapa-múndi de Juan de La Cosa (1500). É possível visualizar que a representação dos rios da bacia do rio Nilo atingem aspectos serpenteados padronizados. (*Mapas Históricos Brasileiros*, p.6)

No primeiro caso, o autor talvez não tivesse a preocupação com a representação

dos rios, pois seria uma parte ligada à retórica do Atlas Catalão: um exemplar preocupado com os contornos mediterrâneos e, como foi presente para um monarca, deveria conter uma ornamentação. Assim, antes de ocorrer uma verificação da singularidade dos rios para verificar sua disposição caudalosa, o autor medieval preferiu não se atentar para este elemento e desenhou todos os rios com formato idêntico. O que parece ter sido herdado pelo exemplar de Juan de La Cosa. No caso de Domingos Teixeira, talvez a experiência do espaço mundial maior e a singularidade da forma caudalosa do rio Amazonas fizeram com que a forma serpenteada se restringisse a este rio. Desta forma, seria uma reflexão importante a ser mais aprofundada.

O segundo ponto de verificação relaciona-se à característica singular das cartas de rumos que é sua rede de linhas loxodrômicas. Na maioria dos exemplares quinhentistas, este sistema é um dos elementos chave para a própria construção do mapa-múndi. Para melhor exposição da percepção deste elemento nas fontes desta pesquisa, buscou-se elaborar um quadro. Nele estão incluídos os dados sobre o autor e ano do mapa, além da sua origem. Também se acrescenta o sistema das linhas de rumo se convivem ou não com a forma introduzida através dos estudos ptolomaicos, as latitudes e longitudes. E, por fim, busca-se saber se nestes exemplares constam as rosas dos ventos que estão diretamente ligadas ao uso da bússola e teriam surgido nas representações das cartas-portulano. O detalhe interessante é que estas últimas ganharam uma complexidade em seu desenho. De acordo com Paulo Miceli, dois símbolos estavam ligados à representação das rosas dos ventos: a flor-de-lis e a cruz. A primeira utilizada para indicar o norte e a segunda, o leste¹⁸⁵. A origem da flor-de-lis seria a homenagem que o navegador italiano Flávio Gioja fez ao rei Carlos de Anjou, descendente da coroa francesa. No brasão do rei estaria a flor.¹⁸⁶ Já o segundo elemento, a cruz, seria a indicação da Terra Santa a partir dos reinos europeus à leste (França, Portugal...).¹⁸⁷

Ao construir este quadro, surgiram algumas questões e hipóteses que levaram a algumas considerações. A primeira refere-se ao sistema de linhas de rumo identificado em grande parte dos exemplares, em 31 deles, das mais diversas origens e escolas cartográficas. Pois, comumente considera-se que esta seria uma particularidade dos portugueses. No entanto, a grande generalização deste modelo induz a se pensar na

¹⁸⁵ MICELI, Paulo. *O desenho do Brasil no Teatro do Mundo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012, p.53, nota 48.

¹⁸⁶ <http://www.cdcc.sc.usp.br/cda/dispositivos/pdf/painel-rosa-dos-ventos-790x790mm.pdf>. Acessado em 21 de dezembro de 2014.

¹⁸⁷ MICELI, Paulo. *Op. Cit.*, p.53, nota 48.

grande circularidade do método adotado pelos portugueses, com base nas tradições mediterrâneas e das cartas portulano, durante as navegações do século XV e depois no século XVI. Isso indicaria que este sistema sobreviveu ao longo do Quinhentos em convívio, muitas vezes, com o sistema de latitudes e longitudes associado a Ptolomeu e sua *Geographia* nos mais diversos cartógrafos do período.

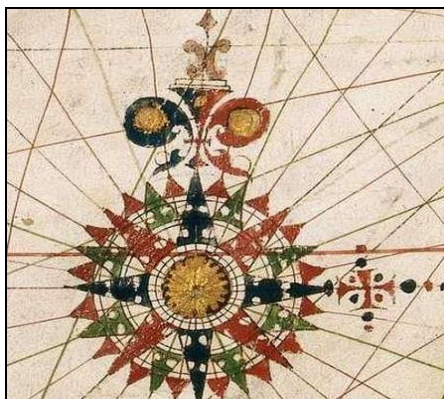


Figura 61. Rosa dos ventos complexa no mapa de Domingos Teixeira (1573). Na direção norte há uma flor-de-lis e ao leste uma cruz. (<http://blocnovahistoria.blogspot.com.br/>)

A segunda constatação é que os elementos da prática náutica estão presentes na figuração dos mapas. Ao inserir as rosas dos ventos, ou outros elementos da prática náutica, os cartógrafos utilizaram símbolos não relacionados diretamente com o “real topográfico”. Aquilo que se chamaria de “realidade geográfica”, ou seja, uma transposição “fidedigna” da Terra para o papel. Seria como se o planeta fosse desenhado como visto do espaço, sem nenhuma interferência de “símbolos humanos”¹⁸⁸. Inserir objetos simbólicos representaria resquícios de outra forma de cartografar, mesmo que a totalidade do exemplar estivesse filiada ao modelo pautado pelo “real”. Isto demonstraria que a experiência náutica e a nova representação não romperam com a forma de figuração simbólica. Existe, portanto, uma relação com os mapas medievais simbólicos.

Quadro 2. Mapas do século XVI que possuem rede de linhas loxodrônicas como base da representação, elementos náuticos e rosas dos ventos

Ano/Cartógrafo	Origem	Possui sistema de latitudes e	Existem rosa dos ventos, compasso,	Qtde de Rosas dos ventos sem símbolos	Qtde de Rosa dos ventos com símbolos nas orientações –	Posição no mapa da Rosa dos

¹⁸⁸Este termo não é preciso justamente porque a própria ideia de globo terrestre é uma construção do olhar humano. Ele passou a ser um símbolo da Terra. Pois, ela foi dimensionada para ser acessível ao observador humano. É uma forma de transformação simbólica.

		longitudes	bússola, astrolábio	nas suas direções – forma simples	forma complexa (flor-de-lis ao norte e cruz ao leste)	ventos complexa ¹⁸⁹
1500 – Juan de La Cosa	espanhol	Sim (forma primitiva)	Rosa dos ventos	8	-	-
1502 – mapa anônimo de Cantino	português	Sim (forma primitiva)	Rosa dos ventos	20 (possuem pequena cruz ao leste)	1	Centro da África/ centro do mapa
1502-1504 – Caverio	português	Não	Rosa dos ventos	18	(possui um círculo central verde, onde normalmente deveria haver uma flor-de-lis central)	Centro da África (semelhante ao mapa de Cantino)
1503 c. – Kunstmann III (apenas região atlântica)	português	Não	Rosa dos ventos	4	-	-
1508 c. – Pesaro, mapa mundi	Italiano (?)	Não	Tem o encontro das linhas loxodrônicas, mas sem as rosas dos ventos	16	-	-
1513 – Waldsee müller	Alemão	Apenas Equador	Não possui rosa dos ventos, somente regiões de encontro das linhas loxodrônicas	13	-	-
1513 – Piri Reis (parte do mapa)	turco	Não	Rosa dos ventos	4 (duas maiores e duas menores)	-	-
1516 – Waldsee müller	Alemão	Equador e trópicos	Rosa dos ventos	Por volta de 10	1	
1523 – anônimo (biblioteca de Turin)	Espanhol (?)	Sim	Rosa dos ventos	4 (pequenas setas indicando o norte)	-	-
1529- Diogo Homem	Porta serviço de Espanha)	Sim	Rosa dos ventos, quadrante, astrolábio	18 (com pequeno indicador verde na posição norte)	1 (com uma grande flor-de-lis e um pequena cruz)	Centro do Oceano Pacífico (leste da América e do mapa)
Ano/Cartógrafo	Origem	Possui sistema de latitudes e longitudes	Existem rosa dos ventos, compasso, bússola,	Qtde de Rosas dos ventos sem símbolos nas suas	Qtde de Rosa dos ventos com símbolos nas orientações – forma complexa (Posição no mapa da Rosa dos ventos

¹⁸⁹ Referências geográficas com termos contemporâneos para facilitar compreensão.

			astrolábio	direções – forma simples	flor-de-lis ao norte e cruz ao leste)	complexa ¹⁹⁰
1540 c. – Alonso de Santa Cruz	Esp anh ol	Sim	-	-	-	-
1542c. – Pierre Descelier (detalhe da América)	Fra ncê s	Sim	Rosa dos ventos	4 (uma cortada impossibilitan do a visualização completa. Outras três com pequenos indicativos do norte e do leste)	1 (cortada)	Litoral acima do Ceará (nordeste do mapa)
1544 – Sebastião Caboto	Ven ezia no	Sim	Rosa dos ventos (apenas uma central de onde partem as únicas linhas de rumo)	5	3 (somente flor-de-lis e duas delas cortadas)	Uma central (próxima a foz do Amazonas) ; Duas outras no extremo norte e sul na direção do centro.
1547 - Harleian	Port ugu ês (?)	Sim (apenas Equador e um meridiano no Atlântico)	Rosa dos ventos	12	-	-
1550 – Pierre Descelier (detalhe da América)	Fra ncê s	Sim	Rosa dos ventos	-	1 (pequena cruz ao leste)	Litoral do Chile (sudoeste do mapa)
1554 – Lopo Homem	Port ugu ês	Sim	Rosa dos ventos	9 (com pequena indicação do norte)	1 (apenas com a flor- de-lis ao norte)	Sul do Oceano Índico (sudoeste do mapa)
1558 – Diogo Homem (América meridion al)	Port ugu ês	Sim	Rosa dos ventos	-	4 (apenas uma não possui a flor-de-lis ao norte)	Maior (centro da Am., centro do mapa); Menores (2 na costa ori. da Am. e uma no n. da foz do Rio Ama.)
1558 – Sebastião Lopes	Port ugu ês	Sim	Rosa dos ventos (possui, além das linhas de rumo, círculos	10 (com pequenas cruzes marcando o	2 (a cruz utilizada para marcar o leste é a cruz de malta ligada ao reino de Portugal)	Maior (Centro da América do Sul,

¹⁹⁰ Referências geográficas com termos contemporâneos para facilitar compreensão.

			que saem da maior rosa dos ventos)	leste)		sudoeste do mapa); Menor (meio do oceano Atlântico, centro do mapa)
1559 – André Homem	Português (a serviço da França)	Sim	Rosa dos ventos	12	1 (com cruz ao norte ao invés da flor-de-lis)	Oceano Pacífico (leste da América e do mapa)
1561 – Bartolomeu, o velho (apenas América do sul)	Português	Sim	Rosa dos ventos	1	-	-
1563 – Lázaro Luís (parte atlântica)	Português	Não	Rosa dos ventos	3	1 (com uma caravela portuguesa a leste estampando em suas velas a cruz de malta referindo-se a corte portuguesa)	Oceano Atlântico (sudoeste do mapa)
1563 – Lázaro Luís (norte da América do Sul)	Português	não	Rosa dos ventos	5	1 (cortada ao meio e somente com a flor-de-lis)	Oceano Pacífico (entre a América Central e a costa do Peru, norte do mapa)
1568 – Diogo Homem (América do sul)	Português	Sim	Rosa dos ventos	-	4 (duas somente com a cruz)	Duas no oceano Atlântico (sudoeste do mapa); duas na América, uma próximo ao Rio Amazonas e outro a Patagônia (centro e norte/sul)
1569- Gerardo Mercator	Flamengo	Sim	Rosa dos ventos	17	-	-
Ano/Cartógrafo	Origem	Possui sistema de latitudes e longitudes	Existem rosa dos ventos, compasso, bússola,	Qtde de Rosas dos ventos sem símbolos nas suas	Qtde de Rosa dos ventos com símbolos nas orientações – forma complexa (Posição no mapa da Rosa dos ventos

			astrolábio	direções – forma simples	flor-de-lis ao norte e cruz ao leste)	complexa
1571 – Vaz Dourado (costa do Brasil) *	Portu- guês	Sim	Rosa dos ventos	1	2 (uma delas corta ao meio)	Oceano Atlântico (uma delas próximo ao Rio da Prata e a outra afastada da costa; sul e sudoeste do mapa)
1573 – Vaz Dourado (América Mundus Novus)	Portu- guês	Sim	Rosa dos ventos	-	3 (somente com a flor-de-lis)	Uma próximo a costa do Ceará (nordeste do mapa) e as outras duas no interior do continente americano (sul da América)
1573 – Domingo s Teixeira	Portu- guês	Sim	Rosa dos Ventos	19	5 (uma não conta com a cruz)	Maior no oceano Pac. (leste do mapa); Demais quatro cantos: nordeste, noroeste, sudoeste e sudeste do mapa
1574 – Luís Teixeira (capitani- as hereditá- rias) *	Portu- guês	Sim	Rosa dos Ventos (apenas uma no sul)	-	1	Oceano Atlântico (sudeste do mapa)
1582 – Joan Martines	Portu- guês (?)	Sim	Rosa dos ventos	3	1 (somente flor-de- lis)	Sudoeste da América (sudoeste do mapa)
1597- 1598 – Giovani Magini/ Girolamo Porro	Itali- ano (?)	Apenas com os graus nas bordas, sem linhas	Não	-	-	-
1600 c. – Luís Teixeira (América austral)	Portu- guês	Sim	Rosa dos ventos	15	2	Maior (sul do Atlântico, sul do mapa);

						Menor (costa ocidental da Am. do N., noroeste do mapa)
--	--	--	--	--	--	--

* Exemplares não utilizados como fonte principal nesta pesquisa. Constam no quadro apenas enquanto dados a serem somados.

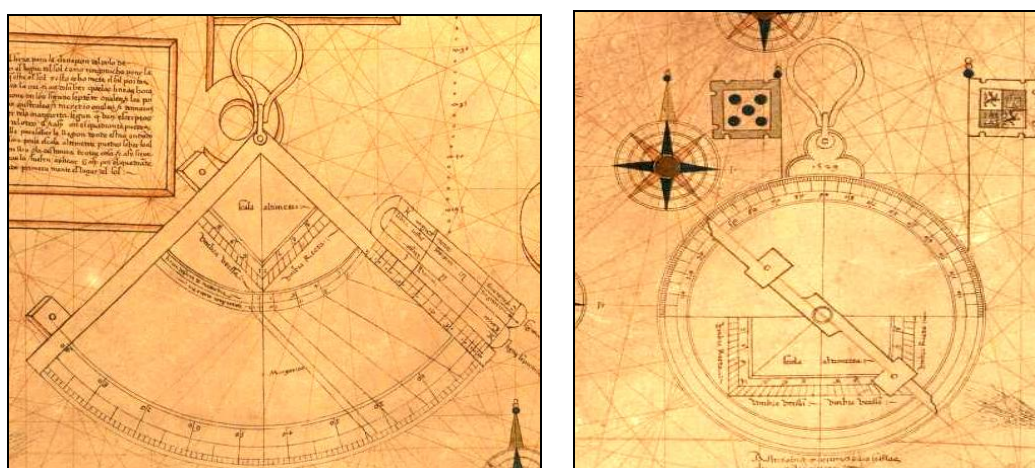


Figura 62 e 63 Detalhes no mapa de Diogo Ribeiro (1529) dos equipamentos náuticos: à esquerda o quadrante e à direita o astrolábio. (Biblioteca Apostolica Vaticana)

A terceira constatação é da relação entre a representação da rosa dos ventos¹⁹¹ e sua íntima ligação ao ponto de convergência das linhas de rumo, uma vez que, dos exemplares encontrados, em menos de três não existe esta associação. Assim, mesmo não estando presente nem na Carta Pisana (c.1290) e nem no Atlas Catalão (1375), foi um símbolo amplamente utilizado no século XVI justamente pelo uso da bússola¹⁹² e das direções dos ventos. Além da rosa dos ventos, poucos foram os outros símbolos provindos das cartas portulano e da prática náutica. O único exemplar que claramente apresenta estes elementos, além do referido, é o mapa-múndi de Diogo Ribeiro (1529). Nele há, no canto inferior esquerdo, um grande quadrante e, no canto inferior direito, um

¹⁹¹“A rosa-dos-ventos, inicialmente, não estava associada aos pontos cardeais, mas à direção ou rumo dos ventos. O termo *rosa* vem da aparência do desenho que lembra as pétalas dessa flor. Os rumos ou as direções dos ventos têm origem na Antiguidade. Na Grécia Antiga (776 a.C. a 323 a.C.) começaram com dois, quatro e oito rumos. Na Idade Média (século V ao século XV), os ventos tinham nomes geralmente relacionados aos países ou locais próximos ao mediterrâneo, sendo eles: Tramontana (N), Greco (NE), Levante (E), Siroco (SE), Ostro (S), Libeccio (SO), Ponente (O) e Maestro (NO). Nas cartas náuticas desta época, observam-se as iniciais destes ventos na ponta das "pétalas" como T, G, L, S, O, L, P, e M.” In: <http://www.cdcc.sc.usp.br/cda/dispositivos/pdf/painel-rosa-dos-ventos-790x790mm.pdf>. Acessado em 21 de dezembro de 2014.

¹⁹² Ver MICELI, Paulo. *O desenho do Brasil no teatro do Mundo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002, p. 53-55.

grande astrolábio¹⁹³ (figura 62 e 63).¹⁹⁴

Em relação à própria figuração das rosas dos ventos nas cartas, também se identificou que possuem diferentes formas. Poder-se-ia enquadrá-las em dois padrões relacionados diretamente com tamanho/ornamentação. Aquelas que contam com flor-de-lis ao norte e cruz ao leste, com pequenas variações, são maiores e mais ornamentadas. Por outro lado, existem rosas menores que se encontram em maior quantidade e espalhadas pelo mapa.

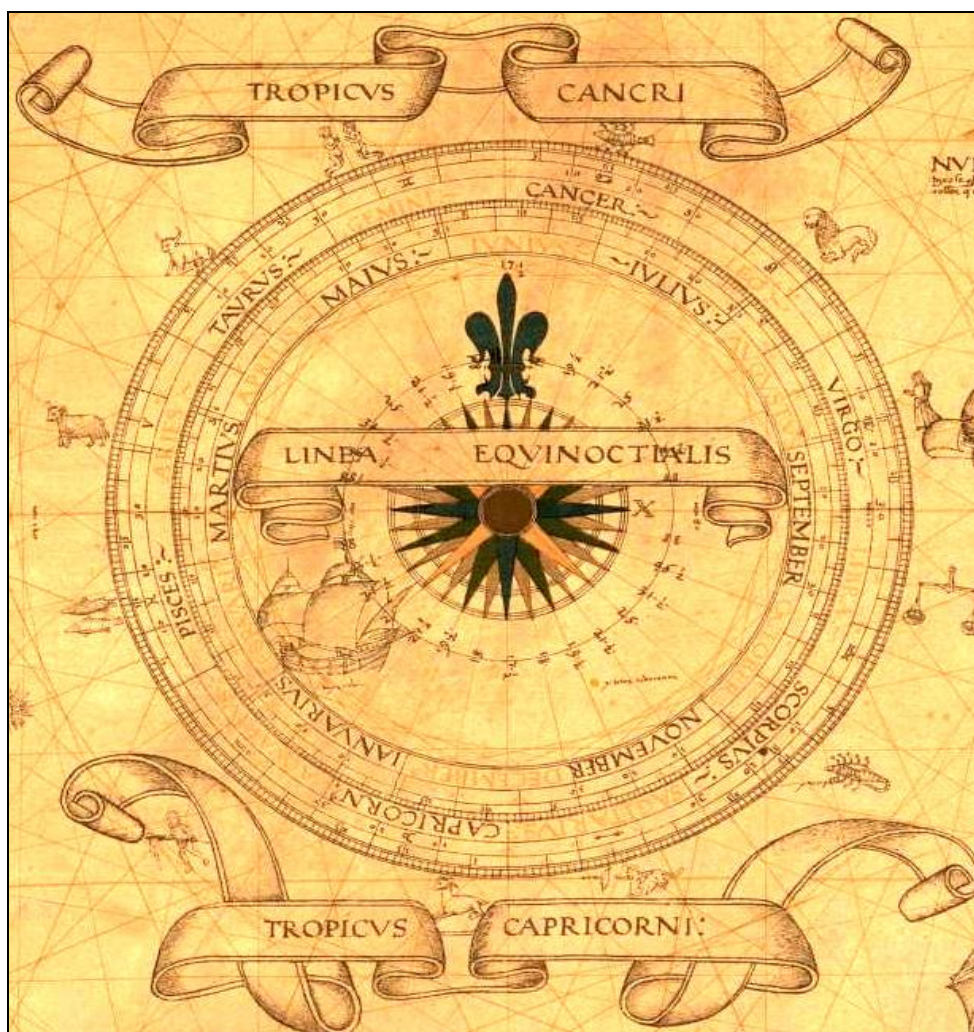


Figura 64. Exemplo de rosa dos ventos complexa e incrementada com o círculo solar, as constelações do zodíaco e os meses do ano. Detalhe do mapa de Diogo Ribeiro (1529). (Biblioteca Apostolica Vaticana)

¹⁹³ Sobre este instrumento: “O astrolábio, cuja invenção tem sido atribuída aos gregos (Apolônio de Perga, sécs. II-III a.C., ou Eudoxo de Cnido, séc. IV a.C.), chegou aos astrólogos medievais por meio dos árabes. Depois de várias adaptações, o astrolábio plano acabou se transformando no principal instrumento utilizado pelos navegadores portugueses para determinar a latitude.” MICELI, Paulo. *Op. Cit.*, p. 51.

¹⁹⁴Para a identificação destes instrumentos foi necessária a descrição confeccionada por Isa Adonias. Para mais detalhes ver: ADONIAS, Isa. *A Cartografia da Região Amazônica*. Vol I. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1963, p. 88.

Desta constatação, com base no trato com as fontes desta pesquisa, provém a terceira. No mapa de Sebastião Caboto, confeccionado no ano de 1544, constatou-se que, diferente de todos os exemplares anteriores e posteriores, existe apenas uma rosa dos ventos localizada no centro do mapa (figura 65). Dela partem as únicas 32 linhas de rumo que se propagam por todas as direções. Há outras quatro rosas dos ventos que interceptam cada uma das linhas de rumo em pontos diversos do mapa: uma na parte superior e uma na parte inferior, marcando o meridiano principal; e uma na parte esquerda e uma na direita marcando a linha do Equador. Estas últimas recebem o paralelo e meridiano principal da rosa dos ventos central. Nela ocorre, portanto, encontro entre ambos. Daí provém uma das mais ousadas interpretações sugeridas deste mapa-múndi, o encontro das linhas loxodrônicas ocorre justamente na América do Sul e a pouquíssimos centímetros da foz do Rio das Amazonas. A localização do centro do mapa em terras americanas, e principalmente do Rio ‘das’ Amazonas, seria sintomática. Como mencionado no capítulo 1, Caboto teria sido o primeiro a ter representado o grande rio americano em forma de serpente (1544), após a viagem de Francisco de Orellana, em 1542. Junto a isso, acrescenta-se a particularidade do cartógrafo ter empreendido viagem à América. Assim, devido a estes motivos, supõe-se que o autor realizou um destaque excessivo ao continente no seu exemplar. Soma-se a isso um conjunto de embarcações que criam uma espécie de círculo no entorno da América, além da distorção das terras do hemisfério austral em relação ao boreal aumentando as terras do sul. Todos estes elementos fariam por legar ao Novo Mundo um grande destaque. Talvez um aprofundamento do contexto do navegador possa ajudar numa investigação maior sobre este momento ímpar.

Assim, com base nestas constatações propostas, poder-se-ia pensar que as cartas-portulano e seu modelo cartográfico pautado na experiência marítima tiveram papel decisivo enquanto influência na alteração da representação do mundo verificada na cartografia desde o século XV. Isto pôde ser testado através da comparação de dois exemplares medievais com os mapas do século XVI, além da verificação de elementos mais genéricos desta matriz imagética. Mas, estes exemplares usados em navios também contribuíram para melhorias na navegação marítima, e serviram como ferramenta para uma nova espécie de navegação, as navegações interoceânicas. Isso revelou novos dados que rapidamente foram incorporados aos mapas. Paralela e conseqüentemente, a imagem do mundo criada pelos europeus seria modificada e dilatada. Assim, as Grandes Navegações foram um passo irreversível na ampliação dos

espaços conhecidos empiricamente e na conseqüente interação interplanetária da humanidade.

2.4 – As Grandes Navegações e as Descobertas das Novas Terras

O movimento de expansão ultramarina iniciado pelos portugueses no século XV é de fundamental importância para a compreensão da chegada dos europeus à América. Estágio avançado do processo, este descobrimento foi um dos ápices do momento iniciado no século XV. A compreensão dos motivos que levaram os europeus a começá-lo e sustentá-lo é de suma relevância não apenas para situar o leitor, mas para refletir sobre uma possível relação de procedência de inúmeras questões abordadas ao longo desta pesquisa. Um dos caminhos a serem pensados. Assim, este intento é importante para uma interpretação do contexto inicial da Europa, ajudando a compreender o dilema principal desta pesquisa: como uma matriz cartográfica de representação teria por base uma tradição simbólica esquemática medieval e uma experiência náutica. Desta forma, o foco em uma especificidade geográfica, o rio das Amazonas, pressupõe um estudo da gestação da própria América nos mapas e no próprio conhecimento dos europeus, portanto, necessita-se, antes, realizar uma arqueologia do próprio processo de expansão.

A expansão ultramarina europeia se deu inicialmente em um reino particular, o reino de Portugal, no início do século XV. É importante destacar que, na própria gênese do movimento expansionista europeu encabeçado pela Monarquia, as relações entre um pensamento medieval e moderno já ocorriam. Não existiu um processo linear em que os portugueses passam de um estágio medieval para uma etapa moderna. Neste sentido, as considerações de Luís Filipe Thomaz ajudam a esclarecer este movimento. Em sua obra intitulada *De Ceuta a Timor*, o autor interpreta as causas da expansão lusa, apresenta a ideia de várias expansões¹⁹⁵, e insere os possíveis problemas metodológicos decorrentes disso.¹⁹⁶

Ao avaliar a precoce expansão portuguesa, o autor enumera os diversos fatores que teriam colaborado para a empreitada. Primeiro, os portugueses entraram em contato

¹⁹⁵ Isso se refere à ideia de que as Grandes Navegações não foram homogêneas, elas iniciaram-se com os portugueses, mas adotaram tiveram especificidades em outros reinos. Não houve uma unidade no processo. Os espanhóis, por seus próprios meios, se lançaram na empreitada. Depois deles vieram ingleses, franceses, holandeses, dinamarqueses, suecos e outros. Foram, portanto, várias expansões. THOMAZ, Luís Filipe. *De Ceuta a Timor*. Lisboa: Difel, 1998, p.1-3.

¹⁹⁶ Ver a discussão completa: THOMAZ, Luís Filipe. *Idem*, p.1-3.

com os desenvolvimentos técnicos provindos dos árabes¹⁹⁷ (como a vela latina e os conhecimentos astronômicos); do Mediterrâneo, com as técnicas de catalães e italianos (Navegação por rumo e estima com a bússola e a carta portulano, a toleta de marteloio); e das construções navais atlânticas¹⁹⁸. Além disso, acrescentam-se os saberes adquiridos com a convivência dos marinheiros nas viagens pelo mar.

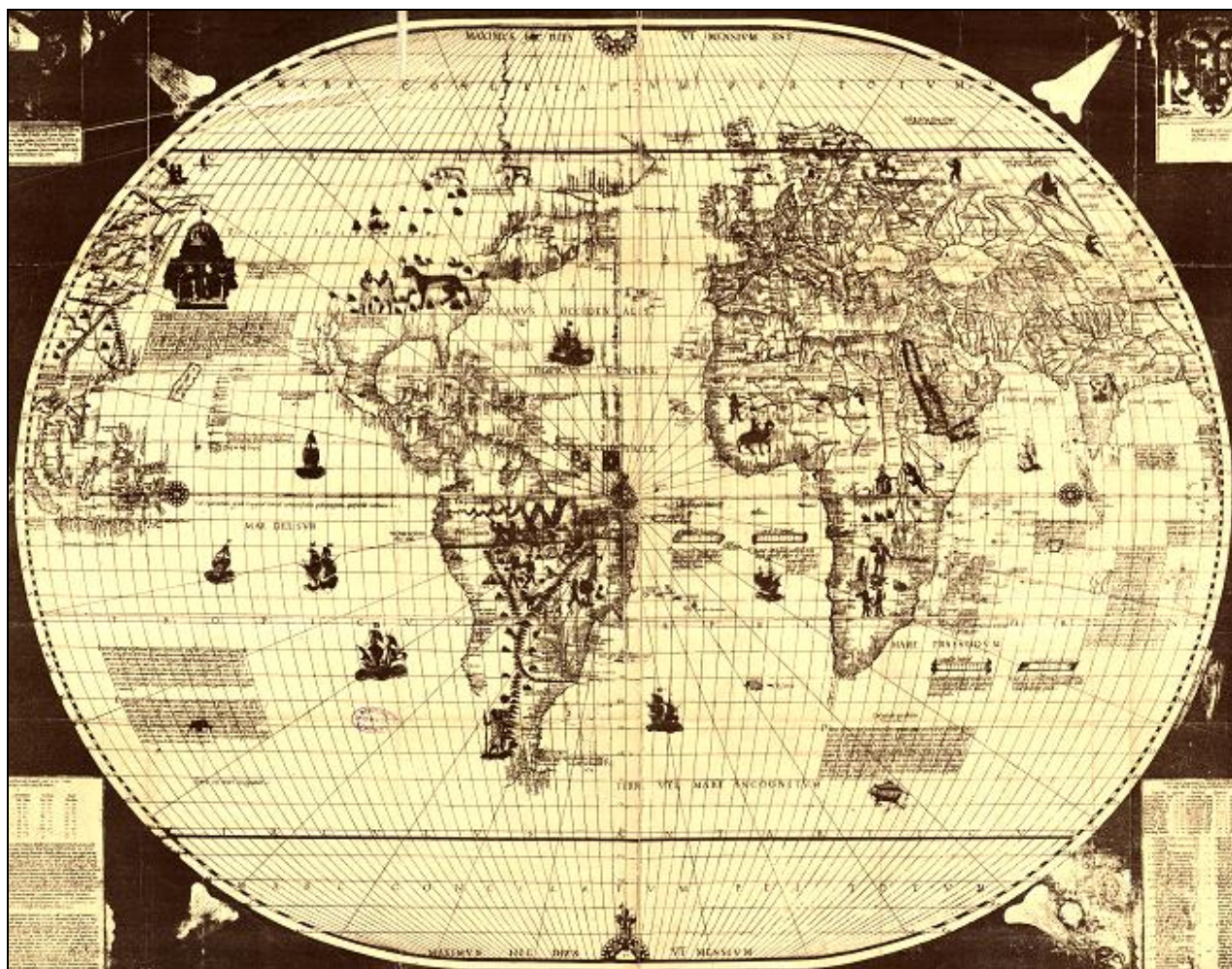


Figura 65 Mapa-múndi de Sebastião Caboto (1544). Visão geral mostrando a rosa dos ventos central de onde partem 32 linhas de rumo. A localização dela está próxima ao Rio ‘das’ Amazonas. (Norman B. Leventhal Map Center at the Boston Public Library)

No entanto, como aponta o autor, todos estes elementos eram *causas*

¹⁹⁷ Os árabes e mouros, além dos genoveses, contribuíram muito para as técnicas náuticas na península ibérica. Sobre assunto ver: MICELI, Paulo. *O desenho do Brasil no teatro do mundo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002, p.47.

¹⁹⁸ Neste ponto uma importante inovação portuguesa, a caravela, foi estudada por Paulo Miceli. O autor realiza uma investigação sobre as origens desta invenção e das modificações que ocorreram com ela ao longo das Grandes Navegações e os problemas de se buscar uma reconstituição de seus modelos mais antigos. Ver: MICELI, Paulo. *O ponto onde estamos: viagens e viajantes na história da expansão e da conquista (Portugal, século XV e XVI)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008, p.30.

instrumentais.¹⁹⁹ Ou seja, “(...) necessárias mas não suficientes para a produção do efeito – pois a posse de um instrumento não implica necessariamente a sua utilização.”²⁰⁰ O reino de Castela, por exemplo, possuindo condições semelhantes, não realizou tal façanha. Também, ao se levar em conta a questão da posição geográfica, o Marrocos nunca se lançou em algo parecido.²⁰¹ A isso se somam os fatores políticos gerais: a centralização do poder régio, a estabilidade das fronteiras, ou a chamada nacionalidade. Foram fatores importantes para terem permitido a expansão ultramarina, mas sua presença não garantia que isso ocorresse. Seriam condições prévias, mas não determinantes.²⁰²

Mesmo que Luis Filipe Thomaz coloque esta questão como não sendo fundamental na gênese do movimento, a forma com os portugueses aproveitaram as técnicas foi notável. Este destaque luso ocorreu principalmente nas adaptações e novas utilizações de instrumentos e técnicas diante da dificuldade de navegação no Atlântico e Índico, em fins do século XV e no século XVI. Isso resultou em grandes produções cartográficas que reuniu os saberes europeus sobre estes novos espaços. Assim, elas se tornaram “(...) elemento fundamental no conjunto dos saberes envolvidos na expansão europeia, já que o desenho da Terra em sua totalidade dependia da leitura do mapa do céu refletido no mar.”²⁰³ E este seria um “(...) caminho que apenas a experiência – ‘madre das coisas’, como bem percebeu Duarte Pacheco Pereira – associada ao conhecimento poderia estabelecer.”²⁰⁴ Isto reforça a ideia de que a experiência portuguesa, ao lidar com a diversidade do espaço novo, teria criado uma visão nova.

De volta à exposição de Luís Filipe Thomaz sobre os motivos da expansão portuguesa, em um segundo momento ele discorre sobre as chamadas *causas finais*. Elas seriam: a ideia de atacar o Índico para enfraquecer os turcos, já que estes haviam conquistado terras nos Balcãs; encontrar o Preste João; e também o ouro do Sudão e abastecer a Europa do escasso metal; ou, mais modesto, prevenir a conquista castelhana. A primeira hipótese é desacreditada pelo autor, pois existia uma série de problemas geográficos importantes além de não haver a presença dos turcos no Índico naquele momento. Já os outros objetivos são plausíveis e ocorreram em determinados momentos da expansão portuguesa. Desde 1309, o Ocidente, através do veneziano Marino Sanuto,

¹⁹⁹ THOMAZ, *Op. Cit.*, p. 6-7.

²⁰⁰ *Idem*, p. 7.

²⁰¹ *Idem*, p.7.

²⁰² *Idem*, p. 8.

²⁰³ MICELI, Paulo. *Op. Cit.*, p. 54.

²⁰⁴ *Idem*, p. 54.

buscava uma aliança com a Etiópia cristã, que se imaginava corresponder ao reino do Preste João. Quanto ao ouro do Sudão, a cidade de Gênova já se relacionava com este reino.²⁰⁵ Mas se apenas estes fatores dessem conta da explicação sobre a expansão ocorreria “(...) uma interpretação voluntarista da história, possível talvez nos tempos de Heródoto, mas inadmissível hoje em dia...”²⁰⁶. Assim, outros fatores estariam influenciando para que as *causas instrumentais* e *causas finais* pudessem ter lugar.

Na sequência, Luís Filipe Thomaz aponta as chamadas *causas formais* que são comumente apresentadas como fatores ideológicos: a ideia de cruzada, a influência do espírito franciscano e a filosofia aristotélica. As duas últimas não seriam particularidades dos portugueses e ajudariam pouco na compreensão do fenômeno, pois o interesse pelo real e a curiosidade pelo concreto eram partilhados por outras culturas. Além de comungados pela própria cultura latina. Entretanto, a primeira causa formal seria extremamente importante para a compreensão da expansão portuguesa. Segundo o autor:

Mais importante é o espírito de cruzada – não na sua versão original, ligada ao internacionalismo da *Respublica Christiana* e virado para a libertação dos Lugares Santos, mas numa versão modificada, alargada quanto ao objecto, que passa a ser, indistintamente todo o Dar-ul-Islam, o território muçulmano na sua totalidade, mas restringida quanto ao sujeito, porque posta ao serviço da política expansionista de um Estado Nacional.²⁰⁷

Esta ideia de uma espécie de “cruzada particular” presente no imaginário dos monarcas portugueses teria sido um fator importante para mobilizar a Monarquia lusitana para o além-mar, na busca por atacar os rivais muçulmanos. Isto não seria um pensamento partindo somente dos portugueses. Havia uma espécie de solidariedade religiosa entre a cristandade. Seria esta a importante conclusão do autor:

Esquece-se, sobretudo, que o confronto que desde o século VII se dá no Mediterrâneo não é meramente entre duas religiões, mas a rivalidade entre dois blocos políticos, culturais e económicos, organizados cada um em torno de seu credo. E é inegável que é esse credo o fecho de abóboda da sua solidariedade intrínseca. Lutar pela religião não é, pois, lutar por algo de ideal e exterior à sociedade, mas pelo elemento central da sua própria individualidade cultural – logo, pela sua subsistência como entidade colectiva. Esse espírito de cruzada tinha mais que em qualquer outra parte hipóteses de manter a vitalidade na Península – onde estava ainda incompleta a Reconquista, cuja imagem era na consciência nacional dos estados dela originado elemento relevante.²⁰⁸

²⁰⁵ Idem, p. 9-10.

²⁰⁶ Idem, p. 10.

²⁰⁷ Idem, p. 11.

²⁰⁸ Idem, p. 11.

Assim, dentro deste contexto, não é de se admirar, como o autor português exemplifica, que as obras sobre a presença portuguesa no ultramar começassem não com o feito de Vasco da Gama, em 1498, mas com a Hégira e fundação do Islamismo, que seria o início da história²⁰⁹. Portanto, este ponto teria influenciado enormemente o início das Grandes Navegações.

Mas, no conjunto destas *causas*, incluem-se ainda as *causas naturais*. Ao se considerar este momento histórico, os historiadores inserem-no juntamente as grandes transformações do Ocidente a partir da chamada “revolução comercial do século XI”, a face mais notável do grande movimento de crescimento populacional e econômico. Portugal teve um crescimento populacional e saiu-se fortalecido com o incremento do comércio mediterrânico: localizava-se no meio das rotas do Mediterrâneo para o mar do Norte. Assim, o litoral teve papel decisivo, pois influenciou até na escolha do principal porto do país como capital, Lisboa. Estas conexões econômicas fizeram Portugal ter laços com a Inglaterra e, de certa forma, escapar da unificação com Castela. A intensa e lucrativa rede de negócios entre os produtos mediterrânicos e os portos do norte pareceu ter peso mais importante na expansão ultramarina, de acordo com Luís Filipe.²¹⁰

No entanto, os fatores de crescimento demográfico e econômico não podem ser entendidos como determinantes, pois, outros reinos possuíam condições semelhantes e não tiveram o mesmo movimento expansionista. Outro ponto no qual o autor se dedica é contradizer o papel da cidade de Ceuta como ‘baluarte’ da expansão ultramarina. Aqui o autor diverge de Charles Boxer, pois este entende a praça como uma ligação maior com o fenômeno expansionista. Assim, de acordo com o último:

De todo modo, a ocupação de Ceuta por certo possibilitou aos portugueses a obtenção de algumas informações sobre as terras dos negros do alto Níger e do rio Senegal, de onde vinha o ouro, caso já não soubessem de outras fontes, como o “mapa catalão” de 1375 e os relatos de mercadores judeus. Em algum momento, começaram a perceber que talvez pudessem estabelecer contato com essas terras pelo mar, e, assim, desviar o comércio do ouro das caravanas de camelos do Sudão ocidental e dos intermediários muçulmanos da Berbéria.²¹¹

Um ponto importante que Charles Boxer comenta, e nesta pesquisa é fundamental apontar, é a relação entre o ouro, os rios Senegal e Níger, e a região tropical e floresta. Inclusive os portugueses esperavam atingir o fabuloso reino do Preste João através

²⁰⁹ Citação do caso da obra de João de Barros intitulada *Décadas na Ásia*. Ver: *Idem*, p. 11.

²¹⁰ *Idem*, p. 13-15.

²¹¹ BOXER, Charles. *O Império Marítimo Português 1415-1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 35.

destes rios e, posteriormente, do rio Zaire (ou Congo). Eles acreditavam que seriam braços do Nilo.²¹² Isto poderia ser um indicativo da construção de um imaginário relacionado à riqueza e aos rios tropicais. Ao somar-se com as pérolas que Colombo teria capturado próximo à foz do rio Orenoco, seria um fator a se acrescentar na explicação da relação direta de rios americanos, como o do Rio ‘das’ Amazonas, às notícias de fabulosas riquezas. Haveria, portanto, toda uma ligação imagética entre fortuna e rios tropicais.

De volta ao problema de Ceuta e sua importância ou não no movimento expansionista luso, o autor Luís Filipe afirma que a praça seria mais um passo na longa luta contra os muçulmanos na Barbaria ou Berberia. O estabelecimento português seria condenado pela classe burguesa, que via com maus olhos o aumento dos encargos para financiar praças na costa africana. Assim, o apoio ao movimento de conquista de terras no Marrocos teria partido, inicialmente, da nobreza com fins de expansão nesta região. E não um movimento cuja burguesia estaria encabeçando.²¹³

No entanto, durante o governo de D. João II (1481-1495) teria ocorrido uma mudança significativa. O foco concentrava-se no sul do Marrocos, através de uma presença pacífica e comercial com os povos da Guiné. Assim, eram fornecidos a estas populações magrebins os produtos trazidos pelas caravanas muçulmanas e, em troca, obtinham ouro, escravos e demais produtos do Sudão.²¹⁴ No governo de D. Henrique, haveria dois motivos em especial para a expansão rumo ao sul do Atlântico, na costa da África: a tentativa de cercar o Marrocos pelo sul e a busca pela aliança com um reino cristão, no caso o Preste João²¹⁵. Precisamente, a partir do ano de 1443, chega ao reino um navio trazendo cativos não comprados, mas conseguidos diretamente na costa africana. É um momento decisivo de inflexão dos objetivos iniciais da expansão. Em 1444, Nuno Tristão atinge a “terra dos Negros” que tinha valor comercial maior que a

²¹² Idem, p. 48-49.

²¹³ Sobre este ponto Luís Filipe Thomaz aponta: “Parece assim ficar claro que, pelas suas motivações como pelo seu caráter, pela sua continuidade com a Reconquista como pela ideologia que a informa, pelo espaço geográfico em que se desenrola, pela base social, a expansão portuguesa no Marrocos antes de D. João é mais um derradeiro episódio da história medieval que o primeiro episódio da moderna. O seu nexó lógico com a revolução comercial do século XI e com a ascensão da burguesia é mais que tênue. Obviamente, Ceuta não é exceção.” Thomaz, Luís Filipe, *Op. Cit.*, p. 28-29.

²¹⁴ Idem, p. 26.

²¹⁵ De acordo com Charles Boxer: “(...) seria um potentado mítico, em sua origem vagamente imaginado pelos europeus como um soberano de um poderoso reino ‘nas Índias’ – termo elástico e ambíguo que muitas vezes englobava a Etiópia e a África Oriental, bem como o que se conhecia como Ásia.” BOXER, *Op. Cit.*, p.35-36.

costa saariana.²¹⁶

O ano decisivo seria 1448, quando o comércio se sobrepôs ao corso, uma consequência direta da mudança geográfica de interesse para o reino luso: “Só em 1448 se pode dizer com verdade que a expansão guineense se separa da marroquina. Os descobrimentos e a exploração comercial das terras descobertas tornam-se uma dimensão *a se*, uma nova linha de expansão pronta a criar os seus modelos.”²¹⁷ Neste momento, a burguesia estaria presente no movimento, pois, surgiram mercadores italianos, a primeira feitoria permanente, em Arguim, e a primeira sociedade para explorar comercialmente. Assim, como menciona o autor, o capitalismo foi um enxerto na expansão portuguesa. Por isso, foi chamado por Magalhães Godinho de um Império de cavaleiro-mercador. De acordo com Luís Filipe, a expansão lusa e europeia guardam ligações complexas. Inicialmente, como movimento particular de Portugal, a expansão teria alcançado outros reinos, mas em contextos específicos²¹⁸.

Desta forma, dentro desta dinâmica inerente ao movimento iniciado em Portugal, a Europa se baseou e foi guiada por este caminho que se tornou o grande modelo a ser seguido devido às potencialidades que apresentou. A conclusão do caminho analítico traçado por Luís Filipe, acerca dos motivos que teriam levado Portugal a realizar as Grandes Navegações, seria:

(...) Primeiro, a necessidade de uma reconversão que assegure a sobrevivência a uma nobreza em crise, porque hipertrofiada e porque entalada entre as classes burguesas em ascensão e uma realeza em crescente afirmação; segundo, o desejo de abertura de novas rotas de comércio, que permitam às classes mercantis reinventar os lucros provenientes do incremento das trocas, no período imediatamente anterior, ao rei e à aristocracia imitá-los e assim garantir a liquidez para a posse de bens móveis; terceiro, a política de afirmação de um Estado nacional que, recém-saído de uma grave crise e dirigido por uma dinastia jovem, intenta por um lado evitar o cerco ou a absorção por um vizinho poderoso, no momento crucial da formação de grandes espaços políticos, por outro garantir a paz interna, aliviando as tensões sociais e drenando para o exterior a conflitualidade latente própria de uma época de rápida mutação socioeconómica. Destes três fatores é o último o mais original, o mais ‘moderno’ e quiçá o que mais poderosamente contribuiu para o sucesso do movimento nos moldes em que veio a prevalecer, evitando que a interação dos dois primeiros se saldasse

²¹⁶ THOMAZ, Luís Filipe, *Op. Cit.*, 30-31.

²¹⁷ *Idem*, p. 34.

²¹⁸ A constante que está ligada a este movimento se explica da seguinte maneira: “De fenómeno predominantemente local, logo inflecte para se enxertar no grande tronco do movimento comercial europeu já em curso, por meio de uma tripla ligação: formal, absorvendo o seu saber, adoptando as suas instituições, reformulando-se à imitação dos seus modelos; material, no duplo aspecto comercial e financeiro. No aspecto comercial a expansão portuguesa, na sua nova dimensão mercantil, torna-se economicamente viável porque pode colocar nos mercados europeus os produtos ultramarinos; no financeiro, dá-lhe possibilidade de sobreviver e prosseguir seu movimento.” THOMAZ, Luís Filipe, *Op. Cit.*, p. 36

por mera entropia social ou por uma anarquia de tentativas sem futuro.²¹⁹

E estes três fatores ligam-se a expansão populacional e comercial que se iniciou no século XI. Isto coloca sobre o mesmo lado outro movimento histórico que teria tido semelhante origem, as Cruzadas. Estas se separam do novo movimento expansionista pelo intervalo da recessão demográfica causada pela Peste Negra e outras pragas.²²⁰ Mas também tem que ser levado em conta a função essencial da nobreza no processo juntamente a coordenação direta do Estado. A ideia de uma nova cruzada no Marrocos também alimentou o movimento e só foi abandonada com a tragédia em Alcácer Quibir.²²¹ Assim, de acordo com Luís Filipe, os portugueses através de suas navegações e relações comerciais na costa da África mostraram a Europa que este negócio não somente era viável, como também traria exorbitantes lucros. Com isso, eles tornaram-se os pioneiros na empresa ultramarina, dando o primeiro de muitos passos neste novo rumo.²²²

Com a exposição do processo inicial das Grandes Navegações, fica evidente o papel precursor de Portugal, mas também que este processo nasceu de um conjunto de fatores internos e externos. Nele, os objetivos estavam ligados com o imaginário medieval vinculado as cruzadas, ou seja, de combate aos infiéis. Também se acrescenta o posterior início das relações comerciais realizadas na costa atlântica. Assim, poderíamos ligar este processo a própria questão que move esta pesquisa, a dicotomia entre a tradição e experiência. Claro que esta divisão não é exata, e, em inúmeros casos, existe uma inter-relação, como se comprova pela própria essência da expansão portuguesa: moderna e medieval ao mesmo tempo. Mas, através dela pode-se perceber que os fatores modernos, cada vez mais entravam em cena, e, no âmbito cartográfico ficavam cada vez mais evidentes ao longo do século XV com o sistemático

²¹⁹ Idem, p. 39.

²²⁰ Charles Boxer exemplifica este aspecto no reino português: “A população totalizava, no máximo, 1 milhão, no final da Idade Média. Em Portugal, como em outros lugares, a Peste Negra de 1348-9 provocou enorme mortandade; e a longa guerra com Castela, de 1383 a 1411, deve ter acarretado efeitos adversos sobre as populações fronteiriças. Mas a resistência humana a calamidades nacionais desse tipo está suficientemente confirmada, e a cifra de 1 milhão deve ter sido atingida e ultrapassada por volta de 1450.” BOXER, Charles. *O Império Marítimo Português 1415-1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 18.

²²¹ Foi uma batalha travada no norte do Marrocos entre os portugueses, aliados da dinastia saadiana, que disputava o poder com o Sultão marroquino Mulei Moloco, apoiado pelos otomanos. No final do confronto, o rei português acabou desaparecendo junto a uma parte dos nobres que o acompanharam. O sumiço do monarca iria gerar o movimento messiânico conhecido como sebastianismo, além de provocar uma crise de sucessão em Portugal possibilitando, posteriormente, a submissão à Castela por meio da ascensão ao trono português por Filipe II. A derrota também desestimulou a continuação da cruzada no norte de África.

²²² THOMAZ, *Op. Cit.*, p. 39-41.

conhecimento da costa africana.

2.5 – Descobrimientos e a cartografia no século XV

Se no âmbito das origens e primeiros passos das navegações portuguesas à costa da África, o peso do pensamento medieval ainda estava fortemente ligado à empresa, no âmbito cartográfico poderíamos dizer que ela estabelece um sentido moderno. Ou seja, o conhecimento da costa africana produz uma nova fonte de conhecimento geográfico, pautado pela forma de representação das cartas-portulano, que diverge de uma matriz baseada nos mapas-simbólicos medievais e da cartografia de origem ptolomaica. Assim, o novo modelo do mundo para a costa da África passou a ser conhecido na Europa e foi sendo sistematicamente adotado na maioria dos mapas.

No entanto, este modelo não foi responsável por trazer informações sobre todo o orbe. Isto fez com que os cartógrafos tivessem que optar por preencher seus mapas, nos locais não frequentados por portugueses, com conhecimentos obtidos das outras fontes: os modelos provindos da tradição retórica medieval. Desta forma, as navegações portuguesas não foram uma matriz única para a confecção de mapas-múndi. Elas não podiam abarcar todo o desenho do globo. Isto, de certa forma, poderia ser um importante motivo, dentre outros, para a sobrevivência das outras fontes de informação.

Um exemplo disso são dois casos importantes que ilustram a cartografia do século XV: o mapa-múndi de Fra-Mauro (1459) e o mapa de Henricus Martellus Germanus(1489-1492) (figura 66). Em ambos os casos, os modelos tradicionais estão inclusos, mas o impacto direto dos feitos portugueses estão presente. A estrutura geral do mapa segue fiel ao estilo T-O, no primeiro caso, e a Ptolomeu, no segundo. No entanto, aparecem intrusos nos contornos ocidentais da África.

O mapa do monge Fra Mauro produzido na Itália, no ano de 1459, possui um aspecto que lembra um mapa T-O complexo. A cidade de Jerusalém aparece com destaque no centro do mapa. O Paraíso Terreno localiza-se no extremo norte do continente asiático. As concepções aristotélicas do universo aparecem nos pequenos círculos nos cantos do mapa, e o jardim do Éden encontra-se em um dos círculos na parte externa do mapa. Além desta ligação, existem outras fontes para a representação do mundo: a Geografia de Ptolomeu; as cartas-portulano; e as narrativas de viagem,

como de Marco Polo.²²³ Além destas, a influência portuguesa também se faz presente no exemplar. Assim, juntamente aos modelos realizados até o período, o monge italiano teria acrescentado às novas informações provindas das novas viagens.

No período em que se produz este mapa, já havia presença portuguesa na costa da África. Ela se consolidou com a construção dos fortes da Mina (1482) e de Axim (1503), resultados do desejo de fixação na terra e símbolos de poder diante das populações locais e possíveis rivais europeus. Porém, este estabelecimento não significou a conquista da população local, pois, a permanência se deu apenas através das feitorias: base para troca de mercadorias pelo ouro com tribos locais.²²⁴

Em relação ao exemplar de Henricus Martellus Germanus, faz-se necessário situá-lo no contexto da viagem de Bartolomeu Dias, em 1488. O Cabo da Boa Esperança foi dobrado e provou-se empiricamente a possibilidade de circum-navegação do continente africano. No mesmo período, houve o envio de emissários. O mais famoso é Pero da Covilhã, enviado à região do golfo Pérsico e a costa suáli da África Oriental. Mas, em 1490, recebeu ordens de visitar a Abissínia (Etiópia) e lá foi recebido com honrarias, mas não foi permitido que retornasse.²²⁵ Ou seja, na época de produção do mapa do cartógrafo alemão na Itália, o conhecimento obtido pelos portugueses sobre a costa África e a própria dimensão continental era fruto de um maior conhecimento da região costeira.

Após o feito de Bartolomeu Dias, cogita-se o intervalo nas viagens portuguesas. A segunda viagem ao cabo ocorreu nove anos depois, através da viagem de Vasco da Gama. Sobre esse íterim, o autor Charles Boxer lançou a hipótese de que neste período, reinado de Dom João II, os portugueses poderiam ter treinado uma nova forma de atingir o Cabo da Boa Esperança sem utilizar a rota costeira seguida por Bartolomeu Dias, pois era arriscada por ir contra os ventos alísios. A rota realizada por Vasco da Gama, em 1498, seguiu-se diferente da anterior: a expedição marítima desviou a oeste de Cabo Verde, após o Equador, e depois pegou os ventos atlânticos que a levou rumo ao cabo.²²⁶ A hipótese de Boxer, se levada em consideração, seria uma importante pista para se pensar em um possível conhecimento das terras brasileiras antes de Cabral. Seria

²²³ ALEGRIA, Maria Fernanda *et alli*. “Cartografia e Viagens” In: BETHENCOURT, F. & CLAUDHURI, K. (dir.). *História da Expansão Portuguesa*. Vol I. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998, p. 31.

²²⁴ BOXER, *Op. Cit.*, p. 49-51.

²²⁵ *Idem*, p. 49-51.

²²⁶ *Idem*, p. 51-52.

um ponto importante a se pensar.²²⁷

No mapa de Henricus Martellus, a costa ocidental apresentada tem por base toponímia portuguesa até onde Bartolomeu Dias alcançou. No restante, a presença da influência de Ptolomeu é notória. Isso se deu, pois o autor era um dos copistas da *Geographia*. No entanto, isto não fez com que o autor desconsiderasse as informações novas obtidas através dos lusitanos. Isso mostra o peso com que a informação nova foi levada em conta, uma vez que, nos locais visitados, adotou-se diretamente a nova representação, ao invés da forma convencional.



Figura 66. Mapa de Henricus Martellus Germanus (1489). (<http://www.mapas-historicos.com/henricus-martellus.htm>)

²²⁷ Neste sentido, poder-se-ia acrescentar que os portugueses estavam se familiarizando com as águas do Atlântico Sul. Estariam mais próximos do conhecimento astronômico, pois, ao navegar no Atlântico: "(...) era indispensável a prática da astronáutica – a navegação baseada na observação astronômica –, especialmente no retorno a Portugal, ao fim das longas viagens inauguradas na segunda metade do século XV, pois os ventos tornavam necessário penetrar fundo no Mar Oceano, forçando as esquadras a descrever larga curva até a latitude dos Açores, de onde se rumava para a Península. Com isso, perdia-se a vista de terra por cerca de dois meses, o que tornava inútil anotar o rumo e estimar a distância navegada, como se fazia no Mediterrâneo, sob orientação das cartas-portulano. Assim, ao partir, os navegadores tomavam a altura meridiana de uma estrela; depois de fixar essa altura, calculavam a distância vencida a partir de nova observação do mesmo astro feita mais adiante, equivalendo cada grau a 16 léguas e dois terços." MICELI, Paulo. *O desenho do Brasil no teatro do Mundo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002, p. 50.

Em uma legenda na parte ocidental (figura 67), o cartógrafo afirma que a base para a representação da costa ocidental da África foram as navegações portuguesas. Assim, no século XV, esta fonte de informação foi, aos poucos, sendo utilizada sistematicamente. Em alguns momentos, ela foi privilegiada em contraposição a de Ptolomeu, a dos viajantes do Medievo ou de outros autores clássicos.



Figura 67. Detalhe de uma legenda sobre a representação baseada no conhecimento náutico português na costa ocidental da África, no mapa de Henricus Martellus (1489). (<http://www.mapas-historicos.com/henricus-martellus.htm>)

Mas é importante ressaltar que este movimento de expansão foi acompanhado de muitos outros mapas. Na maior parte deles, como nos casos apresentados, é inegável que as descobertas portuguesas influenciaram criando nelas pontos específicos indicando um novo padrão de representação. Pois, se as cartas-portulano eram exemplares específicos de certas regiões, desenhadas exclusivamente para fins náuticos, os mapas-múndi estavam sobre influência direta dos pensadores religiosos medievais e, no século XV, seriam resgatados os exemplares com as concepções ptolomaicas. Assim, as cartas-portulano e, principalmente, as informações obtidas pelos portugueses em suas viagens alterariam partes dos mapas e, com a descoberta da América por Colombo, as viagens náuticas iriam trazer irreversivelmente um novo contorno do mundo.

2.6 - As Etapas de Representação do Rio Amazonas

A partir das navegações no século XV, iniciadas pelos portugueses e seguidas posteriormente pelos espanhóis e demais europeus, a América foi descoberta. A viagem de Cristóvão Colombo revelou aos europeus a “Quarta parte do orbe”, em 1493. Depois deste feito, o navegador genovês realizou outras três viagens às novas terras. Ele iniciou o conhecimento da região.

Juan de la Cosa, em 1500, teria sido o primeiro a cartografar a América como novo continente, e, em seu mapa, já estaria representada de forma nebulosa a foz do rio

Amazonas. Iniciava-se assim, o conhecimento e consequente representação do continente e, paralelamente, do grande rio.

Sobre este conhecimento foi realizada uma divisão, em etapas, baseada nos padrões de representação do rio Amazonas durante o século XVI. Esta variação está intimamente ligada ao tempo e as novas descobertas no novo continente. Para compor esse panorama de mudança temporal, foram utilizados, como base, novamente os mapas dos seguintes cartógrafos e ano de produção: Juan de La Cosa (1500); anônimo, dito Cantino (1502); Martin Waldseemuller (1507); Diogo Ribeiro (1529); Sebastião Caboto (1544); Diogo Homem (1558); Ortelius (1570); Luís Teixeira (c.1600). No entanto, isto não exclui outros exemplares que podem ser apontados como característicos de determinado momento de representação do rio Amazonas, no século XVI.

Além desses exemplares, os relatos de cronistas da época serão apresentados para dar outra dimensão da maneira como o conhecimento das explorações do continente e do rio foi compreendido. Inclui-se aqui tanto aqueles produzidos por participantes das expedições à América, ao rio-mar em específico, quanto de contemporâneos que tinham informações importantes sobre o Novo Mundo e/ou o grande rio descoberto.

Esta divisão em etapas faz-se necessária devido a grande dimensão dos exemplares conhecidos e do grande período temporal compreendido. Assim, para se perceber de que maneira o conhecimento empírico influenciou diretamente nas representações cartográficas do rio Amazonas, optou-se por trabalhar com blocos de mapas em diferentes períodos. Pois, por mais que fossem produzidos em vários locais da Europa, observa-se que a matriz de representação usada para a América e o rio-mar provinha do conhecimento português e espanhol. Isso corroborou para uma semelhança nas figurações de um mesmo período. Desta forma, a aproximação de um conjunto de exemplares, de uma mesma época, facilita a compreensão de sua interrelação imagética de determinados entes geográficos.

As etapas propostas são quatro. A primeira refere-se a descoberta do continente americano e, conseqüentemente, do rio Amazonas, em 1500, até o início da década de 1520. O rio aparece representado, limita-se a foz. A seqüência, a partir de um conhecimento maior da Geografia do Novo Mundo e com especulações sobre a nascente e o percurso do grande rio, chamado pelos espanhóis na época de rio Marañon, ocorreria dos anos 1520 até princípios da década de 1540. A terceira etapa ocorreu a partir desta década com a primeira viagem realizada ao longo de quase todo o rio 'das' Amazonas no ano de 1542. O curso do rio foi conhecido e a região cartografada, com grande foco

nele. E, por fim, na última etapa, com a viagem de Pedro de Ursúa e Lopo de Aguirre, na década de 1560, ter-se-ia também uma maior complexidade na figuração do rio até o final do século XVI, com a ocupação da foz por ingleses, holandeses e franceses.

2.6.1. Vicente Yáñez Pinzón e as nebulosas representações do Mar Dulce (1500 a 1521)

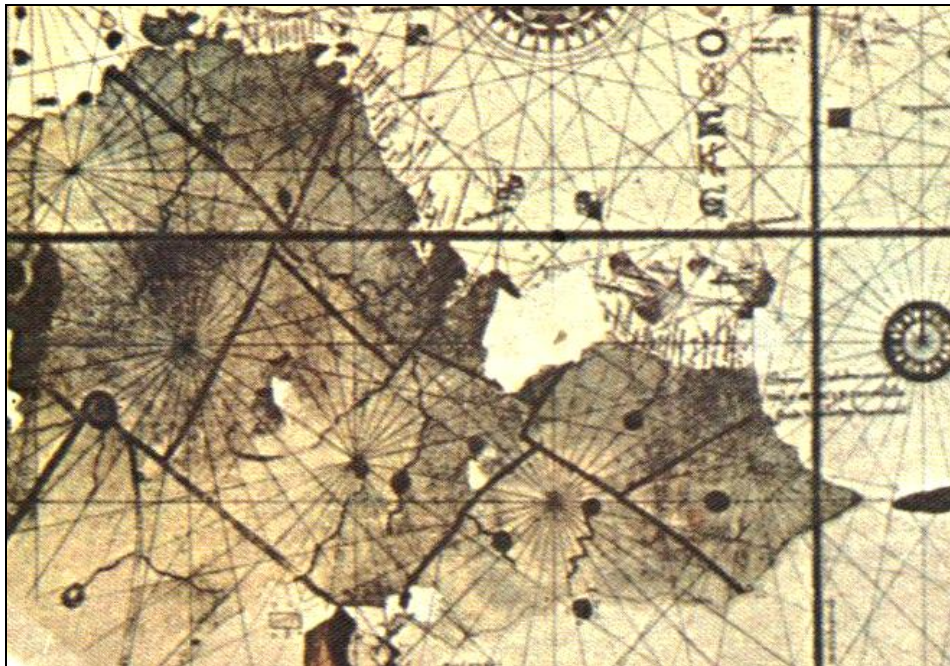


Figura 68. Detalhe do norte da América do Sul no mapa de Juan de La Cosa (1500). (*Mapas Históricos Brasileiros*, 1970)

O primeiro navegador europeu a atingir o Novo Mundo foi Cristóvão Colombo e sua expedição, no ano de 1492. Eles alcançaram as Antilhas, primeiramente na região hoje compreendida pelas Bahamas. Os locais encontrados foram associados com regiões do extremo leste da Ásia, onde a expedição tinha por objetivo alcançar. Após esta primeira viagem, o navegador genovês realizou outras três. Foi neste contexto inicial de descobertas que se inseriu o conhecimento do gigante caudaloso sul-americano.

A descoberta, para o Velho Mundo, do rio Amazonas deu-se através da expedição comandada por Vicente Yáñez Pinzón, nos primeiros meses de 1500. Este navegador espanhol buscava encontrar um caminho, através do oceano, para chegar à Ásia, pois, as notícias do sucesso da expedição de Vasco da Gama, ao contornar a África e atingir a Índia, em 1498, animavam a empreitada. Depois de encontrar terras no atual Ceará, em 24 de janeiro de 1500, a expedição prosseguiu viagem. Quando encontrou um fenômeno extraordinário: “(...) agua dulce 30 leguas adentro del mar hecho provocado por la

desembocadura de um rio fantástico que denominaram río Grande”²²⁸. Esse local seria hoje a baía de São Marcos, na região da ilha de São Luís, no Maranhão. Dias depois, os espanhóis chegavam ao Rio Pará, e em seguida reconheceram o arquipélago de desembocadura do Amazonas. Era descoberto o rio *Santa Maria de La Mar Dulce*.

O exemplar que primeiro teria incorporado as novas descobertas foi o mapa-múndi de Juan de La Cosa²²⁹, feito no porto de Santa Maria, em 1500²³⁰. Ficou conhecido por ter sido o primeiro a apresentar a América como continente. Seu autor, também navegador, integrou a expedição de Alonso de Hojeda em outra expedição ao norte da América do Sul, em 1499.

No mapa existem alegorias de navios próximos à costa da América do Sul, que indicariam a viagem descobridora de Vicente Pinzón²³¹ (figura 68). Se essa associação (barcos espanhóis e navegador) é questionável, outra maior refere-se à representação da foz do rio Amazonas. Problemas de conservação são fatores que contribuem para a polêmica: justamente onde figuraria a foz, abaixo da linha Equinocial, há um dano. Mesmo assim, é possível observar que o local possui traços de rios, com duas pequenas penínsulas, e depois surge o grande branco da parte danificada. Este seria o nascimento cartográfico do grande rio.

Em outro exemplar da época, o mapa português conhecido como “de Cantino”²³², há uma configuração parecida. Produzido secretamente, no ano de 1502, por um cartógrafo anônimo, em Portugal, a mando de Alberto Cantino para ser enviado à Itália (figura 69). Essa forma anônima de confecção e comercialização relacionava-se com a tentativa, através de rígidas punições, de restrição ao conhecimento dos novos espaços, por parte do reino de Portugal. Entretanto, como nesse exemplo, e em vários outros, essa estratégia estatal não se mostrava muito eficiente. Voltar-se-á a este exemplar e sua história no terceiro capítulo.

²²⁸ MARCOS, Jesús Varela. “Juan de La Cosa: La cartografía de los descubrimientos” In: MARCOS, Jesús Varela (coord.). *Juan de La Cosa: La Cartografía Histórica de los Descubrimientos Españoles*. Sevilla: Universidad Internacional de Andalucía, 2011, p. 82.

²²⁹ Mapa manuscrito com 93 cm de altura e 183 cm de largura.

²³⁰ A inclusão de informações da viagem de Vicente Pinzón ao Novo Mundo no mapa de Juan de La Cosa seria contestado por alguns autores. Na opinião deles, o pequeno espaço entre o contato do cartógrafo com membros da expedição espanhola seria um dos motivos. Para mais detalhes a nota 8 em: TEIXEIRA, Dante & PAPAVERO, Nelson. *Os primeiros documentos sobre a História Natural do Brasil (1500-1511) – Viagens de Pinzón, Cabral, Vespucci, Albuquerque, do Capitão de Gonnevillle e da Nau Bretoa*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2002, p. 33 e 34.

²³¹ Assim como a questão da confecção do mapa com informações de Pinzón, a representação de sua viagem no mapa também é controversa. Ver nota anterior.

²³² Mapa manuscrito que possui uma dimensão de 218cm x 102cm.



Figura 69. Detalhe da costa brasileira no mapa anônimo chamado de Cantino (1500). (*Mapas Históricos Brasileiros*, 1970)

Com relação ao mapa, as novas terras americanas se limitam, em sua maioria, à região portuguesa, como estabelecido no tratado de Tordesilhas (1494). A principal referência seria a expedição de Pedro Alvarez Cabral (1500). Diferente do exemplar espanhol anterior, não há nenhuma grande especulação enigmática sobre o interior do continente. Para além do território luso, existe apenas o litoral norte e as Antilhas “*del Rey de Castella*”.

Em relação ao Amazonas também há controvérsia. Próximo ao litoral norte da América do Sul, a oeste da linha demarcatória de Tordesilhas, a primeira legenda acima da foz de um rio tem a seguinte inscrição: “todo este mar é de água doce”. Seria a prova da representação do rio-mar. Porém, a época, como mostrou o relato da viagem de Pinzón, mencionado anteriormente, a Bahia de São Marcos surpreendeu os viajantes por conter água doce próximo ao oceano. Além dele, o rio Pará (conector do Amazonas com o Atlântico através do entorno da ilha de Marajó), e o Orenoco causaram o mesmo fenômeno aos viajantes. Outro fator de complicação é a localização da linha do Equador. No continente americano situa-se abaixo do que seria sua real posição. Assim, a referência para a localização do rio Amazonas através das coordenadas geográficas (meio grau abaixo da linha) é dificultosa. Existe ainda, outra informação verticalmente a inscrição anterior, para dentro do continente. Apesar do desgaste e dificuldade de leitura, ela parece mencionar “Rio Grande”. Se realmente for essa a informação, então este seria o rio que Vicente Pinzón nomeou, contornando a ilha da contemporânea São Luís.²³³ Portanto, não seria o rio-mar. Resta afirmar, que ele, de forma mais duvidosa

²³³ Para Teixeira e Papavero, o rio grande identificado seria nome provindo do *Santa Maria de la mar Dulce*. A confusão se deu justamente pela quantidade de rios potentes a desaguar no oceano e formarem “mar dulce”. Segundo os autores: “Como se não bastasse, o mesmo fenômeno descoberto por Pinzón já

que La Cosa, cartografou a região da foz do Amazonas entre o “Rio Grande” e a inclinação que levaria ao Orenoco, entre as ilhas que surgem no litoral, antes da alteração da configuração da costa no sentido sul/noroeste.

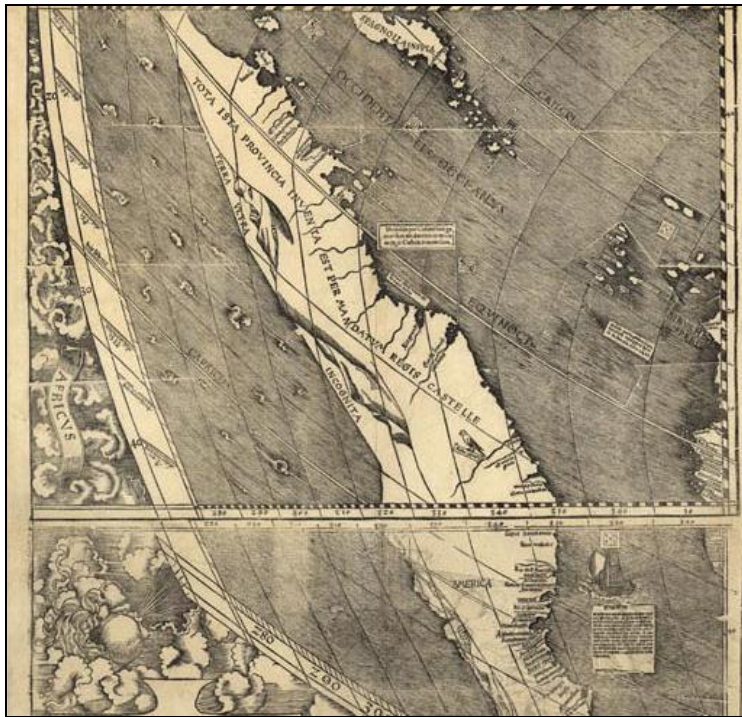


Figura 70. Detalhe da América no mapa-múndi de Martin Waldseemüller (1507) (<http://memory.loc.gov/gmd/gmd3/g3200/g3200/ct000725C.jp2>)

Outro exemplar dessa fase, o mapa gravado²³⁴ em 1507, pelo alemão Martin Waldseemuler, também é um exemplo da falta de clareza do rio nessas figurações iniciais (figura 70). Seu autor nomeou, em seu mapa, o Novo Mundo de América em homenagem ao navegador Américo Vespúcio, que através das leituras das obras deste, acreditou que era o mais importante geógrafo do período. Portanto, esse exemplar é amplamente reconhecido por ter “batizado” o novo continente. Seu poder de persuasão foi tamanho, que mesmo depois da confecção de outro mapa, em 1516, retificando o erro, e colocando Colombo como o primeiro descobridor, Waldseemuler não conseguiu desfazer o equívoco²³⁵. Em relação ao desenho do Novo Mundo teria se baseado em

havia sido registrado em agosto de 1498 por Colombo (...), pois caberia ao Almirante genovês descobrir um “mar de águas doces” formado pelo delta do Orinoco ao vencer a Boca do Dragão.”²³³ TEIXEIRA, Dante & PAPAVERO, Nelson. *Os primeiros documentos sobre a História Natural do Brasil (1500-1511) – Viagens de Pinzón, Cabral, Vespucci, Albuquerque, do Capitão de Gonville e da Nau Bretoa*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2002, nota 18.

²³⁴ Mapa gravado em madeira composto por 12 folhas que medem 45,5 x 62cm.

²³⁵ FERNANDEZ-ARRESTO. *Américo: o homem que deu seu nome ao continente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p236-282.

cartas de marear portuguesas²³⁶.

O mapa segue uma representação do litoral norte da América do Sul próximo ao realizado por Cantino, sem o destaque ao rio Amazonas. Ele se confundia com outros rios ao longo da costa. Também contou com a presença do “Rio Grande”, mas, diferente do exemplar luso, antes dele, a leste, encontra-se o “Gor(?)o [golfo] hermoso”. E a esquerda deste rio, agora não mais exclusivo a ele, cobrindo toda a costa próxima, atingindo outros rios, encontra-se a indicação: “Totum istud maré est de aqua dulce”. Ou seja, a região de água doce enquadraria muitos rios, além do Maranhão. Atingiria também a costa que, possivelmente, figuraria o rio Amazonas.

Waldseemuller, assim como outros cartógrafos do período, não cogitava nada muito além da costa onde estaria o rio-mar. As semelhanças de rios costeiros geram controvérsias, da figuração ou não do Amazonas, entre os estudiosos dessas cartas²³⁷. Uma das explicações possíveis para tal configuração seria dessa localização estar em uma região limítrofe, em torno do meridiano de Tordesilhas, que desestimulava uma identificação maior por ambos os reinos ibéricos, Portugal e Espanha; ao contrário dos espaços onde a soberania estaria garantida. Após essa fase nebulosa, inaugurou-se outra etapa.

2.6.2 - O contorno da América do Sul e as conjecturas sobre o rio Marañon (1522 a 1542)

Essa etapa relaciona-se diretamente com a primeira viagem de circum-navegação do globo empreendida por Fernão de Magalhães e Sebastião D’Elcano, de 1519 a 1521. Através dela, comprovou-se empiricamente que a América compreendia um continente a parte da Ásia. Foi referência para o contorno do novo continente e para o descobrimento de uma nova rota para às Índias Orientais (Ásia), pelo oeste. Isso gerou uma briga entre os reinos de Portugal e Espanha que alegavam que as ilhas das especiarias, as Molucas, estariam em sua esfera de influência, de acordo com o estabelecido em Tordesilhas. Esse período de embate marcou a produção cartográfica de ambos os reinos. Cada um defendendo sua posição. Em 1529, o cartógrafo português, a serviço da Espanha, Diogo Ribeiro confeccionou um mapa-múndi²³⁸. Ele seria baseado

²³⁶ADONIAS, Isa. *A Cartografia da Região Amazônica: catálogo descritivo (1500-1961)*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1963.p. 31.

²³⁷TEIXEIRA, Dante & PAPAVERO, Nelson. *Op. Cit.*,2002, p.14.

²³⁸ Manuscrito, colorido, em pergaminho com dimensão de 87 x 200 cm.

no padrão real espanhol, um mapa atualizado com as descobertas recentes ao longo do globo (figura 71).

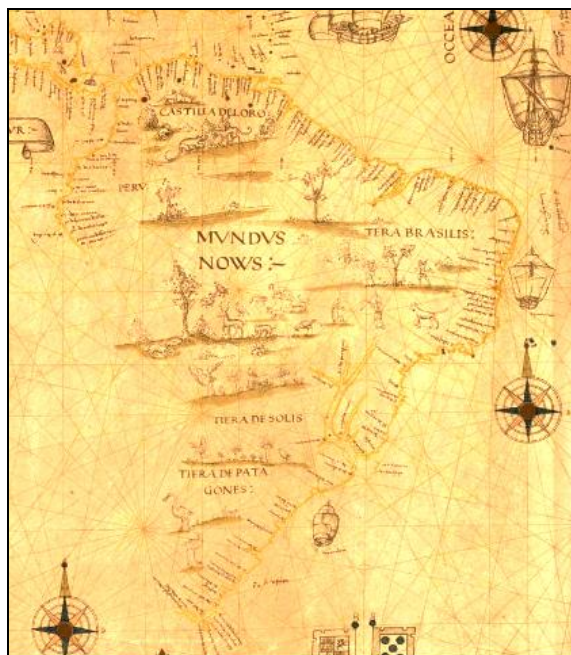


Figura 71. Detalhe da América no mapa-múndi de Diogo Ribeiro (1529). (Biblioteca Apostolica Vaticana)

A representação do rio-mar apareceu juntamente com o rio Maranhão (dos portugueses), não existindo uma distinção entre ambos. Inclusive o nome do rio aparece como Maranhão (o Amazonas, para os espanhóis). Essa confusão teria ocorrido devido ao desconhecimento dessa região pelo cartógrafo. As terras descobertas pelos portugueses, que ele teve acesso, foram bem cartografadas. No entanto, o norte de América não era bem conhecido por ele. Pois, ao trocar a corte lusa pela castelhana, ele deixou de estar informado das explorações da costa na qual estava o grande rio²³⁹.

Se em Diogo Ribeiro existiu uma diferença do rio-mar em relação aos diversos rios da costa, em outros mapas isso se acentuou. Nos exemplares de Orance Fine (1531), Alonso de Santa Cruz (c.1540)²⁴⁰, Pierre Descelier (c.1542)²⁴¹ houve uma cogitação sobre a configuração hídrica do Amazonas no interior do continente. No caso do primeiro e segundo exemplares, o rio nasce na região central do Brasil e depois percorre uma reta até a etremidade norte desaguando no Atlântico. O mapa de Santa

²³⁹ CORTESÃO, Jaime. *História do Brasil nos Velhos Mapas*. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2009.

²⁴⁰ Folha correspondete do *Islario General de todas las islãs del Mundo* medindo 205 x 275 mm, manuscrita sobre papel.

²⁴¹ Mapa manuscrito.

Cruz²⁴², além do rio Marañon, apresenta outro rio paralelo a ele. Os dois estabelecem semelhante trajetória. Já no caso do mapa de Pierre Descelier, existe uma inclinação da origem do rio para a direção oeste, no entanto, ela é tímida e muito vagamente poderia indicar um conhecimento direto da real orientação do rio.

Destarte, neste segundo momento de representações existiram, portanto, especulações sobre o curso do rio-mar. Uma vez que a dimensão continental da América do Sul foi provada, os espaços interioranos estavam paulatinamente sendo desbravados. Como uma foz grandiosa, o Marañon deveria possuir uma enorme extensão no interior do continente. As principais indicações eram de uma possível orientação saindo do centro da América e seguindo para o norte até alcançar o Atlântico, semelhante ao curso do rio Tocantins. Entretanto, somente com a primeira expedição que navegou quase todo o curso do rio Amazonas, os dados mais concretos sobre esta questão foram obtidos. Ela partiu do Vice-Reinado do Perú, e, portanto, faz-se necessário um resgate do seu contexto específico.

2.6.3 - Aventureiros espanhóis nas primeiras expedições no rio de Orellana

Após a conquista do Perú, por Francisco Pizarro em 1532 (com o assassinato do último imperador Inca, Atahualpa) foram descobertas as riquezas minerais em ouro, prata e outros minerais. Porém, a liberdade desfrutada por esses espanhóis autônomos, nas novas terras conquistadas, entrou em choque com o poder monárquico da metrópole a partir da chegada do vice-rei ao Peru, em 1543. Surgiram conflitos de poder com a estrutura existente: “Los conquistadores, primero, y, luego, los criollos crearon una estructura própria, un poder paralelo, con las características e intereses propios de su realidad.”²⁴³. Com isso, as expedições organizadas para adentrarem os territórios desconhecidos, ao redor do Perú, como a de Gonçalo Pizarro, foram uma forma de diminuir os atritos entre o poder central e o paralelo, por meio de novas conquistas, pois, muitos espanhóis e mestiços estavam sem recursos e não tinham uma ocupação, o que gerou inúmeros incidentes. Acrescentam-se a isso as notícias de riquezas fabulosas em canela, ouro ou prata, que estes espanhóis certamente encontrariam nos territórios próximos.

²⁴² Mais informações consultar: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa53.htm> acessado em 06/01/2015.

²⁴³ HEUFEMANN-BARRÍA. *Orellana, Ursúa y Lope de Aguirre: SUS hazañas novelescas por el Rio Amazonas (siglo XVI)*. Madrid: Mirada Malva, 2012, p.42.

A primeira experiência conhecida de espanhóis navegando pelo rio Amazonas foi de uma ramificação da expedição de Alonso Mercadillo, realizada em 1538. Uma parte dela teria atingido os rios Tefé e Coari.²⁴⁴ No entanto, em 1541, com a expedição de Francisco de Orellana, o gigante caudaloso seria navegado pela primeira vez, por europeus, em quase todo o seu curso: da região dos Andes, através dos rios Napo e Coca chegando ao Solimões/Amazonas, até a foz²⁴⁵. Inicialmente, a expedição fazia parte de outra maior, sob o comando de Gonçalo Pizarro, destinada a encontrar principalmente o País da Canela, o El Dorado e as amazonas²⁴⁶. Com a constatação de que as canelas existentes eram insuficientes para o comércio, e com a fome assolando os viajantes, surgiu uma grande crise. Para contorná-la, Francisco de Orellana foi incumbido de chefiar uma expedição em busca de alimentos, a partir de dezembro de 1541. Devido a problemas para encontrá-los, os “nautas”, cada vez mais, adentraram os rios da Amazônia. Por fim, estavam diante do grande rio, sustentáculo hídrico principal da região. Com a impossibilidade de retorno, a viagem prosseguiu. A partir deste momento, houve contato dos espanhóis com as diversas sociedades indígenas ao longo do rio-mar. Nas sociedades indígenas do princípio do Amazonas, os contatos pacíficos eram maiores. Assim, ficaram conhecidos os senhores de Aparia e Machifaro (mesmo que uma parte dos nativos neste último fosse hostil). No entanto, ao prosseguirem o curso do rio a situação ficou mais belicosa. Em vários momentos, eles entraram em batalhas

²⁴⁴Ver nota 3 deste segundo capítulo.

²⁴⁵ Apesar de ser conhecida como sendo a primeira expedição que navegou todo o Rio Amazonas, o dado não seria correto hoje. Pois, as nascentes do rio Amazonas encontram-se próximas ao lago Titicaca na Bolívia. De acordo com o geógrafo José Alberto Lima de Carvalho: “Utilizando imagens de satélite e realizando análises comparativas dos aspectos físicos e químicos das águas e dos sedimentos coletados nas nascentes e na foz do Amazonas, os cientistas daquele instituto [Instituto Nacional de Pesquisa Espacial (Inpe)] concluíram que o Apurimac é o principal formador do Amazonas. Tal definição deve-se ao fato de que os sedimentos encontrados na nascente do referido rio foram os que mais se assemelharam aos sedimentos encontrados na foz do Amazonas. Assim, conseguiram localizar a nascente do Apurimac e definiram que o mesmo nasce no Peru, entre os montes Mismi com 5.699 metros e Kcahuich com 5.577 metros de altitude, situado ao sul da cidade de Cuzco e próximo do Lago Titicaca.” CARVALHO, José Alberto Lima de. “O Berço do Maior Rio do Mundo: as diversas expedições e caminhos para chegar à nascente do Amazonas” disponível em: <http://www.cartafundamental.com.br/single/show/336>. Acessado às 15:49 do dia 09 de janeiro de 2015. Entretanto, no século XVI os espanhóis não tinham dados mais específicos da região e proclamaram, de posse destes dados e do feito que acabavam de realizar, através do padre Gaspar de Carvajal no título de sua obra (partes diretamente relacionadas a esta nota em negrito): “Relação que escreveu Fr. Gaspar de Carvajal frade da Ordem de S. Domingos de Guzman, do novo descobrimento do famoso rio grande que descobriu por imensa ventura o Capitão Francisco de Orellana **desde sua nascente até sair no mar**, com cincoenta homens que trouxe consigo e se lançou à sua aventura pelo dito rio, e pelo nome do capitão que o descobriu se chamou o Rio de Orellana.” CARVAJAL, Gaspar de. “O Descobrimento do Rio de Orellana” In: CARVAJAL, Gaspar de; ROJAS, Alonso de; ACUNÁ, Cristobal de. *Descobrimientos do Rio das Amazonas*. São Paulo/ Rio de Janeiro/ Recife/ Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1941, p. 11.

²⁴⁶ UGARTE, Auxiliomar Silva. *Sertões de Bárbaros. O mundo natural das sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos – séculos XVI-XVII*. Manaus: Editora Valer, 2009, p. 40.

com indígenas por comida. Numa delas, teriam enfrentado índias guerreiras, associadas às Amazonas das lendas gregas.²⁴⁷

Esse encontro ganhou enorme dimensão entre os contemporâneos, após a conclusão da odisseia amazônica, o que marcou para sempre o nome do grande rio. Após nove meses, os espanhóis finalmente encontraram o oceano, em agosto de 1542. Um dos membros da expedição, frei Gaspar de Carvajal, em suas anotações da aventura, conhecida como *Descobrimento do Rio de Orellana*, comentou a chegada ao Atlântico:

Sáimos da boca desse rio por entre duas ilhas, separadas uma da outra por quatro léguas do rio, e o conjunto (...) terá de ponta a ponta mais de cinquenta léguas, entrando a água doce pelo mar mais de vinte e cinco léguas. Cresce e minguia seis ou sete braças.²⁴⁸

A grande dimensão do rio Amazonas, em sua foz, foi observada. Após essa expedição, o conhecimento sobre, o agora chamado rio de Orellana, mas consagrado como Rio das Amazonas, chegaria a outro patamar, influenciando mais profundamente a cartografia do continente sul-americano. Uma terceira etapa de representações inaugurar-se-ia, pois seu curso teria sua “verdadeira” orientação oeste/leste através de modelos esquemáticos.

Sebastião Caboto, cartógrafo veneziano a serviço dos espanhóis, teria sido o primeiro a incluir as novas informações em seu *Mapa-múndi* (1544)²⁴⁹. Como comentado no capítulo anterior, o rio apareceu pela primeira vez com nascente nas proximidades de Quito e foz a meio grau da Equinocial. Os pontos de origem e fim estavam localizados. No entanto, as novas informações não davam conta do seu trajeto exato. Através delas remetiam à ideia de que o rio constantemente serpenteava a região, semelhante a uma cobra. Com base nesses dados, ele cartografou o rio Amazonas de maneira serpenteada. Com curvas mais acentuadas conforme a proximidade do mar. Esse enquadramento esquemático ganhou ampla aceitação dos cartógrafos posteriores, sendo amplamente reproduzida.

Neste momento, o que deve ser chamado atenção no mapa de Caboto foi a influência da experiência. A descoberta de que o grande rio estava conectado com os rios dos Andes fez com que o conhecimento do interior do continente alcançasse outro patamar. O próprio contato com as populações indígenas resultou em uma nova

²⁴⁷ Idem, p. 41.

²⁴⁸ CARVAJAL; ROJAS; ACUÑA, *Descobrimientos do Rio das Amazonas*. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1941, p.77.

²⁴⁹ Mapa elaborado em 1544 e gravado em 1553, litografia.

percepção. Como lembrou o historiador Auxiliomar Ugarte, as representações da pele dos indígenas no mapa do veneziano foram realizadas na cor parda, ao invés da branca. Isso significa dizer que ele estava mais próximo da realidade da alteridade americana.²⁵⁰ No entanto, muito de sua experiência pessoal contribuiu para esta realização como será melhor explorado no capítulo seguinte.

Um dos seguidores do modelo estabelecido por Caboto foi Diogo Homem. Filho de Lopo Homem, expulso de Portugal, após envolvimento em um crime, viveu a maior parte de sua vida em Veneza. Seus trabalhos possuem características decorativas valiosas. Mas também contam com um traço preciso²⁵¹. O grande rio segue fielmente o modelo de Sebastião Caboto. Inclusive nos números de inclinações exatamente iguais: nove superiores e oito inferiores. Além desse mapa, em outro exemplar seu, que pertenceria ao mesmo ano, existe o mesmo padrão. Além dele, muitos seguiram este padrão: Sebastião Lopes (1558)²⁵², André Homem (1559)²⁵³ e outros. No entanto, foi na década seguinte que o modelo se generalizou, além de contar com uma representação mais complexa da região. Em parte, deve-se a uma nova expedição mandada à região pelos espanhóis.

2.6.4 – A trágica nova viagem de espanhóis e a complexidade do Rio das Amazonas (1560-1600)

No início dos anos 1560, ocorreu a segunda e última expedição quinhentista que navegou por quase todo o curso do rio Amazonas: a trágica expedição comandada primeiramente por Pedro de Ursúa e depois por seu algoz Lopo Aguirre (1560-61). Ainda como consequência do contexto de conflitos na região do Peru, esta nova expedição foi armada com objetivo oficial de conquista das terras do senhor de Omágua e Dourado. Segundo as informações obtidas da expedição de Orellana e de outras fontes, essas regiões contariam com enormes riquezas, especialmente a canela, e, portanto, seriam alvos da conquista dos navegadores. Sob o comando de Pedro de Ursúa, a viagem adentrou o, até então nomeado, rio Marañon. Com desgastes inerentes

²⁵⁰UGARTE, Auxiliomar Silva. “Margens míticas: a Amazônia no imaginário europeu do século XVI”. In: DEL PRIORE, Mary; GOMES, Flávio dos Santos. *Os senhores dos Rios*. Rio de Janeiro. Elsevier, 2003, p.3-31.

²⁵¹MARQUES, Alfredo Pinheiro. *A Cartografia dos Descobrimentos Portugueses*. Lisboa: ELO, 1994, p. 81.

²⁵² Mapa feito em uma das folhas de pergaminho do atlas do autor medindo 559 x 767mm.

²⁵³ Mapa-múndi em pergaminho distribuído em doze folhas de 62 x 77cm.

à viagem e uma insatisfação com seu contexto social, a tripulação se rebelou sob a liderança de Lopo de Aguirre. Inúmeros assassinatos ocorreram, inclusive, do capitão Pedro de Ursuá. Os rebeldes passaram a contestar o poder do monarca espanhol, portanto, os chamados *marañones* navegaram com rapidez pelo Amazonas para tomarem, para si, o Peru. Porém, a insurreição terminou com a morte do líder no povoado de Valência, litoral da Venezuela²⁵⁴. Esta nova incursão ao rio frustrou as expectativas da Coroa e seguiu-se um período sem uma exploração de tal magnitude pelo rio. Talvez isso se explique pelo temor de que uma longa incursão, como a ocorrida, pudesse trazer riscos à Monarquia Espanhola.

No entanto, apesar do Rio das Amazonas não contar com viagens exploratórias em seu curso, isto não significou sua exclusão do imaginário europeu. Cada vez mais, o rio-mar passava a contar com uma complexidade tanto em sua forma serpenteada, com uma complexidade hídrica, quanto com inúmeras toponímias. Assim, da década de 1560 até o final do século XVI ocorreria uma quarta etapa de representações do rio Amazonas e região. Ela seria marcada por três pontos principais: confusão em relação ao(s) rio(s) Marañon/Maranhão; aumento do número de topônimos e outros rios na bacia amazônica; e ligação do rio das Amazonas pelo interior do continente, por meio de outros rios, com o rio da Prata, funcionando enquanto fronteira de um espaço luso-americano.

O primeiro ponto principal refere-se à confusão entre os topônimos e a configuração do rio Amazonas e o Marañon e/ou Maranhão na cartografia. Segundo os espanhóis²⁵⁵, Marañon foi um dos primeiros nomes dados ao rio Amazonas. Com as sucessivas convivências e trocas de nomenclatura, supõe-se aqui que o termo Marañon limitou-se a designar um dos formadores do Amazonas.²⁵⁶ Essa formatação foi

²⁵⁴UGARTE, Auxiliomar Silva. *Op. Cit.*, 2009, p. 57 e 58.

²⁵⁵ Este nome provém das primeiras explorações dos espanhóis pelo litoral norte da América do Sul. Porém, no início do século também houve confusões com a localização precisa do que seria o Marañon. Pois, segundo Dante Teixeira e Nelson Papavero a própria localização do que seria o Marañon se confundiria com o chamado Mar Dulce. (TEIXEIRA, Dante; PAPAVERO, Nelson. *Os primeiros documentos sobre a História Natural do Brasil (1500-1511)*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2002, p. 35, nota 20). No entanto, Marañon passou a ser identificado com o rio Amazonas, ou um dos seus afluentes.

²⁵⁶ A autora Isa Adonias traz um pouco da problemática das origens da denominação Marañon/Maranhão ao fazer uma análise do mapa atribuído à Diogo Ribeiro, produzido em 1527. Segundo ela: “Fato interessante a assinalar é a representação de um rio chamado *Maranhom* [no mapa de Diogo Ribeiro], que se desdobra em braços, no curso superior. Esse rio nasce no interior do continente e deságua em um largo estuário, com ilhas, entre o *R de la trinidad* e a *Costa de paricura*. Entretanto, este não é o primeiro mapa apresentar tal designação, uma vez que ela já aparece em mapas anteriores. Assim, o primeiro que a registra parece ter sido o mapa de Vesconte de Magiollo, datado de 1515, que faz parte de um atlas pertencente à Biblioteca de Munique, reproduzido em fac-símile colorido por Kunstmann em *Atlas zur*

partilhada na época por contemporâneos que a reproduziam, como o anteriormente mencionado frade franciscano André Thevet. Na obra *As singularidades da França Antártica* (1557), ele apresentou menções as viagens dos espanhóis pelo rio-mar, destacando sua grandiosidade e os muitos nomes que o rio recebera. Segundo ele:

(...) [os espanhóis] embarcaram em pequenas caravelas rumo ao Rio Orellana. Garanto que este rio é o mais largo e extenso de todo o mundo, pois sua largura é de 59 léguas e seu comprimento ultrapassa mil léguas! Muitas pessoas preferem designá-lo por Mar Doce. Tanto este quanto o Rio Marinhão procedem das encostas das altas montanhas de Muiubamba²⁵⁷, estando suas nascentes, porém, a 104 léguas de distância. A cerca de 600 léguas desse ponto, confluem os dois rios na planície. A maré invadi-lhe o leito por cerca de umas 40 léguas. Assim como o Nilo, que banha o Egito e, segundo a opinião de alguns, procederia das Montanhas da Lua (coisa que me parece bastante razoável), também o Orellana tem enchentes em determinadas épocas do ano.²⁵⁸

O autor aponta uma visão acerca do conhecimento da hidrografia amazônica junto às várias nomenclaturas dadas ao rio. Um ponto interessante a ser explorado é o comentário sobre as inundações das margens do rio na época da várzea. A primeira ligação estabelecida deste fenômeno natural é com o Rio Nilo. Ao mencionar esta característica, afirma que a procedência deste encontrava-se nas Montanhas da Lua. Neste ponto, poder-se-ia estabelecer brevemente um possível paralelo entre os dois. Em meados da década de 1560, diferente da esparsa exploração que a Amazônia recebia, a região africana onde se encontra o gigante azul que cruza o deserto não era alvo de experiência direta dos europeus. Nenhuma viagem náutica percorreu o interior do continente²⁵⁹, o desconhecimento durou até o século XIX. O interior conhecido se resumia as informações obtidas sobre a Abissínia²⁶⁰. As ideias ptolomaicas eram as

Entdeckungsgeschichte Amerikas... Nesse mapa, muito abaixo de um rio denominado *La maré dulce*, com largo estuário de três ilhas, vê-se, num ponto que corresponderia à costa norte do Brasil, um *R. de elli marolion*. Também o mapa de Vesconte Maggiolo, datado de Gênova, 1527, pertencente à Biblioteca Ambrosiana de Milão, assinala o *Maranon*.” Para ver discussão completa: ADONIAS, Isa. *A Cartografia da Região Amazônica*. Vol I. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1963, p. 80.

²⁵⁷De acordo com o tradutor, Muiubamba seria uma das cidades do Peru. Distante cerca de 400 km das nascentes do rio Maraion, um dos formadores do Amazonas.

²⁵⁸THEVET, André. *As Singularidades da França Antártica*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978, p. 203-204.

²⁵⁹Excluem-se aqui as regiões do norte da África conhecidas desde a Antiguidade.

²⁶⁰O contato dos europeus com a Abssínia se deu mediante os portugueses. Eles fizeram uma embaixada ao reino no ano de 1515 que resultou no importante relato realizado pelo padre Francisco Álvares publicado em 1540. Seria interessante fazer um estudo que comparasse as informações cartográficas, anteriores ao conhecimento direto dos portugueses e posteriores ao conhecimento do local, e também da publicação da *Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índias, Segundo Vio e Escreveo ho Padre Alvarez Capellã del Rey Nosso Senhor*. Assim, de uma forma semelhante ao presente trabalho, poder-se-ia verificar as variações que a cartografia da região recebeu durante o século XVI. De antemão, supõe-se que a tradição anterior, principalmente ptolomaica, tenha prevalecido não só para a Abissínia, mas para o próprio Nilo. No entanto, somente um conhecimento aprofundado poderia averiguar as mudanças sutis introduzidas após os contatos diretos e possíveis resignificações das informações geográficas.

principais fontes de informação, como no exemplo da referência às Montanhas da Lua.²⁶¹ Assim, diferente do rio Nilo, o Rio Amazonas foi alvo de incursões europeias trazendo notícias de “cousa vista”. Ou seja, a experiência prática trouxe uma nova imagem sobre o rio, e a ela se combinaram as heranças simbólico-esquemáticas dando uma nova forma à cartografia do rio. Algo que não ocorreu com o Rio Nilo.

De volta ao modelo do Amazonas e o Marañon na década de 1560, a configuração de André Thevet reproduzia o entendimento espanhol sobre os dois rios. Pois, afirma que tanto o Amazonas quanto o Marañon possuíam locais próximos nos Andes, “(...) estando suas nascentes, porém, a 104 léguas de distância. A cerca de 600 léguas desse ponto, confluem os dois rios na planície.²⁶²” Ou seja, ele era um dos cursos d'água que se somavam ao grande rio antes de atingir o oceano Atlântico. Este esquema foi adotado por vários cartógrafos e contrastava com outro, que teve uma adoção pelos cartógrafos portugueses.

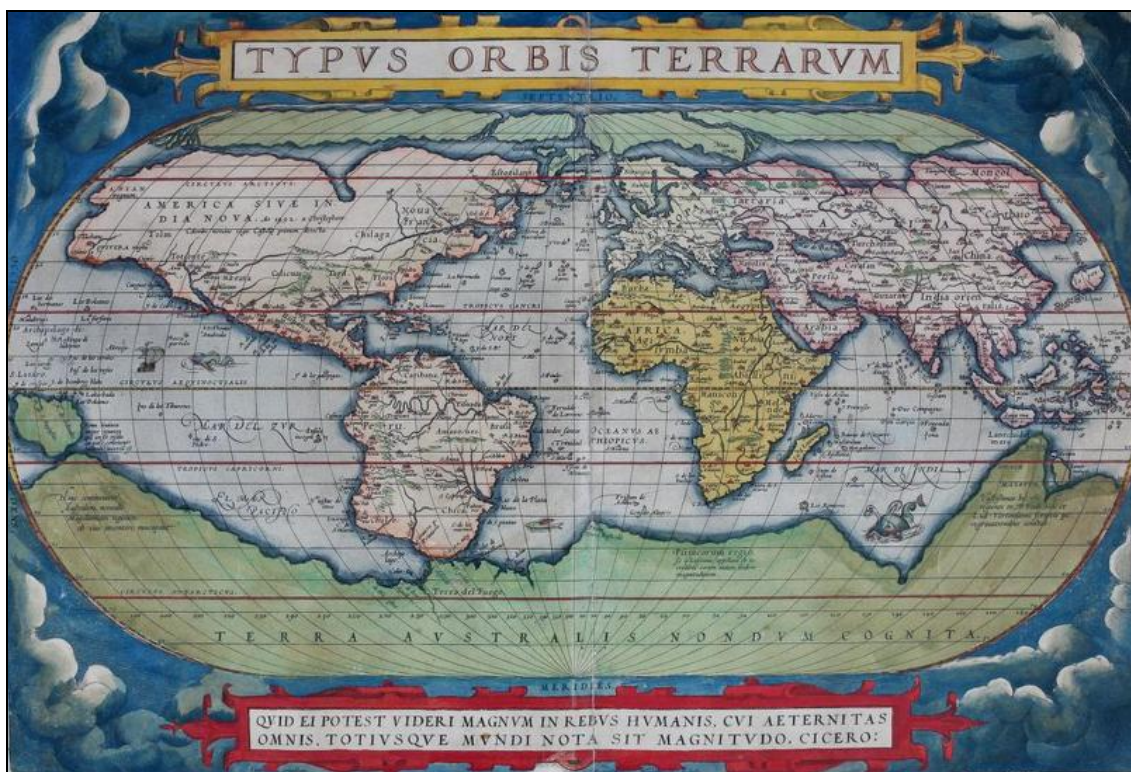


Figura 72: Typus Orbis Terrarum confeccionado por Abraão Ortelius em 1570.
(https://openlibrary.org/books/OL25506765M/Theatrum_orbis_terrarum)

Segundo os mapas portugueses, reflexo da forma como entendiam e conheciam a

²⁶¹ ALEGRIA, Maria Fernanda et alli. "Cartografia e Viagens" in: BETHENCOURT, F. & CLAUDHURI, K. (dir.) *História da Expansão Portuguesa*. vol I. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998, p.42.

²⁶² THEVET, André. *Op. Cit.*, 1978, p. 203-204.

região, o rio Maranhão, com grafia diferente, seria o nome de um rio diverso do Amazonas, não sendo, portanto, um afluente. A localização de sua nascente variou de mapa a mapa, no entanto, era consenso de que estaria próxima ao rio Tocantins e seguindo até desaguar no Atlântico formando na foz uma ilha (cidade atual de São Luís). Seria, portanto, identificado com o rio Mearim. Pero de Magalhães Gandavo apresentou esta configuração hídrica da região americana em sua *História da Província Santa Cruz* (1576):

As fontes que ha na terra sam infinitas, cujas agoas fazem crescer a muitos e mui grandes rios que por esta costa, assi da banda do Norte, como do Oriente, entram no mar Oceano. Alguns delles nascem no interior do sertam, os quaes vem per longas e tortuosas vias a buscar o mesmo Oceano: onde suas correntes fazem afastar as marinhas agoas per força, e entram nelle com tanto impeto, que com muita difficuidade e perigo se pode por elles navegar. Hum dos mais famosos e principaes que ha nestas partes he o das Amazonas, o qual sae ao Norte meio grao da equinocial para o Sul e tem trinta legoas de boca pouco mais ou menos. Este rio tem na entrada muitas ilhas que o dividem em diversas partes e nasce de huma lagoa que està cem legoas do mar do Sul ao pè de humas serras do Quito, Provincia do Perú, donde partirão já algumas embarcações de Castelhanos, e navegando por elle abaixo vierão sair em o mar Oceano meio grao da Equinocial, que serà distancia de 600 legoas per linha direita, nam contando as mais que se acrecentão nas voltas que faz o mesmo rio. Outro mui grande cincoenta legoas deste pera Oriente sae tambem ao Norte, a que chamam rio do Maranhão. Tem dentro muitas llhas, e huma no meio da barra que està povoada de gentio, ao longo da qual podem surgir quaesquer embarcações. Terà este rio sete legoas de boca pela qual entra tanta abundancia de agoa salgada, que dahi cincoenta legoas pelo sertam dentro, he nem mais nem menos como um braço de mar até onde se pode navegar per entre as Ilhas sem nenhum impedimento. Aqui se metem dous rios nelle que vem do sertam, per hum dos quaes entrãrão alguns Portuguezes quando foi do descobrimento que forão fazer no anno de 35, e navegarão por elle a cima duzentas e cincoenta legoas até que nam poderão ir mais por deante por causa da agoa ser pouca, e o rio se ir estreitando de maneira que nam podião já por elle caber as embarcações. Do outro nam descobrirão cousa alguma e assi se não sabe atégora donde procedem ambos.²⁶³

Antes de prosseguir com a divergência na visão sobre o Marañon/Maranhão faz-se necessário explorar um pouco o trecho do autor. Pero de Magalhães Gandavo escreveu sobre a disposição dos rios nas terras do Brasil indicando algumas pistas. Elas são uteis para auxiliar na compreensão dos mapas, ou seja, parte de duas fontes: a imagética (mapa) e a textual (crônica). Ao iniciar a descrição dos rios da costa do território, o autor começa com o Rio das Amazonas. Esta opção, mesmo que sutil, corrobora para levantar aqui a hipótese de uma possível construção do imaginário luso em relação ao formato físico de seu território americano. Assim, o Amazonas assumiria a delimitação

²⁶³Retirado do digitalização feita pela Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>> A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo disponível no site http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/literatura/obras_completas_literatura_brasileira_e_portuguesa/PEROMGANDAVO/SANTACRUZ/SANTACRUZ.PDF> feita da edição física: GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil; História da Província Santa Cruz*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

norte, mesmo sem uma presença colonial. Este ponto será retomado no terceiro capítulo²⁶⁴.

Outro destaque é a imensidão do rio. Segundo Gandavo, sua nascente estaria a 100 léguas do “Mar do Sul” conhecido também como “Mar Magaliânico” e, mais famoso, “Mar Pacífico”.²⁶⁵ Seu curso teria 600 léguas até a foz se fosse apenas calculada a distância de forma retilínea. No entanto, graças às léguas geradas por meio das “voltas” feitas pelo rio, seu tamanho era extremamente maior. Diferente de Thevet, que apontou o rio como o maior do mundo com tamanho de 1000 léguas, o autor português não conjecturou sobre o tamanho total, nem realizou comparações com outros.



Figura 73: *Americae Sive Novi Orbis, Nova Descriptio*. Confeccionado por Abraão Ortelius. (https://openlibrary.org/books/OL25506765M/Theatrum_orbis_terrarum)

Também importante é a menção à viagem empreendida por “castelhanos” saindo do Vice-Reinado do Peru rumo ao Atlântico, através do rio. Um dado interessante para

²⁶⁴Uma associação de uma perspectiva que poderia estar em sintonia com a ideia levantada por Jaime Cortesão.

²⁶⁵Sobre a questão das divergências de nomenclatura em relação ao Oceano Pacífico e ao próprio Oceano, a autora Andrea Doré aborda um pouca da questão. Ver DORÉ, Andrea. “America Peruana e Oceanus Peruvianus: uma outra cartografia para o Novo Mundo”. In: *Revista Tempo* n°20, 2014. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/site/wp-content/uploads/2014/10/rolling-pass_tem_3611_pt.pdf

compreender também a circularidade das informações geográficas pelos grandes centros coloniais (Espanha e Portugal) e suas redondezas (França, Inglaterra e outros). Pois, tanto Gandavo como Thevet estavam informados sobre as movimentações feitas pelos espanhóis no rio e a grandiosidade do feito. Seria um ponto importante a ser mais explorado em um estudo específico.

Em relação à questão da maneira como o autor inseriu a informação do rio Marañon/Maranhão, que para Andret Thevet e os espanhóis (Marañon) era um afluente do Rio das Amazonas, no caso de Gandavo e os portugueses (Maranhão) seria um rio independente com foz próxima ao grande rio e curso próprio. A descrição precisa que o autor faz do rio Maranhão, inclusive sobre os fenômenos específicos da natureza da foz e dos dois rios que o formam feito pelos portugueses no ano de 1535, configura credibilidade ao seu relato.

Com as informações que estão disponíveis hoje, a questão seria facilmente resolvida, pois, tratava-se de rios totalmente diferentes, mas que possuíam nomes muito semelhantes. Marañon seria, para os espanhóis, um dos afluentes do Amazonas. Já Maranhão, rio que se localiza à oeste da foz do Amazonas, onde hoje encontra-se a cidade de São Luiz, capital do estado que, provindo da toponímia portuguesa, tem por nome Maranhão. No entanto, na segunda metade do século XVI, diante da circularidade de informações que permeavam o contexto cartográfico do período²⁶⁶, provavelmente muitos autores misturavam as informações ou apresentavam configurações singulares e, por vezes, contraditórias.²⁶⁷

Um destes casos detectados aqui está presente nos mapas do atlas de Abraham Ortelius, o *Typus Orbys Terrarum*. Feita no ano de 1570, apresenta uma série de mapas

²⁶⁶Um caso interessante desta representação encontra-se no *Americae sive quartae orbis partis nova et exactissima descriptio*, um mapa da América confeccionado por Diego Gutierrez (1562). O cartógrafo espanhol inseriu o *Rio de Marannon* com a configuração portuguesa. No entanto, não acrescentou nenhum outro topônimo relacionado ao Marañon espanhól. O grande rio aparece com o nome de *El gran rio de las amasones*. Conferir mapa em: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cf/1562_Americ%C3%A6_Guti%C3%A9rez.JPG

²⁶⁷Ao longo da pesquisa, tomou-se conhecimento do estudo do geógrafo Jorge Pimentel Cintra sobre as mudanças cartográficas da região amazônica do século XVI ao XVII. O autor também identificou as confusões entre a figuração dos rios. Ao estudar a *Carta da América Meridional*, do cartógrafo a serviço de Espanha Pedro de Queiroz, fez os seguintes apontamentos: “Nesse mapa, além dos aspectos verdadeiros [de acordo com os parâmetros da atual Geografia] (ilhas, incluindo as da foz e sinuosidades), vê-se que ainda se considerava o Amazonas nascendo perto de Quito e se consigna um engano que persistiu em muitos mapas: uma bifurcação na altura do rio Madeira, após uma grande ilha (Tupinambarana), sendo que o segundo braço com o nome de Marañon ou Maranhão vai desaguar na baía de São Luis, originando o nome desse estado brasileiro.” CINTRA, Jorge Pimentel. “Região amazônica: perspectivas de uma cartografia comparada” In: *Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica*. Paraty, 2011. Disponível na internet no endereço: https://www.ufmg.br/redede-museus/crch/simpósio/CINTRA_JORGE_PIMENTEL_2.Pdf

e textos que tinham por objetivo dar conta da representação do mundo e de suas partes. O primeiro mapa que aparece na obra impressa, intitulado *Typus Orbis Terrarum* (figura 72), tem por função expor a totalidade das terras que formam o *orbis terrarum*: os quatro continentes conhecidos e também locais ainda conjecturados, como as terras austrais. Depois de uma página sobre o *Novus Orbis*, eis que é apresentado o mapa específico do continente americano, o *Americae Sive Novi Orbis, Nova Descriptio* (figura 73). Ou seja, seria a nova descrição apresentada da América. Ao norte, na parte rosa existe a nomeação desta parte e também sua história: “America Sive in Dia Nova. Ao 1492, a Chistophoro Colombo nomine regis Castelle primum detecta.”. Na parte sul, tem-se em rosa a *Bresilia* dos lusos, e na cor amarela, o Peru e suas sublocalidades sob governo castelhano.



Figura 74: Detalhe do norte da América do Sul e do Rio Amazonas e Maragnon. No mapa *Typus Orbis Terrarum*, *Nova Descriptio* presente no atlas Abraão Ortelius (1570).



Figura 75: Detalhe do norte da América do Sul e do Rio Amazonas e Maragnon/Maragnone. No mapa *Americae Sive Novi Orbis*, *Nova Descriptio* presente no atlas de Abraão Ortelius (1570).

De acordo com a estrutura do atlas, o segundo mapa descrito deveria ser uma visão pormenorizada de uma parte do mundo que estava contida no primeiro. Ou seja,

se partiria de um mapa-múndi para um mapa regional. Um olhar macro para um olhar micro: do todo para a parte. No entanto, as informações encontradas sobre o Rio das Amazonas e o Rio Maragnon/Maragnone são divergentes. Um olhar detalhado nos dois exemplares demonstra a divergência de conteúdo. Tanto no mapa-múndi, quanto no mapa regional, o rio Maragnon nasce nas serras do Peru. Entretanto, o curso do rio após o topônimo Picora, referente à província de Picotas, é completamente diferente. Enquanto no primeiro o rio termina seu curso no Rio de las Amazonas, no segundo existe esta conexão somente através de uma pequena ligação de água. A maior parte segue paralelo ao grande rio, inclusive na curva norte, até a foz no Atlântico. Neste local existe uma legenda informando que a foz do Maragnone dista 104 léguas das do Rio de las Amazonas.

A pequena ligação entre o Maragnon e o Rio de las Amazonas de Ortelius, na folha dedicada à América, criaria um novo ente geográfico: a “ilha Amazonas”²⁶⁸. O nome sugerido aqui se deve à inclusão no local, cercado por todos os lados de água, do topônimo Amazonas. A forma discreta como a ilha se encontra inserida no mapa pode ter ocultado esta impressão dos contemporâneos, mas é uma importante reflexão. É um dos aspectos que provam como o mapa de Ortelius possui uma configuração complexa mostrando a construção imaginária dos europeus sobre o espaço sul-americano. Mesmo que o cartógrafo não tivesse noção daquilo que saia de suas mãos, é possível que tivesse gerado influência nos consumidores do seu atlas. Assim, esta pesquisa aponta para uma possível figuração única causada por conjecturas provindas do desconhecimento ou sobreposição de informações lidas de forma singular.²⁶⁹

Alguns indícios são importantes para se verificar possíveis hipóteses para esta disparidade no mapa da América. Ortelius²⁷⁰ deve ter tido contato com as duas fontes de informações sobre os rios Marañon e Maranhão. Diante da semelhança dos nomes

²⁶⁸ A existência de ilhas ao longo do rio Amazonas, como talvez o conhecimento da ilha de Tupinambarana, poderia deixar a existência desta um pouco mais crível para os contemporâneos.

²⁶⁹ Isto remete diretamente aos estudos de Roger Chartier e a questão da leitura. Ao estudar as disparidades ocorridas entre as propostas do autor de um livro e sua compreensão pelos leitores, o autor faz uma importante conclusão. Mesmo que o escritor certifique-se de construir um texto com todas as palavras precisas e seguras, aquele que lerá seu produto sempre estará passível de criar formas diferentes de interpretação daquelas que o criador pensou. Assim, a representação do mundo é subjetiva e varia de pessoa para pessoa. Esta mesma questão verificou-se neste ponto da pesquisa: uma informação geográfica obtida de outros autores foi representada de forma singular por Abrahan Ortelius. Ver: CHARTIER, Roger. “O mundo como representação” In: CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p. 61-78.

²⁷⁰ Aqui parte-se do pressuposto de que esta informação cartográfica específica partiu de Abraão Ortelius em seu atlas *Theatrum Orbis Terrarum*, mas como os dados cartográficos eram muito copiados, não se pode afirmar com certeza de que o autor foi o precursor desta solução. Assim, esta hipótese serve para explicar as informações cartográficas encontradas seja deste ou de outro cartógrafo.

poderia supor se tratar de dois nomes para o mesmo rio. Assim, sua solução teria sido unir os dois rios. Desta forma, nenhuma das versões seria descartada. Um indício disto poderia ser a grafia diferente que o próprio autor utilizou na mesma representação: das nascentes até a curva para o Atlântico, usa duas vezes o termo “Maragnon fl.”. Nas proximidades do oceano, o nome utilizado é “Rio Maragnone”. Esta hipótese poderia ser mais bem explorada com comparações de outros detalhes dos dois mapas para serem verificadas divergências. Isto poderia demonstrar as diversas influências e possibilitaria se aproximar de uma compreensão de como o imaginário conciliou informações díspares criando formas singulares.

O cartógrafo holandês foi seguido por outros na divergência entre Marañon/Maranhão. No relato escrito pelo viajante e escritor Sir Walter Railegh, em 1596, existe outra interpretação da forma hidrográfica da região, além de uma versão singular do descobrimento do gigante caudaloso:

Los españoles que han intentado tal conquista, y que muchos han sido, según se verá, creyeron que este *Inga* [Inca] – del cual descende el actual *Emperador de Guiana*- tomo la ruta del rio de las *Amazonas* por el ramal que llaman *Papamene*, porque por esse camino fue *Oreliano* [Orellana] por mandato del Marqués *Pacaro* [Francisco Pizarro] en al año de 1542, dando a ese rio el nombre que hasta hoy conserva, aunque es llamado por otros *Marañón*.

André Thevet afirma que entre el *Marañón* y el *Amazonas* hay 120 leguas, pero se tiene por seguro que estos dos rios tienen una sola cabecera o comienzo, y que el *Marañón* que Thevet describe es una Rama del *Amazonas* o *Río de Oreliano*, sobre el cual me extenderé en otra ocasión.²⁷¹

No trecho Railegh mostrou dados sobre o reino fabulo de Guiana, em que ele acreditava existir, de acordo com as provas vistas e ouvidas. Assim, realizou uma ligação entre membros de uma imaginada dinastia incaica em fuga e a região de difícil acesso no rio Orenoco. Ao explicar a história da exploração, por europeus, do Rio Amazonas, ele se atrapalha com as datas e com os fatos, como a ordenação de Orellana diretamente por Pizarro.²⁷² Em relação ao caso dos topônimos do rio-mar, o inglês afirma que Marañon seria outra forma de nomear o Rio de las Amazonas. Entretanto, a posição de André Thevet seria diferente, o Marañon nasceria paralelo ao Amazonas e se juntaria a ele posteriormente. Este padrão é semelhante ao apresentado por Ortelius em

²⁷¹ RAILEGH, Sir Walter. *El Descubrimiento del grande, rico y belo Imperio de Guayana*. Caracas: Ediciones Juvenal Herrera, 1986, p. 84. [Itálicos presente na obra]

²⁷² Como mencionado pelo editor, Francisco Pizarro nomeou Gonçalo Pizarro para procurar o País da Canela e outros locais em 25 de dezembro de 1539. Francisco de Orellana foi nomeado posteriormente para comandar uma expedição destinada a buscar mantimentos para a expedição de Gonçalo Pizarro e, desta forma, alcançou o Rio das Amazonas e por meio dele o Atlântico.

seu mapa-múndi *Typus Orbis Terrarum*, em seu atlas de 1570. Porém, um detalhe curioso, é que apesar de mencionar as amazonas e o seu grande rio²⁷³, o mapa de Thevet (figura 76) confeccionado em 1575, não referencia estes nomes. Sendo um dos poucos a ter esta característica.



Figura 76. Detalhe do Rio Marañon no mapa de André Thevet (1575). Não há menção a topônimos derivados de “amazonas”. (*Biblioteca Digital de Cartografia Histórica da USP*)

Tanto os mapas de Ortelius e de André Thevet também apresentam outra característica aqui detectada que ganhou destaque nas representações do Rio das Amazonas, desde os anos 1560. No exemplar foram nomeadas várias localidades, ao longo da bacia amazônica, provindas de contato direto com a região²⁷⁴. Elas chegaram ao conhecimento dos cartógrafos através dos relatos orais, principais meios de difusão

²⁷³ Citação da obra *As singularidades da França Antártica* em que o autor afirma categoricamente concordar com a ideia de que as amazonas povoavam o grande rio descoberto. Portanto, segundo ele, não eram apenas nativas, mas descendentes daquelas mesmas mulheres guerreiras conhecidas dos gregos. Interessante pensar que, mesmo diante de suas palavras expressadas e de um contexto em que a maior parte dos mapas anteriores deu destaque à toponímia Amazonas e/ou derivados, em seu mapa - confeccionado em 1575 e publicado na obra *A Cosmografia Universal* no mesmo ano - não existem menções visíveis desta influência. A referência direta da obra de André Thevet encontra-se na página 116.

²⁷⁴ Mesmo que os nomes não sejam ligados diretamente ao contato com a alteridade indígena, os nomes são fruto ou do local ou de uma relação temporal e cristã. No entanto, mesmo nestes casos, não deixam de serem feitas devido ao contato com o Novo Mundo.

das notícias sobre o grande rio, e escritos das expedições espanholas que navegaram o rio, na segunda metade do Quinhentos. Foram frutos das informações surgidas após a viagem de Francisco de Orellana. O conjunto destes nomes faz-se importante para se perceber como as informações de líderes e/ou localidades transformaram-se em toponímia. São, portanto, termos resultantes de uma relação direta entre os espanhóis e os nativos: uma experiência ibérica no contato com a alteridade indígena.²⁷⁵

Para tal empreitada, foram utilizados mapas que apresentam a toponímia da região após 1542. Elas foram transcritas da nascente do rio até a sua foz, ou seja, do oeste para o leste. Também foram acrescentados nome de rios afluentes e toponímia que estão relacionadas com a representação do rio. Nesta lista (quadro 3), inclui-se ainda o conjunto de nomes atribuídos ao contato com os indígenas encontrados no relato de Gaspar de Carvajal. Sua inclusão justifica-se para comparar a origem dos nomes com a forma utilizada nos mapas e também saber quais foram os termos selecionados para estarem neles.²⁷⁶

Quadro 3 – Toponímia para o Rio das Amazonas com origem local

Ano-Mapa/Relato	Toponímia do Rio das Amazonas da nascente à foz
1542 - F. de Orellana ²⁷⁷	Aparia(p.23)/Irrimorrany ou Irimara (p.26) / Omágua (p.37) /Machifaro (p.37) /Oniguayal (p.45) /Rio Trindade (p.46)/Paguana(p.48)/Rio Negro(p.50)/rio Grande (p.54)/Província das Picotas (p.56)/Povoação da Rua e Senhorio das amazonas (p.58)/ Província de São João (p.63)/ Província dos Negros (p.68) com senhor Arripuana e outro senhor Tinoston (p.69)/senhor Nurandaluguaburaba (p.72)/
1544 –	Tito provincia/Peru provincia/ Rio delas amazonas descobrio francisco de orellana(f)

²⁷⁵No caso da região amazônica no século XVI, alguns trabalhos buscam mostrar como viviam as populações nativas e como foi o contato delas com os europeus no século XVI. Conferir: PORRO, Antônio. *As Crônicas do Rio Amazonas: notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992; PORRO, Antonio. *Ensaio de etno-história amazônica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995; UGARTE, Auxiliomar. *Sertões de Bárbaros. O mundo natural das sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos – séculos XVI-XVII*. Manaus: Editora Valer, 2009.

²⁷⁶Deve-se recordar que o relato de Gaspar de Carvajal não foi publicado no século XVI. Portanto, as informações sobre a toponímia e sobre a própria viagem foram obtidas de forma secundária ou por relatos orais dos sobreviventes. De acordo com Auxiliomar Ugarte, existiram duas versões deste relato: “Uma delas foi transcrita por Gonzalo Oviedo publicada na sua edição completa da *História General y Natural de las Indias*, em 1881-1885. Da outra versão há duas cópias manuscritas, sendo que uma completa – pertencente ao duque T'Serclaes de Tilly – inédita até o final do século XIX, quando foi publicada pelo erudito chileno José Toribio de Medina; a segunda cópia, incompleta – pertenceu a coleção Muñoz da Real Academia de Historia de Madri- ficou inédita até o século XX, quando foi publicada por Jorge Henández Millares. Segundo Antonio Porro, as edições podem ter sido consequência de uma reescrita empreendida pelo próprio Carvajal.” UGARTE, Auxiliomar Silva. *Op. Cit.*, 2009, p. 46.

²⁷⁷Baseia-se no relato de Carvajal presente na obra CARVAJAL; ROJAS; ACUÑA. *Descobrimientos do Rio das Amazonas*. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1941. Indicações das páginas da obra em cada um dos topônimos.

Sebastião Caboto	
1562 – Diego Gutierrez	Bio Pai amino/Rio deite(a)/R. de Limara(a)/Mapzo/R. de la Madalena/R. de la Trinidad(a)/Provincia de Omagua/Rio grande(a)/Provincia de Paguana/Rio negro(a)/Provincia de Corpus Christi/Provincia de s. Juan/Provincia de Caripana/Rio de laguarai/Provincia de los Tisnadoz/Rio de topaios/Oregliana(p)/El grand rio de las amasones(f)/Provincia de S. Juan de las amazones
1570 – Orteliuss (Tip. Orbis Terr.)	Corangui(p)/ Afauari(p)/ Trapticari(p)/ Mapazo(p)/ Aiauirizama(p)/ Maragnon fl (a)/ Picora(p)/ Chirmos(p)/ Tisnada/ Humos(p)/Orellana(p)/ Rio de las Amazonas
1570 – Abraão Orteliuss (Americae...)	Atauali (p)/ Corangui(p)/ R. de S. Olalla (a)/ Aiauari (p)/ Trapticari(p)/ Mapazo(p)/ R. Deyte(a)/ R. De la trinidad (a)/ Paguana/ R. de la Madalena(a)/ Aiauirisama(p)/ Maragnon fl.(a)/ Picora(p)/ Rio Negro (a)/ Chirmos(p)/ Amazomum(?) uel oregliana fl./ Amazonas(s)/ Humos(p)/ Oregliana(p)
1575 – André Thevet	Chiminos (p)/ Caruca (p)/ r. s. ollani/ Omagua/ Picora/ Picore (p)/ / r. Deyte (a)/ Pagana/ r. Noire (a)/ Tisnada/ Marannon. r./ Humos/ r. Aoripone (a)/
1582 – Joan Martin	Oreglianna/ Peru/ Paguana/ Tisnada/ Amazonas Rio Maragnon (paralelo): Cusco/ Maragnon rio/ Picora
1598 – Johan Bussemacher	Quito/ Sebbndoy/ Seue de Ioro/ Logronno/ Aiauari/S. Tiago de las mont anas(s)/ Trapticari/ Mapazo/ Deyte(a)/ Rio de la Madalena(a)/ Paguana/Aiauirisama/ Picora(p)/ Rio Negro(a)/ Chirmos/ Amasones/ Humos/ Insula Trinitatis met allifera(?)

Dos 17 nomes listados na crônica de Carvajal, com a exclusão de “amazonas”²⁷⁸, o termo “Paguana”²⁷⁹ é o mais repetido. Sua menção é feita em seis dos sete mapas apresentados. Na sequência, “Rio Negro”²⁸⁰ aparece como referência em quatro deles. Também existe referência a “Omágua”²⁸¹ e “Rio de la Trinidad”. A inclusão destes nomes é prova da existência de um compartilhamento das informações da viagem descobridora. Neste caso, em relação a estes mapas, o exemplar de Sebastião Caboto é o mais pobre na relação de topônimos, enquanto que o mapa de Diego Gutierrez existe o maior número de referências que têm a mesma origem que o relato. No caso do

²⁷⁸ A relação deste nome provindo de uma tradição que remonta os gregos da Antiguidade e a sua transformação em toponímia nos anos 1540 foi abordada no capítulo 1. Ver páginas 117 até 122.

²⁷⁹ Esta província indígena teria sua origem no chefe da tribo encontrada por Orellana em sua viagem. No entanto, havia informação de que teriam ovelhas do Peru, conhecidas como lhamas. Esta informação talvez fosse uma interpretação dos próprios espanhóis. Ver: PORRO, Antonio. *Op. Cit.*, 1995, p. 54 e 55.

²⁸⁰ Neste caso e em outros, a origem do nome não está diretamente ligado ao contato com os indígenas, mas a percepção dos viajantes da expedição de Orellana ao entrarem em contato com o rio. Também existem nomes provindos da tradição cristã, como São João.

²⁸¹ Este povo indígena tinha um costume característico de deformar o crânio. Para mais detalhes conferir: PORRO, Antonio. *Op. Cit.*, 1995, p. 50.

primeiro, a proximidade com a divulgação da viagem poderia ser responsável pela pobreza de nomes. Já no caso de Gutierrez, mesmo no número total de nomes ao longo do rio, este último supera os outros, inclusive em relação àqueles realizados em um tempo posterior.

Esta comparação permite caminhos para identificar origens para os topônimos. No entanto, para se aprofundar nesta linha de pesquisa seria necessário um conjunto maior de mapas e relatos de época para averiguar as possíveis origens e significados. É um exercício que também seria um trabalho filológico, pois, aponta para as constantes variações gramaticais realizadas. Pois, nos mapas pesquisados notaram-se pequenas variações. Como o exemplo recorrente de “Amazonas/Amazones/Amasonas/Amasones”, entre outros.

Na terceira grande mudança da representação do Rio das Amazonas, na segunda metade do século XVI, destaca-se o aumento consecutivo nas conexões hídricas da região. Outros rios rompem o isolamento do rio-mar nos mapas. Os rios que passam a figurar são os já mencionados rios Marañon e o Maranhão, o Rio Negro, o Tapajós, e o Tocantins. Neste momento é que, principalmente na cartografia portuguesa, começou a ganhar cada vez mais uma “realidade cartográfica” o chamado mito da ilha Brasil.

Este mito cartográfico²⁸² refere-se à ideia de uma junção de um dos rios da bacia amazônica e da bacia do rio da Prata no interior do continente americano. Na obra *História do Brasil nos velhos mapas*, o autor Jaime Cortesão afirma que ele teria surgido a partir da segunda metade do século XVI. Uma série de cartógrafos portugueses inicialmente adotou o mito em seus mapas e depois a cartografia universal, notadamente os holandeses, mas também franceses, italianos e alemães. O autor defende o início da aparição do mito no mapa de André Homem de 1559:

O mapa de André Homem representa uma nova forma de figurar a unidade brasileira, mas por meio dum traçado extremamente confuso. Verdadeiramente três afluentes do Amazonas, o mais oriental dos quais deve ser o Tocantins, comunicam com o lago central, donde por sua vez nasceu o Paraguai e o Paraná, e com o qual comunicam o Parnaíba, o S. Francisco e mais dois rios, um dos quais o Real. O meridiano de Tordesilhas, traçado na carta, abrange quase todo este espaço insular, incluindo a quase totalidade do vale do Prata.²⁸³

²⁸² Em relação ao mito da ilha Brasil, a base para este texto foi produzido juntamente à apresentação do trabalho intitulado *O Rio das Amazonas e o Rio da Prata na cartografia quinhentista: espaços de fronteira da América Portuguesa*. Ele foi exposto no V Encontro internacional de História Colonial realizado em Maceió, Alagoas, em agosto de 2014.

²⁸³ CORTESÃO, Jaime. *História do Brasil nos Velhos Mapas*. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009, p. 383.

Portanto, o exemplar expõe pela primeira vez a concepção de uma rede hídrica separando as terras portuguesas do restante do continente. A adoção dessa formatação do espaço brasileiro ocorreu em inúmeras cartas do século XVI, XVII e até XVIII. Mas, segundo Cortesão, a última expressão do mito estaria na carta de Nicolas Sanson, de 1650, mesmo que perdurasse até meados do século seguinte. Dentro do período em que o mito da ilha Brasil figurava nos mapas, o exemplar de Bartolomeu Velho (1561) se destacou. Pela primeira vez, surgiu uma lagoa entre as ligações da bacia amazônica e da bacia do Prata. Era a *Lagoa Eupana* da qual partiria também o rio São Francisco, conhecido como uma espécie de espinha dorsal do território brasileiro. Este modelo foi seguido na carta de cerca de 1600 de Luís Teixeira (figura 77). No entanto, a lagoa central, ponto de junção dos rios que conectavam o Amazonas e o Prata, se filiou a tradição espanhola e foi nomeada de *Dourado*.²⁸⁴



Figura 77. Detalhe do rio Amazonas no mapa *América Austral* de Luís Teixeira (c.1600). No detalhe é possível visualizar a ligação fluvial entre o Rio das Amazonas e o rio da Prata formando a chamada ilha Brasil, além do enorme brasão português na região lusa (*Mapas Históricos*

²⁸⁴Ibid, p. 384 e 385.

Brasileiros, 1970).

Segundo Cortesão, as origens dessa lenda ligava-se ao próprio conhecimento indígena da hidrografia brasileira. Pois, a experiência das migrações dos índios tupi ao longo do território, hoje correspondente ao Brasil, levou a essa crença. As bacias hidrográficas do Amazonas e da Prata se aproximam muito na região entre o rio Guaporé (bacia do Madeira/ Amazonas) e o rio Paraguai (Rio da Prata). Desta forma, os relatos indígenas e a experiência dos navegadores ao longo dos sertões davam crédito a tal ideia. O autor atribui a ela uma grande importância para as diretrizes da expansão lusa e a configuração de seu território na América.²⁸⁵

Outra autora que abordou a questão do mito da ilha Brasil foi Enali de Biaggi. Em seu artigo *L'île Brésil: la force d'un mythe cartographique*, ela buscou as raízes do mito em uma coformação do espaço americano dentro do Tratado de Tordesilhas. Os portugueses utilizaram mapas que demonstravam suas terras na América, mas tinham um aumento considerável tendo por referência o acordo divisório acertado com os espanhóis. A ilha Brasil seria uma estratégia a partir dos interesses políticos do reino de Portugal para assegurar o domínio sobre uma grande área de terras para além do combinado. Esta estratégia só teria funcionado porque na época os mapas contavam com algumas deformações provindas dos seguintes problemas: a impossibilidade de estabelecimento da longitude através de cálculos matemáticos e da navegação; dificuldade de estabelecer as posições das embocaduras do rio Amazonas, ao norte, e o rio da Prata, ao sul. Através dessas duas indeterminações foi possível instaurar o mito que favorecia os lusos.²⁸⁶ E como será visto na sequência, também contribuíram para o estabelecimento dos dois rios americanos como fronteiras das terras lusas.

Assim, tanto Cortesão quanto Enali destacam uma linha sistemática de padrão para o desenho do território luso dando a ideia que se construía um projeto territorial definido. Entretanto, esta interpretação seria um tanto problemática. O mito da ilha Brasil não pode ser entendido como um plano engendrado pelos portugueses de conquista sistemática do território. Mas sim, o uso posterior que foi feito dele dando a entender que realmente os portugueses engendraram a ideia e que até controlassem tal espaço. Assim, ao utilizar este argumento posterior para interpretar os mapas do século

²⁸⁵ Como bem lembrou a autora Maria de Fátima Costa, Sergio Buarque de Holanda criticou a forma como este mito teria influenciado na expansão lusa. Ver: COSTA, Maria de Fátima. *História de um País Inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo: Estação Liberdade/ Kosmos, 1999, p.139.

²⁸⁶BIAGGI, Enali de. "L'île Brésil: la force d'un mythe cartographique.". In: *Mappe Monde* n°69, 2003.

XVI, esquece-se que o “domínio” luso se resumiu ao plano cartográfico, como bem resumiu a autora Íris Kantor:

Enfim, o fato é que até a chegada dos holandeses a produção cartográfica estava concentrada na representação da costa, sem uma preocupação em detalhar o interior do continente. Interessava conhecer e mapear os acidentes geográficos e nomear o litoral. A Coroa portuguesa não tinha intenção de controlar territórios, mas, sobretudo, de defender suas rotas marítimas e comerciais preferenciais. A representação do interior do continente naqueles mapas constituía uma metáfora das possibilidades de apropriação do espaço real. Neles se traçava uma entidade geográfica, em que eram dispostos alguns elementos ou signos que remetiam a direitos de domínio ou titularidade da posse dos territórios dos impérios (Bandeiras, Brasões, Fortes e Fortalezas, linha das Tordesilhas). Com o estabelecimento da Companhia das Índias Ocidentais no Nordeste, um novo impulso foi dado à cartografia terrestre e ao mapeamento *in loco* do interior dos sertões brasílicos.²⁸⁷

Assim, em meio a estas “possibilidades de apropriação do espaço real”, os mapas eram os “veículos” desta propaganda de sugestão de um território ultramar. Basta lembrar-se do exemplo dado pelo cronista português Pero Magalhães de Gandavo na sua *História da Província Santa Cruz*: ao mencionar o território português na América, em que ele iniciava pelo rio das Amazonas. Ou seja, em sua configuração mental, era aquela a fronteira física do espaço português na América. Mesmo que não houvesse nenhuma possessão no local, mas a referência nebulosa de Tordesilhas que seria identificada a uma divisão bem realista, a grande foz do rio Amazonas seguindo pelo interior até a foz do Rio da Prata.

Além da presença do mito da ilha Brasil nos referidos mapas de André Homem (1559), Bartolomeu, o Velho (1561), e Luís Teixeira (c. 1600) nesta pesquisa detectou-se uma versão singular do mito ilha Brasil e da, já detectada e sugerido nome aqui, ilha Amazonas. Trata-se de um detalhe na representação feita no mapa da América do Sul confeccionado por Joan Martines, em 1582. O autor inseriu o Rio Amazonas e o Marañon e Maranhão da mesma forma como Ortelius o fez no seu mapa da América publicado no *Theatrum Orbis Terrarum*: o Marañon/Maranhão como rio único, diferente do Amazonas, com nascente nos Andes e foz nos arredores da ilha Upaon-açu, atual estado do Maranhão. Entretanto, diferente do autor holandês, Joan Martinez inseriu uma peculiaridade que, de certa forma, é uma variação do mito da ilha Brasil (figura 78). No início da mudança de orientação do seu Rio Maragnon, de oeste-leste para sul-norte, existe uma pequena conexão hídrica com os rios que deságuam na bacia

²⁸⁷ KANTOR, Íris. “Usos diplomáticos da ilha-Brasil polêmicas cartográficas e historiográficas” In: *Varia hist.* vol.23 no. 37. Belo Horizonte Jan./June 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752007000100005

do Prata. Apesar do traçado deste rio que faria a ligação ser sutil, poderia se cogitar que ao cartografar o território desta forma, o autor estivesse reinterpretando as notícias da geografia sul-americana referentes ao mito luso juntamente com o Marañon/Maranhão diverso do Amazonas. Assim, o imaginário do cartógrafo conseguiu unir uma série de concepções variadas relacionadas às conexões hídricas e criou uma particularidade dentro do que poderia se imaginar estático. Ao invés de uma simples cópia de Ortelius, o autor inseriu pequenas mudanças.

Assim, após estas três mudanças percebidas na última etapa da representação do rio Amazonas no século XVI, ocorreu uma importante mudança no final do século que significa o limite temporal desta pesquisa: a ocupação de europeus nas terras da Amazônia em fins do século XVI.



Figura 78. Mapa da América do Sul de Joan Martines (1582). Detalhe para a possível ligação entre o Rio Maragnon e a bacia do rio da Prata no canto leste do mapa. (*Mapas Históricos Brasileiros*)

Em cada uma das etapas da representação da Amazônia existiram representações

envolvendo a experiência direta das navegações e a utilização de uma retórica cartográfica para preencher os aspectos desconhecidos. Desta forma, com o prosseguimento das descobertas do interior da América do Sul, surgiram informações novas que contribuiriam para uma formatação provinda da realidade local. Porém, isso não significou uma ruptura com as tradições cartográficas anteriores. Pois, como exemplifica esse estudo, o rio Amazonas ao ser cartografado ainda encontrava-se imerso em elementos que remontavam o mundo medieval. Mitos, lendas, suposições estavam presentes. A forma serpenteada de representação, ou sua conexão hídrica com o rio da Prata, são exemplos de como as formas simbólico-esquemáticas ainda estavam presentes. Essa ligação entre a experiência, conhecimento baseado na verificação de um lugar, e a sobrevivência de mitos e lendas daria suporte a novas crenças, como das amazonas. Assim, o homem renascentista semeava um empirismo que estava diante da carga da tradição, mas ainda encontrava-se ligado as teias do maravilhoso medieval e se apoiava nos ombros da Antiguidade Clássica.

Desta forma, após a década de 1560, o Rio das Amazonas e a própria geografia interior da América do Sul ganhou complexidade maior. Seja pelas explorações de algumas expedições ou através de mitos baseados no contato com a terra. No caso específico do Amazonas, notou-se a constante disparidade em mapas sobre o que seria o rio Marañon e/ou Maranhão: o que influenciou leituras singulares dos modelos mais utilizados. Inclui-se também a maior complexidade da figuração do rio-mar. Ele passou a contar com inúmeros afluentes e estabelecimentos populacionais baseados em relatos da viagem de Francisco de Orellana. Acrescenta-se ainda o chamado mito da ilha Brasil que estabeleceu, no plano da cartografia, uma ligação entre o rio das Amazonas e o rio da Prata. Os dois irmãos hídricos da América do Sul passavam a “dar suas mãos” para caracterizar o espaço luso (e por que não espanhol também?).

2.7 – Conclusão

A experiência náutica por novos espaços iniciada pelos portugueses na costa da África no século XV iria dar início a um novo momento da História da humanidade. Com o prosseguimento da empresa marítima, fruto de uma série de causas, gerou o conhecimento de uma série de novos espaços. Isso possibilitou que os lusos iniciassem questionamentos em relação a crenças estabelecidas, muitas desde a Antiguidade, como a impossibilidade de se ultrapassar a zona tórrida. A experiência de ver com os próprios

olhos contestou mitos e lendas consagrados. Além disso, generalizou, no plano da cartografia, uma forma de representação do mundo divergente de um modelo simbólico-esquemático.

Esta outra forma de figurar o mundo conhecido teria surgido nos mapas utilizados em conjunto com os portulanos para facilitar o acesso às rotas de navegação pelo Mar Mediterrâneo. Assim, ficaram conhecidas como cartas-portulano. Seu objetivo não era representar o espaço terreno de acordo com hierarquias cosmográficas, ou preencher o espaço com locais desconhecidos habitados por seres desconhecidos. A função era restrita aos locais a serem percorridos de uma maneira próxima a “realidade” geográfica. Ou seja, as distorções do espaço para privilegiar uma região, como a Judéia nos mapas T-O, não era adotado. Seu serviço era enquanto guia preciso. Infelizmente, pelo que se sabe até o momento, nenhum exemplar original sobreviveu, exceto mapas baseados em cartas-portulano, como o Atlas Catalão (1381).

Um paralelo entre estes exemplares e os mapas quinhentistas que representam o rio Amazonas foi um importante exercício. Primeiramente, porque mostrou que os elementos figurativos que se encontram nos exemplares de fins do Medievo se assemelham aos do século XVI. Tanto em paralelo de representação serpenteada, como na rede de linhas loxodrónicas e nos elementos que remontam a prática da marinharia, como a bússola, o astrolábio e a rosa dos ventos. Aqui, surge uma importante conclusão levantada: no início da Modernidade os elementos da prática náutica acabaram por se tornarem elementos figurativos. Isto contraria, em parte, a ideia de que a experiência “limparia” dos mapas elementos não correspondentes unicamente ao terreno. Além disso, a exploração destes aspectos foi importante para a descoberta de novas interpretações, como a confluências das linhas loxodrónicas ao centro do mapa que se localiza a pouca distância da foz do Rio das Amazonas no mapa de Sebastião Caboto (1544). Talvez, uma importante constatação de como a navegação de quase todo o curso do rio e sua divulgação na Europa tenha causado grande impressão ao cartógrafo veneziano.

No século XV, com as viagens portuguesas, inicialmente na costa da África e no Atlântico, eles passaram a usar sistematicamente as cartas-portulano e fizeram importantes avanços na arte náutica. Também contribuíram com novíssimos dados da costa da África, até então desconhecidos. A influência passou a ser percebida em diversas partes da Europa, como no mapa do veneziano Fra-Mauro (1459) e no mapa de Henricus Martelius (1589). Este último testemunhou o contorno do cabo das Tormentas

por Bartolomeu Dias, em 1588. Assim, os portugueses contribuíram para a arte da navegação e, conseqüentemente, para a cartografia.

Eis que na última década do século, o navegador genovês Cristóvão Colombo atinge o continente americano. Neste momento, várias incursões ao Novo Mundo são feitas. Em uma delas, na viagem de Vicente Yañes Pinzón, o chamado inicialmente de Rio Santa Maria de la Mar Dulce teria sido descoberto. Portanto, este período poderia ser interpretado como fase inicial da representação do rio Amazonas na cartografia. Sua característica seria de estar principalmente focado na costa recém-descoberta e não existir certas cogitações sobre o interior. Isto pôde ser percebido em mapas como o executado por Juan de la Cosa (1500), Cantino (1500) e Martin Waldseemuller (1507).

Um segundo momento de representações do gigante fluvial estaria marcado pela viagem de Fernão de Magalhães pela América e a conseqüente descoberta da ligação do Mar do Norte ao Mar do Sul, ou do oceano Atlântico ao Pacífico, através de um estreito entre a Patagônia e a ilha do Fogo, no extremo sul do Novo Mundo. A viagem comprovou que o continente não era a Ásia. Paralelamente, novas conjecturas sobre o espaço interiorano foram realizadas. O curso do rio Amazonas foi pensado como sendo muito extenso devido à quantidade de água e a extensão de sua foz. Destarte, nesta etapa, o curso do rio predominantemente possuía uma orientação sul/norte saindo de montanhas localizadas em regiões próximas ao centro da América do Sul.

Com a expedição de Francisco de Orellana, no ano de 1541-42, uma nova etapa é marcada pela figuração do real curso do rio. Os europeus eram informados do “maior rio do orbe”. Sebastião Caboto representou pela primeira vez, com base nas informações novas, o rio de las Amazonas em forma serpenteada. O que acabou por inaugurar um padrão baseado na experiência dos espanhóis, mas que também continha uma forma esquemática. Ele foi seguido por outros, inclusive pelo cartógrafo português Diogo Homem.

Já no primeiro ano da década de 1560, uma nova expedição foi destinada ao rio-mar. O destino dela foi trágico devido ao assassinato de inúmeros homens, inclusive o capitão Pedro de Ursúa, por mando do sanguinário Lopo de Aguirre. Diante do perigo de uma empresa como esta, não aconteceram outras viagens da mesma magnitude até o século XVII. Paralelamente, a representação do grande rio foi marcada a partir deste período por três grandes pontos principais: a sua representação juntamente com a confusão entre Marañon (de origem espanhola) e Maranhão (de origem portuguesa); o rio Amazonas passou a ser preenchido com grande quantidade de nomes, antes pouco

ou não existente; e, finalmente, figurou como fronteira norte do território luso entendido como dentro de uma ilha, o mito cartográfico da ilha Brasil.

Depois de abordados todos estes aspectos neste capítulo, não se pode negar de forma alguma, que a experiência prática criou uma série de informações e ajudou a preencher o interior dos mapas. Desde sua descoberta até o final do século XVI, o rio Amazonas teve sua representação constantemente alterada em função do conhecimento obtido tanto sobre o continente americano, quanto sobre o próprio rio. Isto diverge, por exemplo, do seu “irmão” africano. Uma vez que o rio Nilo não sofreu tanta alteração na sua figuração nos mapas.

No entanto, esta constatação da influência da experiência não diminui a importância da tradição medieval e da Antiguidade que se refere ao simbolismo e as formas esquemáticas. Pois, não somente em um momento, mas em vários estas influências estão presentes. A experiência até contribuiu para reformulações de mitos e crenças, como no caso do Marañon. Assim, depois de interpretar as informações expostas neste e no primeiro capítulo, fica evidente que as duas linhas de influência convivem nos mapas e na própria representação do rio das Amazonas. Cartografar neste século seria beber destas duas fontes. Então, poder-se-ia pensar que isto seria uma característica deste período na Europa? Outra questão que poderia ser colocada: como será que o cartógrafo se comportaria dentro disso? Qual seria a influência de seu comportamento individual nesse contexto?

CAPÍTULO III

O CARTÓGRAFO QUINHENTISTA: ENTRE A TRADIÇÃO E A EXPERIÊNCIA

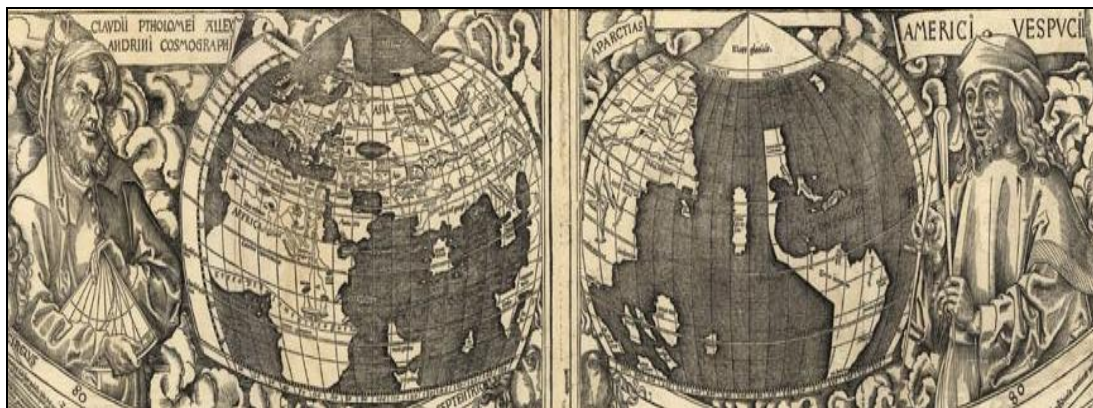


Figura 79. Detalhe do pequeno mapa superior no mapa-múndi de Martin Waldseemüller (1507).
(Norman B. Leventhal Map Center at the Boston Public Library)

(...) Pacaro [Pizarro], Diego de Almagro y otros más, conquistaron el Perú, condenando a muerte a Atabaliba, hijo de Guainacapa – y quien con anterioridad había hecho asesinar a su hermano Guascar -, y entonces uno de los hijos menores de Guainacapa huyó del Perú llevando consigo varios miles de esos soldados del Imperio, llamados Orejones y con éstos y otros miles más que se le unieron, atravesó la extensa región de América que está situada entre los rios Amazonas y Baraquona, por otros nombres Orenoke y Marañon.

(Sir Walter Raleigh)²⁸⁸

O detalhe do mapa de Waldseemüller (1507) que abre este capítulo introduz imageticamente uma das grandes questões a serem trabalhadas neste momento. Esta representação do mundo conhecido localiza-se no alto do grande mapa-múndi. Do lado esquerdo, observa-se Ptolomeu junto a uma representação de parte do orbe terrestre onde se encontram suas três partes. A representação delas filia-se na grande autoridade do sábio alexandrino. Já no lado direito, tem-se a figura de Américo Vespúcio. De acordo com as leituras de Waldseemüller, o navegador florentino seria o responsável por revelar a quarta parte do orbe (ao seu lado no detalhe) sendo considerado, portanto, o grande cosmógrafo contemporâneo: digno de estar no mesmo nível do sábio alexandrino. A tradição aliada à experiência: Ptolomeu ao lado de Américo. Neste cenário, o então chamado *Santa Maria de la Mar Dulce*, inserido ainda nebulosamente no Novo Mundo, foi fruto da experiência nos mares. No entanto, a tradição não foi

²⁸⁸RALEIGH, Sir Walter. *El Descubrimiento del grande, rico y bello Imperio de Guayana*. Caracas: Ediciones Juvenal Herrera, 1986, p. 81 e 82. [Itálicos presente na obra]

abandonada como demonstra o trecho do relato do inglês sir Walter Raleigh. Ele mostra sua justificativa para a existência do mítico Império de Guiana onde inclui a fantástica região nas proximidades do rio Amazonas. Desta forma, buscará mostrar como estes dois aspectos estariam presentes em conjunto e como, individualmente, cada cartógrafo, em seu contexto específico, pôde transitar por estas influências. E, com isso, como a representação do rio das Amazonas seria atingido por estes aspectos nos mapas destes mesmos homens.

Portanto, neste capítulo será levantada uma hipótese de compreensão deste período, considerando a especificidade do grande rio, baseada na ideia de uma síntese cartográfica entre a tradição e a experiência. Num segundo momento, far-se-á uma exposição teórica das possíveis particularidades do cartógrafo em relação à construção do seu objeto, sua questão material e funcional. E, por fim, se tentará interpretar os mapas de autores específicos que seriam representantes de cada uma das quatro etapas propostas de representação do ente geográfico em questão.

3.1 – Uma Síntese Cartográfica

As comparações estabelecidas entre os mapas medievais e os exemplares quinhentistas possibilitaram perceber importantes influências diretas. Mesmo que a distância temporal fosse elevada, ela não impediu que estes elementos fossem observados. Desta forma, o primeiro capítulo foi imprescindível para esta conclusão. Isto diverge de ideias que compreendem os mapas do século XVI como uma ruptura brusca e progressiva com o padrão simbólico-esquemático medieval. Os elementos que remetem à tradição passadas ainda se faziam presentes, mesmo que sua influência tenha diminuído graças ao novo momento alcançado pelas viagens marítimas. Havia ainda importantes figurações com funções muitas vezes semelhantes aos exemplares medievais em locais específicos e na padronização de lugares, como a referência aos castelos para indicar cidades. Um local em que proliferara esta influência era justamente o espaço desconhecido ou pouco explorado, caso do rio-mar. Seja na forma esquemática do rio Amazonas, seja na presença de indígenas com padrão europeu, ou na utilização do próprio topônimo provindo da tradição clássica.

A outra forma de influência, a experiência, foi observada no segundo capítulo. A prática náutica dos ibéricos nos oceanos e a consequente descoberta do Novo Mundo trouxeram informações diretas de lugares antes desconhecidos e cogitados por autores

clássicos. Os novos mapas-múndi incorporavam aos poucos o novo continente, embora ainda não entendido como tal. Houve contato com a alteridade indígena que foi responsável por novos dados. Eles eram levados à Europa e eram rapidamente incorporados aos novos mapas. Em uma década, ocorriam mudanças significativas nos dados geográficos sobre a América nos exemplares cartográficos. Somente para o rio Amazonas, foi estabelecido no capítulo precedente quatro modelos gerais baseados em períodos de representação. Isso indica, portanto, a grande efervescência que vivia o homem do século XVI em busca de desvendar os mistérios do continente. O que não ocorreu, de forma análoga, nem em relação à África e nem a Ásia.

Desta forma, para a representação do Rio Amazonas no século XVI, os cartógrafos se apropriaram das influências da tradição e da experiência. Pois, os modelos legados pela tradição cartográfica foram sistematicamente usados ao longo de todo o século para representar o interior desconhecido, até mesmo após a viagem de Francisco de Orellana. No entanto, observou-se também que as informações sobre a região, através dos relatos de expedições, contribuíram para dados geográficos mais “corretos”. O encontro e relação com a alteridade indígena produziu também um conjunto de vocábulos novos para a designação dos locais. Com isso, apesar dos mapas representarem o imaginário europeu, eles ainda guardariam um pequeno extrato de participação dos nativos.

Destarte, chegou-se à conclusão, após este longo percurso, de que as duas influências, tradição e experiência, não poderiam ser entendidas como contraditórias ou inconciliáveis para se representar o Rio Amazonas nos mapas. Nos exemplos expostos, a questão fica clara. Para confeccioná-lo, existiu uma base de dados provindos de um contato local, porém, não eram suficientes para cobrir tudo o que a representação do local exigia naquele período. A tradição herdada fazia com que estes desconhecidos fossem alvo de cogitações, mas, não se restringia a isso, elementos figurativos também eram usados, mesmo em locais conhecidos. A cidade de Jerusalém é um grande exemplo disso.

Uma possível solução para entender o período seria refletir sobre as perspectivas defendidas por Marica Milanese, referentes ao século XIV e XV. A autora afirma que:

(...) nos mapas deste período confluem experiências culturais e técnicas diversas, não se podendo falar de transição, porque esta palavra sugere um fluxo unidirecional que parece não existir na história da cartografia.²⁸⁹

²⁸⁹ Citação feita do texto de Maria Fernanda Alegria e outros. Infelizmente a obra original de Marica Milanese não foi localizada. No entanto, sua ideia é fundamental para as conclusões desta pesquisa.

Portanto, com base na autora, conclui-se que não teria existido uma perspectiva em uma única direção ao se fazer mapas em fins da Idade Média. As formas providas da tradição e da experiência conviveram em um mesmo mapa: tanto os dados obtidos pelos lusos quanto os de Ptolomeu no caso da África, por exemplo, eram utilizados em conjunto. As informações portuguesas eram responsáveis pela costa africana ocidental, mas, não davam conta de todo o continente. O restante filiava-se a outros modelos da tradição, muitos eram tributários de Ptolomeu. Mas, este convívio não significava que cada exemplar feito teria mais novidades a apresentar que o anterior, mesmo com o prosseguimento das viagens costeiras. Um nobre que necessitasse de um mapa para expor em seu palácio não reclamaria se seu produto não tivesse todas as novidades recém-descobertas pelos portugueses.²⁹⁰

Desta forma, Milanese propõe a ideia de que o século XV seria uma época não de uma mudança progressiva na cartografia, mas, de uma síntese. Não seria o caso de uma “transição” porque justamente isto daria um entendimento de que as novidades excluíssem os dados anteriores. Assim, isto remeteria a uma compreensão evolutiva: cada novo mapa seria melhor e mais exato que o anterior. Entretanto, de acordo com Milanese, não é isso que ocorria nestes exemplares de fins do Medievo.²⁹¹ Os elementos de caráter simbólico/esquemático não teriam sido superados por uma descrição cada vez mais em conformidade com a “realidade geográfica”. Havia sempre um convívio entre os dois modelos justamente porque as novidades não podiam ser implementadas em todos os espaços do orbe. Não se poderia abrir mão das informações providas de séculos de tradição e basear-se unicamente nas poucas e esparsas informações obtidas pelas incursões nas costas africanas.

Além do autor deste trabalho²⁹², outra autora diretamente relacionada às ideias de

Portanto, aqui contaremos com citações de segunda mão. ALEGRIA, Maria Fernanda, *et alli*. “Cartografia e Viagens”. In: BETHENCOURT, F.&CLAUDHURI, K(dir.). *História da Expansão Portuguesa*. Vol I. Lisboa: Circulo de Leitores, 1998.

²⁹⁰ Mapas posteriores a viagens portuguesas que não incluíam determinada configuração da costa da África que já era conhecida.

²⁹¹ Idem, p. 31.

²⁹² Um primeiro uso deste conceito foi realizado no ano de 2009 na monografia de conclusão de curso. Intitulada *A Construção dos Mapas-Múndi nos Séculos XV e XVI: entre a experiência e a tradição*²⁹², seu objetivo foi compreender, em seis exemplares de 1459 até 1559²⁹², as alterações de suas formas de representação entre eles. Ou seja, como a passagem de uma época dita “medieval” para a “moderna” influenciou no desenho. As conclusões incluíram a grande novidade do continente americano e a grande mudança gerada no desenho do mundo. Isto não significou um abandono da tradição. Pois, as informações antigas ainda estavam presentes tanto na representação da África, Ásia e América. Assim, foi possível concluir que os exemplares contaram com a síntese apontada por Milanese.

Milanese e que também as constatou foi Andréa Doré. Ao estudar o cartógrafo Manuel Godinho de Erédia e suas produções, a autora trabalhou com a ideia de síntese. Neste caso, sua proposta foi verificar a trajetória individual deste cartógrafo seiscentista e compreender como ele construiu seus mapas a partir de elementos de uma tradição antiga, mesmo nas primeiras décadas do século XVII. Desta forma, de acordo com a análise do tratado intitulado *Declaração de Malaca e Índia meridional com o Cathay*, de 1613, aponta Doré:

Como trabalho ‘de síntese’, em sua narrativa, também permanecem elementos do maravilhoso, dos mitos e figuras lendárias que atravessam os continentes ao longo dos séculos. As cavaleiras, mulheres guerreiras, as amazonas, presentes nos relatos desde a Antiguidade, se encontram, na geografia de Erédia, na Índia Meridional, precisamente na Ilha de Lucatambini, conforme pôde verificar nos Anais e Lontares de Java, que falam da ilha. Em seu texto ele afirma apenas ser uma ilha habitada por mulheres, mas em uma das cartas conservadas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, há a localização dessa ilha, onde Erédia acrescenta que ‘as mulheres ali passeiam em cavalos levando arco e flechas.’²⁹³

Erédia estava envolto num contexto que circulavam ideias sobre o maravilhoso e, com base nisso, realizou seus escritos. Também inseriu estas informações escritas em seus mapas, como o caso da ilha habitada somente por mulheres na passagem citada. Desta forma, a perspectiva apontada por Doré mostra que o cartógrafo realizou uma síntese unindo a tradição com a experiência em um período posterior ao estudado aqui. No caso das amazonas que a expedição de Orellana havia “visto” na expedição pelo rio-mar ainda permeavam o imaginário europeu e outra vez passam de uma crença não confirmada a um plano “físico” na cartografia. Outro aspecto acrescentado por Doré diz respeito a um elemento que Erédia teria incluído em sua síntese, uma terceira via nomeada de “uma espécie de intermediação cultural”. Pois, os contatos que o cartógrafo teve com a região do sudeste asiático possibilitou uma apropriação de um saber não provindo dos europeus. Os *Banuas*, selvagens habitantes do interior da região de Malaca, foram incluídos pelo autor em seu texto. Um exemplo de como as informações não europeias também foram incorporadas tanto nos relatos como nos mapas.

A novidade foi que ao trabalhar relacionando os exemplares do século XV (aqueles para o qual a autora criou originalmente o conceito de síntese) e os mapas do século XVI, houve uma relação de identificação nas linhas paralelas. Ou seja, a ideia de síntese também foi detectada no Quinhentos. No entanto, para que esta hipótese fosse melhor testada, ela necessitava de um elemento mais particular para ser explorado. Sendo assim, este trabalho é o resultado da necessidade de uma exploração maior daquelas conclusões iniciais.

²⁹³DORÉ, Andréa. “Manuel Godinho de Erédia e a cartografia sobre o Estado da Índia no Período Filipino”. In: VAINFAS, Ronaldo; SANTOS, Giorgina Silva dos; NEVES, Guilherme Pereira dos (org.). *Retratos do Império: trajetórias individuais no mundo português nos séculos XVI a XIX*. Niterói: EDUFF, 2006, p.382.

O caso específico desta terceira via incluída por Doré em sua interpretação de Erédia abre uma reflexão importante. Nesta pesquisa, o contato cultural com a população nativa do rio Amazonas e as consequentes informações foram aqui incluídos dentro da perspectiva da experiência. Ou seja, como visto no segundo capítulo, o contato com os indígenas, principalmente em relação à nomeação de lugares com base em nome de chefes indígenas, não foi tão produtivo como o caso de Erédia. As condições das viagens quinhentistas pelo Rio das Amazonas ocorreram em situações que não permitiram contato grande com a alteridade e, desta forma, não houve uma base de informações tão sólida como do cartógrafo seiscentista. Entretanto, novos estudos através das diversas crônicas que narram a viagem ao grande rio poderiam abrir esta nova perspectiva com a visão das inúmeras fontes primárias e secundárias produzidas após as duas grandes viagens pelo rio das Amazonas.

Esta proposta de uma síntese estaria de acordo com as revisões históricas realizadas sobre o Renascimento. Este movimento, entendido como um “corte brusco”, teria significado uma ruptura na história europeia: do Medieval para a Modernidade. Este entendimento gerou um movimento de desqualificação do período medieval realizado no século XIX. Jules Michelet seria o autor que teria pensado o período compreendido entre os séculos XIII, XIV, XV e XVI como um movimento de ruptura com o passado próximo. Ao escrever seu texto sobre a influência de sua época, ele acabou por revisar seus escritos sobre a Renascença e expressou todo seu rancor por aquele período. Assim, sua “Era da Renascença” teria vindo posteriormente, em outro momento: “O estado estranho e monstruoso, prodigiosamente artificial, que foi o da Idade Média, tem como único argumento sua extrema duração, sua resistência obstinada ao retorno da natureza.”²⁹⁴ Outro autor com um pensamento próximo foi Jacob Burckhardt. Segundo ele, o período renascentista seria diferente do período medieval. Mas, de acordo com o historiador Peter Burke, o “erro” do autor suíço foi tomar uma posição em prol dos acadêmicos e artistas e utilizar-se de renascimento pelo seu “valor nominal” e transformar isso em uma obra.²⁹⁵

Poder-se-ia pensar que a própria cartografia seria um exemplo de como esta visão historiográfica inicial teria contribuído para a pouca valorização dos elementos

²⁹⁴ MICHELET, Jules. *A Agonia da Idade Média*. São Paulo: EDUC, Imaginário, 1992, p.20.

²⁹⁵ BURKE, Peter. *O Renascimento*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 1997, p. 12.

simbólicos nos mapas medievais e, conseqüentemente, nos mapas renascentistas²⁹⁶. A própria construção teórica de Brian Harley vem no sentido de derrubar os preceitos utilizados por pesquisadores de um tempo recente que buscam interpretar mapas de um período anterior, compreendendo-os nas leituras contemporâneas. A consequência é amputar a pesquisa, restringindo-a à pouca interpretação dos seus códigos específicos.

O primeiro ponto importante ao atentar-se ao contexto renascentista é o importante resgate que faziam dos valores da Antiguidade Clássica, da cultura greco-latina. De acordo com o historiador Paulo Miceli, este pensamento levou alguns contemporâneos a criar a famosa ideia de que os letrados do Renascimento seriam anões que se apoiariam nos ombros dos gigantes, os conhecimentos dos pensadores clássicos, para que pudessem então enxergar mais longe. Entretanto, Juan Luis Vives (1492 – 1540), um humanista espanhol, desaprovou esta comparação. Segundo ele, nem seus contemporâneos eram anões e nem os antigos eram gigantes. Para ele, graças às novas informações do período, os homens do século XVI seriam até mais cultos que os clássicos. A valorização dos antigos ligava-se ao próprio entendimento da sociedade renascentista. Na Itália, “*antigo*” remetia a uma era distante no tempo, um período mágico e que inspirava. Por exemplo, Michelangelo destacava a arquitetura, por toda parte, que imitava os antigos.²⁹⁷ Assim, de acordo com Paulo Miceli:

Essa oposição entre antigo e moderno, no Renascimento, não punha em confronto o passado e o presente, mas duas formas de progresso: o circular, que celebrava o antigo (o eterno retorno), e o linear, que se desviava da Antiguidade. Para ser valorizado, o moderno deveria imitar o antigo, através do qual seria exaltado, como escreveu Rabelais: ‘Agora todas as disciplinas foram restituídas’.²⁹⁸

Esta citação, junto à interpretação dos elementos presentes no primeiro capítulo, faz-se importante para destacar parte do valor que era atribuído aos antigos e ajuda a explicar o grande destaque a eles nos mapas. Outro ponto fundamental é da convivência entre antigo e moderno. Isto derruba a ideia de que os dois eram contraditórios. Pelo contrário, o conhecimento dos modernos estaria em paralelo com as heranças dos sábios do passado. Os antigos apenas não puderam ver com seus olhos aquilo que os contemporâneos faziam. Como o caso das viagens à zona tórrida, que os antigos supunham não ser habitada pelo extremo calor. Entretanto, havia ainda uma relação dos

²⁹⁶ Ou seria, portanto, uma desvalorização dos elementos que remetiam ao figurativo de caráter medieval. Uma depreciação semelhante às primeiras interpretações sobre a Idade Média no século XIX.

²⁹⁷ MICELI, Paulo. *História Moderna*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 31.

²⁹⁸ Idem, p. 31.

renascentistas com o período imediatamente anterior.

As ideias que, de certa forma, depreciavam o período medieval defendidas por historiadores do século XIX, notavelmente por Jacob Burckhard, foram contestadas por outros pesquisadores. Segundo Peter Burke, ao realizarem um estudo mais profundo do período, os medievalistas chegaram a conclusões diferentes. Assim, defendiam que os ditos “modernos” guardavam importantes relações com o período medieval. A obra *O Cortesão*, por exemplo, estava cheia das tradições do Medievo em relação ao comportamento cortês, além de outras referências ao período.²⁹⁹ Outra divergência seria de que não teria ocorrido um, mas vários renascimentos a partir do século XI. Inclusive, neste ponto, o historiador Arnold Toynbee apresentou importantes movimentos “renascentistas” em locais fora da Europa Ocidental cristã, como em Bizâncio e no mundo islâmico ou até mesmo no Oriente.³⁰⁰

Ou seja, não apenas no âmbito da cartografia, mas o próprio contexto do Renascimento possuía pilares originados no mundo medieval. Esta tradição não foi suplantada por um resgate da Antiguidade Clássica remota, mas uma continuidade teria aflorado. Vários personagens ditos modernos poderiam ser também considerados medievais. Neste sentido, Janice Theodoro da Silva apresenta um exemplo sobre Colombo. Este emblemático homem da expansão marítima europeia esteve envolto em uma experiência nova e sua imaginação ligada à tradição. Através de uma interpretação voltada ao contexto de produção literária, a autora analisou o livro de Dom Fernando Colombon sobre o almirante genovês:

A utilização da palavra *razão* e *crença* são exatamente significativas para se compreender a personagem Colombo e sua época. Indicam a presença do vínculo entre o pensamento medieval e o pensamento renascentista. Por outro lado, Colombo é levado a observar a realidade, e a partir destas observações, chegar a determinadas conclusões. Por outro lado, Colombo crê em algumas profecias e preserva, de maneira admirável, os ideais da cavalaria que o distanciavam da realidade e da experiência da qual ele era o artífice. Colombo, ao mesmo tempo que descobre ser a terra redonda, procura encontrar o caminho do Paraíso Terrestre. Este paradoxo (realidade e sonho) presente em Colombo será elemento constitutivo das formas de apresentação do universo indígena, parte também integrante da nossa ancestralidade cultural.³⁰¹

Colombo seria, então, um personagem emblemático do homem renascentista. O trânsito entre um mundo que se mostra novo e diferente e uma leitura baseada nos

²⁹⁹ BURKE, *Op. Cit.*, p. 14.

³⁰⁰ Idem, p. 15.

³⁰¹ SILVA, Janice Theodoro da. “Colombo: entre a Experiência e a Imaginação” In: *Revista Brasileira de História – América, Américas*. Vol. 11 n°21. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1990/91, p. 30.

conhecimentos tradicionais que enquadram o que é visto naquilo que se sabia. A América, com seu exotismo, seria a ilha de Cipango e os nativos deveriam saber algo do Grande Kan mongol. Não havia espaço na mente de Colombo para que uma nova parte do orbe estivesse escondida. Os mapas que havia estudado mostravam a ligação oceânica da Europa e Ásia. Ou seja, o imaginário construído pelo almirante estava imbricado pelos códigos regidos por seu tempo; as novidades eram moldadas pela imagem em que ele acreditava.

Este personagem, junto à cartografia, mostra como os significados, em princípios da era Moderna, divergiam dos atuais. Os mapas dos séculos XV, XVI e XVII são provas disto. Desde o século XIX, a cartografia positivista utiliza de preceitos diferentes: um local desconhecido ou que exista interesse na sua não divulgação normalmente não é retratado, existe um vazio naquele espaço.³⁰² No século XVI, como observado nesta pesquisa, o padrão era outro.³⁰³ A região amazônica e o resto do interior americano contavam com elementos figurativos com base em vestígios ou não. Não havia vazios nos mapas. Os cartógrafos cogitavam hipóteses de elementos geográficos preenchendo os espaços.³⁰⁴ Como serras no interior da América portuguesa, o curso norte/sul do rio Amazonas, a figuração das lendárias amazonas que teriam encontrado um novo local na América para habitar entre outros.³⁰⁵ Assim, poder-se-ia pensar em uma síntese também relacionado à afirmação do historiador Ugo Tucci:

(...) o progresso lento e contínuo dos conhecimentos geográficos, regulado por exigências sobretudo políticas e económicas, favoreceu a permanência de elementos arcaicos e deixou um largo espaço para a imaginação; acrescente-se um certo conservadorismo que atrasava as actualizações, explicável em parte pela dificuldade ou relutância em cortar completamente os vínculos com a geografia erudita. Sem dúvida que a imagem da superfície terrestre se vai delineando cada vez com maior precisão, mas a representação realista e a representação simbólica coexistiram muito para além do limiar renascentista, sem contradições, compenetrando-se até na medida em que acabavam por completar-se, enquanto que os contactos estabelecidos através da conquista e do colonialismo com povos

³⁰²Dois exemplos destas estratégias cartográficas envolvendo ocultação de espaços com finalidades secundárias de apropriação de terras indígenas e/ou legitimação da dominação europeia podem ser conferidos em dois trabalhos importantes: o primeiro é trabalho de Brian Harley (HARLEY, Brian. “La cartografía de Nueva Inglaterra y los nativos norteamericanos” In: *La Nueva Naturaleza de los Mapas*. México: Fondo de Cultura Económica, 2005, pp 209-238); e o segundo de Neil Safier (SAFIER, Neil. “Os espaços dos povos: mapas, poesias e paisagens etnográficas na Amazônia setecentista” In: SOUZA, Laura de Melo e; FURTADO, Junia Ferreira; BICALHO, Maria Fernanda (orgs.). *O Governo dos Povos*. São Paulo: Alameda, 2009, pp. 203-212.

³⁰³ Aqui deve se fazer uma grande ressalva ao mapa da América confeccionado por Diego Ribeiro em 1527. O cartógrafo apenas representou os contornos do continente americano. O interior ficou completamente vazio. Esta questão será abordada a seguir no tópico sobre este cartógrafo e seu período.

³⁰⁴ Aqui se tem como exemplo a questão apontada no primeiro capítulo das inúmeras formas que os cartógrafos pensavam o curso do Rio Amazonas antes da década de 1540.

³⁰⁵ Esta ideia ainda está muito ligada ao modelo cartográfico medieval e sua ideia de espaço.

de nível econômico e tecnológico atrasado, às vezes até privados de escrita e de arquitectura, vivificavam a extinta concepção expressa pelos mapas ecumênicos medievais inserindo-a em novos esquemas de diferenciações e de oposição.³⁰⁶

Sob uma apreciação econômica, Ugo Tucci chama a atenção para a convivência entre os elementos “realistas” e simbólicos. O que chama de realista seria equivalente à representação do globo da forma como percebemos, sem o uso de simbolismo de caráter especulativo. Pois, não se pode esquecer que a própria feitura de um mapa “realista” está imerso em um simbolismo, ou seja, possui formas que transpõe através de códigos a geografia terrestre. A tradição cartográfica, segundo ele, não foi rompida, pois, os laços com a geografia erudita, responsável pelo simbolismo da representação medieval, ainda permanecia. Ela teria, portanto, uma correlação íntima com a perspectiva obtida com as experiências marítimas e nos novos espaços.

Esta conclusão pode ser reafirmada nesta pesquisa. A representação do rio das Amazonas ao longo do século XVI, como observado no primeiro capítulo, realizou-se numa complementaridade entre as duas formas. Desde o início, as informações da experiência direta não garantiam a totalidade do desenho. Ele era completado com suposições e esquemas que faziam o papel de preencher os desconhecimentos e as dúvidas. Ao invés de dar exclusividade ao conhecido, havia margem para conjecturar sobre o espaço pouco explorado ou não explorado. A partir desta conclusão poderia se pensar em outra.

O Novo Mundo descoberto pelos europeus através das navegações marítimas seria novo como local antes desconhecido que passou para o conhecimento destes. Mas, quando passou a ser representado, através de vários elementos do imaginário europeu, adequou-se às formas já conhecidas. Os nativos e as marcações de cidades possuíam formas europeias como visto no primeiro capítulo. Era uma espécie de familiarização por meio do tradicional. Ou seja, o discurso construído para a parte do mundo recém-descoberta só pode ser realizado através das formas conhecidas. O novo conseguiu ser explicado somente com a mediação do antigo. Tribos nativas compostas somente de mulheres foram compreendidas por meio da lenda das amazonas. Mas, isto estaria longe de ser exclusividade deste período temporal. Os cientistas, quando descobrem um fenômeno diferente em outros planetas adaptam a linguagem conhecida para descrevê-lo. Nas décadas de 1960 e 1970, com as viagens espaciais soviéticas de exploração do

³⁰⁶ TUCCI, Ugo. “Atlas”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Casa da Moeda/ Imprensa Nacional, 1997, p. 141.

planeta Vênus, foi atribuído o nome de “nuvens de ácido sulfúrico” para um fenômeno daquela atmosfera. Antes da descoberta, presume-se que nuvem apenas relaciona-se a uma formação envolvendo partículas de água; no entanto, para explicar o desconhecido utilizou-se de uma concepção familiar que mais se aproximava daquilo que era necessário produzir um relato. Para descrever o desconhecido usa-se do mais próximo conhecido. Seria uma forma de inserir aquele desconhecido na ordem que as coisas são classificadas. Pois, massa de gás de ácido sulfúrico estaria na categoria de nuvem, e , para o século XVI, habitantes de terras distantes estaria na área de homem, cristãos ou bárbaos, e o homem europeu significaria sinônimo de branco. Nesta reflexão, Michael Foucault poderia contribuir com um interessante ponto de vista. Na obra *As Palavras e as Coisas*, o autor faz um estudo das formas com que o Ocidente imputava ordem através de suas classificações, como o caso do mundo natural. Na introdução de sua obra aponta:

Os códigos fundamentais de uma cultura – aqueles que regem sua linguagem, seus esquemas perceptivos, suas trocas, suas técnicas, seus valores, a hierarquia de suas práticas – fixam, logo de entrada, para cada homem, as ordens empíricas com as quais terá de lidar e nas quais se há de encontrar. Na outra extremidade do pensamento, teorias científicas ou interpretações de filósofos explicam por que há em geral uma ordem, a que lei geral obedece, que princípio pode justificá-la, por que razão é esta ordem e não outra. Mas, entre estas duas regiões tão distantes, reina um domínio que, apesar de ter sobretudo um papel intermediário, não é menos fundamental: é mais confuso, mais obscuro e, sem dúvida, menos fácil de analisar. É aí que uma cultura, afastando-se insensivelmente das ordens empíricas que lhe são prescritas por seus códigos primários, instaurando uma primeira distância em relação a elas, fá-las perder sua transparência inicial, cessa de deixar passivamente atravessar por elas, desprende-se de seus poderes imediatos e invisíveis, libera-se o bastante para constatar que essas ordens não são talvez as únicas possíveis nem as melhores: de tal sorte que se encontre diante do fato bruto de que há, sob suas ordens espontâneas, coisas que são em si mesmas ordenáveis, que pertencem a uma certa ordem muda, em suma, que há ordem. Como se, libertando-se por uma parte de seus grilhões linguísticos, perceptivos, práticos, a cultura aplicasse sobre estes um segundo grilhão que os neutralizasse, que, duplicando-os, os fizesse aparecer ao mesmo tempo que os excluísse e, no mesmo movimento, se achasse diante do ser bruto da ordem. É em nome dessa ordem que os códigos da linguagem, da percepção, da prática são criticados e parcialmente invalidados.³⁰⁷

Este pensamento de Foucault poderia ser aplicado dentro do estudo dos mapas.³⁰⁸

Como uma das linguagens criadas pelo homem para a representação do espaço, eles estariam representando certo ordenamento espacial. Ou seja, dentro da classificação mundial ou cosmográfica do mundo conhecido, este código interpreta determinada

³⁰⁷ FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martin Fontes, 1999, p. XVI e XVII.

³⁰⁸ Brian Harley, em sua proposta de entendimento dos mapas, se apropria de importantes ideias de Michel Foucault. Aqui se busca uma hipótese de interpretação direta do autor francês.

sociedade e instituiu uma ordem nesta representação. A passagem da Idade Média para a Idade Moderna representaria um momento de redefinição da ordem estabelecida na cartografia. Este movimento foi substancial para a compreensão dos contornos continentais do orbe, além de grandes espaços marítimos e na costa de regiões, até então, pouco exploradas. No entanto, no século XVI, os elementos da forma antiga de representação do espaço ainda sobreviviam. Porém, o modelo universal de enquadramento dos continentes, da proporção dos oceanos, ou seja, dos elementos dispostos de forma esquemática que são estruturais no mapa desapareceu. Uma nova ordem havia sido estabelecida, mas ela não cortou suas ligações com a anterior. Esta encontrava espaço nas regiões remotas e com pouco acesso, como o caso do Rio das Amazonas. O uso de elementos da cultura europeia para representar espaços americanos, como desenho de tigres que serviam para representar as onças pintadas e leões para onças vermelhas, é uma prova de como as ferramentas da construção linguístico-imagética não conseguiam se libertar das formas tradicionais. O novo sempre seria pautado por aspectos do antigo. A ordem surgida necessariamente precisa de elementos da anterior.

Desta reflexão, poder-se-ia partir à outra. Em relação ao Rio das Amazonas e a própria representação da América, existiu uma mudança fundamental entre os aspectos dominantes de representação do espaço. O modelo esquemático passou a ser relegado às partes interioranas, como pôde ser comprovado aqui. Isso mostra talvez que a cartografia tenha funcionado de forma parecida com um “olhar do Império”³⁰⁹. Ou seja, ao ser alvo de sistemático conhecimento europeu, o continente americano foi atingido por maneiras mais precisas, tornando viável uma colonização. Assim, as áreas sem uma colonização efetiva no século XVI, caso do rio-mar e sua região estudados aqui, estariam ainda sobre influência de uma liberdade maior para cogitar e criar mitos,

³⁰⁹ Ideia surgida a partir das leituras da obra de Mary Pratt. A autora estudou como os viajantes naturalistas, no século XVIII, criaram uma nova forma de conhecimento para enquadrar o mundo. Portanto, a ciência natural era uma nova forma de entendimento da natureza, tornando-se um projeto ocidental. Esta seria uma etapa posterior a projetos anteriores, como cita a autora: “Meu argumento é de que a sistematização da natureza é um projeto europeu de novo tipo, uma nova forma daquilo que se poderia chamar de consciência planetária entre europeus. Por três séculos, os suportes europeus de elaboração de conhecimento tinham construído o planeta, acima de tudo, em termos de navegação. Esses termos deram ensejo a dois projetos totalizadores planetários. Um seria a circunavegação, um feito duplo que consiste na navegação ao redor do mundo seguido do relato escrito deste empreendimento (o termo circunavegação refere-se tanto à viagem quanto ao texto). Os europeus tinham repetido este feito duplo quase que continuamente desde que Magalhães o completou pela primeira vez na década de 1520. O segundo projeto planetário, igualmente dependente de tinta e do papel, foi o mapeamento do perfil costeiro do mundo, uma tarefa coletiva que ainda estava em andamento durante o século XVIII, mas que se sabia ser factível.” PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 63.

lendas, associação de tradições europeias, presença de animais exóticos e outros baseados nas expedições quinhentistas realizadas na região.

Estas reflexões mostram o quão amplo são as possíveis relações entre tradição e experiência. E, além disso, como as duas perspectivas de compreensão do mundo eram entendidas como complementares. O que faz percebê-las dentro de uma grande síntese de influência. Mas, longe de serem dois blocos monolíticos, eles eram plurais. O entendimento destes dois aspectos ganha uma grande dimensão. Assim, podem se representar a tradição, como registrado no primeiro capítulo, compreendendo tanto as reflexões clássicas quanto medievais. E a experiência, tanto o contexto das navegações mediterrâneas e atlânticas medievais quanto as Grandes Navegações Ibéricas no início da Era Moderna. Porém, uma pesquisa sobre as influências da tradição e experiência não alcançaria conclusões maiores se não abordasse um último aspecto.

Assim, para uma maior compreensão das relações entre as representações de um rio e as influências da tradição e experiência faz-se agora uma interpretação voltada ao indivíduo. Diferente das abordagens anteriores, volta-se agora para os autores responsáveis pelos mapas. Com isso, busca-se uma proximidade com a maneira como estes homens quinhentistas relacionavam-se especificamente com o ente geográfico, alvo desta pesquisa.

3.2 - As particularidades dos cartógrafos³¹⁰

Atualmente, os estudos em História da Cartografia têm se aproximado mais de uma interpretação do seu objeto enquanto produto visual amplo.³¹¹ Nos últimos 20 anos, os pesquisadores passaram a aborda-lo com ênfase na sua problematização enquanto construção visual subjetiva³¹². O mapa deveria ser compreendido dentro do contexto particular do cartógrafo buscando suas particularidades. Ou seja, a representação do Rio Amazonas nestes mapas teria recebido às influências vistas anteriormente, tradição e experiência, mas ao utilizá-las, o autor as interpreta subjetivamente “reinventado-as” em suas figurações. O seu imaginário constrói uma representação do mundo que, por sua vez, passou a criar outras. Assim, a grande contribuição do novo movimento de estudo

³¹⁰ Tópico baseado em parte no artigo publicado na Revista *História, Imagem e Narrativa*. RABELO, Lucas Montalvão. “Os Mapas enquanto Imagem: paralelos entre a cartografia do século XVI e outras fontes visuais.” In: *História, Imagem e Narrativas*, n19, outubro, 2014.

³¹¹ Isto diverge da forma tradicional ligado à cartografia positivista de estudar mapas antigos.

³¹² Movimento encabeçado por Brian Harley e sua proposta para se estudar os mapas. Ver: HARLEY, J.B. *La Nueva Naturaleza de los Mapas*. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.

da cartografia histórica é, portanto, devolver aos mapas sua função de produto histórico dentro de seu contexto específico. Entender um exemplar quinhentista é mergulhar em códigos recebidos de um tempo anterior, mas sem esquecer a constante interpretação particular e contextual daqueles homens.

O indivíduo estava preso em uma grande teia de influências que, de certa forma, fez com que um ente geográfico fosse produzido com variações dentro dos padrões estabelecidos pela tradição ou pelos novos dados. Cartografar o rio Amazonas era estar no meio de questões singulares para tal intento. Um dos principais pontos de influência percebidos refere-se ao contexto político. Nos casos interpretados a seguir, esta questão é fundamental. Alguns exemplares apresentam pistas que revelam os embates entre as coroas ibéricas nas disputas por territórios. Assim, sua função, como outras fontes visuais, seria de propagandear a perspectiva defendida por sua coroa em detrimento da outra. Uma leitura visual própria do mundo que legitimaria interesses específicos. Os mapas enquanto um reflexo dos intentos dos homens que os produziram. Neste sentido, a consideração de Brian Harley pode muito acrescentar nesta questão. Segundo ele:

*Los mapas también son imágenes inherentemente retóricas. Es un lugar común decir que la cartografía es un arte de persuasión. Lo que va contra el conocimiento moderno es sugerir que todos los mapas son retóricos. Los catógrafos actuales distinguen entre los mapas imparciales u objetivos y otros mapas usados con fines propagandísticos o publicitarios que se vuelven “retóricos” como una forma de embellecer o adornar; sin embargo, sostienen que debajo de esta apariencia cosmética siempre está la base rígida de una ciencia verdadera.*³¹³

Desta forma, o autor apresenta a abordagem tradicional dos cartógrafos produzida através da separação entre os exemplares de acordo com a cientificidade. Mas, a proposta de Harley é perceber como todos os mapas são construções baseadas na realidade articulada através de uma retórica. Ela estaria diretamente ligada ao momento histórico vivido pelo seu autor. Assim, o conteúdo visual remete diretamente ao contexto da época, da mesma forma que outras fontes, como as escritas.

Com base nestas conclusões estabelecidas por meio de Harley, buscou-se tomar uma precaução. Ao se trabalhar com mapas antigos, uma maior familiaridade do observador com seu conteúdo visual poderia, de alguma forma, maquiagem a distância temporal trazendo um sentido anacrônico. O historiador Ulpiano Menezes lembra, em relação às fontes visuais, ser impossível um padrão “escópico” manter-se semelhante

³¹³ HARLEY, Brian. *La Nueva Naturaleza de los Mapas*. México: FCE, 2005, p. 59.

durante um grande período temporal. Ou seja, a forma como as pessoas compreendem uma imagem não é a mesma depois de anos. O sentido produzido através da leitura visual do conteúdo é constantemente afetado com o passar dos anos³¹⁴. Da mesma forma, as interpretações sobre os mapas do século XVI são hoje diversas. E, mesmo naquele período, um mapa do início do século teria, talvez, um sentido diverso ao final dele.

Portanto, a própria interpretação dos mapas por esta pesquisa sofre esta influência temporal. Para evitar um pouco deste perigo, nos tópicos a seguir tentar-se-á trazer um pouco do contexto dos autores, sem a pretensão idealista de revelar exatamente o que eles queriam dizer. No caso dos mapas-múndi do século XVI, eles também, como imagens, guardam semelhanças com os exemplares de hoje e podem induzir o observador a “lê-lo” como os atuais. No entanto, os mapas renascentistas são muito diferentes como observado nos dois primeiros capítulos³¹⁵. Acrescenta-se ainda que eles sobreviveram aos efeitos do tempo contando com exemplares de diversas nações, como portugueses, espanhóis, franceses e italianos. Cada um dos seus produtores realizou sua obra de acordo com os objetivos de seus financiadores. É preciso lembrar que grande parte deles não possuía função prática de orientação. As grandes dimensões dificultavam o manuseio em alto-mar, além da escala pequena não colaborar para uma localização precisa, portanto, apresentavam-se possivelmente em uma função exclusivamente estética, principalmente para uso no interior de palácios.³¹⁶

Aqui, é necessário foco não só no conteúdo interno da imagem, mas direcionado ao próprio material na qual foi produzido. Assim, a materialidade relaciona-se diretamente ao conteúdo exposto. O suporte da imagem guarda uma série de cuidados e ostentações (ou não) para conservar e/ou valorizar a notoriedade do seu conteúdo. Os atlas de Gerardus Mercator e Abraão Ortelius são exemplos que serão abordados. Estes exemplares, como produtos humanos, não deixam de ser artefatos. Estas características externas (molduras, suportes, e outros), muitas vezes deixadas de lado em uma pesquisa, são de extrema importância para um estudo de imagens. Para Ulpiano Menezes, atentar-se para este aspecto seria “materializar o documento, considerá-lo

³¹⁴ Neste caso, o autor refere-se às reações das pessoas diante das fotografias na década de 1930 e nas gerações seguintes até a atualidade. Entretanto, esta perspectiva pode ser também relacionada aos mapas do século XVI. Ver: MENEZES, Ulpiano B. de. “A fotografia como documento – Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico”. *Tempo*, Rio de Janeiro, n^o14, p. 143.

³¹⁵ ALEGRIA, Maria Fernanda et alli. “Cartografia e Viagens”. In: BETHENCOURT, F. & CHAUDHURI, K (dir.). *História da Expansão Portuguesa. Vol. I*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998, p. 27.

³¹⁶ ALEGRIA, Maria Fernanda et alli. *Op. Cit.* p. 54.

também como um objeto material e não só como um abstrato emissor semiótico.”³¹⁷ Assim, refletir sobre a materialidade do documento seria um ponto importante para o estudo do historiador. Feitas estas considerações, busca-se agora abordar a história dos cartógrafos e seus mapas que englobam o período do século estudado e relacionando-os à representação do rio ‘das’ Amazonas.

3.3 - Juan de La Cosa e Cantino: as primeiras representações do Novo Mundo

Tanto o mapa de Juan de La Cosa quanto o mapa dito de Cantino só foram redescobertos no século XIX. O primeiro foi encontrado numa loja de bricabraque em Paris no ano de 1832. Ele foi comprado pelo Barão de Walckenaer, e, depois da sua morte, foi adquirido pelo museu naval de Madrid, por 4.020 francos.³¹⁸ Já o segundo mapa, conhecido como de Cantino, foi localizado por Giuseppe Boni, diretor da Biblioteca Estense, na cidade de Módena quando passava por uma salsicharia e o viu forrando um objeto do estabelecimento. Ao perceber seu valor, ele o adquiriu e doou à biblioteca em que trabalhava. O mapa encontra-se lá atualmente.³¹⁹ Além de contarem com uma história de redescoberta semelhante, os dois exemplares partilham uma origem no contexto da virada do século XV para o XVI, um período de afloramento das navegações marítimas ibéricas com finalidade de explorar as novas rotas e as partes antes desconhecidas.

Juan de La Cosa foi um navegante espanhol que acompanhou Cristóvão Colombo, a serviço dos Reis Católicos de Espanha. Posteriormente, realizou outras viagens ao continente americano, e traçou várias cartas, que estão perdidas. Seu mapa, de 180x96cm, foi desenhado em pergaminho e sofreu danos durante os anos. Na margem oeste do mapa há uma legenda localizada sob o pé de São Cristóvão: “Juan de La Cosa a fez no porto de s. Maria no ano de 1500”.

Dois anos depois, o primeiro exemplar português conhecido que registrou o Novo Mundo foi o chamado mapa de Cantino. Este nome atribuído deve-se ao feito de um indivíduo chamado Alberto Cantino, que teria furtado este exemplar para o Duque de Ferrara. A carta teria sido obtida clandestinamente para o duque italiano, pois, estaria preocupado com a ameaça portuguesa sobre a participação italiana no comércio de

³¹⁷ MENEZES, Ulpiano B. *Op. Cit.*, p.144.

³¹⁸ ADONIAS, Isa. *A cartografia da região amazônica*. Vol I. Rio de Janeiro: INPA, 1963, p. 9.

³¹⁹ *Idem*, p. 16.

especiarias. A correspondência relativa ao acordo entre ambos, chegada até hoje, confirma que o nobre recebeu o mapa em novembro de 1502. Devido às características da carta, é consenso entre os historiadores da cartografia que teria sido produzido por um português. Seu título é: *Carta marina das ilhas recentemente descobertas nas partes das Índias*. Nele, as costas se apresentam com muito detalhe e existe grande quantidade de nomes, desde o ocidente até o oriente, abarcando de Cuba até a costa oriental da Ásia.³²⁰

Estas duas obras, testemunhas visuais do nascimento da América para a Europa, foram produzidas com um intervalo de apenas dois anos. Nelas, pode-se estabelecer um paralelo entre a proximidade temporal e a representação do novo espaço. As ilhas descobertas surgiram nos exemplares em conformação com a configuração do mundo resultante da divisão estabelecida pelo Tratado de Tordesilhas, no ano de 1494. O documento assinado na cidade de Tordesilhas, em 7 de Junho de 1494, pelo rei D. João III de Portugal e os Reis Católicos de Espanha, acertava que o mar oceano seria dividido em duas partes iguais a partir de uma linha divisória imaginária, traçada a 370 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde.³²¹ De acordo com o tratado: “consentirã que se faça e asyne pollo dito mar oceano huma Raya ou linha direta de poolo a poollo, *scilicet*, do pollo artico ao pollo antartico que he de norte a sul.”³²² A linha iniciaria no polo norte e iria até o polo sul. O globo terrestre ficaria dividido em um hemisfério ocidental e outro oriental. As referências à divisão do hemisfério terrestre foram feitas a partir das conhecidas ilhas do arquipélago de Cabo Verde. No entanto, a geográfica concreta finda aí. Pois, o local exato do meridiano de Tordesilhas não era conhecido na época. Isto colabora para as posteriores imprecisões. De acordo com Cortesão³²³, havia dúvida sobre qual das ilhas do arquipélago seria usada para traçar a linha, e se a contagem da linha seria feita sobre este paralelo ou sobre o Equador. Soma-se, ainda, o problema na determinação da longitude. Os instrumentos náuticos na época não a determinavam com exatidão. Somente no século XIX, com o relógio de alta precisão, este problema foi solucionado. O Tratado ainda assegurava a permissão da posse de terras descobertas e a se descobrir desde que não fossem controladas por nenhum monarca cristão. O que retirava dos nativos as pretensões de serem respeitadas as suas gerências sobre os

³²⁰ CRONE, G. R. *Historia de los mapas*. México – Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1956.

³²¹Ibid, p. 191.

³²²“Tratado de Tordesilhas, segundo o original em português, existente no arquivo de Índias, de Sevilha” in: CORTESÃO, Jaime. *Op. Cit.*, p. 208.

³²³Ibid, p. 190.

territórios que habitavam. Destarte, com todos os problemas inerentes ao estabelecimento exato da linha divisória, teve-se o surgimento das representações cartográficas do Novo Mundo. Neste contexto, cada um dos cartógrafos aqui interpretados seguiu seus interesses e de suas Coroas. Assim, mesmo não contando com uma intenção consciente e explícita, os traços privilegiavam sua área correspondente e podem ser percebidas.³²⁴

No mapa de Juan De La Cosa, o continente americano aparece influenciado pelas viagens de seu autor ao Novo Mundo. Ele acompanhou Colombo na primeira e segunda viagem, em 1492 e em 1496. Com base nelas, de acordo com a autora Maria Montserrat León Guerrero: “Cosa recorrió todas las islas Antillas descubiertas entonces, y algunas de ellas, no todas (como San Salvador o Watling), aparecerán representadas en célebre mapamundi.”³²⁵ Teve, portanto, influência decisiva das concepções geográficas do piloto genovês para a confecção de seu mapa. A América corresponderia, portanto, a área de interesse dos reis espanhóis. A representação de São Cristóvão, vista no primeiro capítulo, é testemunha do projeto evangelizador da monarquia espanhola. Uma parte do próprio discurso presente nas viagens colombinas: “Sus objetivos eran encontrar las tierras descubiertas y localizarlas geográficamente a través de una plasmación cartográfica, y el evangelizador”³²⁶. Juan de la Cosa expôs as ambições do projeto espanhol de colonização da América. A figura de Cristo carregada por São Cristóvão remetia a Colombo e a própria Coroa espanhola que levavam a verdadeira fé aos nativos que a desconheciam. Em relação a este projeto, Sergio Buarque de Holanda observa uma continuidade do processo de expansão da fé católica na América:

Os castelhanos (...) prosseguiram no Novo Mundo a luta secular contra os infiéis, e a coincidência de Colombo ter chegado à América justamente no ano em que caía na península, o último baluarte sarraceno parece providencialmente calculada para indicar que

³²⁴ As diferenças entre portugueses e espanhóis em relação ao Novo Mundo não se resumem à cartografia. O historiador Sergio Buarque de Holanda explorou outros aspectos que mostram as diferentes formas de estabelecimento das monarquias ibéricas na América. Um exemplo é o estabelecimento das cidades. No caso espanhol, havia uma adaptação do espaço escolhido para se habitar, adequando-o milimetricamente as formas de xadrez. Era uma racionalização da ocupação. Já no caso português, haveria uma forma mais orgânica. A ocupação se enquadraria as especificidades do próprio local. Desta conclusão levantada pelo autor, seria interessante realizar um levantamento mais específico dos mapas produzidos pelos cartógrafos portugueses e espanhóis estabelecendo comparações particulares da forma como o Novo Mundo foi representado. Ver: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

³²⁵ GUERRERO, Maria Montserrat León. “Juan de la Cosa: Piloto del Caribe. In: MARCOS, Jesús Valera. *Juan de la Cosa: La cartografía histórica de los descubrimientos españoles*. Sevilla: Universidad Internacional de Andalucía, 2011, p. 149.

³²⁶ GUERRERO, Op. Cit., p. 152.

não deveria existir descontinuidade entre um esforço e outro.³²⁷

Portanto, como observa o autor, existe uma continuidade com o período medieval. O espaço era novo, mas a intencionalidade presente dentro do discurso religioso foi o mesmo. A colonização e a conversão dos nativos americanos eram a continuidade do projeto de Cruzada com uma nova roupagem. Um projeto dito moderno encontrava-se com relação direta com outros já desenvolvidos no Medievo. Entretanto, a América, apesar do destaque no exemplar, não era o único espaço referenciado. Em relação à África, La Cosa a desenhou perfeitamente bem na costa ocidental melhorando a representação do mapa de Henricus Martellus. No entanto, a parte oriental do continente ainda era muito precária. O continente asiático, incluindo a península arábica, filiava-se no modelo estabelecido por Ptolomeu em suas tábuas.

Na estruturação do mapa de Juan de La Cosa, existe um grande destaque ao continente americano. Uma linha transversal atravessa o continente de norte a sul poderia ser associada à linha estabelecida em Tordesilhas, apesar de não ser confirmada pelos autores consultados. Esta hipótese surgiu devido a não existência de nenhuma outra marcação com esta orientação. Sem uso de meridianos e a existência única de uma linha norte/sul seriam indicativos da apresentação das novas terras já separadas e com a parte reservada ao jugo espanhol. De qualquer forma, em âmbitos gerais, a carta enfoca fortemente o continente americano, ele chega a representar mais de 1/3 da distribuição espacial das terras emersas. Destarte, não há como deixar de evidenciar o projeto espanhol para o Novo Mundo que La Cosa representou em seu mapa. Ele não foi o único a defender visualmente um projeto, uma interpretação visual do mundo segundo uma intencionalidade.

As misteriosas formas do mapa de Cantino foram solicitadas pelo duque de Ferrara, e revelam o contexto das produções cartográficas portuguesas. Segundo Jaime Cortesão, houve neste contexto uma política de sigilo estabelecida pelo reino de Portugal³²⁸. Os mapas produzidos estariam sob olhar direto do monarca e não poderiam ser enviados ao exterior. O mapa de Cantino representaria, então, um exemplo desta política, pois, na negociação da venda nunca se mencionou o responsável pela confecção de tal mapa, o que seria um aspecto a mais para comprovar tal tese. No entanto, novas pesquisas, como de Luís Filipe Thomaz, mostram que a comprovação de

³²⁷ HOLANDA, Op. Cit., p. 99.

³²⁸ CORTESÃO, Jaime. *História do Brasil nos Velhos Mapas*. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009, p. 150.

uma política de sigilo adotada pelos lusos tem problemas para ser confirmada. Justamente porque, em diversos momentos, seus mapas foram copiados no estrangeiro. O conhecimento português da América foi amplamente absorvido por outros exemplares de diversas localidades na Europa ao longo dos séculos XV e XVI. Aí se incluem dados que os próprios mapas portugueses, muitas vezes, nem haviam incorporado. Portanto, até haveria uma diretriz lusa para restrição da circulação dos mapas e do conhecimento dos novos espaços, mas ela teria sido ineficaz.³²⁹

Com relação específica ao mapa de Cantino, o enfoque do mapa, assim como de La Cosa, parece ser das terras americanas. Porém, aqui o hemisfério português acertado em Tordesilhas é o grande destaque. A América se resume quase inteiramente pela parte direita da linha demarcatória. O lado espanhol se resume às ilhas chamadas de “as antilhas do Rei de castela” e em outra legenda: “Toda esta terra é descoberta por mandado do rei de castela”. Existe ainda, do lado espanhol, uma pequena área da América Central e do litoral norte da América do Sul. As duas regiões (América do Sul e Central) que representam o continente não aparecem unidas no mapa. Isso mostra que o cartógrafo anônimo, ao contrário de La Cosa, não utilizou a estratégia, comum à época, de completar o interior dos locais desconhecidos com elementos figurativos. Ao contrário, os espaços completamente desconhecidos, que poderiam se supor que existissem, por serem contíguos àquelas terras, ficaram sem representação. O que mostra uma forma portuguesa de cartografar que lembra o modelo atual³³⁰.

Portanto, diferindo radicalmente do pouco cuidado com a região espanhola do Novo Mundo, a parte portuguesa foi figurada com muitos elementos obtidos através dos primeiros contatos. Todo o contorno do nordeste brasileiro aparece delimitado e lembra o que Gandavo chamaria posteriormente de harpa. No interior, há três araras. Portanto, mesmo com elementos mais modernos, a presença de símbolos como animais e homens no mapa-múndi ainda remetem a elementos da cartografia simbólico-esquemáticas do

³²⁹ Sobre este assunto, Brian Harley afirma que existe o questionamento sobre a eficácia das medidas de contenção das informações sobre os novos espaços, mas esta realmente parece ter sido uma tentativa do reino de Portugal, pois, segundo o autor e uma citação que faz de Armando Cortesão: “A finales del siglo XV, Juan II de Portugal (1481-1495) tomó medidas para desterrar a los extranjeros, especialmente a genoveses y florentinos, de todo el territorio portugués, mientras que, se dice, las cortes de 1481, en cuanto a la navegación hacia África occidental, ‘exigieron medidas estrictas para conservar el secreto de las tierras descubiertas. Los documentos fueron confiscados; estaba prohibido registrar nuevas tierras en los mapas; las obras náuticas se convirtieron en libros secretos; se difundieron cuentos de prohibición; y se obligó a los navegantes a mantener un voto de silencio’.” HARLEY, Brian. *La Nueva Naturaleza de los Mapas: ensayos sobre la historia de la cartografía*. México: Fondo de Cultura Económica, 2005, p. 122-123.

³³⁰ Os dados desconhecidos, ao invés de serem cogitados com alegorias, são deixados sem nenhuma representação.

Medieval, como foi observado no primeiro capítulo.

Ainda na região portuguesa, as terras do Labrador foram figuradas na América do Norte e correspondem às descobertas, a partir das viagens empreendidas pelos Corte Real.³³¹ O continente africano aparece bem representado no seu contorno tanto da costa ocidental como da oriental. Na carta está presente uma série de baluartes portugueses lembrando as principais viagens de descoberta do continente, como a de Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama. O destaque encontra-se certamente, junto com as araras no Brasil, a representação da Serra Leoa e um dos grandes símbolos da expansão portuguesa, o Castelo “Da’mina”. Existe ainda uma inovação no desenho da Índia enquanto península obtida através das viagens de Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral, quando contornaram a África e atingiram a Índia. No entanto, a fonte para o restante do continente asiático, como a península da Malásia e as outras localidades a leste, provém das informações consagradas pela tradição ptolomaica.³³²

De uma forma análoga à La Cosa, em Cantino a América também ganhou destaque. Entretanto, o espaço pertencente aos portugueses é o grande foco graças aos conhecimentos recém-obtidos. Não existe nenhuma referência aos nativos e à religião católica. As bandeiras na costa apresentam os brasões de Portugal indicando sua posse. Talvez, ao contrário do exemplar espanhol, e somando às conclusões sobre crenças portuguesas medievais e modernas³³³, o mapa luso teria menos espaço para cogitações sobre o espaço desconhecido que o espanhol também neste plano visual.

Esta comparação entre os mapas permite também perceber as entrelinhas do jogo cartográfico. A partir do contexto diferente de cada autor, um a serviço da Espanha e o outro de Portugal, as obras foram construídas³³⁴. O realce em La Cosa dos territórios descobertos a ocidente e a conseqüente representação tradicional dos contornos

³³¹ ALEGRIA, M. Fernanda, et alli. “Cartografia e Viagens”. In: Bethencourt, F. & Claudhuri, K(dir.). *História da Expansão Portuguesa*. Vol I. Lisboa: Circulo de Leitores, 1998, p. 45 e 46.

³³² Idem, p. 48.

³³³ Aqui se faz referência à Sérgio Buarque de Holanda refere-se a pouca crença dos habitantes do espaço americano luso em relação aos espanhóis. Enquanto estes davam ouvidos à lenda das amazonas, ao El dourado, ao lago Manoa, entre outros, os lusos pouco acreditavam nisso. A exceção seria a crença na visita pré-colombiana do apóstolo Tomé ao Brasil onde teria deixado suas pegadas. Também faz-se menção a Luiz Filipe Thomaz e a sua conclusão de que os portugueses, diferente de outros europeus, pouco acreditavam em lendas e mitos medievais. A única exceção seria a lenda do Preste João. Ver: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010; THOMAZ, Luís Filipe. *De Ceuta a Timor*. Lisboa: Difel, 1998.

³³⁴ Como mencionado anteriormente, Brian Harley possui um capítulo na sua obra póstuma que se refere as relações entre os ibéricos durante os primeiros anos de relações envolvendo o Novo Mundo. HARLEY, Brian. “Silencios y secretos. La agenda oculta de la cartografía en los albores de la Europa moderna”. In: *La Nueva Naturaleza de los Mapas: ensayos sobre la historia de la cartografía*. México: Fondo de Cultura Económica, 2005, pp. 113-140.

litorâneos do Índico remete fortemente ao conjunto dos conhecimentos e interesses da corte espanhola. De forma contrária, em Cantino, as principais áreas de interesse português foram desenhadas em destaque tanto em relação à informação geográfica quanto a ornamentação. Isso mostra como o cartógrafo possuía um aspecto condicional ligado ao local onde realizou a obra, bem como dos financiadores diretos ou indiretos. Assim, La Cosa não representou a Ásia mais próxima ao real como seu vizinho português talvez porque ele não tivesse um interesse nela ou as informações que possuía não o permitiram. Por outro lado, Cantino deixou partes do continente americano sem ligação terrestre, deixando de imprimir uma suspeita recorrente de especulação sobre territórios desconhecidos. Conseqüentemente, tanto em Juan de La Cosa quanto em Cantino, a tradição ainda estava presente, pois, mesmo contando com informações tributárias da experiência isso não significava uma contradição para ambos. Estes dilemas não seriam uma particularidade deste início de século, como também mostra a análise de Diogo Ribeiro e seu mapa.

3.4 - Diogo Ribeiro e o *padrón real*: conjecturas sobre a orientação

Antes de adentrar especificamente ao cartógrafo, faz-se necessária uma compreensão do meio cartográfico em que ele estaria imerso. Uma importante carta realizada no século XVI era conhecida como *Padron Real*. Era um registro oficial dos descobrimentos, produzidos ao longo dos anos, destinado a atualizar os conhecimentos sobre o orbe. Assim, a cada novo progresso atingido por meio das expedições marítimas, os funcionários da Casa de Contratação³³⁵ de Sevilha eram obrigados a acrescentar os novos dados confeccionando uma nova carta. Esta prática iniciou-se no reinado de Fernando, em 1508. Infelizmente, nenhum destes exemplares originais é conhecido atualmente, apenas sabe-se que alguns cartógrafos oficiais produziram cartas baseadas no *Padrón real*. Na Espanha, havia uma grande quantidade de cartógrafos

³³⁵ De acordo com Ronald Raminelli, a Casa de Contratação foi um órgão criado em 1503 em Sevilha. Seu objetivo era controlar o tráfico de homens, navios e mercadorias entre Castela e a América. Disto, pode-se concluir que a feitura de mapas estava intimamente interligada. Deve-se atentar, ainda, como lembra Raminelli, de que a conquista do Novo Mundo foi realizada por Castela, e, portanto, para ela que iam os frutos das colônias americanas em detrimento das outras regiões peninsulares. Esta instituição criada assegurava este direito. Em 1523 e 1524, outro órgão foi criado: o Conselho das Índias. Diferente do anterior, este não estava submetido ao controle dos reis, secretários e conselheiros de Castela, mas atuava de maneira independente. Ver RAMINELLI, Ronald. *A Era das Conquistas: América espanhola, séculos XVI e XVII*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2013, p. 32.

portugueses, e, portanto, as suas influências podem ser encontradas nestes exemplares. Um destes casos foi do cartógrafo luso Diego Ribeiro.³³⁶

De origem portuguesa, foi expulso de seu país na década de 1510. No ano de 1519 estava em Sevilha em contato com os Reinel³³⁷, no mesmo período, eram realizados os preparativos para a viagem de Fernão de Magalhães. No ano de 1524, era citado como o maior cosmógrafo e mestre em fazer mapas, astrolábios e outros instrumentos de navegação. Diogo Ribeiro teve papel importante na junta de Badajóz, quando houve a tentativa, sem sucesso, de realizar um acordo entre os reinos espanhol e português sobre de quem seria a posse das Molucas. Assim, o cartógrafo teve uma posição de grande destaque enquanto esteve a serviço da Espanha, onde permaneceu até a sua morte, em 1533.³³⁸

Em relação aos seus mapas, os únicos sobreviventes foram produzidos no ápice de sua carreira, na Espanha. Por decreto real em 1526, a ele foi providenciado todo o material necessário para confeccionar uma carta e um mapa-múndi que descrevessem todos os descobrimentos, uma grande revisão do *Padrón Real*. No ano seguinte, Diogo Ribeiro foi designado examinador de pilotos na ausência de Sebastião Caboto, que estava realizando uma expedição. Desta forma, tornou-se o piloto-mor de Espanha.³³⁹

Dentre todas as influências recebidas na arte de cartografar por Diogo Ribeiro, não se pode esquecer seu contexto marcado pela exploração marítima dos novos espaços ao longo do globo terrestre. Sua experiência incluía inúmeras viagens, contando com o notável acompanhamento de Vasco da Gama (1502) e Afonso de Albuquerque (1509) à Índia. Do seu trabalho enquanto cartógrafo, três cartas do mundo sobreviveram e teriam sido baseadas no *Padrón real*. Pois, como seria um dos autores deste documento oficial, cogita-se que seu exemplar guarde as mesmas referências. O primeiro exemplar foi confeccionado no ano de 1527, sendo a fonte dos outros dois feitos no ano de 1529.³⁴⁰ Seu planisfério (1529) conta com dados obtidos através da viagem de Fernão de Magalhães, por meio de autores como Estevão Gomes. Grandes caravelas atravessando os três oceanos marcam a epopeia no mapa.³⁴¹ Além disso, ele também acrescentou os resultados das explorações de Cristóvão Colombo, Sebastião Caboto, dos irmãos Corte Real, Américo Vespúcio e Balboa (descobridor do Pacífico).

³³⁶ CRONE, G. R. *Op. Cit.*, p. 105.

³³⁷ Uma das famílias de cartógrafos portugueses.

³³⁸ CRONE, G. R. *Op. Cit.*, p. 106.

³³⁹ *Idem.*, p. 106.

³⁴⁰ *Idem.*, p. 107.

³⁴¹ ALEGRIA, et. all. *Op. Cit.*, p.57.

Os continentes melhor delineados se aproximando mais do “real”. A África teve um contorno melhorado com a ilha de Madagascar ganhando uma representação mais fidedigna. Em relação à Ásia, a figuração avançou na península arábica e na península indiana. Outra inovação foi o desenho da península da Malásia, não mais próximo da região ptolomaica de Catigara. Nela existe a toponímia “Regno de Ansian” incluindo também as ilhas do sudeste asiático como “Camatra”, “Iavas” e as Molucas. Este mapa trouxe inúmeras inovações para o traçado do globo terrestre.³⁴²

A partir dos dados sobre Diego Ribeiro, pode-se chegar à algumas conclusões através de uma relação direta com seu exemplar de 1529. O cartógrafo ocupava uma posição de destaque na corte castelhana, além de ter sido uma das pessoas envolvidas na tentativa de negociação das posições entre as coroas ibéricas, referentes ao litígio nas Molucas. Na década de 1520, após a viagem de Magalhães, acirraram-se os ânimos entre as duas monarquias. Portugal e Espanha reivindicavam para si o controle das duas principais ilhas das especiarias no arquipélago asiático: Tindore e Ternate. Assim, o exemplar de Diogo Ribeiro poderia ser compreendido como uma representação do mundo de acordo com a visão espanhola. Na figura 80, observa-se que no extremo leste de seu mapa, o sudeste asiático está exageradamente expandido, fazendo com que as ilhas disputadas fiquem no hemisfério espanhol. Assim, o piloto-mor de Espanha:

(...) colocara a las Molucas $7\frac{1}{2}$ grados dentro de lado español supone la última posición tomada en la disputa por España, la cual había empezado por pretender que el meridiano corria a través del delta del Ganges.³⁴³

Portanto, o mapa centra-se em um acirrado ambiente de disputa política. Mas como isto afetaria na representação do seu rio Marañon? Seria de se esperar que reproduzisse outros cartógrafos espanhóis inserindo a região da foz do Amazonas no meridiano de Tordesilhas, ou dentro da área espanhola. Entretanto, como visto no segundo capítulo, Diogo Ribeiro colocou a foz do Amazonas fundida ao rio Maranhão dos portugueses inserindo-a na parte lusa do orbe. Ou seja, ao invés de incorporar o rio-mar a região espanhola ocorre justamente o contrário, segundo Jaime Cortesão, o marco da divisão do espaço americano situa-se a três graus a oeste do Oiapoque.³⁴⁴

³⁴² Idem, p.57.

³⁴³ CRONE, G. R., *Op. Cit.*, p. 108 e 109.

³⁴⁴ CORTESÃO, Jaime. *História do Brasil nos Velhos Mapas*. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2009, p. 360.

Esta divergência entre a defesa do enquadramento espanhol do extremo leste e a perda de parte da América³⁴⁵ poderia ser interpretado de duas formas. A primeira é da relação do cartógrafo com as representações lusas. Ele trabalhou e aprendeu seu ofício em Portugal, portanto, seu repertório o fazia realizar daquela forma a divisão. Esta hipótese estaria associada à própria ideia do exemplar servir para a grande questão das Molucas. Com este interesse, não teria um maior cuidado com outros importantes detalhes, como a América do Sul. O que estava em jogo eram as riquezas das cobiçadas especiarias e, desta forma, a parte americana não teria tanta relevância neste cenário. Acrescenta-se também que ao ter representado o meridiano de Tordesilhas mais no sentido oeste, como a Terra tem formato de globo, o efeito ocorreria também no antemeridiano. Ou seja, poder-se-ia pensar que perder alguns graus na América seria um problema menor do que a perda das imensas riquezas presentes nas ilhas do sudeste asiático. Com isso, estas três possibilidades de interpretação do mapa de Diogo Ribeiro são independentes entre si, mas poderiam estar associadas. Seria um caminho a ser trilhado em mais pesquisas sobre o cartógrafo e o concorrido período entre as monarquias ibéricas.

Outro ponto importante em relação à Diogo Ribeiro é uma hipótese sobre suas cartas e sua ligação direta com uma forma de representação destoante dos outros exemplares contemporâneos. Como visto no capítulo 2, o autor foi um dos poucos a utilizar instrumentos náuticos em seu mapa com função decorativa. Este uso se assemelha àquele realizado pelas formas esquemático-simbólicas medievais, no entanto, seu papel poderia ser visto também como de relacionar o mundo a estes instrumentos. Diogo Ribeiro participou de várias viagens na carreira da Índia e, além disso, entre 1519 e 1521, soube das importantes novidades da circum-navegação do globo por Fernão de Magalhães e Sebastião D'elcano. Poderia, assim, se supor que estes elementos náuticos ganhavam destaque porque tiveram importância decisiva no imaginário do autor, e, desta forma, no próprio homem europeu do século XVI.

³⁴⁵ Menciona-se aqui perda porque outros exemplares espanhóis inseriam a foz do Amazonas na fronteira entre os dois territórios ibéricos no novo Mundo ou a leste dela.



Figura 80. Detalhe do extremo leste no mapa de Diogo Ribeiro (1529). Está em destaque com uma linha preta a projeção do contra-meridiano de Tordesilhas defendido pela posição espanhola. (Biblioteca Apostolica Vaticana)

Diante desta perspectiva, ao representar o rio Amazonas poder-se-ia afirmar que o cartógrafo estava com foco no contexto das querelas entre as cortes na região das Molucas. Acrescenta-se também o destaque dado aos elementos de caráter náutico que se encontra em seus mapas-múndi.

Como dito, Diogo Ribeiro estava imerso no contexto das viagens marítimas. Era possuidor de grande experiência no mar, e, portanto, tinha grande familiaridade com os instrumentos náuticos. Sua prática com a cartografia deveria ter sido despertada com a verificação das cartas-portulano usadas para navegação. Neste ponto é que residiria uma interessante reflexão. Como o cartógrafo teria atingido um grande o posto de piloto-mor na corte espanhola, os exemplares confeccionados por ele e praticamente por todos aqueles estudados aqui e que sobreviveram possuíam poucas funções práticas. Eram destinados à apreciação de homens da alta sociedade em castelos ou igrejas. Assim, a retórica figurativa era importante para adornas estes exemplares. Eles deveriam ser atrativos aos olhos. Em contrapartida, o autor também teria vários exemplares de cartas-

portulano sobre sua posse e até confeccionados por ele. Da mesma forma como Diogo Ribeiro, a experiência no Novo Mundo influenciou Sebastião Caboto.

3.5 - Sebastião Caboto e a forma serpenteada

Sebastião Caboto teve uma marcante experiência em navegações marítimas e exploração do Novo Mundo. Assim, para compreensão do contexto do autor, faz-se necessário uma atenção à própria história das regiões que explorou. O rio da Prata foi descoberto em 1515 pelo cosmógrafo e primeiro piloto-mor espanhol, Juan Díaz de Solís. Ao subi-lo, sua expedição foi atacada por uma tribo de indígenas no rio Uruguai que o devoraram, junto a alguns tripulantes, à vista dos seus companheiros que estavam na caravela. Os sobreviventes conseguiram retornar e se refugiaram na atual ilha de Santa Catarina. Ali souberam, por meio dos nativos, das riquezas em ouro e prata trazidas por tribos mais ao norte do rio. Estes relatos animaram o português Aleixo Garcia, um dos sobreviventes da primeira viagem, que, com mais cinco sobreviventes e uma tropa de mais de mil índios, decidiu partir por terra ao grande local das riquezas. Antes mesmo de Pizarro, ele chegou às regiões vassaladas do império Inca, adquirindo riquezas em prata. No regresso, Aleixo Garcia se estabeleceu no Gran Chaco e enviou à ilha de Santa Catarina alguns homens para contar sobre o que sucedera. Nesse meio tempo, os índios da região se reuniram e o mataram junto a outros espanhóis. Graças a Melchior Ramírez e Enrique Montes, as histórias da viagem pela região do rio da Prata foram conservadas em relato escrito.³⁴⁶ Justamente depois destes fatos o personagem aqui focado entrava neste contexto.

Piloto italiano que teria nascido em Veneza, Sebastião Caboto foi levado para ser educado na Inglaterra pelo pai. Nesta época, Giovanni Caboto³⁴⁷ realizava viagens marítimas para a corte inglesa. Isto teria influenciado seu filho, sendo provável que os dois tivessem realizado uma viagem juntos ao Novo Mundo. Quando Sebastião Caboto estava a serviço de lorde Willoughby, o rei D. Fernando de Espanha o solicitou para um encontro no qual teria sido convidado a trabalhar para o reino de Espanha. Assim, depois do trágico falecimento de João Díaz de Solís, ele foi nomeado piloto-mor da *Casa de la Contratación*. Sob influência da primeira viagem de circum-navegação

³⁴⁶ COSTA, Maria de Fátima. *História de um País Inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo: Estação Liberdade/ Kosmos, 1999, p. 33 e 34.

³⁴⁷ Conhecido na Inglaterra como John Cabot.

planetária, solicitou permissão ao imperador Carlos V para realizar uma viagem com destino às Molucas, Tarsis, Ofir, Cataio Oriental e Cipango através do sul do continente americano. Em 3 de abril de 1526, a expedição partiu de Salúncar de Barrameda indo até o cabo de Santo Agostinho no norte do Brasil. Deste ponto, rumou para o sul até chegar à capitania de Santa Catarina.³⁴⁸ Quando o navegador veneziano fez uma escala na ilha, na missão de contornar o globo como Magalhães/Elcano em 1522, ficou sabendo das histórias sobre as riquezas em prata, o rei branco e outras.³⁴⁹ Encontrou-se, então, em um dilema:

Inicialmente, Caboto negou-se a fazer esta entrada, mas logo foi atraído pelas fascinantes narrativas de Ramírez e Montes; mandou construir uma “*galeota que pescasse pouca água*” e começou a fazer o “*descobrimento do rio de Solis*”. Assim, o grande Sebastião Caboto, cosmógrafo e piloto maior de Sua Real Magestade Católica, deixou-se seduzir pelo sonho de riquezas e, acompanhado por Melchior Ramírez e Enrique Montes, no final [de] 1526 trocou o itinerário de sua expedição, adentrando as águas platinas. Subiu este rio, confirmando a cada *generación* de índios que encontrava a veracidade das ricas *notícias* que sobre aquelas terras se contavam.³⁵⁰

A viagem pelo rio foi marcada por combates intensos com os indígenas, ou, em outros momentos, aliança com eles. Ao atingir o rio Paraguai, Sebastião Caboto e seus homens teriam realizado a primeira batalha fluvial conhecida de europeus com os indígenas do Pantanal. No entanto, a viagem não teve prosseguimento, pois, outra expedição foi enviada a região sob o comando de Diego García. Em junho de 1530, o piloto veneziano voltou à Sevilha levando peças de ouro e prata³⁵¹. Sua viagem e as outras relatadas deram origens a inúmeras histórias sobre as riquezas da região.³⁵² Depois da viagem, em fins da década de 1520, as notícias de riquezas encontradas ao longo do rio da Prata e Paraguai chegaram a Europa e estimularam outros viajantes. Ao retornar à Europa, Caboto foi julgado e preso por abandonar o objetivo da expedição original, e, depois em 1 de fevereiro de 1532 teve de exilar-se em Orã, norte de África. Após um ano, Carlos I o perdoou e ele regressou à Sevilha como piloto-mor até o ano de 1547. Depois passou a trabalhar para Henrique VI na corte inglesa como grande piloto do reino. Na década de 1550, passou a desenvolver viagens da Inglaterra para a

³⁴⁸ GUEDES, Max Justo. *A cartografia Impressa do Brasil 1506-1922: os 100 mapas mais influentes*. Rio de Janeiro: Capivara, 2012, p. 50.

³⁴⁹ COSTA, Maria de Fátima, *Op. Cit.*, p. 35.

³⁵⁰ *Ibid.*, p. 36.

³⁵¹ Segundo Maria de Fátima Costa, as histórias sobre a riqueza da região eram tamanhas que o rio onde Sebastião Caboto teria navegado ganhou o nome de rio da Prata por se acreditar que daria acesso à Serra da Prata. Isto ocorreu sem nunca ter sido encontrada prata pelo grande rio. COSTA, Maria de Fátima, *Op. Cit.*, p. 37.

³⁵² *Ibid.*, p. 37.

Rússia por meio do oceano Ártico. Não se sabe ao certo quando morreu, mas sua morte estaria ligada a um naufrágio no retorno de uma destas viagens.

Assim, a história do navegador veneziano está envolvida com o contexto das explorações marítimas. Desde sua infância, por influência do pai, as viagens estavam presentes e, com elas, as histórias de regiões fabulosas. Quando teve a oportunidade de realizar uma grande expedição, em 1526, seu objetivo era contornar o orbe, mas, diante das informações dos locais na ilha de Santa Catarina sobre as riquezas das terras interioranas, não resistiu e precisou conferir com seus próprios olhos. Depois da viagem, conheceu um pouco da alteridade americana tendo grande contato com as populações locais e seus costumes.

Desta forma, uma interpretação do mapa realizado por ele, em 1544, juntamente ao seu contexto específico pode ajudar a aprofundar a análise. Produzido em 1544, somente é conhecida a impressão do mapa feita em 1553, em Londres. Com 120 x 215 cm, atualmente encontra-se na *Bibliothèque National*, em Paris. O autor estava imerso no contato com uma região até então recentemente conhecida pelos europeus, assim, a experiência era recente e havia grande margem para histórias fantásticas. Encontrava-se imerso em inúmeras influências da tradição, da experiência recente de descobridores e por sua vivência na região. O testemunho de Caboto em uma das legendas presentes no canto direito do seu mapa, na “Tabula Secunda” na nota n.17, comprovaria esta ideia:

*Sebastian Caboto capitan, y piloto mayor dela S.c.c.m. del Imperador don Carlos quinto deste nombre, y Rey nuestro sennor hizo esta figura extensa en plano, anno del nascimº de nosso[?] salvador Jesu Christo de M.D.XL IIII. annos, tirada por grados de latitud y longitud com sus vientos[?] como carta de marcar, imitando en parte al Prolomeu [Ptolomeu], y en parte a los modernos descubridores, as [aos] Espannoles como Portugueses, y parte por su padre, y por el descubierto, por donde podras navegar como por carta de marear; teniendo respecto ala variacion que haze el águia del marear; con la estrella del Norte, uerbi gratia, tu te quieres, partir del cabo de San Vicente para y r a (...)*³⁵³

No trecho, o autor revela ter se baseado parte em Ptolomeu, nos modernos descobridores, nos espanhóis e portugueses, no seu pai e nas suas próprias descobertas. Ele utilizou as cartas de marear e menciona as referências geográficas obtidas com a estrela do Norte. Ou seja, as influências apontadas por ele transitam entre a tradição e experiência, mas ganham uma complexidade singular. Não há uma dualidade, mas uma construção pautada em quatro influências principais. Fato interessante é o autor não

³⁵³ Nota presente no mapa de Sebastião Caboto de 1544. Obtido através de cópia digitalizada no Norman B. Leventhal Map Center at the Boston Public Library.

mencionar a retórica medieval, que certamente recebeu como a presença de personagens figurativos demonstra como visto na primeira parte desta pesquisa. Talvez, ele mesmo não percebesse ou não tivesse consciência desta influência herdada. Acrescenta-se também que, como mencionado no primeiro capítulo, o autor desenhou as amazonas com pele escura contrastando com a pele branca dos espanhóis.³⁵⁴ Grande parte dos cartógrafos do período colocavam os nativos americanos como possuidores de cor branca como os europeus, mas Caboto não. Sua vivência teria permitido um conhecimento mais próximo da singularidade dos indígenas. No entanto, o viajante não podia se deslocar das histórias fantásticas vinculadas à tradição da Antiguidade herdadas também pelo Medievo. Assim, teria sido o primeiro cartógrafo conhecido a representar o rio das Amazonas na forma serpenteada e acrescentado no local o combate de espanhóis e das guerreiras clássicas. E, além da citação escrita de Ptolomeu e visual das amazonas, existe uma nota com referência a outros autores clássicos, como Plínio. A Antiguidade estava efetivamente presente em seu imaginário e, como homem renascentista, ele tinha consciência disto.

Desta forma, o viajante, conterrâneo de Marco Polo, produziu um mapa-múndi, no ano de 1544, que aprofundou o conhecimento do interior da América do Sul. Inseriu dados importantes sobre a geografia do rio da Prata surgidos após sua viagem. E, com relação ao Amazonas, as informações obtidas na primeira viagem dos espanhóis, por quase todo o rio, possibilitaram usar sua imaginação ao transformá-las graficamente tanto as fontes da tradição como os dados da experiência prática. A maneira serpenteada do Rio das Amazonas se espalharia por outros mapas e, com os atlas impressos, seria amplamente divulgada na Europa.

3.6 - Gerardus Mercator e Abraão Ortelius: os primeiros atlas modernos

O continuo andamento dos descobrimentos, iniciados no século XV, fez surgir uma crescente necessidade nos viajantes, estadistas, mercadores e antiquários por mapas de todos os tamanhos. Entretanto, precisava-se estabelecer uma formatação para eles, pois, a grande diversidade de códigos implicava uma dificuldade em sua leitura. Isto fez com que os professores de cosmografia das universidades, ou os editores e seus

³⁵⁴ Interessante que dentre todas as notas feitas, no canto direito e esquerdo do mapa, sobre pontos geográficos, dados do autor e a história da descoberta do Novo Mundo, não existe nenhuma referência ao rio das Amazonas.

assistentes, buscar coordenar e generalizar os mapas. As novas descobertas faziam com que se arrumassem os locais antes representados de forma não correspondente aos “verdadeiros” contornos geográficos. Além disso, existia o problema da grande heterogeneidade dos exemplares. Muitos se referiam aos condados, províncias e países separadamente e geralmente em tamanhos diferentes. A conservação de um mesmo conjunto era dificultosa. Diante deste cenário, surgiram os primeiros atlas modernos.³⁵⁵

As origens, entretanto, remontam ao início do século XVI com as *tabulae novae*, feitas por Martin Waldseemuller com base na obra de Ptolomeu. Outro exemplo de atlas primitivo foi a *Cosmographia* de Sebastián Munster feita em Basileia, no ano de 1550. Mas foram os cartógrafos Abraão Ortelius e Gerardus Mercator que resolveram de forma prática as necessidades da época com a edição de uma coleção completa de mapas reunindo várias localidades em diversas escalas.³⁵⁶ Estes cartógrafos são conhecidos como cartógrafos de gabinete, pois, eles não possuíram uma experiência prática de viagens em alto mar. Suas produções baseiam-se em uma síntese de diversos cartógrafos.

Gerardus Mercator, ou Gerhard Kramer, nasceu em Rupelmonde, Flanders, em 1512. Seus conhecimentos se devem muito aos contatos mantidos com Gemma Frisius na Universidade de Lavaina. Esta relação contribuiu para a realização da gravação do globo terrestre de Gemma em 1536. Mercator também fabricou instrumentos astronômicos e matemáticos e, no início da carreira, foi agrimensor. Esta formação o possibilitou a resolver o grande problema para os navegadores da época: a transformação de uma representação baseadas em linhas loxodrômicas (como da bússola) para uma forma com linhas retas (paralelos e meridianos)³⁵⁷. Com vasto conhecimento topográfico e cosmográfico da Europa e outras partes, o flamenco ficou conhecido como o geógrafo mais ilustre de sua época. Encontrava-se no círculo próximo da corte de Carlos V, isto possibilitou uma proximidade com os navegantes e cartógrafos de Portugal e Espanha. Estava, assim, em contato com os precursores das ciências envolvidas com o mar e as novas descobertas. As principais obras de Mercator foram sua esfera de 1541 e seu famoso mapa-múndi de 1569. Também produziu um mapa da Europa, em 1554, e uma edição de Ptolomeu no ano de 1578, além de seu

³⁵⁵ CRONE, *Op. Cit.*, p. 126.

³⁵⁶ Idem, p. 127.

³⁵⁷ Sobre este problema em específico e também a investigação de Mercator referente à questão do magnetismo terrestre ver: CRONE, *Op. Cit.*, p. 131-135.

atlas, em 1594, impresso quando veio a falecer.³⁵⁸

Mercator ganhou fama internacional como cartógrafo depois de confeccionar o mapa da Europa (1554) com grande capacidade crítica. O mapa foi publicado em Duisburg, mesmo local onde se estabeleceu como cartógrafo e professor. Mas, o feito que o colocou definitivamente em destaque foi à inauguração de um modelo de representação da Terra em forma plana baseada em retas. Para isso, ele supostamente se inspirou nos estudos de Pedro Nunes, um destacado matemático português e cientista das navegações, que projetou uma carta onde as linhas retas poderiam ser representadas. Esta forma de projeção foi realizada no seu mapa-múndi, de 1569, intitulado: *Nova et aucta orbis terrae descriptio ad usum navigantium emendate accomodata*. A obra conta com dimensões totais de 131 X 208cms e apenas quatro exemplares sobreviveram. Em uma inscrição, o autor revelou buscar representar a superfície terrestre com toda a fidelidade possível, além de mostrar a parte conhecida pelos antigos.³⁵⁹ Para Mercator, o mapa-múndi era um plano coordenado de investigação cartográfica. Segundo o historiador Crone:

*El mapamundi sería la base, y se pensaba completarla con otras secciones conteniendo mapas modernos, los mapas de la Geografía de Tolomeo, y, por último, una serie de mapas de la geografía antigua. La primeira en aparecer, en 1578, fue su edición de los mapas de Tolomeo baseada sobre todo en anteriores ediciones impresas.*³⁶⁰

Desta forma, o cartógrafo teria inaugurado a concepção dos mapas modernos. A ideia consistia em apresentar uma descrição do mundo respeitando a visão moderna, com o acréscimo de mapas regionais. Incluir-se-ia ainda, mapas referentes há tempos passados atribuídos ao sábio alexandrino. Foi no ano de 1585 que apareceu a primeira parte deste projeto, em Duisburg. A edição lançada contava com 51 mapas divididos em três seções, com um frontispício cada: França (Galia); Bélgica (Bélgica inferior); e Alemanha. Em 1589, foram publicados na segunda parte 22 mapas divididos em: Itália; Eslavônia e Grécia. E, no ano de 1595, um ano depois da morte de Mercator, seus filhos publicaram a obra completa com o título geral de *Atlas sive cosmographicae meditationes de fabrica mundi et fabricati figura*. Batizada de “Atlas”, a obra continha no frontispício referência a um homem que carregava o mundo sobre os ombros. Uma clara influência da mitologia grega para a designação. No entanto, de acordo com o

³⁵⁸ Idem, p. 127 e 128.

³⁵⁹ Idem, p. 131.

³⁶⁰ Idem, p. 136.

historiador Crone, o pesquisador Keuning afirma que o nome “atlas” derivou da designação de um mítico rei astrônomo da Líbia³⁶¹, pois, teria sido o pioneiro ao construir a primeira esfera celeste.³⁶² A edição terceira do atlas de Mercator contaria com outra seção, “La nueva geografia universal”, além das duas anteriormente publicadas. A nova parte contou com 34 mapas, sendo que cinco deles foram feitos por seu filho Rumold Mercator e seus dois netos. Dezesesseis mapas eram sobre as Ilhas Britânicas e os outros sobre a Europa setentrional. No início, a obra serviria para cobrir a enorme demanda por mapas e por isso foi editada em partes. Mas, quando foi publicada em sua totalidade, ainda faltavam mapas da península itálica e de diversas outras partes individuais do resto do mundo.³⁶³ Além deste fato, acrescenta-se outro que contribuiu para o escasso êxito do trabalho de Mercator.

Publicado em 1570, o atlas *Theatrum Orbis Terrarum* de Abraão Ortelius diminuiu as vendas do material de seu amigo Mercator. Nascido em Antuérpia no ano de 1527, Ortelius era mais um erudito e artesão do que um cartógrafo prático. Começou a trabalhar como iluminador de mapas e depois como vendedor. Fez muitas viagens pela Europa Ocidental contribuindo para fazer um importante círculo de amigos que contava com John Dee, Willian Camden, Richard Hakluyt e Humphrey Lhuyd. Através destes contatos, obteve grande material de auxílio na confecção de seus mapas. É provável que Ortelius tivesse começado a trabalhar em seus mapas desde 1561, ou, antes de 1570, quando teria editado alguns em separado: entre outros, em 1563, um mapa da Ásia baseado nos trabalhos do cartógrafo italiano Jacopo Gastaldi.³⁶⁴

O Atlas de Ortelius (1570)³⁶⁵ se caracteriza por ser uma seleção crítica dos melhores exemplares da época. O título da obra, *Theatrum Orbis Terrarum*, destacava a ambição de ser uma visão de conjunto do mundo. “A imagem cénica representava o significado do mundo no seu ordenado acabamento e fazia do leitor quase um

³⁶¹ Idem, p. 137.

³⁶² As duas origens dos nomes, ao que parece, não são excludentes. É extremamente conhecida a referência à Antiguidade que os homens renascentistas possuíam. Assim, poderiam caber as duas influências para o nome. Mesmo que uma delas fosse de forma indireta, a imagem do globo está claramente presente.

³⁶³ CRONE, p. 137.

³⁶⁴ Idem, p. 139.

³⁶⁵ Em relação ao lançamento desta obra, de acordo com Crone, existe uma crença de que Mercator teria atrasado seu atlas em favor do seu amigo Ortelius. Porém, é um equívoco, pois, “(...) seguramente es apócrifa, puesto que Mercator tardo todavia quince años para completar la primera sección de su atlas.” CRONE, *Op. Cit.*, p. 139.

espectador.”³⁶⁶ Seus mapas possuem uma sequência em relação ao tamanho, mantendo a uniformidade, e foram desenhados especialmente para a edição. As autoridades utilizadas como referência são citadas em cada mapa e as novas edições contaram com correções e acréscimos. Ortelius baseou-se em 87 cartógrafos na primeira edição e 91 na segunda edição. No seu atlas, a sequência seguida para a apresentação dos mapas era: um mapa-múndi, quatro mapas continentais, cinquenta e seis mapas da Europa (países, regiões e ilhas), seis da Ásia e três da África. O sucesso foi imediato, uma vez que satisfazia a necessidade de reunir em um tamanho e formato adequado os mapas de todos os cantos do planeta. Apresentava os territórios ultramarinos, a topografia, os limites administrativos e a antiguidade de estados e nações europeias. Em menos de um ano, apareceu à segunda edição. No total, foram feitas 41 edições (21 latinas, 6 francesas, 4 espanholas, 2 italianas e uma inglesa), sendo a última em 1612. Quando morreu, em 1598, Ortelius deixou uma série de mapas históricos conhecidos como *Parergon*. Primeiramente foi uma parte do *Theatrum*, mas, depois constituíram um atlas histórico³⁶⁷. Era a primeira vez que mapas com esta finalidade específica apareciam reunidos em uma obra.³⁶⁸

De acordo com Jeremy Black, Ortelius mostrava interesse pela geografia clássica. Ele publicou um mapa intitulado *Romani imperii imago* em 1571 e, em 1578, o *Synonymia geographica sive populurum, regionum, insularum, urbium... appellationes et nomia*, um conjunto de nomes de localidades citados por autores clássicos organizados lado a lado. Isto teria influenciado a criação de uma secção no *Theatrum Orbis Terrarum* voltada apenas aos mapas clássicos, o *Parergon*, que chegou a contar com 43 mapas. Finalmente, em 1624, a versão final do *Parergon* foi publicado separadamente, em Antuérpia, por Balthasar Moretus. Assim, resume Black:

O *Paregon* representou a mudança significativa do mapa histórico de uma única folha para o atlas. A ideia de mapas sistematicamente produzidos para um propósito comum era um projeto bastante “moderno”, no sentido de uma fusão de utilidade e as consequências da tecnologia de impressão, incluindo previsibilidade e quantidade. Além disso, a ideia de um atlas tinha uma autoridade simbólica que transcendia a de mapas individuais.³⁶⁹

Assim, o *Paregon* criado por Ortelius é um importante ponto de partida para se

³⁶⁶ TUCCI, Ugo. “Atlas”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Casa da Moeda/ Imprensa Nacional, 1997, p. 131.

³⁶⁷ BLACK, Jeremy. *Mapas e História: construindo imagens do passado*. Bauru, SP: Edusp, 2005, p. 29.

³⁶⁸ CRONE. *Op. Cit.*, p. 140.

³⁶⁹ BLACK, *Op. Cit.*, p. 31.

pensar o contexto do autor e a relação com a tradição e experiência. Pois, ao criar uma série de mapas referentes à história do homem, o cartógrafo estabeleceu uma linha de tradição com este passado longínquo. Era próprio do pensamento renascentista. Um simbolismo voltado para os feitos europeus, ao longo da História. Este resgate do passado, apresentado na sequência de mapas, também revelava a nova óptica moderna em relação à cartografia. Construir este conjunto foi uma novidade possibilitada pelas novas condições estabelecidas pelo contexto de Ortelius. A imprensa facilitou a produção de seus exemplares e dinamizou o acesso ao conhecimento.³⁷⁰

O primeiro mapa do atlas de Ortelius está envolto em uma conexão com a tradição clássica. Na parte inferior ele faz uma citação de Cícero: “Quid ei potest videri magnum in rebus humanis, cui aeternitas omnis, totiusque mundi nota sit magnitudo. Cicero”. A frase seria algo como “Para que os assuntos humanos possam parecer importantes para um homem que mantém toda a eternidade diante de seus olhos e sabe a vastidão do universo”. Seria, talvez, uma alusão a vastidão do mundo recém-conhecido. Uma associação com um pensador clássico que ainda possuía autoridade para remeter os assuntos terrenos. Mesmo que, as descobertas geográficas modernas tivessem, de certa forma, contradito muitas das afirmações dos clássicos.

Além desta referência aos assuntos da Antiguidade, existe, inclusive, acima da própria citação de Cícero, outra importante herança da tradição clássica e medieval: a *Terra Australis Nondum Cognita* (figura 81). Seria o quarto continente que os gregos

³⁷⁰ Estudos em outras áreas do conhecimento contestam uma ideia de que a imprensa teria significado uma revolução no século XVI. Na cartografia, os mapas impressos tiveram mais êxito na propagação das suas representações do mundo em relação aos manuscritos, no século XVI. Um caso exemplar é o mapa impresso de Martin Waldseemüller. Ele batizou o nome do Novo Mundo como América e, mesmo que o cartógrafo corrigisse esta informação posteriormente, ela acabou se fixando. No entanto, seria possível afirmar que a imprensa neste caso e nos atlas de Ortelius e Mercator e em outros exemplares teriam significado uma revolução? Qual teria sido o alcance destes exemplares? Os suportes teriam sido superados? Esta importante reflexão surgiu a partir das reflexões específicas dos significados da chamada revolução da imprensa nos livros feita por Martyn Lyons. Segundo este autor: “(...)¿qué fue lo que realmente cambió la llamada ‘revolución de la imprenta’ y se plantea el interrogante sobre si verdaderamente existió tal revolución. Es preciso examinar detenidamente las afirmaciones sobre la naturaleza revolucionaria de la invención de la imprenta y establecer sus limitaciones. En primer lugar, son válidas, principalmente, porque aluden a la transformación de la vida del estudioso. La imprenta no alteró la vida de la gente común y corriente, que varios siglos después de Gutenberg todavía era parte de una rica cultura oral que se desarrollaba, básicamente, por fuera del mundo de la imprenta. En segundo lugar, la imprenta no produjo cambios inmediatos en la naturaleza de las temáticas abordadas por los libros. Tampoco cambió, claro está, el material – el papel – con el que se hacían los libros. Fue necesaria la llegada de la computadora para que se produjera un quiebre radical respecto de los diecisiete siglos de producción tradicional del libro. La forma del libro, como serie de páginas cosidas o pegadas, no se modificó en absoluto. Se han propuesto algunas hipótesis um tanto exageradas en relación con la tesis de la ‘revolución de la imprenta’, que corresponde analizar cuidadosamente.” LYONS, Martyn. “La imprenta, ¿fue realmente una revolución?” In: *Historia de la Lectura y de la Escritura en el Mundo Occidental*. Buenos Aires: Calderón, 2012, p. 62.

suspeitavam existir no hemisfério sul, graças a sua ideia de simetria. Ela ligava-se à teoria das zonas apresentada no primeiro capítulo. Entretanto, a experiência moderna deu margem a novas suspeitas revigorando a crença no continente austral. Uma citação de Marco Polo, sobre as terras situadas ao sul da ilha da Nova Guiné, dava margem a estas suposições. E, mais recente, as notícias da viagem de Fernão de Magalhães mencionavam a Terra do Fogo como uma continuidade de terras ao sul. Assim, diante destes dados, os cartógrafos imaginaram um extenso continente ao sul. Algo muito maior do que o continente antártico descoberto posteriormente. No exemplo do mapa de Ortelius apresentavam-se cogitações em relação às fronteiras e aos locais³⁷¹ como o *Pitacorum Regio*.

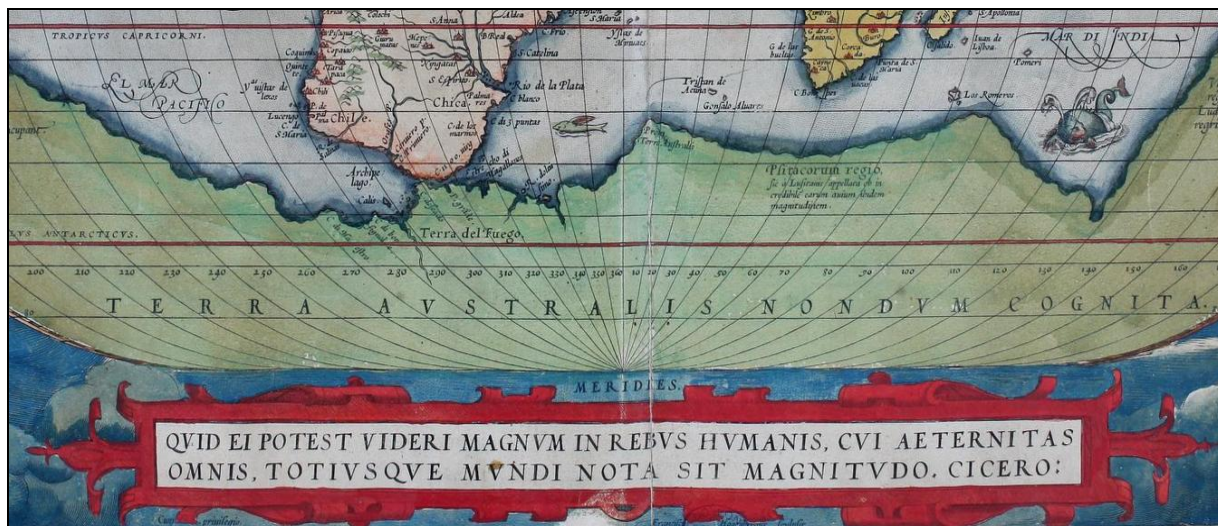


Figura 81. Detalhe inferior no mapa *Typus Orbis Terrarum* pertencente ao atlas de Abraão Ortelius (1570). (Norman B. Leventhal Map Center).

Da mesma forma como Ortelius, Mercator partilhava um contexto de relações com a tradição. Sua carreira de cartógrafo e de grande geógrafo não significou uma ruptura com o passado. No seu mapa de 1569, podem ser vistas heranças clássicas assim como Ortelius. Ele representou o continente austral, seu *Pars continentis australis*, também com a Terra do Fogo, pertencendo ao grande continente ao sul do orbe. A novidade de Mercator foi à representação de um fabuloso continente no Ártico (figura 82). Diferente das ilhas imaginadas no mapa de Ortelius, aquele o considerava uma parte de terra emersa. Haveria nele uma grande massa terrestre e no seu interior,

³⁷¹ Única exceção é a Terra do Fogo, pois, ela foi vista por Magalhães quando atravessou o estreito que leva seu nome. No entanto, diferente da representação do continente austral vista em Ortelius, a localidade é uma ilha no extremo sul da América. Ao sul dela existe a, posteriormente descoberta, passagem de Drake, uma corrente marítima entre a América (Terra do Fogo) e a Antártica.

coincidindo com as proximidades do polo norte geográfico, uma lagoa com uma montanha ao centro. Desta lagoa saíam quatro rios nas quatro direções.

Diante deste cenário, constituído de tradição e experiência, como teria influenciado a representação do rio das Amazonas nos dois cartógrafos? A maioria das informações que os cartógrafos obtinham do Novo Mundo, até então, eram exclusividade dos portugueses e espanhóis. O próprio Mercator declarou especificamente que, para compor seu mapa-múndi de 1569, utilizou cartas ibéricas.³⁷² Portanto, a relação com a América provinha de uma leitura dos dados obtidos através de espanhóis e portugueses.

No caso de Abraão Ortelius, a análise do seu contexto permite melhorar o questionamento sobre as duas versões do rio Amazonas, verificadas no segundo capítulo. A divergência entre a representação no mapa-múndi e no mapa regional ocorreria também porque ele estaria cercado de quase cem cartógrafos. Provavelmente deveriam existir pequenas disparidades entre as informações.

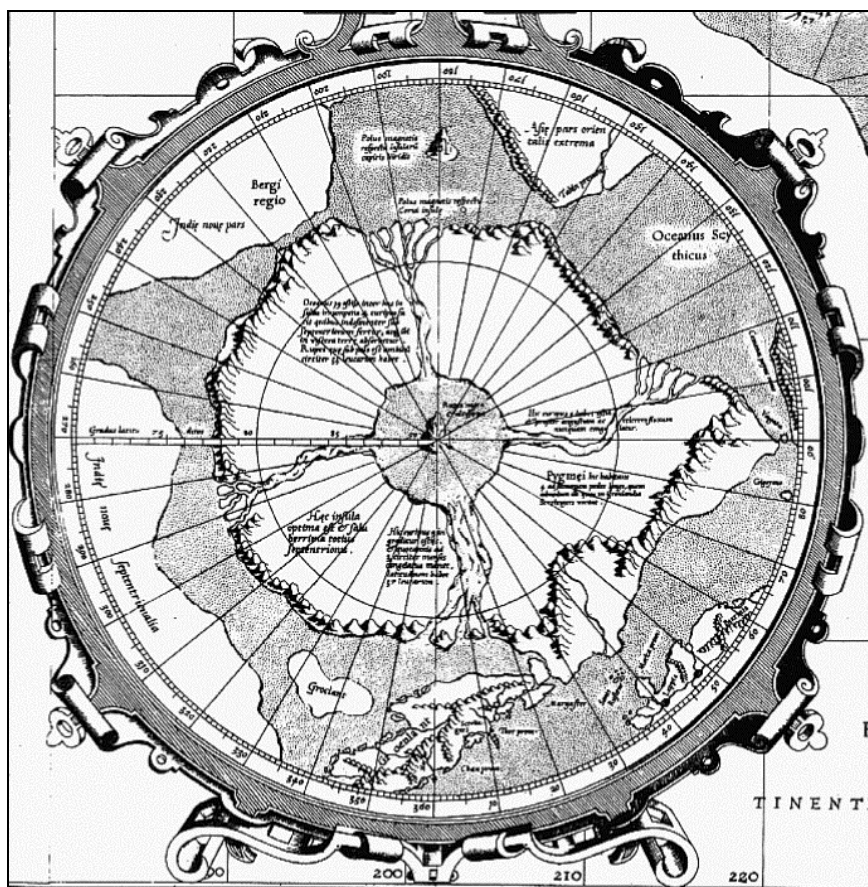


Figura 82. Detalhe da massa de terras no extremo norte da Terra localizado no canto inferior esquerdo no mapa de Gerardus Mercator (1569). (www.wilhelmkruecken.de)

³⁷² CRONE, *Op. Cit*, p. 140.

O caso do grande rio americano seria o ponto de partida para refletir sobre o já mencionado descuido do cartógrafo em relação às disparidades das informações do mapa-múndi e do mapa regional. Uma observação detalhada teria revelado isto. No entanto, poderia se pensar em uma convivência entre ambas. É possível que, naquele período, esta situação pudesse ser comum ou tolerada? Pois, o próprio desconhecimento da geografia amazônica seria grande margem para uma convivência entre dois modelos de representação. Enfim, mais pesquisas necessitam ser feitas para medir estas divergências no atlas de Ortelius.

3.7 – Conclusão

Os elementos observados nos dois capítulos anteriores levaram a importantes considerações. Primeiro, as linhas da tradição bem como da experiência não seriam apenas de grupos monolíticos. Estas duas influências se deram por formas diversas. A tradição contava com legado provindo da Antiguidade e também com formas singulares do Medievo. A experiência relacionava-se tanto com as produções de mapas náuticos no Mediterrâneo em fins do medievo como as descobertas no interior americano. Não se poderia pensar em uma dicotomia singular. Pois isto amputaria a pluralidade dos dois grupos aqui separados, como mostrou o exemplo aqui estudado.

A representação do rio das Amazonas contou com figurações de indígenas, com toponímia clássica, esquemas para a forma do rio, hipóteses sobre sua orientação e curso, entre outros. Uma retórica cartográfica que remetia à tradição estava implícita na construção deste ente geográfico. Mas isto não significa que as linhas marcadas pela experiência estivessem ausentes. A foz do rio, sua enorme carga de água, a descoberta do verdadeiro curso pelos espanhóis, as denominações provindas dos nativos são exemplos das marcas da experiência para a representação. Havia uma mistura entre os dois elementos.

Isto remete também a um segundo ponto: estas duas perspectivas não representaram uma contradição nos mapas. Mas, elas se faziam presentes em uma mesma representação. O exemplo de Sebastião Caboto e sua forma serpenteada para o Amazonas é sintomática disto. A experiência prática não havia resolvido completamente os dados para uma representação em um mapa. Assim, a retórica foi utilizada para preencher aquele vazio. Sabia-se que o rio-mar tinha orientação oeste-leste, sua foz

estava próxima ao equador, era um enorme curso. No entanto, qual seria o formato de seu curso? Somente havia conhecimento dos sobreviventes da expedição de Orellana das enormes voltas do rio. Isto gerou no autor a solução de um curso padronizado em voltas crescente a semelhança de uma cobra. Foi uma junção entre experiência e retórica.

Este exemplo, juntamente aos outros observados com relação ao grande rio americano, remeteu a ideia de síntese da autora Marica Milanese. Segundo ela, no século XV os dados obtidos pela experiência conviveram com aqueles provindos da tradição. No existia uma preponderância de um sobre o outro. Nesta pesquisa e com base em outros estudos recentes, verificou-se que esta ideia também estaria presente nos mapas do século XVI. A tradição não havia sido superada, mas estaria em locais mais reservados perdendo sua preponderância ao esquema-simbólico do próprio orbe. Seria nos locais pouco conhecidos que a síntese se fazia. O conhecimento do rio das Amazonas, como analisado suscitava esta relação.

Uma aliança de informações também não seria uma novidade ou exclusividade cartográfica. Pois, o movimento renascentista guardava muita relação de sua atualidade com seu passado. Em relação à Antiguidade, a herança era amplamente dita e divulgada. Já as continuidades com o Medievo não eram explícitas e muitas vezes foram entendidas como nefastas e que deveriam ser superadas. Felizmente, estudos recentes estão desconstruindo estas visões e contribuindo para uma percepção do quanto os modernos deviam aos medievais. Assim, o homem renascentista seria tributário tanto de seu passado distante quanto recente. Mas, não somente de heranças vivia, pois, havia especificidades referentes ao seu próprio contexto.

Estas especificidades, diferentemente do legado provindo de informações simplesmente geográficas e técnicas recebidas da tradição ou experiência, influenciaram enormemente a obra final. Marcas individuais estavam sempre presentes na arte de cartografar e elas relacionavam-se também com as demandas pelos responsáveis por encomendar a obra e as suas expectativas para com o produto final, e as disponibilidades técnicas para tal produção. Isto pôde ser observado nos exemplos dados.

O mapa de La Cosa (1500) e de Cantino (1502) foram testemunhas das visões de mundo empreendidas por seus respectivos reinos, Espanha e Portugal. Uma interpretação destes exemplares levou a uma compreensão do seu enfoque nas novas descobertas no Atlântico e nas partes destinadas a cada reino. Em ambos, o Mar Dulce

aparecia de forma nebulosa e não havia uma representação específica de sua foz. Talvez para ambos a região não fosse melhor cartografada devido a sua definição política ser problemática. A divisão das terras do além-mar entre os ibéricos fazia com que o Amazonas se situasse em uma zona de litígio. Isto teria impedido uma exploração maior da região. No entanto, quase trinta anos depois, a situação seria diferente.

No mapa do português a serviço de Espanha, Diogo Ribeiro, o rio Amazonas aparece fundido com o Maranhão português e está com a foz a leste de Tordesilhas. Cogita-se que, como seria uma testemunha do discurso de mundo de Espanha, seu objetivo primeiro não era este. Ele teria o objetivo de inserir a região das Molucas, arquipélago asiático rico em especiarias, na parte espanhola. Inclusive foi uma das testemunhas responsáveis por tentar resolver o litígio ibérico das ditas ilhas. No mapa feito por ele, de 1529, esta região encontra-se dentro da esfera espanhola. Assim, o objetivo de construir o mundo, a partir da intencionalidade própria do autor e daqueles que ele representava, estava cumprido. Portanto, não sobrava atenção maior para outras localidades. A questão era tão urgente que, no mesmo ano da feitura do exemplar, foi assinado o Tratado de Saragoça que confirmou as pretensões lusas. No entanto, a América teria maior destaque com as notícias das suas riquezas, a conquista do Peru e a primeira viagem ao longo de quase todo o seu curso.

Sebastião Caboto teria sido o primeiro a cartografar o rio das Amazonas na forma serpenteada além do confronto entre as Amazonas e os espanhóis em seu mapa-múndi feito em 1544. A partir da compreensão de sua formação, entende-se sua grande relação com o Novo Mundo. Desde cedo, estava próximo ao pai navegador e, logo nos anos 1520, partiu em expedição para repetir o feito de Magalhães e Elcano. Porém, as notícias de riquezas o desviaram ao rio da Prata. Depois de viver na região e não alcançar seu objetivo, retornou à Espanha e, depois da punição, trabalhou como cartógrafo. É, portanto, dotado de experiência nas terras que representou. As notícias que recebeu do rio das Amazonas o fez imaginá-las presente naquela parte do mundo com suas especificidades, como a cor parda que outros não o fizeram. Caboto não só representou uma imagem europeia do Novo Mundo, mas a sua própria imagem com singularidades. Isto difere de representações feitas por homens sem experiência no mar. Este foi o caso dos cartógrafos dos primeiros atlas modernos.

Gerardus Mercator e Abraão Ortelius compreenderam, na segunda metade do século XVI, que havia grande demanda por publicações que dessem conta de descrições pormenorizadas do mundo. Até então, excluindo-se as tabulas inclusas na *Geographia*,

de Ptolomeu, a tarefa de ter vários mapas era complicada. Assim, os autores lançaram seus atlas. Ortelius obteve mais sucesso por contemplar todo o orbe e suas partes em específico e ter um caráter mais comercial de sua publicação. Já Mercator, antes de lançar o seu atlas, havia publicado o mapa de 1569 onde, pela primeira vez, apresentava uma projeção baseada em paralelos e meridianos. Seu atlas, além de ser publicado em três partes, não apresentava grande destaque às regiões fora da Europa. O foco era específico no velho continente. Os dois cartógrafos, mesmo contando com suas qualidades de homens da ciência, não abandonaram a tradição. Ambos cogitavam regiões fantásticas como o continente boreal e austral. Em relação ao rio das Amazonas, ambos pautavam-se em modelos já prontos. A representação serpenteada aparece nos dois. Em Mercator existe a forma mais parecida com Diego Gutierrez e, no caso de Ortelius, existe uma contradição entre o mapa-múndi e o regional. No primeiro, o rio Amazonas não tem ligação com o Maranhão português e, no segundo, possui. Ou seja, diante das fontes diversas que os dois cartógrafos teriam, eles passaram a representar o mundo sem estarem próximos das verificações necessárias. O foco seria a Europa e outras regiões.

Assim, uma interpretação do contexto específico de cada um destes autores foi responsável por tentar justificar o porquê de uma representação do rio Amazonas ter sido feita daquela forma. Antes de significar uma solução final, estes questionamentos servem para trazer informações a mais buscando a compreensão de determinada figuração. Portanto, unir uma visão geral dos mapas, como realizado nos capítulos anteriores, a um enfoque particular amplia o leque de possibilidades e deixa mais rica a análise destas fontes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui serão feitas considerações voltadas inicialmente para um balanço do desenvolvimento do caráter teórico-metodológico da pesquisa. Na sequência, será exposta uma breve explanação dos caminhos desenvolvidos. E, por fim, serão apontadas três possibilidades de prosseguimento destes estudos.

Desenvolver uma pesquisa voltada não a um cartógrafo ou a um mapa em si, mas a uma representação geográfica, implicou importantes questões. A escolha de um objeto como o rio 'das' Amazonas, o gigante sul-americano no século XVI antes de sua efetiva colonização, foi ousado. As considerações teórico-metodológicas empreendidas por Brian Harley foram o caminho seguido. No entanto, graças à forma específica, precisou-se preencher com complementos. O primeiro foi realizar a comparação de mapas através de um paralelo direto dos exemplares do século XVI com aqueles presentes na Idade Média e tributários de Ptolomeu. Isto permitiu uma visualização de possíveis permanências no desenho. Além de possibilitar reflexões importantes. Esta fórmula repetiu-se em um segundo momento, com as cartas-portulano. Buscou-se resgatar não só a experiência no mar e seus frutos cartográficos, mas a maneira que este também partilhava um simbolismo esquemático com semelhanças ao medieval existente no período. Este exercício revelou possibilidades de interpretações. Detalhes despercebidos podem ser mais bem compreendidos ao se realizar um paralelo com este.

Entretanto, como se buscou fazer, não podem ser esquecidas as barreiras temporais. Os mapas comparados pertenciam a temporalidades distintas. Os significados que vinculavam são completamente diversos. Mesmo mantida uma referência de significação, ela poderia ter contornos amplamente diferentes. Porém, isto não foi encarado como empecilho, ou bloqueio intransponível à interpretação. Tomadas às devidas precauções, tentou-se verificar as permanências e, onde possível, entender o novo significado. Um paralelo entre a esquematização medieval e um exemplar quinhentista pôde ser apontado. A forma serpenteada, como Sebastião Caboto realizou para seu desenho do rio 'das' Amazonas, segue sendo um dos maiores exemplos. Assim, foram estes os cuidados para as leituras da representação de uma parte geográfica do mundo recém-conhecido e suas grandes ligações ao passado.

Desta forma, uma verificação das heranças e das descobertas no Novo Mundo, que montavam seu quebra-cabeça representativo, revelou como teria funcionado o

imaginário europeu da época. A dualidade entre a tradição e a experiência, parte importante do movimento renascentista, estava ligada ao entendimento do homem do período. Havia uma consciência do grande legado provindo do passado, mas o presente também significava um grande acontecimento. A cartografia quinhentista não escapou disso. Fazer um mapa significava utilizar-se destas duas referências. O caso aqui estudado é prova disto. Dados recentes conviveram com fórmulas antigas de composição e preenchimento do desenho. A retórica aliava-se aos novos dados.

Mas, de forma alguma a construção de um desenho particular significaria apenas estar diante destes dois modelos postos. Existiu a singularidade daqueles que produziam estes mapas. A mão humana não carregou somente o dom reprodutivo semelhante a uma simples máquina copiadora, ela também imprimiu as concepções dos cartógrafos e seus correlatos. Sem esta consideração, poder-se-ia pensar nestes indivíduos como selecionadores de dados da tradição e experiência, ignorando suas intencionalidades. Este aspecto, que Brian Harley chamou à atenção, não se relaciona apenas com as atitudes conscientes de um autor, seria mais amplo. Um autor imprime suas ideias numa obra mesmo que não tenha consciência disto. O rio 'das' Amazonas estudado aqui é exemplo. Não se realizou um levantamento criterioso identificando as reais intenções dos autores ao representarem o rio, ou mesmo se ele era o foco do seu mapa. Esta empresa é um trabalho incomensurável e provavelmente impossível de ser amplamente realizado. Normalmente, os homens não costumam deixar anotadas as suas ideias sobre um desenho, ou os dados que o levaram a fazer aquilo daquela forma. Existem descrições que seriam chaves para seu imaginário. Cabe, então, aos pesquisadores adentrarem na sua biografia e nas fontes que o cercam para tentar trilhar suas intenções. Um caminho complexo envolto num conjunto de interpretações de interpretações. Porém, os resultados podem ser muito produtivos e gerar hipóteses que ampliem os nossos conhecimentos sobre as representações nos mapas, sobre eles próprios e sobre seus autores e sua sociedade.

Feitas estas considerações iniciais, apresentar-se agora um panorama do percurso realizado. Trilhar a história deste ente geográfico pressupõe percorrer outras histórias. A primeira relacionou-se a própria construção do desenho do rio e entorno, além de sua relação com a própria tradição de confeccioná-lo, herdadas do passado. Mas a tradição foi pensada enquanto voltada ao simbolismo-esquemático presente no Medieval, bem como a herança clássica. Duas fontes que alimentaram os mapas ao longo do século XVI, como observado no primeiro capítulo deste trabalho.

Entretanto, os mapas bebiam mais na fonte relacionada aos dados obtidos com experiência prática. Pelo menos é isto que, num primeiro momento, pensou-se deles. O grande plano do desenho cartográfico do orbe terrestre, que passou a ganhar relevância no século XV e XVI, baseou-se nestas experiências aliadas ao modelo ptolomaico. As viagens marítimas revelavam os contornos dos continentes e as ilhas antes desconhecidas. Os novos instrumentos náuticos, como o astrolábio, o quadrante, a bússola e outros, dinamizavam este processo. Aos poucos, a forma cartográfica ganhou as características próximas das cartas-portulano. As linhas loxodrômicas estavam presentes, principalmente nos mapas lusos. Outra configuração seria estabelecida com Mercator e sua projeção. Paralelamente, o Novo Mundo também foi percorrido. O rio das Amazonas foi sondado inicialmente por Vicente Yañes Pinzón em 1500, percorrido quase na íntegra pela expedição de Francisco de Orellana, no início da década de 1540 e pela expedição de Pedro Ursúa e de Lopo de Aguirre, nos anos 1560. Em fins do século, franceses, ingleses e holandeses estavam se estabelecendo nas proximidades da foz do grande rio. Os dados sobre o Amazonas se alimentava destas expedições, como verificado no segundo capítulo.

Porém, as informações obtidas misturavam-se com as lendas da tradição. O grande rio navegado desde o Peru passou a ser associado às lendárias amazonas: um exemplo da fusão entre tradição e experiência. Pois, os elementos novos foram percebidos em conjunto com a tradição. Não havia uma separação de caráter positivista, ou seja, utilização apenas de dados práticos obtidos em uma região, como nos mapas atuais. Com isto, realizou-se uma interpretação baseada em Marica Milanese, aliada a estudos de outros pesquisadores, entendendo este fato enquanto uma síntese cartográfica. Ou seja, os dois elementos se completavam. Não existindo uma preponderância de um sobre o outro. Apenas, ressalva-se que isto foi verificado no exemplo aqui pesquisado, e cogita-se que ocorreria em outros espaços interioranos. Acrescentou-se também que estes dados estariam condicionados pela própria relação com o criador do mapa. A colheita das informações passava pela mão daquele que reproduzia conhecimentos sobre o globo e que também o produzia. Suas marcas estavam presentes. Os mapas de Juan de La Cosa (1500), Cantino (1502), Diogo Ribeiro (1529), Sebastião Caboto (1544), Mercator (1569) e Ortelius (1570) foram exemplos estudados no último capítulo, dentro desta perspectiva individual.

Assim, diante deste percurso realizado, propõem-se agora duas formas possíveis de prosseguimento de pesquisas para somar conclusões e ampliar os estudos da História

da Cartografia. A primeira, seria seguir com ampliação do recorte temporal. Aqui, se analisou apenas o rio 'das' Amazonas no século XVI, um momento que não contou com o estabelecimento colonial europeu. Assim, havia maior margem para uma plasticidade na relação entre tradição e experiência, pois, sem presença fixa não existia grande pressão para identificação geográfica. Mas, como teriam sido as formas posteriores? A partir do ponto em que os portugueses se estabeleceram próximo a foz do rio-mar e começaram a fazer visitas sistemáticas rio acima? E após a viagem de Pedro Teixeira, em 1639? Como o padrão serpenteado, inaugurado por Sebastião Caboto, sofreu alteração? Teria sido abandonado, haveria permanências? A colonização estabelecida e a consequente experiência prática diária significaria o abandono da tradição? Como os elementos individuais se comportariam? Enfim, uma pesquisa dedicada à representação do Rio 'das' Amazonas, no século XVII, seria frutífera.

Outro caminho, talvez igualmente promissor, seria dedicar-se exclusivamente a um dos cartógrafos, ou a um grupo, pertencentes a um momento específico, como realizado de forma breve no terceiro capítulo. Assim, mesmo que estes cartógrafos e seus mapas já tenham sido exaustivamente trabalhados, a perspectiva dos novos estudos da História da Cartografia possibilitaria uma enorme dilatação dos problemas, observando os mapas por outro viés, diferente das pesquisas tradicionais. Ou seja, preocupar-se com um autor em específico e o problema de sua relação com um ente geográfico seria outro ponto. Como exemplo, os mapas do terceiro capítulo poderiam ser pensados da seguinte forma: La Cosa e Cantino poderiam ser melhor investigados para ampliar as interpretações de seu contexto com a representação da enigmática da foz do Amazonas, o Tratado de Tordesilhas e cada aspecto de seu mapa. O grande historiador Sérgio Buarque de Holanda seria uma referência inspiradora inicial para se pensar em construir uma comparação entre a forma portuguesa e espanhola e sua relação com o rio.

Diogo Ribeiro e seu mapa de 1529 seriam igualmente interessantes se houvesse um paralelo português. Infelizmente, na época não existe nenhum exemplar luso com as mesmas características do seu planisfério. Entretanto, isto não significa que o autor e seu exemplar não possam ser melhor investigados. Uma leitura dos pormenores do tratado de Saragoça, das viagens de Magalhães e Caboto seriam pontos de partida para o confronto com a biografia do autor e seu mapa. Assim, seria possível uma leitura do mapa diante do contexto do autor e da sua representação do rio Amazonas fundido ao Maranhão português. Esta abordagem se assemelharia ao seu precursor como piloto-

mor de Espanha, Sebastião Caboto. O navegador e cartógrafo italiano também deveria ganhar uma investigação maior. Precisava-se fazer uma varredura para assegurar sua ascendência primordial em relação à inauguração da forma serpenteada do Amazonas. Isto remeteria a inúmeras possibilidades de investigação do seu contexto específico e de outros exemplares contemporâneos. Deve-se ainda atentar-se para as entrelinhas do seu mapa, tentando investigar mais pontos que revelassem ausência de uma citação escrita ao Rio “das” Amazonas. Este seria o caso de se trabalhar com um mapa único em paralelo com o contexto no qual estava inserido.

Diferentemente, o caso de Mercator e Ortelius parece ser um dos mais proveitosos como contraponto. Já muito estudados, suas possibilidades de releitura também seriam grandes. A contradição encontrada em Ortelius, ao representar o grande rio e o Maraion/Maranhão, seria um início interessante para uma investigação extremamente detalhada para verificar outros ‘furos’ presentes em seu atlas e no de Mercator. Estes detalhes poderiam ser percebidos enquanto falhas que escondem problemáticas relacionadas ao desenho do mundo. Se houve uma divergência, ao que ela estaria ligada? Quais fontes revelam uma visão e quais outras e por quê? A opção por esta forma de representação de um ente geográfico ocorreu e não aquela outra foi por quais motivos? Outra perspectiva, seria verificar os dois atlas e questionar suas diferentes impressões e buscar entender os diferentes êxitos comerciais. E, caso houvesse testemunho, saber dos leitores como diferenciavam a obra dos cartógrafos. Assim, uma exploração e interpretação específica a um ou mais autores abriria inúmeras possibilidades de investigação de um rio ou de outra parte no mapa. Ampliação do leque das variáveis e proximidade maior com o imaginário europeu utilizado para a compreensão daquele mundo, revelado aos poucos, seria um resultado interessante.

Uma última investigação seria a mais interessante, mas também a mais complicada de realizar. Ao longo desta pesquisa, a perspectiva dos nativos das margens do Amazonas foi entendida em relação aos europeus. O Rio ‘das’ Amazonas é fruto europeu. E o rio daqueles nativos? A falta de fontes indígenas parece ser um obstáculo intransponível. Porém, existe uma luz no fim do túnel. As pesquisas na região amazônica quinhentista, como de Antônio Porro e Auxiliomar Ugarte, pautam-se pelo olhar dos cronistas ibéricos para tentar recriar o cenário indígena. Evidente que esta opção é problemática. Mas, é uma tentativa de aproximação, mesmo mínima, daqueles habitantes. Diante desta solução dos cronistas, seria preciso uma atenção minuciosa aos detalhes escritos sobre os habitantes e, para preencher estas dificuldades, deveria se

ampliar o objeto. Ou seja, investigar também noções de representação espacial de índios de outras partes do Brasil que tivessem uma semelhança de organização. O intento seria grande, mas as conclusões seriam também grandiosas.

Enfim, a construção imaginária de um detalhe geográfico fluindo entre a tradição e experiência, bem como o contexto específico do autor e sua relação direta com o produto final, constituem aqui uma pequena contribuição aos estudos da História da Cartografia. Os mapas históricos do Renascimento pertencem à outra temporalidade, e muitas vezes, estudiosos cometem o erro de interpretá-los como pertencentes a uma linha evolutiva singular culminando com os mesmos exemplares de hoje. No entanto, compreender o momento passado e a sua dinâmica própria, com seus códigos e particularidades contribui e muito para o trabalho do historiador. Olhar o rio Amazonas num mapa atual e num mapa do século XVI, muito mais do que perceber avanços tecnológicos, é enxergar as diferentes linguagens, os diversos códigos, os mitos e fábulas. Ou seja, enxergar o Amazonas do passado é olhar para o homem europeu renascentista e as cogitações baseadas em um mundo que pouco a pouco recebia novos dados. As soluções interpretativas fervilhavam. Assim, interpretar aquele grande rio revela o grande abismo existente entre o presente rio Amazonas e aqueles rio 'das' Amazonas.

REFERÊNCIAS

Fontes primárias:

Biblioteca Apostolica Vaticana, Vatican City, Carte Nautiche Borgiano II.

Biblioteca Digital de Cartografia Histórica da USP. In: <http://www.mapashistoricos.usp.br/>

Biblioteca Nacional: Cartografia. In: <http://www.bn.br/acervo/cartografia>

Biblioteca Nacional de Colombia. In: <http://www.bibliotecanacional.gov.co/content/vistas-atlas-y-otros-documentos-de-inter%C3%A9s-cartogr%C3%A1fico>

Biblioteca Estense Universitaria. In: <http://bibliotecaestense.beniculturali.it/info/img/geo/i-mo-beu-c.g.a.l.html>

Bibliothèque Nationale de France. In: http://www.bnf.fr/en/cultural_events/anx_exhibitions/f.age_dor_cartes_marines_eng.html

CIVITA, Victor (ed.) *Mapas Históricos Brasileiros*. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

National Library of Australia. Catálogo de mapas disponível em: <http://catalogue.nla.gov.au/>

Norman B. Leventhal Map Center at the Boston Public Library. In: <http://maps.bpl.org/>

Fontes secundárias:

A Bíblia Sagrada. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

Atlas Geográfico Saraiva - Conforme a Nova Ortografia - 4ª Ed. 2013

CARVAJAL, Frei Gaspar de. “Descobrimento do Rio de Orellana” in: CARVAJAL, Gaspar de; ROJAS, Alonso de; ACUÑA, Cristobal de. *Descobrimientos do Rio das Amazonas*. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1941.

CORTEZ, Hernan. *A Conquista do México*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

GUEDES, Max Justo. *A cartografia Impressa do Brasil 1506-1922: os 100 mapas mais influentes*. Rio de Janeiro: Capivara, 2012.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil; História da Província Santa Cruz*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

MONTAIGNE, Michel Eyquem de. *Ensaio*. São Paulo: Nova Cultural, 1984.

PIGAFFETA, Antonio. *A Primeira Viagem ao Redor do Mundo: o diário da expedição de Fernão de Magalhães*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

POLO, Marco. *O Livro das Maravilhas: a descrição do mundo*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

PORRO, Antonio. *As Crônicas do Rio Amazonas. Notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1993.

RAILEGH, Sir Walter. *El Descubrimiento del grande, rico y belo Imperio de Guayana*. Caracas: Ediciones Juvenal Herrera, 1986.

THEVET, André. *As singularidades da França Antártica*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

Livros ou artigos digitais de referência:

ADONIAS, Isa. *A Cartografia da Região Amazônica: catálogo descritivo (1500-1961)*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1963.

ALBUQUERQUE, Luís (dir.). *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses* v. I. Lisboa: Caminho, 1994.

ALEGRIA, Maria Fernanda, et alli. “Cartografia e Viagens”. In: BETHENCOURT, F. & CLAUDHURI, K(dir.). *História da Expansão Portuguesa*. Vol I. Lisboa: Circulo de Leitores, 1998.

AZEVEDO, J. Lúcio de. “O descobrimento” In: *Os Jesuítas no Grão-Pará: suas missões e a colonização*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1930.

BARCELOS, Artur. *O Mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial*. 2006. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BARRETO, Luís Filipe. *Descobrimentos e Renascimento: formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983.

BIAGGI, Enali de. “L’île Brésil: la force d’un mythe cartographique.”. In: *Mappe Monde* n°69, 2003.

BLACK, Jeremy. *Mapas e História: construindo imagens do passado*. Bauru, SP: Edusp, 2005.

BOXER, Charles R. *O Império Marítimo Português*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BURKE, Peter. *O Renascimento*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 1997.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Desenho e Designio: O Brasil dos engenheiros*

militares (XVI-XVIII). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Fapesp, 2011.

CARVALHO, José Alberto Lima de. “O Berço do Maior Rio do Mundo: as diversas expedições e caminhos para chegar à nascente do Amazonas” disponível em: <http://www.cartafundamental.com.br/single/show/336>. Acessado às 15:49 do dia 09 de janeiro de 2015.

CARVALHO JUNIOR, Almir Diniz; NORONHA, Nelson Matos de. (org). *A Amazônia dos Viajantes: história e ciência*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2011.

CARVALHO, Márcia Siqueira de. *O pensamento geográfico medieval e renascentista no Ciberespaço* em: <<http://www.geocities.ws/pensamentobr/medievalciber.pdf>>. Acesso em: 07 setembro 2013.

CASTORIADIS, Cornelius. “Imaginário e imaginação na encruzilhada.” In: *Do mundo da imaginação à imaginação do mundo*. Lisboa: Fim dos séculos, 1999.

CATTANEO, Angelo. “L’Atlas del Visconte de Santarém: Uma storia culturale europea tra erudizione, orientalismo e colonialismo” In: GARCIA, João Carlos(coord.). *A História da cartografia na obra do 2º Visconde de Santarém: exposição cartobibliográfica*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1957.

CINTRA, Jorge Pimentel. “Região amazônica: perspectivas de uma cartografia comparada” In: *Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica*. Paraty, 2011.

CHARTIER, Roger. *O Mundo como Representação*. São Paulo: Estudos Avançados, 1991.

CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo. “Los *inclusi* del Nuevo Mundo: cartografía y canibalismo en el siglo XVI” In: BECERRA, Virgilio; VIGNOLO, Paolo (eds). *Tierra Firme: El Darién en el imaginario de los conquistadores*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias Humanas, ICANH, 2011.

CONTA, Gioia. “La Cartografía Romana” in: *Semanas de Estudios Romanos – Vol. XII*. Valparaíso, Chile: Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, 2004.

CORDIVIOLA, Alfredo. *Espetros da Geografia Colonial: uma topologia da ocidentalização da América*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

CORTESÃO, Jaime. *Os Descobrimentos Portugueses vol. IV*. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.

_____. *História do Brasil nos Velhos Mapas*. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2009.

COSTA, Maria de Fátima. *História de um País Inexistente: O Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo: Estação Liberdade/Kosmos, 1999.

COUTO, Ronaldo Graça (org.). *O Brasil dos Viajantes*. Fundação Odebrecht, 2000.

CRONE, G. R. *Historia de los mapas*. México – Buenos Aires:Fondo de Cultura Econômica, 1956;

DORÉ, Andréa. “Manuel Godinho de Erédia e a cartografia sobre o Estado da Índia no Período Filipino”. In: VAINFAS, Ronaldo; SANTOS, Giorgina Silva dos; NEVENS, Guilherme Pereira dos (org.). *Retratos do Império: trajetórias individuais no mundo português nos séculos XVI a XIX*. Niterói: EDUFF, 2006.

_____. “America Peruana e Oceanus Peruvianus: uma outra cartografia para o Novo Mundo”. In: *Revista Tempo* nº20, 2014.

DOSSE, François. “Uma filosofia do agir: Paul Ricoeur” In: *O Império do sentido. A humanização das ciências humanas*. Bauru, SP: Edusc,2003.

DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

DURAN, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

FERNANDEZ-ARMESTO. *Américo: o homem que deu seu nome ao continente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FIALHO, Daniela Marzola. *Cidades Visíveis: para uma história da cartografia como documento de identidade urbana*. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

FONSECA, Luís Adão da. “O imaginário dos navegantes portugueses dos séculos15 e 16.” In: *Estudos Avançados*. 6 (16), 1992.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martin Fontes, 1999.

GARCIA, Etelvina. *O Amazonas em três momentos: Colônia, Império e República*. Manaus: Norma Editora, 2010.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. São Paulo: LTC, 1989.

GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do Maravilhoso: Novo Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GODINHO, Vitorino Magalhães. “O que significa Descobrir?” In: NOVAES, Adauto. *A Descoberta do Homem e do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GOMBRICH, Ernest H. *Arte e Ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

GOMES, Maria do Carmo Andrade. *Velhos mapas, novas leituras: revisitando a historia da cartografia*. São Paulo: GEOSP, 2004.

GUEDES, Max Justo. *A cartografia Impressa do Brasil 1506-1922: os 100 mapas mais influentes*. Rio de Janeiro: Capivara, 2012.

GUERRERO, Maria Montserrat León. “Juan de la Cosa: Piloto del Caribe. In: MARCOS, Jesús Valera. *Juan de la Cosa: La cartografía histórica de los descubrimientos españoles*. Sevilla: Universidad Internacional de Andalucía, 2011.

HARLEY, J.; WOODWARD, D. – *The History of Cartography*, vols. I-IV, Chicago, The Chicago University Press, 1987 -. *Historia de la Cartografía*. 10vols., Barcelona: Institut Cartogràfic de Catalunya, 1990-2000.

HARLEY, J. B. *La Nueva Naturaleza de los mapas*. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.

HAUSER, Arnould. *A Arte e a Sociedade*. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

HEUFEMANN-BARRÍA. *Orellana, Ursúa y Lope de Aguirre: Sus hazañas novelescas por el Rio Amazonas (siglo XVI)*. Madrid: Mirada Malva, 2012.

HOBBSAWN, Eric. “Engajamento”. In: HOBBSAWN, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUIZINGA, Johan. *O Declínio da Idade Média*. Lisboa: Editora Ulisseia, 1985.

KANTOR, Íris. “Cartografia e Diplomacia: usos geopolíticos da informação toponímica (1750-1850)” In: *Anais do Museu Paulista*, vol. 17, num. 2. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

_____. “Usos diplomáticos da ilha-Brasil polêmicas cartográficas e historiográficas” In: *Varia hist.* vol.23 no. 37. Belo Horizonte Jan./June 2007.

KIMBLE, G. H.T. *A Geografia na Idade Média*. . 2.ed. Londrina: Eduel, São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2005.

LE GOFF, Jaques. *Heróis e Maravilhas da Idade Média*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. *La vieja Europa y el mundo moderno*. Madrid: Alianza Editorial, 1995.

_____. *Uma longa Idade Média*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

LYONS, Martyn. “La imprenta, ¿fue realmente una revolución?” In: *Historia de la Lectura y de la Escritura en el Mundo Occidental*. Buenos Aires: Calderón, 2012.

MARCOS, Jesús Valera. *Juan de La Cosa: La Cartografía Histórica de los Descubrimientos Españoles*. Sevilla: Universidad Internacional de Andalucía, 2011.

MARQUES, Alfredo Pinheiro. *A Cartografia dos Descobrimentos Portugueses*. Lisboa: ELO, Artes Gráficas, 1994.

MENEZES, Ulpiano B. de. “A fotografia como documento – Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico”. *Tempo*, Rio de Janeiro, n°14.

MICELI, Paulo. *O desenho do Brasil no teatro do Mundo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

_____. *O ponto onde estamos: viagens e viajantes na história da expansão e da conquista (Portugal, século XV e XVI)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

_____. *História Moderna*. São Paulo: Contexto, 2013.

MICHELET, Jules. *A Agonia da Idade Média*. São Paulo: EDUC, Imaginário, 1992.

NOGUEIRA, Magali Gomes. “Portulanos, Presente de Reis” in: *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico volume XX. Cartografia Histórica*. Tomo II. Belo Horizonte: UFMG, Museu de História Natural, 2011

OLIVEIRA, Cêurio de. *Dicionário Cartográfico*. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1980.

OSÓRIO, João de Castro(org.). *Idearium Antologia do Pensamento Português: A Revolução da Experiência*. Lisboa: SNI, 1947.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PORRO, Antonio. *As Crônicas do Rio Amazonas. Notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *O Povo das Águas. Ensaio de etno-história amazônica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

PORTO, Carmem Manso. “La influencia de Ptolomeu en la cartografía de los Descubrimientos” in: *Semanas de Estudios Romanos*. Volumen XII. Valparaíso, Chile: Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, 2004.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

RABELO, Lucas Montalvão. *A Construção dos Mapas-Múndi nos séculos XV e XVI: entre a tradição e a experiência*. Monografia – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível na internet no endereço eletrônico: http://www.historia.ufpr.br/monografias/2009/2_sem_2009/lucas_montalvao_rabelo.pdf

_____. “A Síntese Cartográfica Renascentista em Diogo Ribeiro (1529)” In: V Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica, 2013. Conferir em: <http://www.cartografia.org.br/vslbch/trabalhos-apresentados.html>.

_____. “O Rio das Amazonas e o Rio da Prata na cartografia quinhentista: espaços de fronteira da América Portuguesa” In: *V Encontro internacional de História Colonial*. Maceió, Alagoas, em agosto de 2014.

_____. “Os Mapas enquanto Imagem: paralelos entre a cartografia do século XVI e outras fontes visuais.” In: *História, Imagem e Narrativas*, n19, outubro, 2014.

RAMINELLI, Ronald. *Imagens da Colonização: a representação do indígena de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

_____. *A Era das Conquistas: América espanhola, séculos XVI e XVII*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2013.

RANGLES, W. G. L. *Da Terra Plana ao Globo Terrestre: Uma rápida mutação epistemológica 1480-1520*. Lisboa: Gradiva, 1980.

REIS, J. C. *História e Teoria*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. “O Sentido da história: tempo e espaço na cartografia medieval (séculos XII – XIII).” In: *Tempo*, Rio de Janeiro, n°14, pp.11-26.

SAFIER, Neil. “Os espaços dos povos: mapas, poesias e paisagens etnográficas na Amazônia setecentista” In: SOUZA, Laura de Melo e; FURTADO, Junia Ferreira; BICALHO, Maria Fernanda (orgs.). *O Governo dos Povos*. São Paulo: Alameda, 2009.

SILVA, Janice Theodoro da. “Colombo: entre a Experiência e a Imaginação” In: *Revista Brasileira de História – América, Américas*. Vol. 11 n°21. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1990/91.

SOUZA, Márcio Souza. *História da Amazônia*. Manaus: Valer, 2009.

TEIXEIRA, Dante & PAPAVERO, Nelson. *Os primeiros documentos sobre a História Natural do Brasil (1500-1511) – Viagens de Pinzón, Cabral, Vespucci, Albuquerque, do Capitão de Gonville e da Nau Bretoa*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2002.

THOMAZ, Luís Filipe. *De Ceuta a Timor*. Lisboa: Difel, 1998.

THROWER, Norman J.W. *Maps & Civilization: cartography in culture and society*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

TODOROV, Tzevetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: WMF Martin Fontes, 2011.

TUCCI, Ugo. “Atlas”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Casa da Moeda/ Imprensa Nacional, 1997.

UGARTE, Auxiliomar Silva. “A Amazônia no imaginário europeu do século XVI” In: PRIORE, Mary del; e GOMES, Flávio. *Os Senhores dos Rios*. São Paulo:

Campus,2003.

_____. *Sertões de Bárbaros. O mundo natural das sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos – séculos XVI-XVII*. Manaus: Editora Valer, 2009.

WAGNER, Roy. *A Invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WOODWARD, David (edit). *Art and Cartography. Six Historical Essays*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

ZUMTHOR, Paul. *La Medida del Mundo: representación del espacio em la Edad Media*. Madrid: Cátedra, 1994.

ANEXOS

1.0 - Detalhe da representação de animais, indígenas, árvores e outros.



Figura 83. Detalhe do rio Marañon em Diogo Ribeiro (1529). (*Biblioteca Apostolica Vaticana*)



Figura 84 Recorte da região amazônica no mapa anônimo conhecido como Harleian (1547). Imagem virada à direita para facilitar visualização das figuras (*National Library of Australia*).



Figura 85 Região amazônica no mapa de Pierre Descelier (1550) (*Mapas Históricos Brasileiros*)



Figura 86 Mapa de Lázaro Luís (1563). (*Mapas Históricos Brasileiros*)



Figura 87 Indígenas nas proximidades do Rio das Amazonas em Vaz Dourado (1573).
(*Mapas Históricos Brasileiros*).

2.0- Representações serpenteadas do Rio 'das' Amazonas



Figura 88 Lopo Homem (1554). (*Mapas Históricos Brasileiros*)



Figura 89 Bartolomeu Velho (1561). (*Mapas Históricos Brasileiros*)



Figura 90 Lázaro Luís (1563). (*Mapas Históricos Brasileiros*)

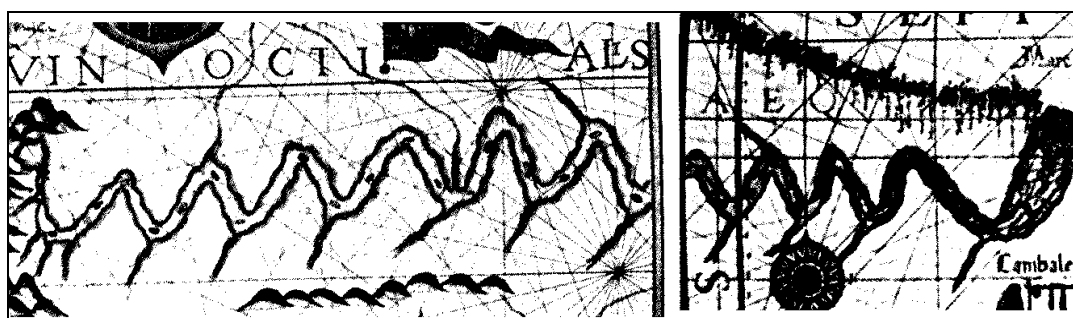


Figura 91 e 92 América do Sul "I" e "II" de Diogo Homem (1568). (*Mapas Históricos Brasileiros*)



Figura 93 Gerardo Mercator (1569). (*National Library of Australia*)



Figura 94 Abraham Ortelius (1570). (*Biblioteca Digital de Cartografia Histórica da USP*)



Figura 95 Vaz Dourado (1573). (*Mapas Históricos Brasileiros*)

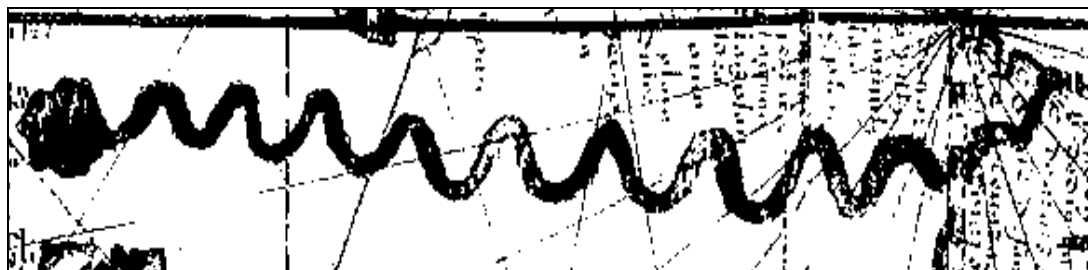


Figura 96 Domingo Teixeira (1573). (<http://bloconovahistoria.blogspot.com.br/>)

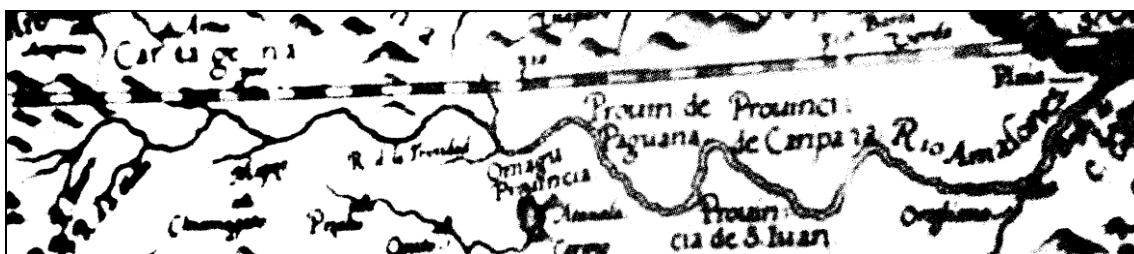


Figura 97 Gerard de Jode (1578). (*O Brasil no Teatro do Mundo*)

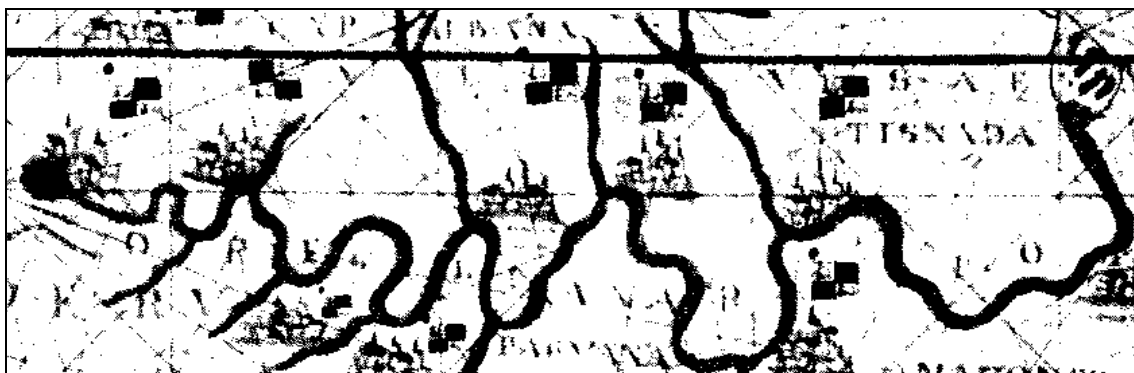


Figura 98 Joan Martines (1582). (*Mapas Históricos Brasileiros*)

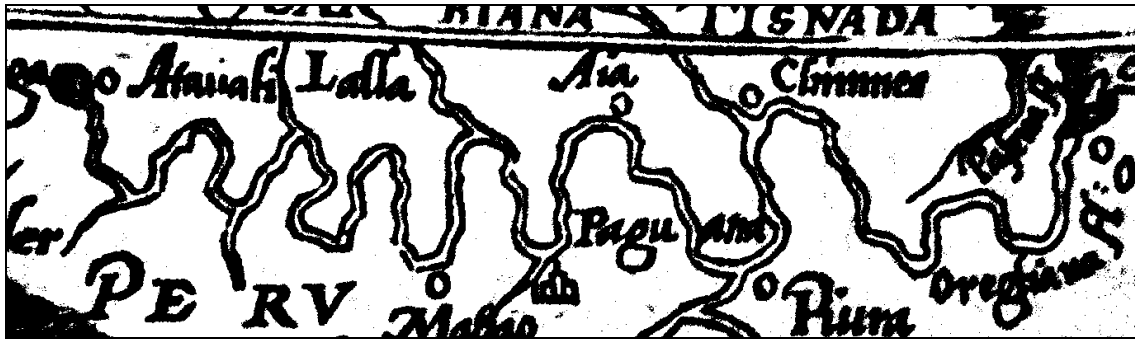


Figura 99 Sebastian Munster (1588). (*O Tesouro dos Mapas*)



Figura 100 Theodoro de Bry (1592). (*Biblioteca Nacional de Colombia*)



Figura 101 Abraham Ortelius (1595). (*Biblioteca Nacional*)



Figura 102 Arnold Florent van Langren (1595). Orientação do mapa invertida para facilitar visualização (*Biblioteca Nacional*)



Figura 103 Girolamo Benzoni (1596). (*O Tesouro dos Mapas*)

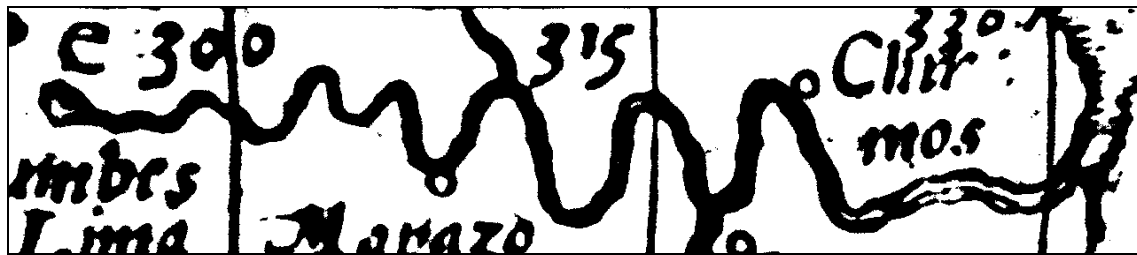


Figura 104 Barent Langenes (1596-1600). (*O Tesouro dos Mapas*)



Figura 105 Giovanni Antonio Magini; Girolamo Porro (1597-1598). (*Biblioteca Digital de Cartografia Histórica da USP*)



Figura 106 Johann Bussemacher (1598). (*Biblioteca Nacional*)

3.0- Representações que não seguem o padrão serpenteado do Rio 'das' Amazonas

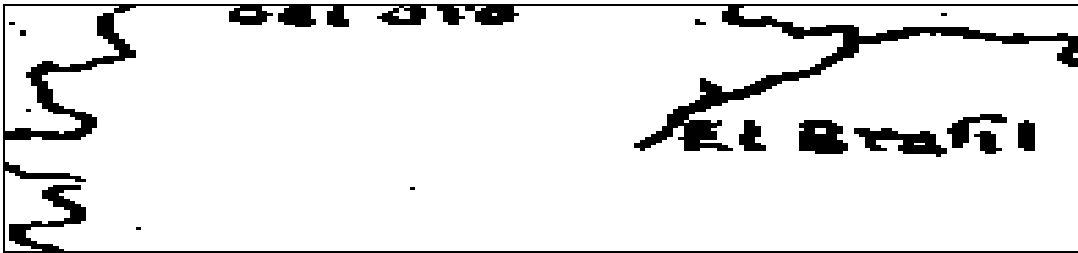


Figura 107 Gastaldi (1548). (*O Tesouro dos Mapas*)



Figura 108 Detalhe do pequeno rio Maraçon no mapa de Girolamo Ruscelli (1561). Mapa da América do Sul. (*O Brasil no Teatro do Mundo*)



Figura 109 Percurso do rio Amazonas no mapa de Paulo Forlani (1562). (*O Brasil no Teatro do Mundo*)

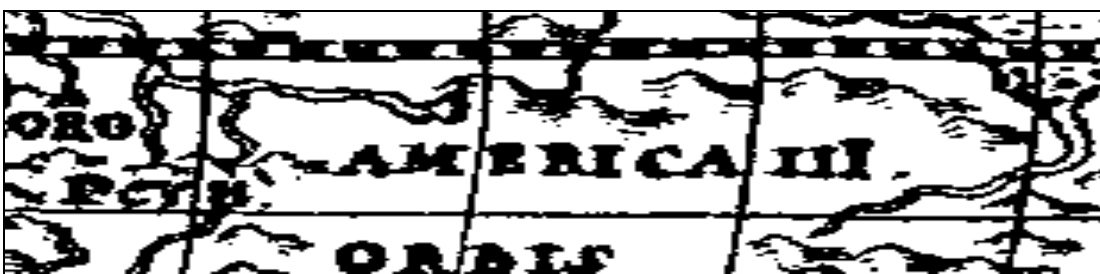


Figura 110 Ptolomeu (1574). (*Biblioteca Nacional*)



Figura 111 Levinus Hulsius (1599). (*O Tesouro dos Mapas*).